



João Bosco

**Vidas de jovens**  
**As biografias de Domingos Sávio,**  
**Miguel Magone e Francisco Besucco**







João Bosco

**Vidas de jovens**  
**As biografias de Domingos Sávio,**  
**Miguel Magone e Francisco Besucco**

Estudo introdutório e notas históricas  
Aldo Giraudo

Edições Salesianas  
Edebê Brasil





BOSCO, João

B541 Dom Bosco: Vidas de Jovens. 1ª edição – RSB, 2013

ISBN n° 978-85-7741-249-5

1. Biografia. 2. Vida espiritual cristã. I. Título.

CDD 922.22

#### Ficha Técnica

© Aldo Giraudó

© LAS

© Edições Salesianas. 2013

[www.edisal.salesianos.pt](http://www.edisal.salesianos.pt)

Tradução: Basílio Gonçalves

Revisão científica da versão portuguesa: Aníbal Mendonça, Sílvio Faria,  
Simão Cruz

Edição brasileira:

Direitos reservados à

Editora Dom Bosco - Edebê Brasil

SHCS CR Quadra 506 Bloco B - Sala 65

70.350-525 - Brasília DF

Telefone: (61) 3214 2300

Site: [www.edbbrasil.org.br](http://www.edbbrasil.org.br)

Revisão de edição brasileira: Zeneida Cereja da Silva

Diagramação: Verbum Publicidade

Capa: Edições Salesianas





## Mestres e discípulos em ação

Aldo Giraudo

A vida de Domingos Sávio (1859) e os perfis biográficos de Miguel Magone (1861) e Francisco Besucco (1864)<sup>1</sup> constituem, entre os documentos pedagógicos e espirituais mais importantes de Dom Bosco, eficaz ilustração narrativa das convicções e da prática formativa do santo, nos primeiros vinte anos de atividade. Apresentam-nos três garotos, diferentes entre si, muito enraizados na cultura do tempo e simultaneamente significativos pela jovialidade e vivacidade, pela capacidade de reflexão, pela qualidade de abertura espiritual, pela determinação e pelo impulso generoso que caracteriza a alma adolescente de sempre. O autor coloca-os em cena como discípulos dóceis e ardentes de educadores dedicados e afetuosos. Apresenta-nos as etapas do seu breve percurso de vida, nos diversos ambientes da sua formação, nas relações cotidianas, nos compromissos e nos sentimentos.

---

<sup>1</sup> *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di san Francesco di Sales, per cura del sacerdote Bosco Giovanni*, Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859, 142 p. (e outras 5 edições do autor: <sup>2</sup>1860; <sup>3</sup>1861; <sup>4</sup>1866; <sup>5</sup>1878; <sup>6</sup>1880); *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per cura del sacerdote Bosco Giovanni* Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1861, 96 p. (com outra ed. do autor: <sup>2</sup>1866); *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera pel sacerdote Bosco Giovanni*, Torino, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales, 1864, 192 p. (com outra ed. do autor: <sup>2</sup>1878).





# 1. Importância

Estes escritos oferecem os elementos essenciais para compreender o âmago da mensagem educativa de Dom Bosco: a religiosidade como centro unificante e revitalizante do caminho formativo; a comunhão de vida paterna e fraterna do educador com os alunos; a simbiose dinâmica de amor, alegria e compromisso; a eficácia do envolvimento ativo dos jovens na comunidade; a importância estratégica dos espaços oferecidos ao seu protagonismo. São considerados «uma síntese pedagógica já madura, na qual o divino e o humano, o sobrenatural e o natural, dever e alegria, com modalidades tipológicas diversas, atingem uma perfeição que é característica no sistema educativo de Dom Bosco»<sup>1</sup>.

Os comentaristas classificaram, e com razão, tais opúsculos na área das biografias edificantes e dos modelos exemplares de vida. Assim os apresenta o autor. Mas, vendo bem, eles são, ao mesmo tempo, documentos autobiográficos de grande eficácia representativa: permitem-nos observar Dom Bosco educador cristão em ação; introduzem-nos nos seus quadros mentais e nas suas visões; põem-nos em contato com as suas aspirações interiores; revelam-nos o seu olhar maravilhado, afetuoso e simultaneamente respeitossíssimo, voltado para os jovens protagonistas. Os comentários mais perspicazes continuam a ser os do padre Alberto Caviglia, ricos de intuições e de fecundas representações sobre a *pedagogia espiritual* de Dom Bosco, não obstante tiradas líricas e entusiasmos retóricos típicos da sensibilidade cultural em que foram produzidos<sup>2</sup>.

Das três, a *Vida* de Domingos Sávio teve maior sucesso e um importante influxo muito para além das fronteiras do mundo salesiano, pela eficaz representação da qualidade moral e espiritual do rapaz, pela associação dinâmica entre a santidade do protagonista e a condução do Mestre, pela notoriedade na sequência do êxito dos processos de beatificação e canoni-

<sup>1</sup> Pietro BRAIDO, *Il sistema preventivo di don Bosco*, 2ª edizione, Zürich, Pas-Verlag, 1964, 58.

<sup>2</sup> Alberto CAVIGLIA, *Savio Domenico e don Bosco. Studio*, in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*, vol. IV, Torino, Società Editrice Internazionale, 1943, 5-590; *Id.*, *Il "Magone Michele una classica esperienza educativa. Studio*, «Salesianum» 11 (1949) 451-481, 588-614 (publicado de novo in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, vol. V, Torino, Società Editrice Internazionale, 1965, 131-200); *Id.*, *Un documento inesplorato. La Vita di Besucco Francesco scritta da Don Bosco e il suo contenuto spirituale*, «Salesianum» 10 (1948) 103-113, 257-287, 641-672; 11 (1949) 122-145, 288-319 (publicado de novo in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, vol. VI, Torino, Società Editrice Internazionale, 1965, 105-262). Sobre a figura e a obra científica de Caviglia cf. Cosimo SEMERARO, *Don Alberto Caviglia (1868-1943): i documenti e i libri del primo editore di don Bosco tra erudizione storica e spiritualità pedagogica*, Torino, Società Editrice Internazionale, 1994.





zação<sup>3</sup>. É um livro bem-sucedido, no qual, juntamente com a bela apresentação do protagonista, encontramos a melhor representação da pedagogia global de Dom Bosco.

Menos conhecido é o *Perfil biográfico* sobre Miguel Magone, se bem que o rapaz nos pareça «simpático talvez de forma mais imediata, por ser mais “natural” e produto mais exclusivo da intervenção de Dom Bosco»<sup>4</sup>. A sua biografia parece «a menos distante da imagem da média dos jovens» e representa, «na sequência dos capítulos, etapas essenciais daquela que deveria ser a vida espiritual juvenil mais comum» na perspectiva do santo educador<sup>5</sup>.

Quase de todo desconhecida é a *Vida* de Francisco Besucco, o *Pastorello delle Alpi*, provavelmente devido ao caráter prolixo da «parte dedicada à primeira infância e à educação recebida na família e na paróquia serrana de Argentera»<sup>6</sup> (15 capítulos retirados quase à letra da relação do pároco), talvez também devido ao pouquíssimo tempo que passou no Oratório ou à sua aparência um pouco ingênua, por vezes simplória, pouco conforme à imagem convencional do aluno salesiano. Todavia Alberto Caviglia, não obstante as reservas sobre a forma literária da primeira parte, considera-a um precioso «documento construtivo da pedagogia espiritual e moral do santo educador [...], enquanto o autor, mais do que em qualquer outro livro congênera, remonta à teoria e expõe as suas ideias com a intenção expressa de as ensinar»<sup>7</sup>, notando que na altura da publicação (1864) Dom Bosco se encontrava «no fim da sua autoformação pedagógica, com ideias agora definitivamente formuladas»<sup>8</sup>. Todavia a sensibilidade atual permite-nos apreciar também a primeira parte da obra, seja por estar centrada no papel educativo da família e da paróquia, seja pelo seu valor antropológico, visto que, através do testemunho do padre Pepino, mostra muitos traços do clima emotivo, da sensibilidade espiritual e dos ritmos de vida de uma

<sup>3</sup> Sobre as edições, as traduções e a influência da *Vida* de Domingos Sávio, cf. José Manuel PRELLEZO, *La “Vita” di Domenico Savio scritta da don Bosco nella storiografia salesiana (1859-1954)*, in *Domenico Savio raccontato da don Bosco. Riflessioni sulla “Vita”*. Atti del Simposio (Università Pontificia Salesiana, Roma, 8 maggio 2004), a cura di A. GIRAUDO, Roma, LAS, 2004, 61-102.

<sup>4</sup> Joseph AUBRY, *Domenico, Michele, Francesco: tre figure di santi adolescenti*, in G. BOSCO, *Scritti spirituali*. Introduzione, scelta dei testi e note a cura di J. AUBRY, Roma, Città Nuova, 1988, 109.

<sup>5</sup> Pietro BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, 3ª edizione corretta e ritocata, Roma, LAS, 2009, vol. I, 556.

<sup>6</sup> *Ibid.*, I, 556.

<sup>7</sup> CAVIGLIA, *La Vita di Besucco Francesco scritta da Don Bosco*, in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, VI, 16.

<sup>8</sup> *Ibid.*, 17.





cultura atualmente desaparecida, que era a das aldeias alpestres de língua e tradições occitanas entre Piemonte e Provença.

## 2. O contexto histórico das “Vidas”: um período fecundo para a obra de Dom Bosco

A década que decorre entre a chegada de Domingos Sávio a Valdocco (outubro de 1854) e a publicação da vida de Francisco Besucco (julho de 1864) é decisiva para a obra de Dom Bosco. Nos anos que antecedem 1854, a dificuldade de encontrar colaboradores estáveis e uma série de abandonos tinham-no convencido da necessidade de escolher os ajudantes entre os jovens mais afeiçoados, para os educar segundo o seu espírito. Pouco a pouco formou à sua volta um pequeno grupo de jovens valiosos e disponíveis para as várias necessidades do Oratório.

### 2.1. A busca de colaboradores de confiança

Quando, em novembro de 1848, em virtude da ocupação governamental do seminário de Turim, o clérigo Ascânio Savio é acolhido no Oratório, Dom Bosco encontra um valioso colaborador. Dinâmico, ativo e disponível, revela-se precioso para a catequese, para as aulas noturnas e festivas, para a assistência. Durante os dois turnos de exercícios espirituais organizados no mês de julho seguinte, o santo descobre outros quatro jovens que lhe dão esperança de vocação: José Buzzetti, Carlos Gastini, Tiago Bellia e Félix Reviglio. Propõe-lhes morar no Oratório e empreender os estudos em vista do sacerdócio, deixando o emprego. Em fevereiro de 1851, com autorização do arcebispo impõe-lhes o hábito talar. Assim, os quatro escolhidos tornam-se parte ativa, com Ascânio Savio e o seminarista pensionista José Vacchetta, da primeira comunidade apostólica formada em torno de Dom Bosco. «São de conduta exemplaríssima e prontificam-se a dar catequese na paróquia de Borgo Dora, e de modo particular no Oratório de São Francisco de Sales onde, além da catequese, dão também aulas noturnas, ensinam canto gregoriano e música e tudo gratuitamente», escreve o Santo num atestado de bom comportamento<sup>9</sup>. Este pequeno punhado de discípulos que o amam como pai e benfeitor, permite-lhe experimentar o que significa o trabalho em grupo na comunhão de ideais, de canseiras e de alegrias. É uma família singular, que partilha com mãe Margarida e uma vintena de pobres artesãos os quartos da casa Pinardi, na sobriedade de vida e na laboriosidade.

<sup>9</sup> Cf. AST *Grande Cancellaria* m. 259/1 n. 1370: domanda di sussidio pei chierici dell'Oratorio, ms. Bosco, 1 mag. 1851.





No dia 31 de março de 1852, o arcebispo Fransoni nomeia Dom Bosco «diretor espiritual chefe»<sup>10</sup> dos oratórios de Valdocco, Porta Nuova e Vanchiglia. É um acontecimento determinante com vista a futuros desenvolvimentos. Agora ele é, de fato, independente na gestão das três instituições, livre para selecionar e organizar os colaboradores. Assim, embora Buzzetti e Gastini se mostrem inaptos para os estudos, e Ascânio Savio, desanimado pela austeridade de vida, o abandone para dar entrada nos Oblatos de Maria Virgem (maio de 1852), seguido dali a pouco por Bellia e Vacchetta, ele não desanima, decidido a seguir o caminho empreendido. Compreende que deve escolher elementos ainda mais jovens, encaminhá-los para estudos regulares, formá-los desde a adolescência para uma sólida vida interior, treiná-los para o espírito de sacrifício e para o serviço generoso, afeiçoá-los a si e à missão oratoriana. Em outubro de 1852, impõe o hábito clerical a Miguel Rua e José Rocchietti, de 15 e 16 anos, respectivamente. No decorrer daquele ano letivo acolhe os estudantes Tiago Artiglia, João Cagliero, João Turchi e João Battista Francesia, todos de treze anos. Os tempos estão maduros para fazer evoluir a obra, ampliar a casa e aumentar o número de vocações.

Terminada a construção da igreja de São Francisco de Sales (junho de 1852), Dom Bosco lança os alicerces da nova construção. O edifício, não obstante uma cedência da estrutura durante as obras, está concluído em outubro de 1853<sup>11</sup>. Agora a comunidade juvenil pode aumentar em seus dois componentes: os estudantes orientados para o sacerdócio e os aprendizes, para os quais têm início as primeiras oficinas internas de sapataria e alfaiataria<sup>12</sup>.

Domingos Sávio chega ao Oratório em outubro de 1854, mesmo no momento em que a comunidade, transferida para as novas instalações, assume a forma de um internato. As duas seções aumentaram: trinta estudantes, entre os 12 e os 16 anos, e cinquenta artesãos<sup>13</sup>. Para ajudar Dom

<sup>10</sup> O decreto de nomeação é reportado in Giovanni BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Saggio introduttivo e note storiche a cura di A. GIRAUDO, Roma, LAS, 2011, 218.

<sup>11</sup> Lê-se numa memória de 1854 «1853. O corpo da casa arruinado [2 dezembro 1852] é reconstruído: completa-se, levanta-se a maior parte e no mês de outubro é habitado. O novo edifício permite que os dormitórios e o refeitório dos garotos internos tenham melhores condições de funcionamento. O número de internos eleva-se a 65», in Giovanni BOSCO, *Cenno storico dell'Oratorio di S. Francesco di Sales* [1854], in Pietro BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, Roma, LAS, 1992, 132.

<sup>12</sup> Com o lançamento das *Letture cattoliche*, em 1854, abre a encadernação de livros; em 1856 a carpintaria; em 1862 a tipografia, a oficina de fundição de caracteres e a oficina de ferreiros-serralheiros (Fedele GIRAUDI, *L'Oratorio di don Bosco. Inizio e progressivo sviluppo edilizio della Casa madre dei Salesiani in Torino*, Torino, SEI, 1935, 152-153).

<sup>13</sup> Em agosto, em plena epidemia de cólera, Dom Bosco tinha escrito ao presidente da Câmara da cidade: «Tenho de fazer um considerável depósito de lençóis, cobertores, camisas a fim de assegurar a devida limpeza a oitenta e oito garotos, tal é o número de internos na





Bosco, na qualidade de prefeito, chegou o generoso padre Vítor Alasonatti, depois de ter deixado uma tranquila vida de professor comunal para se consagrar aos jovens pobres. Com a sua ajuda o santo reformula o *Regulamento do Oratório* adaptando-o às novas exigências da casa.

## 2.2. O desenvolvimento da casa anexa ao Oratório

Enquanto prossegue os seus estudos, Domingos assiste ao desenvolvimento da obra: a demolição da casa e do alpendre Pinardi, substituídos por um belo edifício de ligação entre a casa de 1853 e a igreja de São Francisco de Sales, a decoração do pórtico com inscrições bíblicas em latim e em italiano<sup>14</sup>, a abertura progressiva de salas de aula e de novas oficinas. Durante o seu primeiro ano de permanência em Valdocco frequenta a escola de gramática do prof. Carlos Bonzanino, instalada no terceiro andar de um edifício da rua Guardinfati (atualmente Barbaroux), enquanto que outros companheiros frequentam aulas de retórica do padre Mateus Picco, na rua Santo Agostinho. No ano letivo de 1855-56 começa o primeiro embrião de escola interna: ao clérigo Francesia, de 17 anos, é confiada a terceira gramática<sup>15</sup>.

---

casa anexa ao Oratório masculino de Valdocco», lett. G. Bosco - G.B. Notta, 5 ago. 1853, in Giovanni BOSCO, *Epissolario*. Introduzione, testi critici e note a cura di Francesco MOTTO, I: (1835-1863), Roma, LAS, 1991, 229. Com base nos registros conservados no arquivo pode pensar-se «com certeza que até 1856 os garotos admitidos em cada ano não ultrapassaram a centena; não ultrapassaram os duzentos até 1859; oscilaram entre os 257 (1854) e os 412 (1867) no período 1860-1869» (Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale, 1815-1870*, Roma, LAS, 1980, 178).

<sup>14</sup> Os versículos colocados nas colunas referiam-se aos dez mandamentos; os inseridos nas novas meias-luas dos arcos constituíam quase uma catequese sobre o sacramento da penitência. Em 1965 a escrita foi substituída por lápides de mármore com citações bíblicas em parte diferentes das antigas, que podem ser lidas in MB 5, 542-547; cf. Fausto PERRENCHIO, *L'utilizzazione della Bibbia da parte di don Bosco nell'educazione dei giovani alla fede*, in «Bollettino di collegamento dell'Associazione Biblica Salesiana» n. 10 (1993) 159-165.

<sup>15</sup> Na sequência da reforma escolar Boncompagni (decreto Régio de 4 de out. 1848, in *Raccolta degli atti del Governo di S. M. il Re di Sardegna 1848*, Torino, Stamperia Reale, vol. 16/II, 937-966) tinha-se alargado a escolaridade elementar a 4 anos (duas classes inferiores e duas classes superiores) e tinha-se modificado o ordenamento das escolas de latimidade ordenando-as num triênio de gramática latina e composição italiana, um biênio de retórica latina e italiana, e um biênio de filosofia. Com a reforma Casati (decreto Régio de 13 de nov. 1859, in *Raccolta degli atti del Governo di S. M. il Re di Sardegna 1859*, vol. 28/III, 1903-1988) a escola secundária clássica fica dividida em dois graus, o primeiro de cinco anos chamado ginásio (aa. 194-198), o segundo de dois anos chamado liceu (aa. 199-200); prevê-se também a gestão da instrução por parte de cidadãos privados sob uma dupla figura jurídica: o *ginásio privado* (aa. 246-250) e a *escola paterna* (aa. 250-253), «isenta de qualquer vínculo de inspeção por parte do Estado (aa. 251): na mente e na práxis de Dom Bosco, a de Valdocco era, nos primeiros anos, mais escola paterna do que ginásio privado (cf. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani*, I, 56).





No ano seguinte, terminado o novo edifício, a comunidade aumenta: os artesãos são setenta e os estudantes oitenta e cinco. O fundador do Oratório, decidido a potenciar as aulas de latim<sup>16</sup>, chama o prof. Francisco Blanch e encarrega-o das aulas da primeira e segunda gramática. Domingos Sávio frequenta a primeira retórica no padre Picco por poucos meses, depois adoece. Em 1857-58, com 120 alunos, as três classes internas são confiadas respectivamente a Francesia, a João Turchi e ao padre José Ramello, sacerdote de ideias liberalizantes, recomendado pelo arcebispo a Dom Bosco<sup>17</sup>. Finalmente, com o ano letivo de 1859-60, o Santo consegue ter no Oratório o curso ginásial completo com professores seus. Confiava as três primeiras classes a Celestino Durando, Secondo Pettiva e João Turchi, e as últimas duas a Francesia, todos eles clérigos do Oratório por ele preparados. A partir deste momento a seção de estudantes ganha importância e ultrapassa em número a dos artesãos.

Ao mesmo tempo que aumenta no povo o desejo de instrução, estimulado por iniciativas privadas ou públicas, e o governo organiza o sistema nacional de ensino, emerge a categoria dos alunos de condição humilde, à qual é urgente atender com iniciativas formativas adequadas: «O desejo ardente que muitos manifestam de seguir cursos científicos [humanísticos] regulares levou a fazer algumas exceções nas condições de aceitação. Por isso aceitam-se nos estudos também jovens não abandonados nem totalmente pobres desde que tenham tal conduta moral e tal aptidão para os estudos que não ofereçam dúvida quanto ao êxito de uma digna e cristã carreira científica».<sup>18</sup> A intenção de Dom Bosco é ajudar estes garotos dotados e pobres a afrontar os estudos superiores, para que possam tornar-se úteis à Igreja e à sociedade, mas também assegurar à Congregação nascente educadores motivados, generosos e fiéis. Lê-se numa memória daqueles anos: «Muitos dos estudantes seguem a carreira eclesiástica. [...] Entre esses escolhem-se os que exercem a qualidade de professores nesta casa, dão catequese nos Oratórios, assistem nas várias oficinas e nos dormitórios. Uma vez ordenados sacerdotes, muitos continuam a exercer o sagrado ministério em favor dos jovens ali residentes ou que frequentam os outros Oratórios da cidade. [...] Em todo o pessoal desta casa

<sup>16</sup> Cf. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani*, I, 309.

<sup>17</sup> Cf. *ibid.*, I, 349.

<sup>18</sup> Giovanni BOSCO, *Cenni storici intorno all'Oratorio di S. Francesco di Sales* [1862], in BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore*, 147.





e de todos os Oratórios, incluindo as pessoas de serviço, ninguém recebe vencimento e todos prestam gratuitamente o seu trabalho»<sup>19</sup>.

As três biografias não dão conta das turbulentas vicissitudes que então marcam o ambiente. Quem as folheia não capta o eco dos debates que inflam Turim dos anos Cinquenta e acompanham o processo de unificação nacional, não capta o desconcerto do mundo católico pela supressão forçada das corporações religiosas ou o entusiasmo popular pela campanha da Crimeia, pela expedição dos Mil e pela segunda guerra da independência. Outras fontes asseguram-nos que tudo isso tinha um certo impacto na vida do Oratório<sup>20</sup>. Nem sequer os desenvolvimentos internos da obra emergem: as construções, os passos cautelosos de Dom Bosco para a fundação da Sociedade salesiana, a sua viagem a Roma com dois meses de duração (18 de fevereiro – 16 de abril de 1858), intensamente sentida pela comunidade de Valdocco, o ato de fundação da Congregação, a abertura da primeira casa em Mirabello Monferrato. Nas três *Vidas* o Oratório aparece como uma ilha de fervor educativo, de laboriosidade e de tensão espiritual. Há acenos à produção editorial, mas em função do discurso formativo. Citam-se os livros postos nas mãos dos alunos: o *Jovem instruído*, a coletânea *Leituras católicas*, a reedição da vida de Luís Comollo, e depois as mesmas vidas de Domingos Sávio e de Miguel Magone. Em suma, tudo está centrado na pessoa dos protagonistas, no seu empenho, nos seus progressos, nas descobertas e nos ardores da sua vida espiritual, no calor das relações amigáveis, nas crises superadas e nas alegrias interiores, na confiança e abertura colaborante com os educadores, na comoção suscitada pela sua morte. O biógrafo parece querer extrapolar intencionalmente estas histó-

<sup>19</sup> BOSCO, *Cenni storici intorno all'Oratorio*, 150. Um dos primeiros manuscritos do Regulamento enumera também as condições de admissão dos estudantes: «Ninguém é admitido a estudar: 1º Se não tiver uma especial aptidão para os estudos e se nas classes feitas não se tiver distinguido; 2º Se não tiver um certificado de eminente piedade. Ambas as condições deverão ser comprovadas por um bom comportamento mantido durante algum tempo na casa do Oratório; 3º Ninguém é admitido ao estudo do latim, se não tiver vontade de abraçar o estado eclesiástico; ficando todavia livre de seguir a sua vocação, terminado o curso de latinidade» (ASC D4820205: *Piano di regolamento per la casa annessa all'Oratorio di S. Francesco di Sales. Appendice per gli studenti*, ms. s.d., 17).

<sup>20</sup> Dom Bosco, por exemplo, naqueles anos publicava nas *Letture cattoliche* o ultra-reacionário Catechismo cattolico sulle rivoluzioni do jesuíta Serafino Sordi (Torino, Tip. P. De-Agostini, 1854) e, por ocasião das leis de supressão, um panfleto polémico, *I beni della Chiesa: come si rubino e quali siano le conseguenze, del Barone di Nilinse. Con breve appendice sulle vicende particolari del Piemonte* (Torino, Tip. Ribotta, 1855); além disso, in *La forza della buona educazione*, descrevia as aventuras de um antigo aluno do Oratório, valoroso combatente na guerra da Crimeia (Torino, Tip. Paravia e Comp., 1855). São opúsculos que Domingos Sávio tinha lido, dado que possuía a coleção completa do ano 1854-55 das *Letture cattoliche*, como consta de uma lista de livros autógrafa qua ainda se conserva (cf. ASC A4920108: *Nota dei libri di Savio Domenico*, ms. aut. s.d. [1856]).





rias de vida do grande fluxo dos acontecimentos, isolá-las dos ruídos externos, para mostrar a sua função exemplar, a sua significatividade formativa, a sua novidade pedagógica e a sua carga carismática. Assim salva a sua universalidade e a sua jovialidade, não obstante a marca do tempo.

### 2.3. O nascimento de uma Congregação de educadores

Naqueles anos, progressivamente, a busca de pessoal dedicado e confiável traduz-se em escolhas concretas. Em 26 de janeiro de 1854 Dom Bosco propõe a Rua, Artiglia, Cagliari e Rocchietti, dignos de toda a confiança, reunidos em conferência privada, «uma prova de exercício prático da caridade para com o próximo, para chegar depois a uma promessa e por fim, se parecer possível e conveniente, fazer dela um voto ao Senhor». O exercício prático da caridade é entendido como entrega aos jovens pobres e a promessa ou o voto são expressão de um vínculo estável à missão oratoriana: «a partir dessa noite foi posto o nome de salesianos àqueles que se propuseram e virão a propor tal exercício»<sup>21</sup>. Privados e secretos são os votos emitidos nas mãos de Dom Bosco pelo clérigo Rua no dia 23 de março de 1855, mas a ideia de uma fundação religiosa começa a tomar forma. Paradoxalmente, mesmo na combinação das sugestões do ministro Rattazzi, campeão do anticlericalismo militante, e das indicações de Pio IX, alvo do liberalismo radical, Dom Bosco delinea a fórmula jurídica da nova Congregação.

Miguel Magone é aluno do Oratório quando Dom Bosco vai a Roma para submeter ao papa o seu projeto de fundação e nos meses em que o clérigo Rua, em grande segredo, copia em bela caligrafia o primeiro texto das Regras para a revisão eclesiástica. O ato de fundação oficial da Pia Sociedade Salesiana é escrito no dia 18 de dezembro de 1859, onze meses depois da morte de Miguel; no dia 14 de maio de 1862 o primeiro grupo de religiosos salesianos emite os votos em forma canônica.

Quando Francisco Besucco chega ao Oratório (agosto de 1863), o padre Rua transfere-se para Mirabello Monferrato, para ali abrir o Colégio-Seminário São Carlos, a primeira obra salesiana fora de Turim<sup>22</sup>. Naquele ano a Congregação conta com 22 professores e 17 noviços. No outono de 1864, poucos meses depois da publicação do *Pastorello delle Alpi*, inaugura-se o Colégio-Internato São Filipe Neri de Lanzo Torinese. Começa assim uma nova fase, que é a da expansão através da abertura de colégios, internatos, pensionatos e escolas profissionais: é o meio através do qual o modelo formativo preventivo experimentado

<sup>21</sup> ASC A4630102: ms Rua s.d.

<sup>22</sup> Besucco faz referência a ela numa carta ao pároco, cf. ASC A1010903: lett. F. Besucco - F. Pepino, 23 nov. 1863, f2v.





por Dom Bosco no Oratório e narrado nos perfis biográficos dos seus garotos, será exportado e inculturado em nível mundial.

### 3. Para quem escreve Dom Bosco?

Na compilação destas três *Vidas*, Dom Bosco é movido por objetivos claros no referente aos leitores aos quais se dirige e às circunstâncias em que as escreve. Antes de tudo seleciona os seus interlocutores, para quem narra e com quem se entretém, mas em função de um discurso dirigido a uma plateia que ele sabe ser muito mais vasta. Para compreender o conteúdo do discurso e as suas intenções devemos ter em conta leitores concretos tais como se apresentam à mente do autor.

#### 3.1. «Jovens caríssimos»

Os destinatários principais são indicados na carta introdutória, que serve de proêmio: os «jovens caríssimos» aos quais se dirige são os estudantes de Valdocco, companheiros e amigos de Domingos, de Miguel e de Francisco. É a seu pedido que o autor iniciou o trabalho. O pormenor é importante, porque permite ligar o texto com o contexto vital, o discurso com o horizonte de referência, com valores e anseios compartilhados pelo autor e pelos interlocutores. Fala-se de companheiros conhecidos e amados: reevocam-se escolhas de vida, amizades, exemplos e palavras de que foram testemunhas.

Os leitores movem-se nos mesmos ambientes e reconhecem situações que cotidianamente os envolvem: a missa matutina, as aulas e o estudo, os discursinhos da *boa noite*, os encontros com o confessor, as suas palavras afetuosas ou severas, as emoções sentidas no exercício mensal da *boa morte*, durante as novenas e as festas. Também eles, como protagonistas, vivem a essencialidade imposta pela sua condição de pobres. Página após página, tropeçam em nomes e rostos conhecidos. Sobretudo estão em condições de perceber na voz do narrador o eco de uma voz conhecida, que é a voz de Dom Bosco. Mesmo à distância de anos, ao ler aquelas linhas, ouvirão de novo o som das suas palavras, «cadenciadas de uma forma mais do que de outra» e recordarão o «singularíssimo ascendente» que tinha sobre eles.<sup>23</sup>

À consciência do autor, porém (isso capta-se no decurso da leitura), o auditório de fato apresenta-se muito mais vasto: é constituído pela multidão variada dos leitores das *Leituras Católicas*. A estratégia narrativa coloca-os continuamente em campo, ora como testemunhas, ora como interlocutores

<sup>23</sup> Paolo ALBERA, *Lettera intorno a don Bosco proposto a modello dei salesiani nell'acquisto della perfezione religiosa, nell'educare e santificare la gioventù, nel trattare col prossimo, nel far del bene a tutti*, 24 ott. 1920, in ACS 1 (1920) 65.





da narrativa. Trata-se, sobretudo, da turba de juvenzinhos que frequentam as classes elementares ou empreendem o estudo do latim no desejo de realizar os seus projetos de vida. Para eles Dom Bosco representa um mundo com características bem definidas, o da escola pública e dos internatos, vigiado por docentes inspirados por sólidos princípios cristãos. Os leitores reveem-se na narrativa. São garotos de condição popular que diariamente, como Domingos Sávio, levados pelo desejo de promoção social e cultural ou pela atração vocacional, percorrem os caminhos dos campos e as ruas das cidades para frequentar a escola. Podem reconhecer-se na psicologia dos protagonistas, sentem as mesmas inquietações e as mesmas alegrias, experimentam emoções espirituais. Impregnados do espírito do seu tempo, têm o gosto da totalidade, são atraídos pelo sentimento religioso e pelas práticas devotas, experimentam impulsos interiores e desejos de heroísmo, são sensíveis à ética do dever e ao compromisso voluntarista, gostam de se confrontar com a austeridade. Ao ler os diálogos, sentem ecoar de novo discursos familiares. Nos acontecimentos narrados encontram também um espelho fiel dos perigos e das ameaças com que se confrontam na vida diária, como as solicitações ou a prepotência dos “maus” companheiros, as tentações de fuga ao dever, as doenças frequentes, a morte de amigos muito queridos.

Em suma, os garotos do Oratório e os seus coetâneos encontram representada nestas biografias a sua existência cotidiana e os seus projetos, uma sociedade e uma cultura, uma mentalidade e um estilo de vida, rituais e relações típicas de um território humano e de um período bem definido da história social e religiosa.

### 3.2. Educadores e pastores

As narrativas de Dom Bosco, juntamente com os jovens protagonistas, colocam em cena educadores ativos e cativantes: pais, professores e pastores. Também a eles se dirige o autor, sobretudo quando formula as suas breves considerações pedagógicas, ilustra os frutos do seu cuidado ou indica a novidade da comunidade educativa do Oratório com o seu programa de vida e a interação dialógica e afetiva entre formadores e alunos.

Encontramo-nos em tempos de transição entre o antigo sistema de instrução pública, impregnado de valores tradicionais, confiado a docentes prevalentemente eclesiásticos, que conferiam orientação e estilo peculiar à formação escolar, e o novo modelo liberal emergente das reformas da instrução pública dos ministros Boncompagni (1848) e Casati (1859), firmemente controlado pelo Governo, ao serviço dos seus objetivos e por isso encarado com suspeição pelo mundo católico. Até àquele momento a presença maciça de eclesiásticos nas escolas parecia totalmente natural, porque refletia uma tradição educativa de caráter humanista global partilhada, que





visava, simultaneamente, instruir, formar as consciências nos valores cristãos, forjar a vontade, apurar os costumes. Ora, no clima de confronto entre radicalismo liberal e intolerância católica tais figuras estão desaparecendo das escolas públicas. A visão laica penetra irremediavelmente na sociedade e nas instituições escolares, fragilizando o influxo dos valores religiosos, mesmo quando, nas camadas populares, aumenta a procura de instrução. Tudo isso suscita apreensão e estimula novas hipóteses de solução.

Não obstante as reservas sobre o rígido controle estatal sancionado pela reforma escolar de Gábrío Casati, Dom Bosco aproveita os seus desafios e oportunidades. A lei prevê a possibilidade de abrir escolas privadas, se bem que sujeitas a compromissos e inspeções<sup>24</sup>: ele empreende este caminho que pressagia frutos fecundos. Sente além disso que chegou o momento de perspectivar modelos menos fechados sobre o mero cumprimento dos programas escolares, mais centrados numa visão integral da educação, sobre o envolvimento ativo e o protagonismo dos alunos. Quer demonstrar que é também importante criar espaços educativos extraescolares complementares no interior das comunidades eclesiais. Em suma, é necessário um sistema educativo adaptado aos novos tempos, mas radicado nos valores substanciais da tradição cristã.

Todas estas razões servem de fundo à composição das três *Vidas* e resumam das suas páginas, servindo de moldura a uma linha formativa e a uma metodologia educativa peculiar. Não é difícil descobrir, capítulo após capítulo, ao lado da conversação mantida em primeiro plano com os jovens leitores, um persuasivo discurso paralelo dirigido aos educadores e aos pastores dos jovens. Se alguns deles são colocados em cena, testemunhas comovidas dos fatos e das virtudes dos três pequenos campeões, é porque se quer indicá-los como categoria privilegiada de interlocutores.

Nos primeiros sete capítulos da vida de Domingos Sávio, ouvimos as vozes narrantes dos pais, do capelão de Morialdo, dos professores de Castelnuovo e Mondônio; mais adiante são introduzidos testemunhos do prof. Bonzanino, do padre Picco, do pároco de Mondônio. Na biografia de Miguel Magone, lemos a carta essencial mas atenta do vice-pároco; descobrimos, através das anotações do ainda muito jovem Francesia, um eco dos ensinamentos de Dom Bosco aos seus colaboradores; comovemo-nos com as palavras da mãe junto do filho moribundo; admiramos a capacidade retórica do padre Zattini ao delinear a figura moral do rapaz. Na vida de Francisco Besucco Dom Bosco utiliza amplamente o afetuoso testemunho do pároco, com notícias fornecidas pelos pais, pelas irmãs mais velhas, pelo professor da aldeia e pelos companheiros, que reconstitui o clima educativo

<sup>24</sup> Cf. Decreto Régio de 13 nov. 1859, aa. 246-250, 355-356, in *Raccolta degli atti del Governo*, vol. 28/III, 1958-1960, 1983.





em que cresceu o pequeno serrano e o espírito ardoroso de um pastor todo dedicado à sua missão e atentíssimo à formação dos garotos.

O narrador dirige este coro de vozes, orientando-as em função do único perfil que vai delineando. Assim, quando na primeira pessoa entra em cena e se torna personagem da história, encontramos uma continuidade sem exageros, uma recapitulação eficaz de atitudes educativas qualificantes, de tonalidades e de acentos que nos dão também a novidade do seu sistema e do seu modelo de educador.

Aqui o testemunho biográfico torna-se plenamente autobiográfico. Dom Bosco, ao narrar a gesta dos seus alunos narra a sua e a do ambiente educativo criado em Valdocco, revela a intensidade e a importância das relações, das atenções no respeito pelas singularidades, reconstrói o clima dos encontros, ilustra as experiências propostas e o modo de envolvimento ativo dos jovens. Tudo isso permite a um leitor atento captar mensagens mais profundas, compreender a função do educador no sistema educativo de Dom Bosco enquanto engrenagem portadora de toda a máquina educativa.

Esta duplicidade de destinatários e de modelos, proposta de forma narrativa, numa amálgama de história e de reflexão, produz um gênero literário conjugado e faz com que as três *Vidas*, como outras obras do santo sejam, antes de tudo, testemunhos de espiritualidade e de pedagogia narrativa, um manifesto de educação cristã.

## 4. A índole do trabalho de Dom Bosco

### 4.1. O gênero literário

Francisco Cerruti subdivide os escritos editados de Dom Bosco em três categorias: obras religiosas, morais e de história, e coloca as três *Vidas* entre as *pequenas obras morais*<sup>25</sup>, segundo a aceção humanística que refere o adjetivo aos *mores*, aos costumes, aos modelos de comportamento. Cerruti é um dos primeiros destinatários destas três biografias, enquanto companheiro de Domingos Sávio e de Miguel Magone, depois professor nos meses em que Francisco Besucco frequenta a escola ginásial em Valdocco. Quando faz tal classificação é o responsável central pelas escolas salesianas e promo-

<sup>25</sup> A classificação é apresentada no decurso do testemunho dado em 20 de novembro 1893 nos processos de beatificação de Dom Bosco, cf. *Copia publica transumpti processus ordinaria auctoritate constructi in curia ecclesiastica taurinensi super fama sanctitatis vitae, virtutum et miraculorum servi Dei Joannes Bosco sacerdotis fundatoris Piae Societatis Salesianae*, vol. III, anno 1899, f1385v (o documento conserva-se no Archivio del Postulatore, na Direzione Generale Opere Don Bosco, Roma).





tor incansável do sistema educativo de Dom Bosco<sup>26</sup>. Tem bem claro o fim para o qual tende o santo educador com estes escritos: não reconstruir uma biografia em pormenor, segundo os cânones hisseriográficos positivistas, mas oferecer, através da narração de momentos selecionados da vida dos três juvenzinhos, observados com a sua lente de educador e pastor, uma mensagem prática, um comportamento exemplar.

Por outro lado Dom Bosco é explícito. Como vemos pela declaração de intenções feita no prólogo da *Vida* de Domingos Sávio, ele propõe-se apresentar um exemplo a imitar<sup>27</sup>. A mesma intenção orienta a escrita do *Perfil biográfico do adolescente Miguel Magone* e do *Pastorello delle Alpi*.

Estudiosos mais recentes definem ulteriormente o gênero literário das três *Vidas* reduzindo-o à tipologia das «biografias edificantes» que floresceram «desde a era tridentina em diante» nos ambientes colegiais e eclesiásticos. Ao escrevê-las Dom Bosco retoma os mesmos mecanismos por ele experimentados na compilação da *História eclesiástica* e da *História de Itália*: a um tecido biográfico essencial, documentado, mas «apoiado em poucos dados cronológicos, confia episódios classificados segundo o esquema escolástico, moralista e hagiográfico das virtudes: espírito de oração, de inocência ou de penitência, prática dos sacramentos, devoção a Maria Santíssima, morte como coroamento de uma vida que correspondeu às divinas graças»<sup>28</sup>. O gênero biográfico edificante, com a sua concisão, fornece-lhe um instrumento idôneo para focalizar mensagens e comportamentos virtuosos.

Como escreve Cláudio Magris, reevocando a essencialidade das biografias edificantes que desde rapaz lhe eram propostas pelos seus mestres jesuítas, «aquela brevidade era de fato uma lição de literatura, a capacidade de cortar com a prolixidade da existência [...] e de pôr em relevo, como um epitáfio, valores e significados: era a arte de escolher e pôr de lado, indispensável a qualquer narrador. Aquelas *pequenas vidas* – mesmo de santos pertencentes a outras ordens e publicadas sobretudo pelos salesianos, menos exclusivos e menos concorrenciais que os compiladores da *Beata coorte* – eram, a seu modo, um *Spoon River*. Talvez a brevidade não fosse apenas uma escolha retórica, mas estava ligada à santidade, que não

<sup>26</sup> Sobre a personalidade e a obra de F. Cerruti cf. José Manuel PRELLEZO, *Introduzione*, in Francesco CERRUTI, *Lettere circolari e programmi di insegnamento (1885-1917)*. Introduzione, testi critici e note a cura di J. M. PRELLEZO, Roma, LAS, 2006, 7-42.

<sup>27</sup> *Sávio*, prólogo. O convite é retomado na peroração conclusiva: «Agora, ó amigo leitor [...] queria que chegasses comigo a uma conclusão [...], isso é, queria que nos empenhássemos de forma decidida em imitar o jovem Sávio nas virtudes que são compatíveis com o nosso estado» (*ibid.*, c. XXVII).

<sup>28</sup> Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica. I: Vita e opere*, Roma, LAS, 1968, 235.





é renúncia mortificante, mas capacidade decidida de afrontar a tentadora e sufocante velharia do inútil»<sup>29</sup>.

Graças ao seu gênero literário, quem se aproxima destes escritos de Dom Bosco encontra um testemunho de vida real e simultaneamente a representação eficaz de uma práxis educativa exemplar, «um conjunto de mensagens religiosas e pedagógicas construídas dentro de tecido biográfico», um discurso educativo «feito à medida dos garotos e dos seus educadores». É indispensável ver estas biografias, «mais do que no quadro da produção literária de Dom Bosco, no contexto das obras educativas que ele andava a promover», inseri-las «numa cultura específica» e ter em conta «os diversos critérios de escrita postulada pela atenção aos destinatários»<sup>30</sup>. Aparecem-nos como documentos capitais do espírito e da pedagogia de Dom Bosco que, narrando a experiência de vida dos três garotos, levam a descobrir «o trabalho do Mestre e o pensamento que o conduz»<sup>31</sup>.

#### 4.2. O uso das fontes

No prólogo das três *Vidas*, o autor atesta a sua preocupação «de narrar unicamente as coisas que vós ou eu vimos, e que quase todas guardo escritas e assinadas pela vossa própria mão»<sup>32</sup>, e afirma ter obtido «de fontes seguras»<sup>33</sup>, que no *Pastorello delle Alpi* enumera explicitamente<sup>34</sup>.

As afirmações de Dom Bosco não são retóricas. Se examinarmos os testemunhos originais recolhidos em apoio da reconstrução biográfica, ainda conservados, constatamos a honestidade histórica e a preocupação documental de Dom Bosco. O confronto entre aqueles materiais e o texto revelam-nos também o seu modo de trabalhar. Tomemos nota de uma fidelidade substancial, unida a um tratamento dos dados em função da obtenção dos intentos e do envolvimento dos destinatários. As fontes mais abundantes são as referentes a Domingos Sávio e Francisco Besucco.

<sup>29</sup> Claudio MAGRIS, *L'infinito viaggiare*, Milano, Mondadori, 2005, 20-21.

<sup>30</sup> Pietro STELLA, *Per una storia dell'agiografia in età contemporanea. Il "giovanetto Savio Domenico" (1859) di san Giovanni Bosco*, in *Vita religiosa, problemi sociali e impegno civile dei cattolici. Studi storici in onore di Alberto Monticone*, a cura di Angelo SINDONI e Mario TOSTI, Roma, Editrice Studium, 2009, 167.

<sup>31</sup> CAVIGLIA, *La vita di Savio Domenico scritta da don Bosco*, in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, IV, xxxix.

<sup>32</sup> *Savio*, prólogo.

<sup>33</sup> *Magone*, prólogo.

<sup>34</sup> «Para o tempo em que o jovem Besucco viveu na sua terra, ative-me aos depoimentos que recebi do seu pároco, do seu professor, e dos seus familiares e amigos [...]. Para o tempo em que viveu entre nós procurei recolher cuidadosamente aquilo que aconteceu na presença de muitas testemunhas oculares: tudo escrito e assinado por testemunhas dignas de crédito» (*Besucco*, prólogo).





No pequeno volume sobre Sávio emerge a preocupação de dar o máximo relevo ao protagonista, deixando na sombra situações e pessoas que poderiam distrair a atenção. O autor faz isso mediante a seleção dos dados recolhidos, suprimindo elementos secundários, transpondo algumas notícias, operando amplificações narrativas de «episódios nos quais a efabulação pôde ser fruto de memorização ou também o resultado de exigências de arte literária e de motivações educativas».<sup>35</sup> Assim, enquanto o testemunho do professor de Castelnuovo é referido com fidelidade quase literal<sup>36</sup>, o do padre Cugliero é ampliado e dramatizado no ponto em que narra a falsa acusação por parte de dois companheiros de escola<sup>37</sup>. Os episódios sobre o serviço do altar e sobre a promoção à primeira comunhão, extraídos de um documento de Miguel Rua<sup>38</sup>, são transpostos para a carta do capelão de Morialdo; todavia nesta é suprimida a notícia de que Domingos canta na igreja, em casa e nos estábulos «cânticos e hinos com um companheiro de escola ou com o pai»<sup>39</sup>. Caem também vários pormenores fornecidos por testemunhas, como o aceno de José Reano sobre o modo de enfrentar o sofrimento físico,<sup>40</sup> e a censura à idosa tia de Dom Bosco pela sua «pouca paciência em suportar o mal»<sup>41</sup>. A seleção é feita em base à significatividade e à utilidade dos dados oferecidos, ou então por motivos de redação, como pode constatar-se pela comparação do texto com os tes-

<sup>35</sup> Pietro STELLA, *Il modo di lavorare di don Bosco*, in *Domenico Savio raccontato da don Bosco*, 2004, 22.

<sup>36</sup> Cf. ASC A4920131: lett. A. Allora - G. Bosco, 25 ago. 1857.

<sup>37</sup> «Tendo-o um dia chamado com dureza à atenção por uma falta de que *injustamente* fora acusado, sofreu tudo com paciência sem proferir palavra e, como se de fato fosse culpado, não se desculpou, sofrendo em paz a correção pela suposta falta, que depois vim a saber ter sido cometida por outro seu colega», ASC A4920129: lett. G. Cugliero - G. Bosco, 19 apr. 1857, f2r-v; cf. *Savio*, c. VI.

<sup>38</sup> Cf. ASC, A4920138: *Memorie su Domenico Savio*, ms. Rua s.d., f1r.

<sup>39</sup> ASC A4920130: lett. G.B. Zucca - G. Bosco, 5 mag. 1857, f1r.

<sup>40</sup> «Interrogado por mim uma vez, em que o via triste, sobre o motivo por que não falava de bom grado, respondeu-me que sentia tantas dores de cabeça que parecia ter dois cutelos cravados nas fontes; mas que suportava tudo com paciência para que esta, unida aos méritos de nosso Senhor Jesus Cristo, lhe alcançasse o Paraíso. Que Jesus tinha sofrido muito mais do que ele sem se queixar» (ASC A4920134: *Alcune notizie su Savio Domenico*, ms. Reano s.d., f1v).

<sup>41</sup> A notícia é para nós interessante por nos ajudar a compreender o clima de família que se vivia na casa do Oratório: «Levantou-se algumas vezes da cama e uma vez encontrei-o ao pé do lume no quarto de *Magna* [em dialeto por *tia*: Marianna Occhiena] que gemia e se queixava um pouco. Ele, embora de idade tão tenra, não deixou de lhe chamar à atenção pela pouca paciência em suportar o mal» (*ibid.*, f2r).





temunhos dos companheiros<sup>42</sup>. Apesar deste tratamento, quer os documentos originais quer os depoimentos recolhidos no decurso dos processos de beatificação demonstram que a fisionomia de Sávio não é alterada; antes, a operação de aperfeiçoamento do estilo e de eliminação dos pormenores, as próprias acentuações e as demoras narrativas, dão ao conjunto um acento de jovialidade e de verdade que restitui os traços essenciais da experiência e da fisionomia de Domingos.<sup>43</sup>

Comparamos características análogas na vida de Francisco Besucco. Os primeiros quinze capítulos do *Pastorello delle Alpi* são quase integralmente constituídos pela ampla e detalhada memória enviada pelo pároco de Argentera, ordenada, depurada de alguns pormenores secundários. Por exemplo, é eliminado o simpático aceno a um costume da mãe de Francisco, que «sabendo da grande importância que tem começar desde o princípio a dar boa educação à família, não começava a amamentar o seu querido menino nem a prestar-lhe qualquer outro serviço materno sem ter sempre e previamente bons pensamentos em mente, devotas orações nos lábios, de modo que juntamente com o leite lhe infundia também o seu espírito de devoção». São eliminadas também as referências à voz do filho falecido escutada em sonho pela mãe<sup>44</sup> e pelo pai<sup>45</sup>, enquanto que se narra a pre-

<sup>42</sup> Os testemunhos de então dos companheiros Giovanni Bonetti, Angelo Savio, Paolo Vaschetti, Giusto Ollagnier, Giuseppe Reano, Antonio Duina, Celestino Durando, Antonio Roetto, Luigi Marcellino e Giovanni Battista Piano conservam-se in ASC A492.

<sup>43</sup> Cf. Jean Bosco, *Saint Dominique Savio 1842-1857*. Introduction, traduction et notes de F. Desramaut, Paris, Apostolat des Editions-Ed. Paulines, 1978, 10-12.

<sup>44</sup> «Estava ela deitada na cama com as suas duas filhas casadoiras Valentina e Maria, com dificuldade em dormir devido à grande aflição que sentia, quando lhe pareceu ouvir cantar estas textuais palavras, mas com uma suavidade indescritível: *Querido filho, rei do Céu, tão belo, gracioso lírio*. Ouvidas estas palavras, pensou nelas deste modo: *Querido filho*, e que quer dizer esta voz, *é voz de uma filha?* Não, se diz *querido filho, rei do Céu*, é o teu filho, é Francisquinho, portanto, se é *rei do Céu*, está salvo. Meu Deus, se o meu filho está salvo, e é verdade *porque é rei do Céu*, suplico-Vos que me alivieis as minhas insuportáveis dores de estômago que me têm à morte”. Dito e feito, desde aquele instante, cessaram as dores de estômago da piedosa mãe de Francisco, Rosa Robert, dores que faziam prever terríveis consequências, recuperou uma perfeita tranquilidade com que ela e a família se resignam à vontade de Deus. E aqui, para melhor se compreender a visão, devo notar que a mãe de Francisco, sendo do Arches, cantão Marboinet, não sabe ler italiano e garante-me que nunca conseguiu aprender uma estrofe de cânticos em italiano, e muito menos esta, tendo-a apenas ouvido cantarolar uma ou outra vez a Francisco, como confirmaram as irmãs» (ASC A2280701: *Vita del pio giovanetto Besucco Francesco*, ms. F. Pepino, con annotazioni aut. di don Bosco, s.d. [gen.-feb. 1864], 21-22).

<sup>45</sup> «Até agora ainda não se proporcionou ocasião propícia a D. Bianchi, do Pensionato de Cuneo, para me enviar a bagagem do cada vez mais querido Francisco Besucco, que na segunda-feira depois da festa da Ascensão ao nascer da alba disse claramente ao pai: *Meu querido pai, mande buscar a minha bagagem a Cuneo, onde se encontra há três dias*, palavras que encheram de enorme felicidade o pai e que ele manifestou à família. Ao ler a





monição da morte de Francisco tida pela irmã<sup>46</sup>. Além dos testemunhos dos companheiros e dos superiores do Oratório<sup>47</sup>, são tratados de modo análogo aos referentes a Domingos Sávio.

Diferente é o caso de Miguel Magone. Nada se diz do período decorrido em casa, excluindo os dados essenciais fornecidos no atestado do vice-pároco. Tudo se desenrola entre os muros do Oratório, depois do encontro fortuito entre o rapaz e Dom Bosco na estação de Carmagnola. Da sobriedade dos pormenores beneficia-se a dinâmica da narrativa e a figura do protagonista, que permanece sempre no centro das atenções.

O autor é a testemunha principal dos acontecimentos, mas apoia-se também em outros testemunhos: a relação do prof. Francesia, o depoimento de alguns companheiros<sup>48</sup>, a ampla comemoração fúnebre do padre Zattini<sup>49</sup>, rica de referências úteis para traçar o perfil do rapaz. No conjunto é a biografia mais pobre de dados biográficos, porém a mais eficaz. A escrita de Dom Bosco restitui-nos uma «objetividade, não só histórica, mas representativa que nos coloca sem mais em presença da realidade», como nota Alberto Caviglia; o qual acrescenta que, em todo o caso, a «simpática e atraente biografia» deve ser «lida como um livro de ideias», porque, diferentemente dos outros juvenzinhos cuja *Vida* Dom Bosco escreveu, que chegaram junto dele já predispostos, e em parte preparados, o traquinas, conduzido em apenas catorze meses “a um maravilhoso grau de perfeição cristã” é um produto puro e exclusivo da pedagogia de Dom Bosco<sup>50</sup>.

Este uso das fontes por parte do autor levanta certamente problemas de crítica documental, como os realçados pelo beneditino Henri Quentin em 1931-32 no decorrer dos processos de beatificação de Domingos Sávio<sup>51</sup>.

---

Valentina, irmã de Francisco, a carta em que D. Blanchi me avisava do depósito recebido, fui informado da dita visão que, examinadas as circunstâncias, julgo exata» (ASC A1010912: lett. F. Pepino - G. Bosco, 6 giu. 1864, f1r).

<sup>46</sup> Cf. *Besucco*, c. XXXIII.

<sup>47</sup> Cf. o testemunho do enfermeiro de Valdocco (ASC A1010913: lett. I. Mamardi - G. Bosco, s.d. [gen. 1864]), o elaborado relatório do padre Domenico Ruffino (ASC A1010915: *Relazione intorno a Besucco Francesco*, ms Ruffino, s.d. [gen.-feb. 1864]) e testemunhos de coletâneas feitas através do companheiro Francesco Botto (ASC A1010917: lett. F. Botto - G. Bosco, 21 gen. 1864).

<sup>48</sup> Cf. ASC, A1230106/7: relatórios s.d. de Matteo Galleano e de outro companheiro anônimo.

<sup>49</sup> Cf. ASC, A2320101: *In morte di Michele Magone di Carmagnola*, ms Zattini, 23 feb. 1859.

<sup>50</sup> CAVIGLIA, *Il “Magone Michele”, una classica esperienza educativa*, in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, V, 132.

<sup>51</sup> Cf. Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. III: *La canonizzazione (1888-1934)*, Roma, LAS, 1988, 211-224.





Não obstante isso, tendo em conta o gênero literário, a mentalidade e os objetivos prefixados pelo autor, parece evidente que Dom Bosco não fez «trabalho de manipulação para construir um modelo a propor aos jovens e aos ambientes populares» em prejuízo da verdade histórica: na vida concreta dos seus três garotos «reconheceu sobretudo, e não só ele, a personificação daquilo que ardentemente desejava»<sup>52</sup>, e colocou-o debaixo dos olhos dos leitores para servir de exemplo.

A análise do modo de trabalhar as fontes leva-nos à convicção de que o interesse destas biografias não se deve buscar na quantidade dos dados biográficos oferecidos nem no rigor filológico com que os documentos são tratados, mas no valor testemunhal da mensagem pedagógica e espiritual que o autor pretende entregar aos leitores seus contemporâneos.

#### 4.3. O texto e as suas partes

Encontramo-nos perante três escritos diferentes entre si: «A *Vita del giovanetto Savio Domenico* é a reevocação edificante da existência de um jovem, que tinha incarnado na sua realidade efetiva uma completa santidade cristã adolescencial ao alcance de outros adolescentes decididos e audaciosos. É diferente das duas biografias seguintes, de Miguel Magone e Francisco Besucco, onde a narração é de um modo ou de outro idealizada – sobretudo na primeira –, com a intenção de tirar dela um modelo de vida adequado à média dos jovens das diversas origens e dos diferentes níveis espirituais»<sup>53</sup>. A narrativa põe em relevo personalidades inconfundíveis, esboçadas com traços essenciais no aspecto exterior, na sensibilidade espiritual, no temperamento e nos traços psicológicos. Diferente é o seu ponto de partida. Diferente é o modo da sua relação com os educadores. Diferente é a missão confiada a cada um, embora na unidade e coerência geral da mensagem proposta aos leitores. Domingos teve um «teor de vida notoriamente maravilhoso»<sup>54</sup>, «viveu uma vida mais alegre, virtuosa e inocente»<sup>55</sup>, cultivou a virtude, que parecia «nascida com ele», «até ao heroísmo» durante toda a sua vida<sup>56</sup>. Miguel, rapaz «abandonado a si próprio», corria o risco «de começar a percorrer o triste caminho do mal», mas escutou o amoroso chamamento do Senhor que o convidava «a segui-l'Ó» e «constantemente correspondendo à graça divina chegou a provocar admiração a todos os que o conheceram»<sup>57</sup>. Francisco correspondeu com generosidade aos cui-

<sup>52</sup> *Ibid.*, 218, que sintetiza a resposta de Alberto Caviglia às objeções de Quentin.

<sup>53</sup> BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani*, I, 327.

<sup>54</sup> *Savio*, prólogo.

<sup>55</sup> *Ibid.*, c. XXVII.

<sup>56</sup> Cf. *Magone*, prólogo.

<sup>57</sup> *Ibid.*, prólogo.





dados educativos dos pais, do pároco e do professor, demonstrou «um grau de ciência ordinariamente superior» à sua idade, «grande diligência em aprender», «memória feliz para fixar as coisas ouvidas ou lidas», e foi favorecido de «modo especial» por «luzes» divinas<sup>58</sup>, sobretudo no espírito de oração, de forma a ser «capaz de recolher o seu espírito para o elevar ao Senhor» em qualquer momento do dia<sup>59</sup>.

Tais diferenças refletem-se na disposição narrativa. Todavia a arquitetura da narrativa repete-se quase idêntica nas três biografias. Nela reconhecemos uma tríplice segmentação, introduzida pelo prólogo e seguida de um epílogo: a vida familiar, a inserção no Oratório, a doença e a morte. Cada biografia atribui peso diferente a cada uma destas seções, na base das fontes disponíveis, na significatividade dos acontecimentos e das mensagens que se querem veicular.

Na *Vita del giovanetto Savio Domenico*, a mais elaborada, os episódios que precedem o encontro com Dom Bosco (c. VII) são distribuídos em seis capítulos (cc. I-VI); treze capítulos ilustram o período decorrido em Valdocco (cc. VIII-XX); cinco narram a doença e a morte (cc. XXI-XXV); os últimos dois constituem o epílogo que reassume a dupla mensagem da obra, uma confiada ao elogio fúnebre do prof. Picco (Domingos é modelo de vida virtuosa e de exatidão nos deveres<sup>60</sup>), e outra orquestrada com a participação coral dos companheiros, do pai, do próprio narrador (Domingos é um santo ao qual recomendar-se<sup>61</sup>).

O *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele*, desenvolvido e cativante, reassume num simples parágrafo a vida precedente (a cartinha do vice-pároco, c. II), e inicia-se com a cena do encontro na estação de Carmagnola (c. I), um *incipit* literário felicíssimo; onze capítulos são dedicados ao período decorrido na casa do Oratório (cc. II-XII); outros três à doença e à morte (cc. XIII-XV); um ao epílogo (c. XVI).

O *Pastorello delle Alpi* consagra bem quinze capítulos à história precedente (cc. I-XV), pondo assim em grande destaque a educação familiar e paroquial, em prejuízo da fluidez narrativa; onze capítulos apresentam o «teor de vida do Oratório» (cc. XVI-XXVI); cinco descrevem o decurso da doença e a morte (cc. XXVII-XXXI); os três últimos constituem o epílogo (cc. XXXII-XXXIV).

<sup>58</sup> *Besucco*, prólogo.

<sup>59</sup> *Ibid.*, c. XXII.

<sup>60</sup> *Savio*, c. XXVI.

<sup>61</sup> *Ibid.*, c. XXVII; esta mensagem será reforçada pela 2ª ed. e seguintes com o acréscimo do longo *Apêndice de graças obtidas de Deus por intercessão de Domingos Sávio*.





Idêntico é também o processo de composição, caracterizado por uma estratégia própria deste gênero literário que permite dar a máxima evidência ao protagonista e à mensagem. Parte-se com um procedimento *cronológico* para a narração do período que vai do nascimento até a entrada no Oratório (Sávio e Besucco), ao qual se dedica uma série de capítulos para ilustrar o processo formativo dos protagonistas e delinear a sua personalidade; em Magone esta função é desempenhada pelos primeiros dois capítulos. Os capítulos que estão no coração das três narrativas, em que a intenção didática é prevalente, caracterizam-se por um tratamento *temático* que resulta o mais eficaz em função da apresentação da mensagem que o autor entende propor aos leitores. Retoma-se o registo *cronológico* para a reevocação comovida e envolvente do declínio físico e da morte dos protagonistas. Os capítulos conclusivos orientam para a “lição” a tirar e sublinham alguns pontos que o autor tem mais a peito.

Semelhantes são algumas associações narrativas que dão ritmo à narrativa, ilustram os progressos interiores dos garotos, põem em relevo as teses educativas:

1) a importância da primeira comunhão bem preparada de Domingos e de Francisco, e a influência moral e espiritual sobre a sua vida;

2) a viva descrição do primeiro encontro e dos seguintes entre os garotos e o diretor do Oratório, com a reconstrução dos diálogos e das dinâmicas de comunicação;

3) a colocação em cena dos momentos críticos e da sua solução, ocasião fecunda oferecida ao educador para uma intervenção destinada a serenar, estimular a reflexão, induzir aprofundamentos e tomadas de consciência, favorecer processos de reformulação na percepção de si e do sentido da vida, levar a opções de valor, à assunção de compromissos;

4) a delicada gestão psicológica e espiritual da doença final mediante uma abordagem que dê serenidade e seja espiritualmente fecunda.

## 5. Chaves de interpretação

De quanto se disse, resultará evidente que os «jovens caríssimos», isso é, os leitores previstos pelo autor no ato da escrita, hoje já não existem. Esses, com efeito, revelam anseios, esquemas mentais e sensibilidades em grande parte estranhos aos atuais. Se queremos fazer nosso o seu método e apresentar modelos de vida significativos e estimulantes para os nossos jovens, não podemos colocar nas suas mãos estas biografias sem uma mediação interpretativa que descodifique os núcleos essenciais da mensagem e a torne significativa.





É uma operação de algum modo prevista nas histórias de vida narradas por Dom Bosco. De fato, não só ele, aqui e ali, oferece instruções explícitas de leitura, mas quando entra em cena na narrativa, como diretor do Oratório, confidente ou confessor, e entra em diálogo educativo com os jovens, procede de forma interativa, solicitando a sua colaboração, induzindo reflexões que abrem horizontes de par em par, pedindo tomadas de consciência, sensibilizando para sistemas de valor e de sentido postos em planos diferentes daqueles que se tem na experiência comum cotidiana. As *Vidas* mesmas, portanto, com a técnica da narrativa e da representação, além de comunicar modelos e modalidades práticas de comportamento virtuoso, ilustram as motivações que induzem tais comportamentos, apresentam os seus êxitos satisfatórios e procuram torná-las atraentes através de um envolvimento emotivo.

Hoje os destinatários principais destas biografias são os educadores que querem inspirar-se no método de Dom Bosco: a eles compete a tarefa de aprofundar criticamente a sua mensagem para a interpretação e para a atualização operativa.

As chaves de interpretação para uma leitura fecunda são principalmente de dois tipos: aquelas que o autor fornece, expressão da sua intenção primária; e aquelas que podemos estabelecer a partir das nossas perguntas e dos nossos interesses enquanto estudiosos ou continuadores da missão e da pedagogia de Dom Bosco<sup>62</sup>.

### 5.1. Os percursos de leitura sugeridos pelo Autor

A introdução e o epílogo de cada biografia oferecem chaves de interpretação precisas. No prólogo da *Vida* de Domingos Sávio, Dom Bosco afirma que a representação do teor de vida «maravilhoso» e das virtudes «especiais» do rapaz tem a intenção de levar os leitores a tirar «proveito», a passar da admiração à imitação operativa<sup>63</sup>. O percurso de leitura sugerido, portanto, orienta a busca dos estados de ânimo, dos sentimentos, das atitudes, das opções e dos comportamentos virtuosos que caracterizam o modelo de vida proposto à imitação. É uma ideia retomada no epílogo<sup>64</sup>, com o acréscimo de uma indicação pontual, que focaliza uma das charneiras da pedagogia religiosa de Dom Bosco: «Mas não deixemos de imitar Domingos Sávio na frequência do sacramento da Confissão, que foi o seu sustentáculo na prática constante da virtude, e foi guia seguro que o con-

<sup>62</sup> Um exemplo de leitura pedagógica deste tipo é oferecido por Carlo NANNI, *Destinazione educativa, convinzioni pedagogiche e idea di educazione. Lettura pedagogica della "Vita"*, in *Domenico Savio raccontato da don Bosco*, 155-176.

<sup>63</sup> *Savio*, prólogo.

<sup>64</sup> *Ibid.*, c. XXVII.





duziu a um final de vida tão glorioso. Aproximemo-nos com frequência e com as devidas disposições deste banho salutar no decurso da nossa vida [...]. Parece-me que este é o meio mais seguro para viver dias felizes no meio das aflições da vida, no fim da qual veremos também nós com serenidade aproximar-se o momento da morte»<sup>65</sup>.

Esta mesma tese está presente também nas outras biografias, especialmente no *Perfil biográfico* de Miguel Magone<sup>66</sup>. Todavia, o prólogo desta última não se limita a sugerir a imitação de um ou de outro aspecto virtuoso; indica um processo mais profundo e pessoal, sugere a dinâmica evangélica da escuta e da correspondência: «Nesta [biografia] de Magone temos um jovenzinho que entregue a si mesmo estava em perigo de começar a percorrer o triste caminho do mal; mas que o Senhor convidou a segui-l'O. Escutou ele o amoroso chamamento e correspondendo constantemente à graça divina chegou a suscitar admiração em quantos o conheceram, tornando-se assim evidente como são maravilhosos os efeitos da graça de Deus para com aqueles que se empenham em corresponder-lhe»<sup>67</sup>. Só a docilidade operativa aos impulsos da graça é capaz de produzir frutos de «zelo, amor e caridade», permite ser «bom, casto, devoto e virtuoso» e «morrer alegre, sereno, calmo, confiante na divina misericórdia»<sup>68</sup>. O leitor, portanto, é orientado para uma busca das formas de escuta e de correspondência na história espiritual do biografado, na simplicidade do seu viver cotidiano: tudo «coisas fáceis, faz notar o autor, mas feitas «com perseverança» se tornaram «o caminho que conduziu o nosso Miguel a um maravilhoso grau de perfeição»<sup>69</sup>.

Na introdução da *Vida* de Francisco Besucco, de um modo mais simples Dom Bosco apresenta-se como «um pai que fala de um filho ternamente amado; um pai, que dá largas aos afetos paternos» para instruir os leitores «na prática das virtudes»<sup>70</sup>. Portanto aqui se propõe uma leitura calma, afetuosa e contemplativa da palavra de Dom Bosco. É necessária também alguma paciência: de fato, as digressões narrativas são frequentes, sobretudo nos primeiros quinze capítulos, tirados da documentação enviada pelo bom pároco de Argentera. Dom Bosco renunciou a alterá-los, talvez porque os sente em sintonia com o seu mesmo espírito e lhe parecem que representam de modo encantador o ânimo bom e submisso de Francisco, o seu caráter calmo e tranquilo, a profundidade dos seus senti-

<sup>65</sup> *Ibid.*, c. XXVII.

<sup>66</sup> Cf. *Magone*, c. V.

<sup>67</sup> *Ibid.*, prólogo.

<sup>68</sup> *Ibid.*, c. XVI.

<sup>69</sup> *Ibid.*, c. IX.

<sup>70</sup> *Besucco*, prólogo.





mentos afetuosos. Talvez também por reproduzirem com eficácia a riqueza humana de um ambiente popular simples e genuíno, radicado nos valores tradicionais, como tinha sido o da sua infância nos Becchi: uma sociedade profundamente cristã, de que tinha grande nostalgia e que naqueles anos começava a desaparecer.

Todas as três *Vidas* terminam com um convite a estar preparado para uma boa morte. É um tema caro à espiritualidade tradicional que fazia dos Novíssimos o tema preferido de meditação e de pregação. Na pedagogia de Dom Bosco, era declinado com acentuações particulares, em função da conversão «franca e resoluto»<sup>71</sup> do coração e do dom total de si a Deus, que dá origem a uma vivência ardente, rica de frutos espirituais, de compromisso ético e simultaneamente alegre. Era esta a perspectiva na qual se celebrava mensalmente o exercício da boa morte<sup>72</sup>: para educar à visão cristã da morte, para estimular uma eficaz e periódica revisão da sua própria alma e das suas próprias ações, para encorajar um estilo de vida constantemente aberto à ação da graça, sereno, fecundo de obras e de frutos, para preparar positivamente o espírito para o encontro com o Senhor. Não por acaso os capítulos conclusivos apresentam as últimas horas dos três protagonistas como uma espera fervorosa e serena do encontro. Admiramos estupefatos os diálogos, os “recados” para o paraíso, as despedidas<sup>73</sup>. O momento da morte depois é descrito quase como um arroubo estático: Domingos «com voz clara e alegre» despede-se de seu pai e exclama: «Oh! que beleza estou agora a ver...» e apagou-se «a sorrir com ar celestial»; Miguel expira «com a serenidade habitual no rosto e com o sorriso nos lábios», depois de ter beijado o crucifixo e ter dito a invocação: *Jesus, Maria e José nas vossas mãos entrego a minha alma*; os momentos finais da vida de Francisco são caracterizados por fenômenos extraordinários e ardores irreprimíveis: «Parecia brilhar no seu rosto uma beleza, um esplendor tal que fez desaparecer todas as outras luzes da enfermaria»; «levantando um pouco a cabeça e estendendo as mãos o mais que podia como quem aperta a mão a uma pessoa amada, começou com voz alegre e sonora a cantar assim: *Louvai a Maria* [...]. Depois fazia esforços para elevar mais a sua pessoa, que de fato se ia elevando, enquanto estendendo as mãos postas de forma piedosa, se

<sup>71</sup> Cf. *Magone*, c. V.

<sup>72</sup> Dom Bosco explica-o assim: «Consiste este exercício em preparar-se para fazer uma confissão e comunhão como se fossem as últimas da vida» (*Savio*, c. XXI).

<sup>73</sup> «Mas, antes de te deixar partir para o paraíso, queria encarregar-te de um recado [...]. Quando chegares ao paraíso e vires Maria Santíssima, dá-lhe humildes e respeitosos cumprimentos meus e de todas as pessoas que se encontram nesta casa. Pede-lhe que se dignar dar-nos a sua santa bênção, acolher-nos sob a sua poderosa proteção e ajudar-nos de modo a que nenhum dos que estão nesta casa ou que a Divina Providência nos enviar se venha a perder» (*Magone*, c. XV).





pôs de novo a cantar assim: *Ó Jesus de amor inflamado* [...]. Parecia um anjo com os anjos do paraíso». No fundo é para este ponto que confluem todos os discursos de Dom Bosco, é este o coração da sua mensagem<sup>74</sup>. Todo o resto aparece em função disso: a sua arte de educar, o seu acompanhamento afetuoso e criativo, os conselhos dados e o programa de vida, a devoção mariana e os sacramentos, tudo está orientado para o objeto primeiro dos seus pensamentos e das suas preocupações, para o *grande negócio* da salvação eterna<sup>75</sup>. Assim termina a *Vida* de Domingos Sávio: «E então de rosto alegre, com o coração em paz iremos ao encontro de nosso Senhor Jesus Cristo, que com bondade nos acolherá para nos julgar segundo a sua grande misericórdia e nos conduzir, como espero para mim e para ti, ó leitor, das tribulações da vida à bem-aventurada eternidade, para O louvar e bendizer por todos os séculos. Assim seja»<sup>76</sup>.

Esta pista de leitura tinha impacto seguro na sensibilidade religiosa dos leitores do tempo. Hoje, no clima cultural e espiritual em que nos movemos, parece estranha. Somos levados a pô-la de lado, fazendo seleções, concentrando-nos nos aspectos atuais e dinâmicos, excluindo os que julgamos arcaicos ou irrelevantes para a compreensão de Dom Bosco e da sua mensagem pedagógica. É o que acontece quando citamos a feliz expressão de Domingos Sávio: «Ficas a saber que nós aqui fazemos consistir a santidade em estar muito alegres», e a extrapolamos, separando-a do resto do discurso, no qual o jovem discípulo sintetiza de modo feliz a proposta formativa do Mestre: «Nós procuraremos apenas evitar o pecado, como um grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração, procuremos, portanto, cumprir com exatidão os nossos deveres, e frequentar as práticas de piedade. Começa desde hoje a tomar nota disso como recordação: *Servite Domino in laetitia*, sirvamos o Senhor em santa alegria»<sup>77</sup>.

<sup>74</sup> «Queria que juntos tirássemos uma conclusão que fosse vantajosa para mim e para ti. É certo que, mais tarde ou mais cedo, a morte virá para ambos e talvez mais depressa do que possamos imaginar. É igualmente certo que, se não praticarmos boas obras durante a vida, não poderemos recolher o seu fruto à hora da morte nem esperar de Deus qualquer recompensa. [...] Coragem, leitor cristão, coragem para praticar boas obras enquanto temos tempo; os sofrimentos são passageiros e o prêmio celeste é eterno. [...] O Senhor nos ajude, a ti e a mim, a perseverar na observância dos seus preceitos nos dias da nossa vida, a fim de podermos depois um dia ir gozar no céu aquele grande bem, aquele sumo bem pelos séculos dos séculos. Assim seja» (*Besucco*, conclusão).

<sup>75</sup> «A Divina Providência, que ensina o homem ao chamá-lo em idade propecta ou juvenzinho imberbe, nos conceda a grande graça de estarmos preparados para aquele último momento do qual depende a eternidade feliz ou infeliz. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo nos sustente na vida e na morte e nos mantenha firmes no caminho que conduz ao céu» (*Magone*, prólogo).

<sup>76</sup> *Savio*, c. XXVII.

<sup>77</sup> *Ibid.*, c. XVIII.





Para isso é necessária a leitura integral destas biografias, respeitadas na sua coerência interna, nos horizontes de sentido em que se situam, com atenção aos pormenores e sem filtragens. Ela resultará certamente fecunda em função de um mais completo conhecimento de Dom Bosco e da sua articulada proposta formativa. Ao mesmo tempo oferecer-nos-á um estimulante termo de confronto para reflexão crítica sobre os nossos programas e projetos educativos.

## 5.2. A observação de Dom Bosco em ação

As chaves de interpretação emergentes das questões que nos colocamos como discípulos de Dom Bosco e educadores de jovens face a estas pequenas biografias abrem percursos de leitura diversos e estimulantes: como podem ser reformuladas hoje as linhas de força do programa formativo proposto por Dom Bosco? Qual é o modelo de integração educativa entre família, paróquia, escola e oratório? Quais são as características do ambiente educativo e as atitudes qualificantes do educador descrito nestes livrinhos?

De que modo o Santo se relaciona com os seus alunos? Como os acompanha nos momentos críticos? Quais são as formas de envolvimento ativo dos educandos no cuidado formativo dos companheiros? Que relação estabelece o autor entre educação, formação cristã e vida espiritual?

Entre as várias pistas de leitura, limitamo-nos a sugerir a análise das cenas em que se descreve a relação pessoal entre Dom Bosco e os protagonistas, para delas colher atitudes caracterizantes e dinâmicas.

Notemos primeiramente o relevo dado aos diálogos com os três garotos, a começar pelo primeiro encontro. Sobressaem-se de forma evidente as características da conversação educativa e preventiva e da específica modalidade relacional criada pelo educador em função do trabalho seguinte. Como podemos constatar pelas *Vidas* de Domingos Sávio e Miguel Magone<sup>78</sup>, o objetivo do primeiro encontro é o conhecimento, necessário para a confiança e para a confiança recíproca: através do acolhimento cordial do jovem e da generosa disponibilidade para se encarregar das suas necessidades, Dom Bosco ativa um canal de comunicação de tonalidade afetiva que abre os corações àquele tipo de interação que é característica do sistema educativo do Oratório. A abordagem é sempre informal, empática, coloquial: situa-se no nível do interlocutor, enceta um diálogo sereno, familiar – verbal ou não verbal –, de forma a ultrapassar a desconfiança, permitindo ao rapaz exprimir-se livremente. Assim pode recolher informações essenciais sobre a condição, a história, o estado de espírito, sobre as características temperamentais e a necessidade educativa de quem está à sua frente. Identificadas as suas expectativas, oferece-lhe oportunidades e soluções concretas, e ajuda-o a levantar

<sup>78</sup> Cf. *ibid.*, c. VII; *Magone*, c. I.





o olhar, a descobrir novos horizontes. Pela sua parte, o rapaz experimenta uma sensação de acolhimento, sente-se compreendido e amado, descobre as oportunidades oferecidas pela relação com um adulto paterno, dedicado e respeitoso, com o qual compreende poder contar. Sente-se assim estimulado a corresponder, levado à confiança. Esta primeira conversa, que se conclui com a decisão de admitir o jovem no Oratório, suscita no seu ânimo um sentimento de gratidão, de alegre expectativa, de desejo: premissas fecundíssimas para uma feliz relação educativa. O encontro seguinte, no momento de inserção na comunidade, apresenta as características de um “contrato” educativo, em que ao acolhimento generoso do educador corresponde a promessa e o compromisso do rapaz<sup>79</sup>.

O coração das biografias é constituído pela descrição de uma *crise*, que toca de forma diferente os protagonistas e resulta determinante no enredo narrativo. A narração da sua superação, no colóquio entre educador e educando, proporciona a ocasião de ilustrar, incarnada na história dos três garotos, a mensagem que o autor entende oferecer aos leitores. São situações diferentes, ligadas às características pessoais de cada protagonista. Em Domingos o momento crítico sobrevém seis meses após a sua entrada em Valdocco, depois da oferta oblativa de si feita por ocasião do dia 8 de dezembro de 1854, da qual tinha brotado uma *conduta moral* «tão edificante e associada a tais atos de virtude» que surpreendeu o seu formador<sup>80</sup>. O estado de ânimo em que se encontra é o da disponibilidade incondicional à ação interior da graça e aos estímulos formativos dos educadores. Assim, é suficiente uma exortação à santidade para desencadear no seu íntimo desejos irreprimíveis de perfeição: a sua é uma crise “mística”, que a intervenção do diretor espiritual orienta para a perfeição virtuosa no cotidiano e em função apostólica, prevenindo devaneios intimistas e fugas da realidade<sup>81</sup>.

Miguel Magone, após um mês de estadia na casa do Oratório, através da mediação de um bom companheiro, colocado a seu lado por Dom Bosco, e em contato com a qualidade moral do ambiente, toma consciência vivíssima da sua própria mediocridade: a sua é uma crise “ética”, caracterizada por sentimentos de culpa e angústias. Miguel consegue sair deles com as suas próprias forças, após um diálogo que o serenou com o educador que lhe sugere as hipóteses de solução. É um processo de conversão, que lhe permite aceder a um estado de serenidade espiritual nunca antes experimentada e apropriar-se de um novo sistema de valores, ao qual adere livremente, com totalidade e gosto<sup>82</sup>.

<sup>79</sup> Cf. *Magone*, c. II.

<sup>80</sup> Cf. *Savio*, c. VIII.

<sup>81</sup> Cf. *ibid.*, c. X.

<sup>82</sup> Cf. *Magone*, c. III e IV.





Francisco Besucco, a poucos dias da sua chegada a Turim, é invadido pelas saudades de casa, sente-se desorientado num ambiente tão diferente do seu: a sua é uma crise “cultural” e afetiva, caracterizada pelo sentimento de inadaptação, desorientação e inferioridade em relação aos companheiros. Em conversa afetuosa com Dom Bosco, que o conforta e anima, é orientado para um programa de vida simplificado – «Pratica apenas três coisas e tudo correrá bem [...]: Alegria, Estudo, Piedade»<sup>83</sup> –, e encontra o modo de compensar construtivamente a dissonância cultural e alcançar a serenidade.

Não obstante a diversidade das experiências, a superação do momento crítico resulta para os três garotos numa passagem de crescimento humano e espiritual. É um processo de maturação, graças ao qual não só se resolve o problema e se recupera o equilíbrio interior, mas se consolida a identidade pessoal, se interiorizam valores, significados e modos de agir e se realiza uma mais profunda e radical entrega a Deus. Tudo isso permite uma acrescida consciência de si, uma reconfiguração da abordagem ao cotidiano e às relações humanas e crescimento na capacidade de amor oblato, de que nasce um impulso para a ação, alegria de viver, fervor espiritual e docilidade à ação da graça.

À resolução da *crise* seguem-se, em todas as três *Vidas*, alguns capítulos dedicados a ilustrar os itinerários educativos empreendidos pelos protagonistas sob a guia do educador. Para além das diversas acentuações, pode facilmente se constatar a implementação unitária do programa formativo delineado pelo autor nestas biografias. Basta seguir os títulos dos capítulos para ver a sua sintonia. O acento é posto no uso escrupuloso do tempo e na diligência no cumprimento dos deveres cotidianos, enfrentados com amor e com alegria, na prática regular dos sacramentos da confissão e da comunhão, na devoção mariana, no exercício prático das virtudes (a obediência, a caridade, a mortificação dos sentidos, a castidade), em todas as formas de serviço para com o próximo, nas boas amizades, no ardor apostólico.

## 6. Convite à leitura

Por que ler hoje estas biografias edificantes? Antes de tudo porque são um precioso documento de vida, um discurso de Dom Bosco sobre a experiência dos três protagonistas reservado a leitores atentos. Através delas podemos entrar no seu mundo interior, aceder às suas visões e às suas preocupações, compreender quanta confiança colocava nos recursos da alma juvenil. São lidas também como espelho de um humanismo educativo total que hoje merece ser reconsiderado, de uma fascinante cultura

<sup>83</sup> Cf. *Besucco*, c. XVII.





do espírito que a marca do tempo não ofuscou. Na sua simplicidade restituem um sopro moral, um entusiasmo educativo e uma tensão pastoral, de cuja contemplação muito temos a aprender para não sucumbir na desilusão e na mediocridade. São a expressão de uma proposta formativa, de uma metodologia educativa e de uma espiritualidade que nos parece tão distante do mundo juvenil de hoje, mas sentimos importante: está distante pelo afastamento temporal e cultural, pelo desaparecimento daquela tensão moral e ideal que caracterizava a juventude do século XIX; todavia continua importante pela força carismática e profética que contém, pelos estímulos de que é portadora, pelas salutares perturbações que pode suscitar na nossa consciência de educadores.

Como lê-las? Com afeto, com curiosidade e com respeito. O afeto de filhos pela memória de um pai amado, pela herança espiritual e pelo patrimônio de experiência e de sabedoria que nos deixou; a curiosidade do explorador que sobe a corrente de um grande rio para descobrir a sua nascente e desceder-se na pureza das suas águas; o respeito com o qual o autor, que é também confidente e confessor, contemplou estupefato os seus progressos.

São também lidas com abertura mental, com atenção e com sensibilidade. A abertura mental é antes de tudo honestidade intelectual e abandono de qualquer preconceito, a começar por aquele insidioso sentimento de superioridade cultural e teológica que com frequência transparece nos estudos sobre a experiência religiosa do passado, aquela que definimos como “popular” e “devocional”; a atenção implica um estudo cuidadoso do texto, da sua organização, dos seus possíveis níveis de leitura, das suas alusões; a sensibilidade traduz-se num esforço por uma aproximação empática dos personagens, na escuta das repercussões da narrativa sobre o nosso espírito, na atenção às razões de Dom Bosco, aos diversos acentos que ele põe aqui e ali.

As *Vidas* não são apenas monumentos à adolescência do bom tempo passado, miniaturas deliciosas de uma realidade educativa na sua fase carismática: constituem uma mediação eficaz para entrar naquele mundo conduzido pela mão do narrador e deixar-nos instruir por ele.





## Bibliografia

BOZZOLO A., *Missione e santità di Domenico Savio. Lettura teologica della "Vita"*, in *Domenico Savio raccontato da don Bosco. Riflessioni sulla "Vita"*. Atti del Simposio (Università Pontificia Salesiana, Roma, 8 maggio 2004), a cura di A. Giraud, Roma, LAS, 2004, 103-153.

BRAIDO P., *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, Roma, LAS, 2009, 301-318; 327-331.

—, *Prevenire non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*, Roma, LAS, 2000.

CAVIGLIA A., *Savio Domenico e don Bosco. Studio*, in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*, vol. IV, Torino, Società Editrice Internazionale, 1943, 5-590.

—, *Il "Magone Michele una classica esperienza educativa. Studio, Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, vol. V, Torino, Società Editrice Internazionale, 1965, 131-200.

—, *La Vita di Besucco Francesco scritta da Don Bosco e il suo contenuto spirituale*, in *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, vol. VI, Torino, Società Editrice Internazionale, 1965, 105-262.

NANNI C., *Destinazione educativa, convinzioni pedagogiche e idea di educazione. Lettura pedagogica della "Vita"*, in *Domenico Savio raccontato da don Bosco*, 155-176.

PRELLEZO J. M., *La "Vita" di Domenico Savio scritta da don Bosco nella storiografia salesiana (1859-1954)*, in *Domenico Savio raccontato da don Bosco*, 61-102.

STELLA P., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica. II: Mentalità religiosa e spiritualità*, Roma, LAS, 1981, 205-211.

—, *Il modo di lavorare di don Bosco*, in *Domenico Savio raccontato da don Bosco*, 11-30.

—, *Per una storia dell'agiografia in età contemporanea. Il "giovanello Savio Domenico" (1859) di san Giovanni Bosco*, in *Vita religiosa, problemi sociali e impegno civile dei cattolici. Studi storici in onore di Alberto Monticone*, a cura di A. Sindoni e M. Tosti, Roma, Studium, 2009, 143-167.

—, *Santi per giovani e santi giovani nell'Ottocento*, in *Santi, culti, simboli nell'età della secolarizzazione (1815-1915)*, a cura di E. Fattorini, Torino, Rosenberg & Sellier, 1997, 563-586.





## **Cr terios da Edi o Portuguesa**

Considerando as finalidades e os destinat rios desta publica o, (que n o   uma edi o cr tica) adotamos os seguintes cr terios:

- a) adapta o da pontua o e da acentua o segundo o uso atual;
- b) uso uniforme das iniciais mai sculas nos nomes comuns;
- c) uso do travess o nos di logos para introduzir as interven es dos v rios interlocutores;
- d) transcri o correta de datas, de nomes pr prios ou de termos escritos de forma errada pelo autor;
- e) na numera o dos cap tulos mantivemos a numera o romana, tal como nas edi es originais.





## Abreviaturas

a.	ano
aa.	artigos
AAT	Archivio Arcivescovile, Torino
APARC	Archivio della Parrocchia Maria Assunta, Riva presso Chieri (Torino)
APSAC	Archivio della Parrocchia S. Andrea, Castelnuovo Don Bosco (Asti)
APSGM	Archivio della Parrocchia S. Giacomo Maggiore, Mondonio San Domenico Savio (Asti)
APSPPC	Archivio della Parrocchia santi Pietro e Paolo, Carmagnola (Torino)
ASC	Archivio Salesiano Centrale, Roma
aut.	autógrafo
AVA	Archivio Vescovile, Asti
B. V.	Beata Vergine
c.	capítulo
cav.	cavaliere
cf.	confrontar/ver
corr.	corrige
D.	Dom
ed.	edição
f.	folha
fasc.	fascículo
ins.	inserida/o
MB	G. B. Lemoyne - A. Amadei - E. Ceria, <i>Memorie biografiche di don [del venerabile servo di Dio / del beato / di san] Giovanni Bosco</i> , S. Benigno Canavese-Torino, Tipografia e Libreria Salesiana-Società Editrice Internazionale, 1898-1939, 19 voll.
mons.	monsenhor
ms.	manuscrito
OE	Giovanni Bosco, <i>Opere edite</i> . Prima serie: <i>Libri e opuscoli</i> , 37 vol., Roma, LAS, 1976-1977
r	frente
S.	santo/santa
S. M.	Sua Majestade
S. V.	Vossa Senhora
s.d.	sem data
sig.	senhor
SS.	santos/santíssimo/a
v	verso
vol.	volu





**João Bosco**

**Vida do adolescente**

**Domingos Sávio**

**Aluno do Oratório de São Francisco de Sales**





## Nota de introdução ao texto

Esta edição da vida de Domingos Sávio atém-se ao texto da última edição de autoria de Dom Bosco, a 5.<sup>a</sup> ed. (*Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales con appendice sulle grazie ottenute per sua intercessione*, per cura del sac. Giovanni Bosco, Torino, Tipografia e Libreria Salesiana, <sup>5</sup>1878, 158 p.), confrontada com as edições precedentes: 1.<sup>a</sup> ed. (*Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di san Francesco di Sales*, per cura del sacerdote Bosco Giovanni, Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859, 142 p.); 2.<sup>a</sup> ed. (Torino, Tip. Italiana di Fr. Martinengo e Comp., <sup>2</sup>1860, 176 p.); 3.<sup>a</sup> ed. (*Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di San Francesco di Sales con appendice sulle grazie ottenute per sua intercessione*; per cura del sacerdote Bosco Giovanni, terza edizione accresciuta, Torino, Tip. Italiana di Fr. Martinengo e Comp., <sup>3</sup>1861, 186 p.); 4.<sup>a</sup> ed. (*Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Franc. di Sales con appendice sulle grazie ottenute per sua intercessione*, per cura del sacerdote Bosco Giovanni, quarta edizione accresciuta, Torino, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales, <sup>4</sup>1866, 156 p.); confrontada também com a reedição estereotipada da 5.<sup>a</sup> ed. (Torino, Tipografia e Libreria Salesiana, 1880, 158 p.) e com a edição comentada por Alberto Caviglia (*Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, vol. IV, parte I: *La vita di Domenico Savio*, Torino, Società Editrice Internazionale, 1942, pp. 1-72). Deixamos todavia de parte o *Appendice sopra alcune grazie ottenute da Dio ad intercessione di Savio Domenico* (ed. <sup>5</sup>1878, pp. 130-153), introduzida na ed. <sup>2</sup>1860 (*Grazie ottenute da Dio ad intercessione di Savio Domenico*, pp. 152-172), com sete relatórios, que na ed. <sup>3</sup>1861 chegaram a dez, mantidos invariáveis nas edições posteriores.

Em nota são assinaladas as variantes textuais mais significativas ou os acréscimos feitos no decurso das várias edições. A inserção mais consistente é constituída pelo capítulo 16 (*Mortificação de todos os sentidos externos*), acrescentado na ed. <sup>2</sup>1860). Quando nos pareceu útil, inserimos nas notas outras informações de caráter documental e histórico.





## Prólogo

Jovens caríssimos,

várias vezes me pedistes que vos escrevesse alguma coisa acerca do vosso companheiro Domingos Sávio; e eu fiz o que pude para atender ao vosso piedoso desejo. Aqui tendes a sua vida narrada com aquela brevidade e simplicidade que é do vosso agrado.

Duas dificuldades se opunham à publicação deste trabalho.

A primeira é a crítica a que na maior parte dos casos se sujeita quem escreve sobre acontecimentos dos quais há uma multidão de testemunhas vivas. Esta dificuldade penso tê-la ultrapassado fazendo um esforço por narrar apenas aquilo que nós, vós e eu, vimos e que, quase na totalidade, conservo escrito e vós indicastes pessoalmente.

Outro obstáculo era o de muitas vezes ter de falar de mim, dado que, tendo este jovem vivido cerca de três anos nesta casa, me compete com frequência referir coisas em que tomei parte. Este obstáculo creio também tê-lo ultrapassado atendo-me ao rigor histórico de respeitar a verdade dos fatos, sem olhar às pessoas. Todavia, se encontrardes algum fato em que eu fale de mim com alguma complacência, atribuí-a ao grande afeto que eu dedicava ao amigo falecido e dedico a todos vós, afeto que me leva a abrir-vos o íntimo do meu coração, como faria um pai que fala aos seus amados filhos.

Algun de vós perguntará por que escrevi a vida de Domingos Sávio e não a de outros jovens que viveram no meio de nós com fama de virtude exemplar. É verdade, meus caros, a Divina Providência dignou-se enviar-nos vários modelos de virtude; tais foram Gabriel Fascio, Luís Rua, Camilo Gávio, João Massaglia<sup>84</sup>, e outros, mas as ações destes não foram

---

<sup>84</sup> *Gabriele Fascio (Fassio)*: falecido no Oratório em 1851 aos 13 anos de idade (P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale. 1815-1870*, Roma, LAS, 1980, 630); no leito de morte teria profetizado a explosão do paiol de Turim, ocorrida em 26 de abril de 1852 (G. BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, Roma, LAS, 2011, 192). *Luigi Tommaso Rua*: nascido em Turim (7 mar. 1834) de Giovanni e Giovanna Maria Ferrero, irmão do padre Miguel Rua; aluno exemplar dos Irmãos das Escolas Cristãs, depois operário na “Fucina delle canne”, frequentou o Oratório desde o inverno de 1844; morreu a 25 de fevereiro de 1851. *Carlo Giuseppe Gavio* (dito *Camillo*): natural de Tortona (Alessandria), entrou na casa do Oratório em novembro de 1855 para seguir o curso de escultura na Accademia Albertina; morreu a 27 de dezembro de 1855 (STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, 214). *Giovanni Celestino Filippo Massaglia*: nascido em Marmorito (Asti), a 1 de maio de 1838, de Pietro Giovanni e Anna Maria Caresio; chegou a Valdocco em novembro de 1853; a 30 setembro de 1855, Dom Bosco impôs-lhe o hábito clerical; devido a uma grave doença pulmonar regressou à casa dos pais onde faleceu em 20 de maio de 1856 (*ibid.*, 214; cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. M, 1855).





igualmente conhecidas e belas como as de Domingos Sávio, cujo teor de vida foi notoriamente maravilhoso. Por outro lado, se Deus me der saúde e graça, tenciono fazer o levantamento das ações destes vossos virtuosos companheiros, para estar em condições de satisfazer o vosso desejo e o meu ao dar-vo-las a ler e a imitar naquilo que é compatível com o vosso estado.

Nesta quinta edição acrescentei várias informações que espero venham a torná-la interessante mesmo para aqueles que já leram o que se imprimiu nas edições anteriores<sup>85</sup>.

Entretanto começai a tirar proveito do que vou escrevendo e dizei no vosso coração o que Santo Agostinho dizia: *Si ille, cur non ego?* Se um companheiro meu, da minha mesma idade, no mesmo lugar, exposto aos mesmos e talvez maiores perigos, encontrou tempo e modo de se manter fiel seguidor de Jesus Cristo, por que não poderei eu também fazer o mesmo? Recordai bem que a religião verdadeira não consiste apenas em palavras; é preciso passar às obras<sup>86</sup>. Por isso, encontrando alguma coisa digna de admiração, não vos contenteis com dizer: *isso é belo, isso agrada-me*. Dizei antes: *quero empenhar-me em fazer aquilo que outros fizeram e que me encanta*.

A vós e a todos os leitores deste livro queira Deus conceder saúde e graça para aproveitar de quanto nele lerem, e que a Virgem Santíssima, de quem o jovem Domingos Sávio era fervoroso devoto, nos obtenha a graça de formar um só coração e uma só alma para amar o nosso Criador, o único digno de ser amado sobre todas as coisas e fielmente servido todos os dias da nossa vida.

---

<sup>85</sup> Nesta quinta ... impressa: corr. um texto ins. ed. 21860: «Nesta 2.<sup>a</sup> edição foram acrescentadas várias notícias importantes que a tornarão interessante mesmo para quem já leu a primeira edição impressa».

<sup>86</sup> Cf. Tg 2,14-26.





## Capítulo I

### Pátria | Caráter deste jovem | Seus primeiros atos de virtude

Os pais do jovem, cuja vida pretendo escrever, foram Carlos Sávio e Brígida, sua mulher<sup>87</sup>, pobres mas honestos habitantes de Castelnuovo d'Asti<sup>(88)</sup>, povoação situada a doze quilômetros de Turim<sup>89</sup>. Em 1841, achando-se os humildes esposos em grandes dificuldades por falta de trabalho, foram

<sup>87</sup> *Carlo Baldassarre Savio*: nascido em Ranello, localidade de Castelnuovo d'Asti, em 8 de novembro de 1815, de Domenico e Caterina Chiara; enviuvou em 1871, foi acolhido no Oratório, onde se tornou útil como ferreiro; morreu em Valdocco a 16 de dezembro de 1891. *Brigida Rosa Anna Dorotea Gaiato*: nascida em Cerreto d'Asti em 2 de fevereiro de 1820, filha de Giuseppe e Teresa Tosino, costureira de profissão; morreu em Mondônio em 14 de julho de 1871. Carlo e Brigida casaram no dia 1 de março de 1840 em Cerreto d'Asti (cf. extrato da ata de casamento in ASC A4920102); tiveram 10 filhos: o primeiro, Domenico Carlo, viveu poucos dias (3-18 nov. 1840); o nosso Domingos foi o segundo; depois vieram Carlo (15-16 fev. 1844), Remondina (1845-1913), Maria (1847-1859), Giovanni (1850-1894), Guglielmo (1853-1865), Caterina (1856-1915?), Teresa (1859-1933), Luigia (1863-1864), cf. M. MOLINERIS, *Nuova vita di Domenico Savio: quello che le biografie di san Domenico Savio non dicono*, Colle Don Bosco (At), Ist. Sal. "Bernardi Semeria", 1974, 24.

<sup>88</sup> «Antigamente se chamava Castelnuovo di Rivalba, porque dependia dos condes Biantdrate, senhores desta localidade. Por volta de 1300, tendo sido conquistado pelos astigianos, foi designado Castelnuovo d'Asti. – Naquele tempo tinha muita gente industriosa e aplicadíssima ao comércio, que se estabelecia em várias cidades da Europa. Foi berço de muitos homens célebres. O famoso Argentero Giovanni, chamado o *grande médico* daquele século, nasceu em Castelnuovo d'Asti em 1513; escreveu muitas obras de vasta erudição. Era muito piedoso e muito devoto da santa mãe de Deus e erigiu em sua honra a capela da *B.V. del popolo* na igreja paroquial de Santo Agostinho em Turim. O seu corpo foi sepultado na igreja metropolitana com uma honrosa inscrição que ainda pode ler-se. Muitos personagens tornaram ilustre esta terra. Ultimamente foi o sacerdote Giuseppe Caffasso, homem de grandíssima piedade, ciência teológica e caridade para com os doentes, encarcerados, condenados à morte e infelizes de todo o gênero. Nasceu em 1811 e morreu em 1860 (V. Casalis, *diz.*)» (nota ins. ed. 41866). Estes traços foram tirados de G. CASALIS, *Dizionario geografico storico-statistico-commerciale degli Stati di S. M. il Re di Sardegna*, vol. IV, Torino, Cassone-Marzorati-Vercellotti, 1837, 196-200; um perfil de Caffasso é publicado nas *Letture Cattoliche*: G. BOSCO, *Biografia del sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri*, Torino, Tip. G.B. Paravia e Comp., 1860.

<sup>89</sup> *Castelnuovo d'Asti* (hoje *Castelnuovo Don Bosco*): comuna da prov. de Asti; contava então 3.332 habitantes (censo 1848), distribuídos entre a sede e quatro povoados, Morialdo, Bardella, Nevissano, Ranello (cf. G. STEFANI, *Dizionario generale geografico-statistico degli Stati Sardi desunto dalle più accreditate opere corografiche, dalle recenti statistiche ufficiali e da documenti inediti*, Torino, Pomba, 1855, 272). *Dez milhas*: 25 quilômetros; a milha piemontesa correspondia a 2,5km (cf. G. BOSCO, *Il sistema metrico decimale ridotto a semplicità... ad uso degli artigiani e della gente di campagna*, Torino, Gio. Battista Paravia e Comp., 1849, 45).





morar em Riva<sup>90</sup>, a quatro quilômetros de Chieri, onde Carlos começou a exercer o ofício de ferreiro que tinha aprendido ainda muito novo. Passado algum tempo, abençoou Deus o seu matrimônio com um filho que devia ser a sua consolação. Nasceu no dia 2 de abril de 1842. Quando o levaram para ser regenerado nas águas batismais, deram-lhe o nome de Domingos<sup>91</sup>, o que, embora pareça indiferente, foi motivo de grande satisfação para o menino, como veremos.

Tinha Domingos dois anos de idade, quando, por conveniência da família, os pais deliberaram regressar à terra natal e fixar residência em Morialdo, arrabalde de Castelnuovo d'Asti<sup>92</sup>.

Todos os desvelos e preocupações dos pais tinham em mira a formação cristã do filho, que desde essa época era o enlevo do seu coração. A natureza dotara-o de uma índole admirável e de um coração inclinado à piedade. Aprendeu com maravilhosa facilidade as orações da manhã e da noite e, tendo apenas quatro anos, já as sabia de cor. Mesmo naquela idade em que a distração é quase uma segunda natureza, obedecia em tudo, e prontamente, à sua mãe. E, se alguma vez dela se afastava, era unicamente para se recolher em algum canto da casa, a fim de, com mais liberdade, se entregar à oração ao longo do dia.

«Desde a mais tenra idade, afirmam os pais, nunca o Domingos nos deu o mínimo desgosto. No entanto, é nessa idade que, por falta de reflexão, as crianças costumam dar bastante trabalho às mães; idade em que tudo desejam ver e tocar e, em geral, mais não fazem que estragar. Não só era obediente e estava sempre disposto a cumprir qualquer ordem nossa, mas até procurava adivinhar o que nos pudesse ser mais agradável».

<sup>90</sup> «Leia-se Riva di Chieri para se distinguir de outras localidades com este nome. Dista 4 km de Chieri. O imperador Frederico com diploma de 1164 concedeu ao conde Biandrate o domínio de Riva di Chieri. Depois foi cedido aos astigianos. No séc. XVI passou para o domínio da Casa de Savoia – Monsenhor Agostino della Chiesa e Bonino na *biografia medica* referem-se longamente a muitos personagens célebres que ali nasceram (nota ins. ed. 41866). As notícias sobre *Riva presso Chieri* são extraídas, com alguns erros, de CASALIS, *Dizionario geografico*, vol. XVI (1847), 243-248. Naqueles anos Riva contava 2.869 habitantes (cf. STEFANI, *Dizionario generale*, 986).

<sup>91</sup> Nasceu às nove da manhã; batizado no mesmo dia, «às cinco horas da tarde», foram-lhe dados os nomes de *Domenico Giuseppe* (em honra dos avós); foram padrinhos o carpinteiro Giovanni Batt. Gianoglio e a camponesa Luigia Savio (cf. APARC, *Liber baptizatorum*, 1842, atto n. 30; ASC A4920103: *Estratto dell'Atto di nascita e battesimo*).

<sup>92</sup> Dom Bosco escreve *Morialdo*, segundo a pronúncia em dialeto. A casa onde habitavam os Savio encontrava-se a uma centena de passos da capela de Morialdo. A família transferiu-se para Morialdo em novembro de 1843 (naquele tempo os contratos agrícolas e as mudanças aconteciam por volta de 11 de novembro, festa de S. Martinho); ali, em 15 de fevereiro, nasceu o terceiro filho, Carlo, que viveu apenas um dia (cf. APSAC, *Liber mortuorum*, 1844).





Era deveras singular e, ao mesmo tempo, afetuosa, a maneira como acolhia o pai, quando o via chegar a casa depois do trabalho diário. Corria ao seu encontro, pegava-lhe na mão e, muitas vezes, saltando-lhe ao pescoço, dizia:

– Querido paizinho, como está cansado, não é verdade? Trabalha tanto por minha causa e eu só sirvo para lhe dar desgostos; vou pedir a Nosso Senhor que lhe dê muita saúde e me torne bom.

Assim dizendo, acompanhava-o até a casa, oferecia-lhe uma cadeira e uma almofada para que se sentasse, e ficava a seu lado fazendo-lhe mil carícias.

– Isso – dizia o pai – era para mim um conforto imenso nas minhas fadigas, e, terminado o trabalho, ansiava por chegar a casa para abraçar e beijar o meu filhinho, a quem consagrava todos os afetos do meu coração.

A piedade de Domingos crescia a olhos vistos. Tinha apenas quatro anos e já não era necessário dizer-lhe que rezasse as orações da manhã e da noite, antes e depois da refeição e ao toque das Ave-marias; pelo contrário, era ele que o lembrava aos outros todas as vezes que se esqueciam.

Um dia em que os pais, um pouco distraídos com as voltas e canseiras da vida, se sentaram à mesa sem rezar, Domingos exclamou logo:

– Pai, ainda não pedimos a Deus que abençoe a nossa mesa.

Dito isso, começou a fazer o sinal da cruz e, juntando as mãozinhas, rezou a oração de costume. Noutra ocasião sucedeu que um forasteiro, hospedando-se na casa dos pais, começou a comer sem rezar oração alguma. Domingos, não se atrevendo a avisá-lo, retirou-se para um canto da casa. Interrogado depois pelos pais, respondeu:

– Não tive coragem de me sentar à mesa com uma pessoa que se põe a comer como os animais<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> *Um dia ... animais*: parágrafo ins. ed. <sup>4</sup>1866.





## Capítulo II

### Conduta moral em Morialdo | Rasgos de virtude | Frequência da escola daquele lugar

Vou aqui narrar fatos em que não se acreditaria se não tivessem a escudá-los a autoridade de quem os contou. Refiro-me à relação que o prior de Morialdo<sup>(94)</sup>, padre João Zucca, teve a amabilidade de me enviar acerca daquele seu estimado aluno.

«Nos primeiros dias da minha residência nesta vila de Morialdo vi muitas vezes uma criança de uns cinco anos vir à igreja com sua mãe. A serenidade do seu semblante, a compostura da pessoa e o porte devoto, atraíam as minhas atenções e as de muitos outros. Se porventura, ao chegar, encontrasse a igreja fechada, podia assistir-se a um lindo espetáculo: em vez de brincar e fazer barulho com os outros, como seria natural nessa idade, dirigia-se ao limiar da porta, punha-se de joelhos e, com a cabecinha inclinada e as mãoszinhas sobre o peito, orava fervorosamente até se abrir a igreja. Note-se que muitas vezes o terreno estava enlameado e caía neve ou chuva. Essa criança, porém, não dava importância a isso e punha-se na mesma a orar ajoelhada no chão<sup>95</sup>. Impressionado e movido por piedosa curiosidade, quis eu saber de quem era aquele menino que se tornara alvo da minha admiração. Soube, então, que se tratava do filho do ferreiro Carlos Sávio.

Quando me encontrava pelos caminhos, começava a dar, de longe, sinais de alegria, e, com uma atitude verdadeiramente angélica, dirigia-me respeitosamente a sua saudação. Começou também a frequentar a escola, e, como era inteligente e cumpridor exato dos seus deveres, em pouco tempo fez notáveis progressos nos estudos. Tinha naturalmente de conversar com os seus colegas, algumas vezes brigões e petulantes, mas nunca se deu o caso de o ver tomar parte em divertimentos perigosos ou causar perturba-

<sup>94</sup> Nota da 1.<sup>a</sup> ed. (1859), atualizada na ed. <sup>4</sup>1861: «Capelão desta povoação era então o sacerdote Zucca Giovanni, de Moriondo; residia na sua terra»; na 1.<sup>a</sup> ed. dizia: «agora residente em Butigliera d’Asti». *Giovanni Battista Zucca*: nascido em Moriondo Torinese (26 mar. 1818) de Giovanni Battista e Maria Caterina Lusso; tal como Dom Bosco, recebeu a veste eclesiástica em outubro de 1835 e foi seu companheiro no seminário de Chieri; depois da ordenação sacerdotal (21 mai. 1842) prestou serviço como professor primário e capelão até a morte, ocorrida em 16 de outubro de 1878 na localidade de Bausone di Moriondo (cf. AAT 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. Z, 1835; AAT 12.3.12: *Registrum ordinationum 1836-1847*; *Calendarium liturgicum archidioecesis taurinensis... servandum anno MDCCCLXXIX*, Augustae Taurinorum, Botta, 1878, 86; MOLINERIS, *Nuova vita di Domenico Savio*, 63).

<sup>95</sup> e punha-se ... no chão: expressão inserida na ed. <sup>4</sup>1866, em substituição da anterior: «e punha-se ali para rezar».





ção na aula. Alguns companheiros convidavam-no, às vezes, para aborrecer pessoas de idade avançada, para brincar à pedrada, para roubar fruta nos quintais alheios ou estragar as plantações dos campos. Domingos sabia desaprovar esses fatos, e recusou sempre tomar parte neles.

A piedade que mostrava, quando criança, não diminuiu com o andar do tempo. Aos cinco anos já sabia ajudar à Missa, o que fazia com singular devoção. Ia todos os dias à Missa, e se alguém queria ajudar, ele assistia, senão ajudava com profundo recolhimento. Sendo de pequena estatura<sup>96</sup>, não conseguia chegar ao missal; por isso, era curioso vê-lo aproximar-se ansioso do altar, levantar-se nas pontas dos pés e estender os bracinhos quanto podia, fazendo todo o esforço para levantar a estante. E se o sacerdote, ou outra pessoa qualquer quisesse prestar-lhe um favor muito apreciado, não devia pegar no missal, mas pô-lo simplesmente ao seu alcance, para que ele o transportasse para o outro lado<sup>97</sup>.

Confessava-se com frequência e, logo que começou a distinguir o Pão celeste do usual, foi admitido à Sagrada Comunhão, que recebeu com uma devoção extraordinária. À vista da transformação que a graça divina operava naquela alma inocente, disse muitas vezes comigo mesmo:

– Aí está uma criança que dará que falar de si. Deus queira que se lhe depare um caminho em que amadureçam frutos tão preciosos.

Foi este o testemunho do capelão de Morialdo<sup>98</sup>.

<sup>96</sup> A estatura de Domingos no momento da morte, segundo o prof. Francesco Volante que fez o reconhecimento dos restos mortais, «pode considerar-se de cerca de 1,50 m» (cf. ASC A4920119, lett. F. Volante - F. Giraudi, 18 feb. 1950).

<sup>97</sup> A narração baseada numa memória recolhida por Miguel Rua (ASC A4920138: *Memorie su Domenico Savio*, ms. Rua, s.d., f1r).

<sup>98</sup> A carta do padre Zucca, aqui reproduzida com acréscimos e adaptações, conserva-se in ASC A4920130: lett. G. B. Zucca - G. Bosco, 6 mag. 1857.





## Capítulo III

### **É admitido à Primeira Comunhão | Preparação | Recolhimento e Recordações daquele dia**

Nada faltava a Domingos para ser admitido à Primeira Comunhão. Sabia de cor o pequeno catecismo; tinha exato conhecimento desse augusto sacramento e ardia em desejos de o receber. Apenas a idade constituía um obstáculo, pois, nas aldeias, em geral, não se admitiam crianças com menos de onze ou doze anos completos<sup>99</sup>. O pequeno Sávio apenas tinha sete. E, além do aspecto<sup>100</sup> infantil, o seu corpinho fazia-o parecer ainda mais novo; por isso o prior adiava continuamente a cerimônia. Por fim pediu o parecer de outros sacerdotes que, ponderando bem os conhecimentos precoces, a instrução e o vivo desejo de Domingos, concordaram em pôr de parte todos os escrúpulos e admitiram-no a receber, pela primeira vez, o Pão dos Anjos<sup>101</sup>.

É difícil descrever os frêmitos de santa alegria que arrebataram o coração daquele menino, ao receber tão grata notícia. Correu para casa a comunicá-la com grande alegria à mãe. Ora rezando, ora lendo, passava muito tempo na igreja antes e depois da Missa, e parecia que a sua alma habitava já com os anjos do céu. Na véspera do dia fixado para a Primeira Comunhão<sup>102</sup> foi ter com sua mãe e disse-lhe:

– Mãezinha, amanhã vou fazer a minha Comunhão; perdoe-me todos os desgostos que lhe dei; prometo ser muito melhor para o futuro: estarei mais atento na aula, serei obediente, dócil e respeitarei todas as suas ordens.

Dito isso, desatou a chorar. A mãe, que até então só dele tinha recebido consolações, ficou também comovida e, reprimindo a custo as lágrimas, consolou-o dizendo:

– Fica sossegado, Domingos, tudo está perdoado. Pede a Deus que te conserve sempre bom e reza-Lhe por mim e por teu pai.

<sup>99</sup> No passado, em Castelnuovo, os garotos eram admitidos à comunhão «com a idade de 12 anos, mas se mostrassem a devida capacidade e firmeza» (cf. *Relazione dello stato della Parrocchia di S. Andrea Apostolo del luogo di Castelnuovo d'Asti* [1825], in AAT 8.2.12: *Relazione sullo stato delle chiese*, vol. II, f471r); todavia, no fim dos anos 40, os jovens sacerdotes, influenciados pela moral alfonsiana e pela escola do Convitto, começavam, em alguns casos, a antecipar a idade.

<sup>100</sup> *aspecto*: correção na ed. 41866 do precedente: *idade*.

<sup>101</sup> Dom Bosco baseia-se num testemunho recolhido por Miguel Rua: «O capelão que devia admiti-lo duvidava devido à sua ainda tão tenra idade; mas tendo-se aconselhado com outros sacerdotes que também conheciam o rapaz, exortaram-no a admiti-lo, a fim de que um pequeno anjo como ele se abeirasse da mesa dos anjos», ASC A4920138: *Memorie su Domenico Savio*. Ms. Rua, s.d., f1r).

<sup>102</sup> A primeira comunhão fazia-se habitualmente no domingo de Páscoa, na segunda-feira do Anjo ou no domingo *in Albis* (em 1849 ocorriam respectivamente a 8, 9 e 15 de abril).





Na manhã daquele memorável dia, levantou-se cedo e, envergando o seu melhor terno, dirigiu-se para a igreja, que encontrou ainda fechada. Ajoelhou-se, como era seu costume, no limiar da porta, e começou a rezar até que chegaram os outros companheiros e a porta foi aberta. Incluindo também as confissões, a preparação e a ação de graças da comunhão, a cerimônia durou ao todo cinco horas. Domingos foi o primeiro a entrar na igreja e o último a sair. Durante todo aquele tempo não sabia já se estava no céu ou na terra.

Aquele dia memorável ficou-lhe para sempre gravado na memória, e podemos dizer que foi o início, ou melhor, a continuação de uma vida que poderia ser apontada como modelo de vida cristã. Alguns anos mais tarde, ao falar da Primeira Comunhão, transfigurava-se-lhe o rosto de emoção:

– Oh! aquele dia foi para mim o mais belo da minha vida!

Escreveu algumas lembranças que conservava cuidadosamente num livro de devoção e lia-as amiúde. Pude ter acesso a elas e transcrevo-as aqui na sua simplicidade original. Eram deste teor:

*Propósitos tomados por mim, Domingos Sávio, em 1848, quando fiz a minha Primeira Comunhão, tendo sete anos de idade:*

1. *Confessar-me-ei frequentemente e farei a Comunhão todas as vezes que o confessor me der licença.*
2. *Quero santificar os dias festivos.*
3. *Os meus amigos serão Jesus e Maria.*
4. *Antes morrer que pecar.*

Estas lembranças, por ele muitas vezes repetidas, foram como que o norte das suas ações até o fim da vida.

Se, entre os que lerem este opúsculo, houver alguém que ainda não tenha feito a Primeira Comunhão, tomarei a liberdade de lhe recomendar que escolha por modelo Domingos Sávio. Recomendo especialmente aos pais e às mães de família e a todos os que exercem qualquer autoridade sobre a juventude, que deem importância a este ato religioso. Convençam-se de que a Primeira Comunhão bem feita estabelece no coração um sólido alicerce moral para toda a vida<sup>103</sup>, e é de estranhar que se encontre alguém que, tendo cumprido com convicção este solene dever, não continue a viver bem e virtuosamente. Pelo contrário, encontram-se, aos milhares, jovens levianos que são o desespero de seus pais e educadores: se formos indagar o motivo de tudo isso, chegaremos à conclusão de que tal comportamento tem a sua origem na pouca ou nenhuma preparação para a Primeira Comunhão. É melhor adia-la, antes é melhor não a fazer do que fazê-la mal.

<sup>103</sup> *bem feita ... para toda a vida*: inserido na ed. <sup>5</sup>1878, para modificar o anterior: é o elemento de toda a vida.





## Capítulo IV

### **Escola de Castelnuovo d’Asti | Episódio edificante | Sábria resposta a um mau conselho**

Tendo terminado a escola primária, há muito que Domingos deveria ter sido enviado para outro lado onde pudesse continuar os estudos, coisa que não podia fazer ali na aldeia. Tal era o desejo de Domingos, bem como o de seus pais. Mas como partir, se lhe faltavam os meios necessários? Deus, senhor supremo de todas as coisas, providenciará o necessário para que este menino possa enveredar pela carreira a que o chamava.

– Se eu fosse passarinho, dizia por vezes Domingos, voaria de manhã e à tarde até Castelnuovo e assim continuaria os meus estudos.

O grande desejo que tinha de estudar fez-lhe superar todas as dificuldades e ele resolveu frequentar a escola municipal da região, embora ficasse à distância de quase quatro quilômetros. E assim aconteceu que um garoto, de dez anos apenas, percorria todos os dias 8 quilômetros, entre ida e volta, para ir à escola<sup>104</sup>. Umas vezes é um vento importuno ou um sol abrasador; outras, a lama ou a chuva que o incomodam. Não importa... É preciso vencer todos os incômodos e todas as dificuldades. Acha que a obediência aos pais é um modo de se aperfeiçoar na ciência da salvação, e isso lhe basta para suportar com alegria todas as fadigas. Uma pessoa de certa idade vendo um dia Domingos a caminho da escola, pelas duas horas da tarde sob um sol abrasador, entabulou esta conversa com ele como que para o animar:

- Meu amigo, não tens medo de andar sozinho nestas estradas?
- Não estou só, comigo está o Anjo da Guarda que me acompanha sempre.
- Não te cansas de fazer esta caminhada quatro vezes ao dia, com este sol tão quente?
- Nada me é penoso e não sinto a fadiga porque trabalho para um patrão que me paga bem.
- E quem é esse patrão?
- É Deus Nosso Senhor, que paga até um copo de água dado por seu amor<sup>105</sup>.

Esta mesma pessoa contou mais tarde o episódio a alguns amigos seus e, sempre que o repetia, terminava dizendo:

- Um pequeno de tão tenra idade, que já alimentava tais pensamentos, dará certamente que falar de si, seja qual for a carreira que venha a seguir.

<sup>104</sup> seis milhas: 15 quilômetros.

<sup>105</sup> Cf. Mt 10,42.





Ao ir e vir da escola, Domingos via-se exposto a vários perigos para a sua alma, devido ao procedimento incorreto de certos companheiros.

Costumam muitos garotos, na estação calmosa, tomar banho, ora nos açudes, ora nos riachos, ora nas lagoas ou semelhantes. Muitos garotos juntos a tomar banho nus, em lugar público, torna-se perigoso não só para o corpo, mas também para a alma. Quantas famílias deploram a sorte de um filho que termina a existência afogando-se! Quantos garotos lamentam a perda da sua inocência por terem ido banhar-se com companheiros menos escrupulosos nesses malfadados lugares!

Vários colegas de Domingos tinham esse costume. Não contentes de irem eles próprios, quiseram um dia levá-lo em sua companhia e, daquela vez, conseguiram. Mas, avisado de que isso era repreensível, Domingos mostrou-se sinceramente arrependido; nunca mais foram capazes de o levar. Chorou e deplorou por mais de uma vez o perigo que tinha corrido a sua alma e o seu corpo<sup>106</sup>. Não obstante, dois garotos mais audaciosos e loquazes tentaram novo assalto falando assim:

– Domingos, queres vir tomar banho conosco?

– Não, não vou! Não sei nadar e tenho medo de morrer afogado.

– Anda, é muito agradável! Quem vai nadar, já não sente o calor, tem apetite e goza de boa saúde.

– Mas já disse que tenho medo de morrer afogado.

– Deixa-te disso, vamos te ensinar a nadar como um peixe. Vês como nós fazemos e fazes a mesma coisa. Tú nos verá andar na água como peixes e dar saltos de gigante.

---

<sup>106</sup> *e, daquela vez, conseguiram ... o seu corpo*: ins. ed. 21860, na sequência de uma objeção feita por um aluno do Oratório, segundo o qual Domingos teria cedido às insistências dos companheiros. G.B. Lemoyne refere a reação de Dom Bosco durante uma “boa noite”, reconstruindo o seu discurso: «Nestes dias tendes ouvido alguns comentários sobre certos fatos da vida de Domingos Sávio, vosso companheiro e, entre outras coisas, que eu era acusado de ter dito uma mentira. Negou-se que Sávio se tivesse recusado a ir tomar banho. Sim, é verdade, foi tomar banho!... Todavia na narração é necessário distinguir duas circunstâncias. Ele foi convidado por duas vezes. Da primeira vez, cedeu e, tendo voltado para casa e contado à mãe o que lhe tinha acontecido, esta advertiu-o para que nunca mais fosse. E o pobre Sávio fartou-se de chorar, quando soube que tinha feito mal! Mas, da segunda vez que foi convidado, recusou resolutamente. Eu quis somente escrever e publicar o referente à segunda, por se encontrar ainda no Oratório o companheiro que o tinha levado uma vez e tentado levá-lo outra. [...] Ficai, portanto, a saber que, para não deixar mal visto o tal companheiro que ainda é vivo e para esconder aquilo que para ele devia constituir motivo de grande remorso, isso é, o perigo a que se tinha exposto de traír um amigo, narrei apenas o segundo fato. Foi ele próprio que tomou a iniciativa de se dar a conhecer» (MB 7, 148-149). O companheiro em questão poderia ser Giuseppe Antonio Zucca, nascido em Castelnuovo em 4 de maio de 1843, que deu entrada no Oratório a 14 de out. de 1856 (cf. APSAC: *Liber baptizatorum*, 1843; ASC E720: *Censimento dal 1847 al 1869*).





- Mas não será pecado ir a esses lugares onde há tantos perigos?<sup>107</sup>
- Nem pensar! Toda a gente lá vai!
- Por lá ir toda a gente não quer dizer que não seja pecado.
- Se não quiseres tomar banho, ficas a ver os outros.
- Basta! Estou baralhado e não sei que responder<sup>108</sup>.
- Anda, anda! Acredita em nós! Tomamos a responsabilidade, e fica certo de que te livraremos de todo o perigo.
- Antes de ir, quero pedir licença a minha mãe; se ela achar bem, irei; de outra forma, não.
- Cala-te, palerma. Livra-te de dizer à tua mãe. Não te deixará vir e até é capaz de o dizer aos nossos pais, que nos poderão aquecer o corpo com uma sova<sup>109</sup>.
- Então, se a minha mãe não me deixa ir, é sinal de que não é coisa boa: por isso, não vou; se quereis que vos fale francamente, já me enganastes uma vez, e fui; mas nunca mais vou. Nesses lugares há sempre o perigo de se morrer afogado e de se ofender o Senhor<sup>110</sup>. Não me faleis mais de ir nadar; porque se desagrada aos vossos pais, nunca deveis fazê-lo, pois o Senhor castiga os filhos que desobedecem aos pais.
- Assim, dando uma boa resposta a esses maus conselheiros, Domingos evitava um grave perigo, que poderia ser a causa da perda da sua inocência e o começo de uma longa série de ofensas a Deus.

<sup>107</sup> *onde há tantos perigos*: ins. ed. <sup>5</sup>1878.

<sup>108</sup> Na 1.<sup>a</sup> ed. (1859) esta passagem era precedida de outra, suprimida nas edições seguintes: «Se é mal ir, creio que também é mal ver os outros».

<sup>109</sup> *que nos poderão ... sova*: ins. ed. <sup>4</sup>1866.

<sup>110</sup> *se quereis ... o Senhor*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.





## Capítulo V

### O seu comportamento na escola de Castelnuovo d'Asti | Palavras do seu professor

Frequentando essa escola aprendeu a tratar com os companheiros. Se via um rapaz atento nas aulas, respeitador, que sabia bem as lições, que fazia bem os trabalhos escolares e era elogiado pelos professores, escolhia-o logo como amigo. Havia entre eles brigões, insolentes, que descuravam os seus deveres, falavam mal e blasfemavam. Domingos fugia deles como da peste. Aqueles que eram unicamente preguiçosos, cumprimentava-os, fazia-lhes qualquer favor quando era preciso, mas não tinha com eles a menor familiaridade.

A conduta de Domingos na escola de Castelnuovo d'Asti pode servir de modelo a qualquer estudante que deseje progredir na ciência e na piedade. A este respeito, transcrevo a judiciosa nota escrita pelo seu professor, padre Alexandre Allora, então mestre-escola nesta sede de concelho<sup>111</sup>. Eis o seu teor:

*É-me deveras grato expor o meu parecer sobre o pequeno Domingos Sávio. Ele, em muito pouco tempo, soube captar a minha benevolência de tal forma, que o amei com a ternura de um pai. Aceito com gosto este convite, porque conservo ainda viva a grata lembrança do seu estudo, do seu comportamento e da sua virtude.*

Não posso falar muito da sua conduta religiosa, porque, morando ele muito longe desta povoação, estava dispensado de vir à missa. Se nela tivesse participado, teria certamente sobressaído pela sua piedade e devoção.

Terminados os estudos da primeira classe elementar em Morialdo, este bom rapaz pediu e obteve logo a admissão na minha segunda classe elementar, precisamente no dia 21 de junho de 1852<sup>112</sup>, dia consagrado pelos estudantes a São Luís de Gonzaga, protetor da juventude. Era de complei-

<sup>111</sup> *Alessandro Giuseppe Allora*: nascido em Castelnuovo d'Asti (18 jan. 1819), filho do cirurgião Giuseppe e de Irene Vairo; conheceu João Bosco em Chieri nas escolas públicas e no seminário; recebeu o hábito clerical em 22 de out. de 1837; foi ordenado sacerdote em 1 de junho de 1844 (cf. AAT 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. A, 1837; AAT 12.3.12: *Registrum ordinationum 1836-1847*); frequentou o *Convitto ecclesiastico* e foi amigo do padre Cafasso, com quem manteve correspondência epissolar (cf. G. COLOMBERO, *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso, con cenni sul Convitto ecclesiastico di Torino*, Torino, Fratelli Canonica, 1895, 404-431); toda a vida foi professor e capelão; morreu em Castelnuovo a 3 mar. 1885 (*Calendarium liturgicum... anno MDCCCXXXVI*, Taurini, Botta, 1885, 115).

<sup>112</sup> Em 21 de junho, Domingos, depois de fazer o exame prescrito, é admitido à classe superior; o ano letivo terminava em fins de setembro, mas era costume poder transitar para a classe superior também no decurso do ano.





ção um pouco débil e delicada, tinha um aspecto grave com um toque de doçura e um não sei quê de grande e agradável. Era de índole meiga e carinhosa e de caráter pacífico. Mantinha sempre essa atitude tanto na aula como fora dela, na igreja como em toda a parte. De modo que, quando o professor pensava nesse seu discípulo, para ele olhava ou lhe dirigia a palavra, sentia logo no seu espírito a melhor das impressões. Para o educador pode considerar-se isso como a maior das compensações, dado o árduo trabalho que tem, e muitas vezes em vão, para cultivar o espírito árido e mal disposto de certos alunos. Por isso posso afirmar que foi sábio, de nome e de fato, no estudo, na piedade, na conversação e em todas as suas ações. Desde o primeiro dia em que entrou na minha aula até o fim daquele ano escolar, assim como nos quatro meses do ano seguinte, progrediu de modo extraordinário. Obteve sempre o primeiro lugar na sua classe e nos prêmios da escola; tinha quase sempre notas altas nas matérias que, pouco a pouco, se iam ensinando. Tão magníficos resultados nas ciências devem atribuir-se não só ao talento invulgar de que era prendado, mas também ao seu grande amor ao estudo e à virtude.

É digna de especial admiração a diligência com que procurava cumprir os mais pequeninos deveres de estudante cristão, e, especialmente, a sua assiduidade e constância na frequência às aulas, de sorte que, apesar de ser muito fraco, percorria todos os dias mais de quatro quilômetros de caminho, que repetia quatro vezes entre ida e volta. E fazia isso de rosto prazenteiro e com admirável tranquilidade de espírito, mesmo sob as intempéries da estação invernos, chovesse ou nevasse, o que não podia deixar de ser notado pelo professor como prova e exemplo de raro mérito. Tendo tão bom aluno adoecido durante o ano letivo de 1852-53, e tendo posteriormente os pais mudado de residência, não pude, com grande pena minha, continuar a dar aulas a tão querido aluno, cujas grandes e belíssimas esperanças iam diminuindo à medida que aumentava a minha preocupação de que ele não pudesse continuar os estudos por falta de saúde ou de recursos materiais.

Tive depois uma grande consolação quando soube que tinha sido recebido no Oratório de São Francisco de Sales, porque via assim franqueado o caminho para o cultivo daquela inteligência e daquela esclarecida piedade (até aqui o seu professor)<sup>113</sup>.

---

<sup>113</sup> O testemunho do padre Alessandro Allora, aqui reproduzido fielmente, encontra-se in ASC A4920131: lett. A. Allora - G. Bosco, 25 ago. 1857.





## Capítulo VI

### Escola de Mondônio<sup>(114)</sup> | Salvo de uma grande calúnia

Parece que a Divina Providência quis revelar a Domingos Sávio que o mundo não é mais do que um exílio, onde peregrinamos<sup>115</sup> de um para outro lugar; ou talvez fosse seu desígnio torná-lo conhecido em diversos lugares, para ali se mostrar como belo espelho de virtude.

Pelos fins de 1852 os pais de Domingos deixaram Morialdo e fixaram residência em Mondônio<sup>116</sup>, pequena aldeia situada nos arredores de Castelnuovo d'Asti. Na nova residência, o filho continuou a mesma vida de Morialdo e Castelnuovo. Por isso deveria repetir o que acerca dele escreveram os seus anteriores professores, dado que o padre Cugliero<sup>(117)</sup>, que o teve como aluno, faz um depoimento quase semelhante. Dele transcrevo apenas alguns fatos especiais, omitindo o resto para evitar repetições.

«Posso dizer, escreve ele, que durante os vinte anos em que sou professor, nunca encontrei ninguém que se assemelhasse a Domingos Sávio

<sup>114</sup> «Mondônio, ou Mondômio, ou Mondone é uma pequena localidade de cerca de 400 habitantes; dista duas milhas de Castelnuovo d'Asti, onde é fácil deslocar-se por uma estrada que ultimamente foi construída mediante a perfuração de uma colina. Há referências a esta localidade que remontam a 1034. Passou para o domínio da Casa Savoia com o tratado de Cherasco de 1631 (V. Casalis, *diz.*)» (nota ins. ed. <sup>4</sup>1866). As notícias são extraídas de CASALIS, *Dizionario geografico*, vol. X (1842), 600-601. Em 1847 os habitantes de Mondônio eram 430 (cf. *Notizie della parrocchia di Mondonio da darsi in occasione della visita pastorale di Sua Ecc. Rev.ma Mons. Filippo Artico*, ms. del prevosto Domenico Grassi, 18 ago.1847, in AVA: *Relazioni per visite pastorali*, 1847).

<sup>115</sup> Cf. 2 Cor 5,6-7.

<sup>116</sup> A transferência ocorreu talvez no inverno de 1852-1853 (MOLINERIS, *Nuova vita di Domenico Savio*, 83, coloca-o em fev. 1853): com efeito o padre Allora escreve que Domingos foi seu aluno apenas «por poucos meses» (ASC A4920131, lett. A. Allora - G. Bosco, 25 ago. 1857, f1v); por outro lado, o sétimo filho dos Sávio, Guglielmo, nasceu em Mondônio em 20 de abril de 1853 (cf. APSGM: *Liber baptizatorum*, an. 1853). Domingos recebeu o crisma na paróquia de Castelnuovo (13 abr. 1853) de mons. Luigi Moreno, bispo de Ivrea (ASC 14020104: *Estratto di Atto di Cresima*), mas naquela ocasião os crismandos, que eram «mais de 800», confluíram de várias paróquias limítrofes, por isso pode pensar-se que os Sávio habitassem já em Mondônio (cf. MOLINERIS, *Nuova vita di Domenico Savio*, 87).

<sup>117</sup> Nota inserida na ed. 1859, atualizada na ed. <sup>5</sup>1878: «O padre Cugliero Giuseppe, depois de ter passado alguns anos como Capelão beneficiado em Pino di Chieri, ao fim de uma vida exemplar repousava no Senhor naquela mesma localidade»; na 1.<sup>a</sup> ed. (1859) dizia: «O padre Cugliero Giuseppe presentemente é Capelão beneficiado em Barbasio, localidade de Moncucco». *Giuseppe Giovanni Cugliero (Curriero)*, nascido em Pino Torinese (27 jun. 1808), filho de Antonio e Margherita Casalegno; recebeu a veste clerical em 27 de outubro de 1827 e foi ordenado sacerdote em 24 de maio de 1834 (cf. AAT 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. C, 1827; AAT 12.3.11: *Registrum ordinationum 1834-1835*); terminou os seus dias como capelão em Pino Torinese (localidade de Podio), onde morreu em 1 de junho de 1880 (*Calendarium liturgicum... anno MDCCCXXX*, Augustae Taurinorum, Botta, 1879, 83).





na piedade. Era criança na idade, mas sensato como um homem adulto. A sua diligência, a sua assiduidade no estudo, a sua afabilidade atraíam-lhe o afeto do mestre e tornavam-no o encanto dos companheiros. Quando o observava na igreja, ficava impressionado ao ver tanto recolhimento num pequeno de tão tenra idade. Muitas vezes disse para comigo: aí está uma alma inocente à qual se abrem as delícias do Céu e que, com a pureza de seus afetos, se aproxima dos coros celestes».

Entre os fatos especiais, o seu professor enumera o seguinte:

– Um dia os meus alunos cometeram uma falta grave, de tal forma que o culpado devia ser expulso da escola. Os implicados, prevendo as consequências, foram ter com o professor e, de comum acordo, lançaram as culpas sobre Domingos. Eu não o julgava capaz de semelhante desordem, mas os acusadores souberam dar tal cor de verdade à calúnia, que tive de acreditar. Por isso entrei na sala justamente indignado com o que tinha sucedido, falei ao culpado em geral e depois me dirigi a Sávio dizendo:

– Tinhas de ser logo tu a cometer uma falta destas? Não merecias ser expulso da escola neste preciso instante? Tens sorte por ser a primeira vez que me fazes uma coisa destas, senão, mas que seja também a última.

Bastaria que Domingos dissesse uma única palavra em sua defesa e a inocência triunfaria. Mas calou-se; baixou a cabeça e, como se fosse o verdadeiro culpado, não voltou a levantar os olhos. Mas Deus protege os inocentes e, no dia seguinte, os verdadeiros culpados foram descobertos. Assim se tornou evidente a inocência de Domingos. Cheio de pena pela repreensão que lhe tinha dado, como se fosse ele o culpado, chamei-o à parte e disse-lhe:

– Por que motivo não me disseste logo que estavas inocente?

Domingos respondeu:

– Porque aquele rapaz, tendo já caído em várias faltas, seria expulso da escola; pelo contrário, eu esperava ser perdoado, por ser a primeira falta de que era acusado. Além disso, pensava no Divino Redentor, que tinha sido caluniado<sup>118</sup> injustamente.

Calei-me então, mas todos admiraram a paciência de Sávio que ao mal soube responder com o bem, pronto a sofrer mesmo um grave castigo em favor do próprio caluniador (assim o padre Cugliero)<sup>119</sup>.

<sup>118</sup> Cf. *1Pe* 2,23.

<sup>119</sup> O testemunho do padre Cugliero (19 abr. 1857), utilizado com grande liberdade por Dom Bosco, que amplia e dramatiza a cena da acusação por parte dos companheiros (talvez integrando outros depoimentos), encontra-se in ASC A4920129: *Cenni storici sulla vita del giovane Domenico Savio nativo di Riva di Chieri frazione borgata di S. Giovanni*, ms. Giuseppe Cugliero, 19 apr. 1857.





## Capítulo VII

### **Como travei conhecimento com Domingos | Pormenores curiosos desse encontro**

O que agora vou contar, posso fazê-lo muito mais circunstanciadamente, pois tudo se passou à minha vista e em presença de muitos garotos que, sem discordância, o poderão certificar. Corria o ano de 1854, quando o referido padre Cugliero veio falar de um rapaz digno de particular atenção pela sua piedade.

– Pode haver aqui no Oratório – dizia ele – garotos iguais, mas dificilmente se encontrará quem o exceda em talento e virtude. Experimente e encontrará um São Luís.

Ficou combinado que eu irei para Morialdo, uma vez que eu costumava lá ir de férias com os alunos desta casa e, ao mesmo tempo, fazíamos a novena e celebrávamos a festa de Nossa Senhora do Rosário.

Na primeira segunda-feira de outubro, logo de manhã cedo<sup>120</sup>, vi um menino acompanhado pelo pai que se aproximava de mim para me falar. O seu semblante irradiando alegria e o seu ar risonho, mas respeitoso, despertaram logo a minha atenção e simpatia.

– Quem és, perguntei-lhe, e donde vens?

– Eu sou, respondeu ele, Domingos Sávio de quem lhe falou o senhor padre Cugliero, meu professor, e vim de Mondônio.

Chamei-o então à parte e, começando a interrogá-lo sobre os estudos feitos e sobre o teor de vida até então seguido por ele, criamos logo plena confiança, ele comigo e eu com ele.

Percebi que aquele menino estava todo impregnado de espírito do Senhor e fiquei estupefato com o trabalho que a graça divina já tinha operado em tão tenra idade.

Depois de uma conversa bastante prolongada, antes de eu chamar o pai, disse-me estas textuais palavras:

– Então, que lhe parece? Leva-me para Turim, para eu poder estudar?

– Parece-me que o tecido é bom.

– E para que pode servir este tecido?

– Para fazer um belo terno para oferecer ao Senhor.

<sup>120</sup> De ASC E720: *Censimento dal 1847 al 1869*, resulta que Domingos entrou no Oratório em 22 de agosto de 1854; se déssemos crédito a esta fonte (não contemporânea e fértil em imprecisões), o encontro entre Dom Bosco e Domingos teria ocorrido antes daquela data. Na falta de outros elementos de comparação, atemo-nos à versão de Dom Bosco.





– Por conseguinte, se eu sou o tecido, seja V. Rev<sup>a</sup>.o alfaiate; leve-me consigo e faça um belo terno para Nosso Senhor.

– Receio que a tua frágil saúde não dê para aguentar os estudos.

– Não tenha medo. Deus, que até hoje me deu saúde e graça, também há de ajudar-me daqui em diante.

– Mas, quando terminares os estudos de latim, que pretendes fazer?

– Se Nosso Senhor me conceder tão grande graça, desejo ardentemente seguir o estado eclesiástico.

– Muito bem: agora quero ver se tens capacidade para os estudos: pega neste livrinho (era um fascículo das *Leituras Católicas*), estuda hoje esta página e amanhã voltarás para ma dizer de cor.

Dito isso, deixei-o em liberdade para que fosse brincar com os outros garotos, e pus-me a falar com o pai. Não se tinham passado ainda oito minutos, quando Domingos se aproximou de mim e me disse:

– Se quer, digo já de cor a minha lição.

Peguei no livro, e com grande surpresa, vi que não só tinha estudado a página marcada, mas conhecia perfeitamente o sentido do que nela estava escrito.

– Muito bem, disse-lhe eu, antecipaste o estudo da tua lição e eu vou também antecipar a resposta. Levar-te-ei para Turim e, a partir de agora, comesas a fazer parte da lista dos meus caros filhos. Começa também a pedir a Deus que nos ajude, a mim e a ti, a fazer a sua santa vontade.

Não sabendo como exprimir melhor a sua alegria e a sua gratidão, pegou-me na mão, apertou-a e beijou-a muitas vezes, dizendo:

– Espero proceder de tal modo, que nunca tenha de se lamentar<sup>121</sup> do meu comportamento.

---

<sup>121</sup> *Espero ... lamentar*: ins. ed. <sup>3</sup>1861, para corrigir o anterior: *garanto-lhe que não terá de se queixar*.





## Capítulo VIII

### **Chegada ao Oratório de São Francisco de Sales | As primeiras impressões sobre ele**

É próprio da idade volúvel da juventude mudar muitas vezes de ideias relativamente ao que se quer; por isso, não raro sucede que hoje delibere uma coisa e amanhã outra; que hoje pratique uma virtude em grau eminente e amanhã o contrário; e, se não houver quem vele e tenha a mão ao leme, pode facilmente acabar mal uma educação que talvez pudesse dar ótimos resultados. Não aconteceu assim com o nosso Domingos. Todas as virtudes que vimos nascer e crescer nas várias fases da sua vida se desenvolveram sempre maravilhosamente e em conjunto, sem que umas prejudicassem as outras.

Depois de chegar ao Oratório, foi ao meu escritório para se colocar, como ele dizia, inteiramente nas mãos dos seus superiores<sup>122</sup>. Ao entrar, o seu olhar fixou-se logo num cartaz onde estão escritas em grandes caracteres as seguintes palavras, frequentemente repetidas por São Francisco de Sales: *Da mihi animas, coetera tolle*<sup>123</sup>. Leu-as com atenção e eu desejava que compreendesse o seu significado. Por isso convidei-o, melhor, ajudei-o a traduzi-las e a extrair este sentido: *Ó Senhor, dai-me almas, e ficai com o resto*. Ele pensou um momento e depois acrescentou:

– Compreendi: aqui não se trata de dinheiro, mas de almas. Compreendi. E espero que a minha alma faça também parte deste santo comércio.

O seu teor de vida durante algum tempo foi como o dos outros; mas o que se admirava nele era a exata observância do regulamento da casa<sup>124</sup>. Aplicava-se com empenho no estudo. Cumpria com fervor todos os deve-

<sup>122</sup> O quarto de Dom Bosco encontrava-se no 2.º andar do edifício terminado em 1853 e situado no prolongamento da casa Pinardi, «no braço paralelo à igreja de São Francisco de Sales» (F. GIRAUDI, *L'Oratorio di don Bosco. Inizio e progressivo sviluppo edilizio della Casa Madre dei salesiani in Torino*, Torino, SEI, 1935, 124). Durante a permanência de Domingos em Valdocco é demolida a casa Pinardi (1855) para ligar o edifício de 1853 à igreja de São Francisco de Sales (a construção terminou em outubro de 1856).

<sup>123</sup> A expressão (tirada de Gn 14, 21), não se encontra nos escritos de São Francisco de Sales: provém de um discípulo (*Lo spirito di S. Francesco di Sales vescovo e principe di Ginevra raccolto da diversi scritti di monsignor Gio. Pietro Camus vescovo di Belley...*, Venezia, Remondini, 1758, 129); foi escolhida por Dom Bosco como mote do seu sacerdócio por influência do padre Cafasso.

<sup>124</sup> No outono de 1854 entrava em vigor uma versão atualizada do regulamento do Oratório (que permaneceu manuscrita até 1877), adaptada sobretudo à comunidade dos internos, que a partir daquele ano aumentarão cada vez mais; um manuscrito alógrafo com correções autógrafas de Dom Bosco conserva-se in ASC D4820201: *Piano di Regolamento per la Casa annessa all'Oratorio di S. Francesco di Sales in Valdocco* (veja a sua transcrição em MB 4, 735-755, em particular o *Appendice per gli studenti*, 745-747). As «regras da





res. Ouvia com muito agrado os sermões. Tinha radicada no coração a convicção de que a Palavra de Deus é o guia do homem no caminho do Céu, pelo que qualquer máxima ouvida na pregação lhe ficava para sempre gravada na memória e nunca mais a esquecia.

Uma alocução moral, uma catequese, uma pregação, mesmo longa, era sempre para ele uma delícia. Ouvindo alguma coisa que não entendesse bem, logo se apressava a pedir explicação dela. Assim começou aquele seu teor de vida, aquele contínuo progresso na virtude e aquela exatidão no cumprimento dos seus deveres, que dificilmente se poderá ultrapassar.

Para melhor conhecer o regulamento e a disciplina da casa, procurava aproximar-se delicadamente de qualquer dos seus superiores<sup>125</sup>, interrogava-o, pedia-lhe esclarecimentos e conselhos, e suplicava-lhe que se dignasse avisá-lo sempre que o visse transgredir os seus deveres. Não era menos recomendável o seu procedimento com os companheiros. Via algum dissipado ou descuidado na piedade? Fugia dele. Havia um companheiro exemplar, estudioso, diligente, elogiado pelos professores? Escolhia-o logo como amigo e confidente<sup>126</sup>.

Aproximando-se a festa de Nossa Senhora da Conceição, o diretor todas as noites exortava os jovens da casa a celebrarem com solicitude e dignamente as glórias da Mãe de Deus; e insistia especialmente que cada um pedisse à Celeste Protetora as graças de que mais precisasse.

Corria o ano de 1854, em que os cristãos do mundo inteiro se encontravam numa espécie de agitação espiritual, porque em Roma se andava a tratar da definição dogmática da Imaculada Conceição de Maria<sup>127</sup>. Também nós fazíamos o que a nossa condição permitia para celebrar com dignidade e com proveito espiritual dos nossos garotos aquela solenidade.

Domingos Sávio era um dos que manifestavam mais ardente desejo de a celebrar santamente. Escreveu nove pensamentos, ou antes, nove atos de virtude que devia praticar, escolhendo à sorte um para cada dia. Preparou-se, fez uma confissão geral com toda a satisfação e aproximou-se dos Santos Sacramentos com o máximo recolhimento.

---

casa» eram lidas em público no início do ano letivo «e todos os domingos se lia um capítulo das mesmas aos alunos» (MB 4, 543).

<sup>125</sup> Segundo o regulamento citado, «superiores da casa» eram «1. Reitor; 2. Prefeito; 3. Catequista; 4. Assistente; 5. Protetor; 6. Chefes de dormitório; 7. Pessoas de serviço» (cf. MB 4, 736).

<sup>126</sup> *Para melhor ... confidente*: parágrafo inserido na edição <sup>4</sup>1866.

<sup>127</sup> O dogma da Imaculada Conceição de Maria foi promulgado por Pio IX (8 dez. 1854) com a bula apostólica *Ineffabilis Deus* (cf. *Pii IX Pontificis maximi Acta. Pars prima: Acta exhibens quae ad Ecclesiam universalem spectant*, Romae, Ex Typographia Bonarum Artium, 1854, 597-619).





Na tarde daquele dia, 8 de dezembro, depois das cerimônias da igreja, ouvido o parecer do seu confessor, prostrou-se diante do altar da Virgem, renovou as promessas da sua Primeira Comunhão, e depois repetiu muitas vezes estas textuais palavras:

– Ó Maria, dou-vos o meu coração; fazei que eu seja sempre vosso. Jesus e Maria, sede sempre os meus amigos! Mas, por amor de Deus, dai-me a morte antes que me aconteça a desgraça de cometer um só pecado mortal!

Tomando assim Maria como sustentáculo da sua devoção, o seu comportamento tornou-se tão edificante e associado a tais atos de virtude, que comecei desde então a anotá-los para não me esquecer deles.

Chegado a este ponto de descrever as ações de Domingos Sávio, vejo-me perante um conjunto de fatos e virtudes que exigem a maior atenção, tanto de quem escreve como de quem lê. Daí que, para maior clareza, julguei conveniente expor os fatos, não segundo a ordem cronológica, mas segundo a analogia que têm entre si ou segundo a sua relação com a matéria que tratar. Dividirei, portanto, os assuntos em outros tantos capítulos, começando pelo estudo do latim, que foi o motivo principal pelo qual ele veio e foi acolhido nesta casa de Valdocco<sup>128</sup>.

---

<sup>128</sup> *de Valdocco*: ins. ed. <sup>5</sup>1878.





## Capítulo IX

### Estudo do latim | Curiosos incidentes | Comportamento na escola | Impede uma rixa | Evita um perigo

Domingos tinha principiado a estudar latim em Mondônio; e por isso, graças à sua grande assiduidade no estudo e ao seu invulgar talento, passou logo para a quarta classe ou, como diríamos hoje, para a segunda gramática latina<sup>129</sup>. Fez este curso com o piedoso e caridoso<sup>130</sup> professor José Bonzanino, pois nesse tempo ainda não estavam em vigor os cursos liceais na casa do Oratório, como estão agora<sup>131</sup>.

Eu deveria referir também aqui o comportamento, aproveitamento e as maneiras corretas e exemplares de Domingos Sávio com as mesmas palavras dos seus anteriores professores. Por isso exporei apenas alguns fatos que, nesse ano da latinidade e nos dois seguintes, foram notados com particular admiração<sup>132</sup> pelos que o conheceram. O professor Bonzanino afirmou muitas vezes que não se lembrava de haver tido aluno mais atento, mais dócil, mais respeitador do que o jovem Sávio!<sup>133</sup> Era um verdadeiro modelo em tudo. No vestuário e no cabelo nada tinha de rebuscado; e, no entanto, com a sua modéstia no vestir e na sua condição humilde, apresentava-se sempre limpo, bem-educado, cortês, de tal forma que, mesmo os companheiros de condição média e até os da nobreza, que em grande número frequentavam a escola, tinham prazer em falar com ele, não só por via do seu saber e piedade, mas, principalmente, pelas suas maneiras e trato. E se o professor tinha, por vezes, de lidar com alunos traquinas e irrequietos, colocava o Domingos ao seu lado, que com destreza estudava o modo de os conduzir ao silêncio, ao estudo e ao cumprimento dos seus deveres.

É justamente no decorrer deste ano que a vida de Domingos nos oferece um fato, que classificarei de heroico, e que parece incrível em tão tenra idade.

<sup>129</sup> *Segunda gramática latina*: segunda ginásial. Aqui Dom Bosco utiliza em parte a antiga terminologia; com a lei Casati (1859) o currículo de estudos clássicos tradicional, que antes estava subdividido em 3 classes de *latinidade inferior* (chamadas por ordem descendente: sexta, quinta, quarta), 3 classes de *latinidade superior* (terceira ou gramática, humanidades ou primeira retórica, retórica ou segunda retórica) e biênio de filosofia (física e lógica), é articulado em duas fases: *ginásio* (5 classes: primeira, segunda, terceira, quarta e quinta) e *liceu* (3 classes).

<sup>130</sup> *piedoso e caridoso*: ins. ed. <sup>5</sup>1878. O prof. *Carlo Giuseppe Bonzanino* (m. 1888) dava aulas privadas na sua moradia, no 3.º andar de via Guardinfanti 30 (hoje via Barbaroux 20), a 20 alunos (cf. P. BARICCO, *Torino descritta*, Torino, G.B. Paravia e Comp., 1869, 709).

<sup>131</sup> *pois nesse tempo ... agora*: ins. ed. <sup>4</sup>1866. Até o verão de 1855 todos os estudantes internos em Valdocco frequentavam as aulas externas dos professores Carlo Bonzanino e Matteo Picco. No ano letivo 1855-1856 Dom Bosco abriu a primeira classe ginásial interna, confiada ao clérigo Giovanni Battista Francesia (1838-1930).

<sup>132</sup> *foram ... admiração*: ins. ed. <sup>3</sup>1861, para corrigir o anterior: *causaram admiração*.

<sup>133</sup> Em ASC A4920106 conservam-se 5 bilhetes de diligência e de mérito entregues a Domingos pelo prof. Bonzanino.





Diz respeito a dois companheiros de escola que chegaram entre si a uma rixa perigosa. O litígio começou com algumas palavras trocadas entre eles em desprezo das respectivas famílias. Depois de algumas palavras desabridas e insultuosas, desafiaram-se para um duelo à pedrada. Domingos teve conhecimento da discórdia, mas como impedi-la, sendo os dois rivais maiores em força e em idade? Tentou convencê-los a desistir de semelhante plano, mostrando-lhes que a vingança era contrária à razão e à santa lei de Deus. Escreveu cartas a um e a outro; ameaçou participar o caso aos professores e até aos pais, mas tudo em vão. Os ânimos estavam tão exacerbados, que era inútil qualquer palavra. Além do perigo de se magoarem gravemente, iria cometer-se uma grande ofensa contra Deus. Domingos andava muito preocupado, desejava impedir o duelo e não sabia como. Deus inspirou-o a fazer assim: esperou-os fora da aula e, chamando cada um à parte, disse:

– Já que teimais no vosso reprovável intento, peço-vos que aceiteis, ao menos, uma condição.

– Aceitamo-la, responderam, contanto que não impeça o nosso desafio.

– Este sujeito é um patife, replicou logo um deles. E não descansarei, acrescentava o outro, enquanto um de nós não tiver rachado a cabeça.

Sávio tremia ao ouvir tão brutal discussão. No entanto, com o desejo de evitar mal maior, parou e disse:

– A condição que vos quero pôr não impede o desafio.

– Qual é ela, então?

– Desejaria dizê-la só no lugar onde quereis bater-vos à pedrada.

– Estás brincando conosco, replicou um deles, ou então tentas pôr algum obstáculo...

– Estarei simplesmente ao vosso lado, e não vos enganarei; podeis ficar descansados.

– Vais talvez chamar alguém?...

– Deveria fazê-lo, mas não o faço. Irei eu só convosco. Mas sede fiéis à palavra dada.

Prometeram e dirigiram-se para os terrenos da *Cittadella*, fora da Porta Susa<sup>(134)</sup>.

Era tal o ódio dos dois contendores, que só muito a custo Sávio conseguiu impedir que chegassem as vias de fato durante o breve trajeto.

Chegados ao local determinado, Sávio fez uma coisa em que ninguém, certamente, teria pensado. Deixou que se colocassem a certa distância, tendo cada um cinco pedras na mão, e falou-lhes assim:

– Antes de começar o desafio, quero que cumprais a condição que aceitastes.

<sup>134</sup> «Estes terrenos estão hoje cobertos de edifícios e o local daquela briga corresponde à área onde está construída a igreja paroquial de Santa Bárbara»: nota ins. ed. <sup>5</sup>1878. A igreja de Santa Bárbara, a que se faz referência, inaugurada a 18 de abril de 1869, situa-se no cruzamento da via Assarotti e da via Bertola (cf. BARICCO, *Torino descritta*, 191-192).





E tirando um pequeno crucifixo que trazia ao pescoço ergueu-o numa das mãos e acrescentou:

– Quero que cada um de vós ponha os olhos neste crucifixo e que depois, atirando-me uma pedra, diga em voz alta estas palavras: «*Jesus Cristo inocente morreu perdoando aos seus algozes*<sup>135</sup>, e eu, pecador, quero ofendê-l'O e vingar-me».

Dito isso, ajoelhou-se aos pés daquele que parecia mais furioso, dizendo:

– Atira a primeira pedra contra mim; anda, parte-me a cabeça...

O rapaz, que não esperava semelhante coisa, pôs-se a tremer e exclamou:

– Lá isso, nunca! Nada tenho contra ti, e defender-te-ia se alguém quisesse maltratar-te.

Ouvindo isso, Domingos correu para o outro, e repetiu-lhe as mesmas palavras. Este, por seu turno, ficou também perturbado e, a tremer, respondeu que, sendo seu amigo, não lhe faria mal algum.

Perante isso, Domingos levantou-se, e ficando com aspecto sério e comovido, disse-lhes:

– Então, estais ambos dispostos a afrontar até um perigo grave para me defender, a mim que sou uma criatura miserável, e não sois capazes de perdoar um insulto ocorrido na escola para salvar a vossa alma, que custou o sangue ao Salvador, e que ides perder com este pecado?

E calou-se, conservando sempre o crucifixo erguido ao alto.

Perante tal mostra de coragem e de caridade, os dois rivais deram-se por vencidos. «Naquele momento, escreveu um deles, fiquei sem fala. Um arrepio glacial percorreu-me o corpo e fiquei envergonhado por ter obrigado um amigo tão bom, como Sávio, a usar medidas extremas para impedir o nosso malvado desejo. Querendo dar-lhe, ao menos, um sinal de bondade, perdoei de todo o coração a quem me tinha ofendido, e pedi a Domingos que me indicasse um paciente e caridoso sacerdote para me ir confessar. Ele acedeu ao meu desejo e, alguns dias depois, fui com o meu rival fazer a confissão. Deste modo, depois de ter reatado a amizade com ele, fiquei reconciliado com o Senhor, a quem tinha ofendido gravemente com o ódio e o desejo de vingança».

Exemplo este bem digno de ser imitado por todo o jovem cristão, sempre que lhe aconteça ver o seu semelhante ofendido ou injuriado e com desejos de se vingar.

Mas o que mais honrou o procedimento e a caridade de Domingos Sávio foi o silêncio que guardou acerca do que se passara. E tudo teria caído no esquecimento, se os que tomaram parte na ocorrência a não tivessem contado repetidas vezes.

A ida e a volta da escola, tão perigosas para os jovens que vão dos povoados às grandes cidades, foram para o nosso Domingos um verdadeiro exercício de virtude. Constante no cumprimento das ordens dos seus superiores, ia à escola e regressava a casa sem se distrair com o que se passava à sua volta. E também nunca deu ouvidos a coisas que não convinham a um jovem cristão. Se lhe suce-

<sup>135</sup> Cf. *Lc* 23,34.





dia encontrar-se com companheiros turbulentos que faziam diabruras, atiravam pedras ou passavam por lugares suspeitos, logo se afastava deles.

Um dia convidaram-no para ir dar um passeio sem licença; noutra ocasião aconselharam-no a faltar às aulas para irem divertir-se; mas Domingos, com boas maneiras, esquivou-se sempre a tais convites, respondendo:

– O meu melhor divertimento é o cumprimento dos deveres; se sois meus verdadeiros amigos, deveis aconselhar-me a cumpri-los com exatidão e não a transgredi-los.

Apesar de tudo, teve a infelicidade de tratar com alguns companheiros levianos; estes tanto o assediaram e apoquentaram, que esteve em risco de ser vítima deles. E já estava decidido a ir com eles e faltar às aulas. Mas, percebendo que seguia mau conselho, sentiu grande remorso; chamou logo os miseráveis conselheiros e disse-lhes:

– Meus amigos, o nosso dever é ir às aulas e é o que eu vou fazer. Devemos evitar tudo o que desagrada a Deus e aos nossos superiores; estou arrependido do que fiz; se me derdes outra vez semelhantes conselhos, deixareis de ser meus amigos.

Todos aqueles jovens aceitaram o aviso do seu amigo; foram com ele para a escola e nunca mais procuraram desviá-lo dos seus deveres. No fim do ano, devido ao seu bom comportamento e especial aplicação ao estudo, mereceu ser promovido entre os melhores para a classe imediata. No princípio do terceiro ano de gramática, porém, a saúde de Domingos estava um pouco abalada, e por isso achou-se conveniente deixar-lhe fazer o curso particular nesta casa do Oratório, de maneira a ter com ele os necessários cuidados no descanso, no estudo e durante os recreios.

No primeiro ano de humanidades ou de primeira retórica, parecendo melhor de saúde, foi confiado ao benemérito senhor professor padre Mateus Picco<sup>136</sup>. Este tinha já ouvido falar muitas vezes dos dotes que caracterizavam o Sávio; por isso recebeu-o de graça na sua escola, que era considerada uma das melhores da nossa cidade<sup>137</sup>.

Numerosos são os episódios edificantes atribuídos a Sávio no ano de terceira gramática e primeira retórica; expô-los-emos à medida que formos narrando os fatos com eles relacionados.

<sup>136</sup> *Matteo Picco*: nascido em Turim (25 jan. 1810), filho de Francesco e Domenica Borgarelli, recebeu a veste talar em 1 de outubro de 1825 e foi ordenado sacerdote em 22 de setembro de 1832; tinha uma escola privada no 1.º andar de *via Sant'Agostino* 1; amigo de Dom Bosco e da obra salesiana; morreu em 1880 (cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. P, 1825; AAT 12.3.10: *Registrum ordinationum 1830-1833*; STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, 232).

<sup>137</sup> *cidade*: ins. ed. <sup>5</sup>1878, para corrigir o anterior: *capital*. A capital do Reino de Itália, após a unificação, tinha sido transferida para Florença (1865) e depois para Roma (1870).





## Capítulo X

### A sua decisão de tornar-se santo

Feita esta breve referência aos estudos de latim, vamos agora falar da sua grande decisão de se santificar.

Havia seis meses que Sávio entrara no Oratório, quando, um dia, se fez lá uma prédica sobre o modo fácil de nos tornarmos santos. O pregador deteve-se, especialmente, a desenvolver três pontos que causaram profunda impressão no espírito de Domingos, a saber: é vontade de Deus que todos nos santifiquemos<sup>138</sup>; é muito fácil conseguir este intento; terá um grande prêmio no céu quem conseguir tornar-se santo. Esta prédica foi como que uma centelha que abrasou o seu coração no amor de Deus. Durante alguns dias nada disse, mas estava menos alegre que de costume. Os companheiros deram-se conta, tal como eu. Julgando que isso fosse causado por novo incômodo de saúde, perguntei-lhe se estava doente. Respondeu-me logo que não, que se sentia até muito bem.

– Que quer isso dizer?

– Quero dizer que sinto desejo e necessidade de tornar-me santo. Não pensava que fosse tão fácil. Agora sei que posso ser santo estando alegre, quero-o absolutamente e sinto mesmo absoluta necessidade de me tornar santo. Diga-me portanto como devo proceder para começar tal desafio.

Louvei o seu propósito, mas exortei-o a que não se inquietasse, porque no meio da agitação interior não se conhece a voz do Senhor; que, pelo contrário, eu queria em primeiro lugar uma constante e moderada alegria: e aconselhando-o a ser perseverante no cumprimento dos seus deveres de piedade e de estudo, recomendei-lhe que não deixasse de participar sempre no recreio com os seus companheiros.

Um dia disse-lhe que queria dar-lhe um presente, mas do seu gosto, e que era meu desejo que a escolha fosse sua.

– O presente que peço, respondeu prontamente, é que me faça santo. Quero entregar-me inteiramente ao Senhor, para sempre ao Senhor<sup>139</sup>, pois sinto uma grande necessidade de me fazer santo; e se não for santo, eu serei um nada. Deus quer-me santo: e eu devo fazer isso.

Noutra ocasião o diretor quis dar um sinal de especial afeto aos jovens da casa e deu-lhes a possibilidade de pedirem num bilhete qualquer coisa que lhe fosse possível, prometendo que a concederia. Podemos facilmente

<sup>138</sup> Cf. 1 Tes 4,3.

<sup>139</sup> *Quero ... sempre ao Senhor*: ins. ed. <sup>5</sup>1878.





imaginar os pedidos ridículos e extravagantes formulados por uns e por outros. Domingos Sávio, pegando num pedacinho de papel, escreveu apenas estas palavras:

– Peço que salve a minha alma<sup>140</sup> e me faça santo.

Um dia explicava-se a etimologia de certas palavras.

– E Domingos, perguntou ele, que quer dizer?

– Domingos, respondi, quer dizer *do Senhor*.

– *Veja, acrescentou logo, se não tenho razão* de lhe pedir que me faça santo; até o nome diz que devo ser do Senhor! Quero e devo ser do Senhor. Quero fazer-me santo e estarei infeliz enquanto não for santo.

O desejo ardente que ele demonstrava de querer fazer-se santo não provinha do fato de ele não ter uma vida verdadeiramente de santo, mas dizia isso porque queria fazer duras penitências e passar longas horas em oração; e estes projetos eram-lhe expressamente proibidos pelo diretor, por serem incompatíveis com a sua idade, saúde e ocupações.

---

<sup>140</sup> *salve a minha alma*: ins. ed. <sup>3</sup>1866.





## Capítulo XI

### O seu zelo pela salvação das almas

A primeira coisa que se lhe aconselhou para se fazer santo foi empenhar-se em ganhar almas para Deus, pois não há no mundo coisa mais santa do que cooperar para o bem das almas, por cuja salvação Jesus Cristo derramou até a última gota o seu precioso sangue<sup>141</sup>. Domingos compreendeu o alcance desse trabalho, e muitas vezes lhe ouviram dizer:

– Oh! Como seria feliz se pudesse ganhar para Deus todos os meus companheiros!

Aproveitava, pois, todas as ocasiões que se lhe deparassem para dar bons conselhos e avisar os que tinham dito ou feito alguma coisa contrária à santa lei de Deus.

O que sobretudo lhe causava grande horror e lhe fazia mal à saúde era a blasfêmia ou ouvir invocar o santo nome de Deus em vão. Se, porventura, ao transitar pela cidade ou por qualquer outra parte, lhe sucedesse ouvir semelhantes palavras, baixava penalizado a cabeça e dizia com coração devoto:

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!<sup>142</sup>

Passando certo dia por uma praça da cidade, quem o acompanhava viu-lhe tirar o chapéu ao proferir algumas palavras baixinho.

– Que estás a dizer? – perguntou-lhe.

– Não ouviste aquele carroceiro invocar o nome de Deus em vão? Se soubesse que se arrependia, ia ao seu encontro para o aconselhar a que não tornasse a falar assim; mas receio que ainda faça pior; limitei-me, pois, a tirar o chapéu e a dizer: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Faço isso com intenção de reparar, como me é possível, a injúria feita ao santo nome de Deus.

O companheiro admirou o comportamento e a coragem de Domingos e, com grande satisfação, ainda conta o episódio em honra do amigo e para edificação dos companheiros.

Ao voltar uma vez da escola, ouviu um homem de idade avançada proferir uma horrível blasfêmia. Estremeceu. Dirigiu um ato de reparação a Deus no íntimo do seu coração e fez uma coisa deveras admirável. Em atitude respeitosa, aproximou-se do blasfemo e perguntou-lhe se sabia indicá-lo a casa do Oratório de São Francisco de Sales. Perante aquele semblante de paraíso, o carroceiro desanuviou o rosto carregado e respondeu-lhe que desculpasse, mas que não sabia.

<sup>141</sup> Cf. *1 Pe* 1,18-19.

<sup>142</sup> *O que sobretudo ... Cristo*: parágrafo ins. ed. <sup>2</sup>1860.





- Ah! Se o senhor não sabe o que lhe pergunto, poderá fazer-me outro favor?  
– Da melhor vontade.

Domingos aproximou-se o mais que pôde do seu ouvido e baixinho para que os outros não ouvissem disse-lhe:

– Ficar-lhe-ia muito grato se, nos seus ímpetos de cólera, dissesse outras palavras sem blasfemar do santo nome de Deus.

– Bravo, respondeu o outro, muito estupefato e cheio de admiração: muito bem, tens razão. É um vício maldito que quero vencer a todo o custo<sup>143</sup>.

Um dia aconteceu que um garoto dos seus nove anos se pôs a discutir com outro perto da porta de casa e, na briga, proferiu sem respeito o adorável nome de Jesus Cristo. Domingos, ao ouvir tal palavra, embora sentisse uma justa revolta em seu coração, meteu-se entre os dois contendores e com bons modos aquietou-os. Em seguida, chamando aquele que tinha pronunciado o nome de Deus em vão, disse-lhe:

– Anda, acompanha-me e ficarás contente...

As boas maneiras de Domingos induziram o pequeno a acompanhá-lo. Tomou-o pela mão, levou-o a uma igreja, ajoelhou-se com ele diante do altar e disse-lhe:

– Pede perdão a Deus da ofensa que lhe fizeste quando pronunciaste o seu santo nome sem o devido respeito.

E como o garoto não sabia o ato de contrição, fez-lho repetir palavra por palavra. Depois, acrescentou:

– Repete comigo o que te vou dizer, a fim de reparares a ofensa feita a Jesus Cristo: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado com sua Mãe Maria Santíssima!

Lia de preferência a vida dos santos que mais se tinham empenhado na salvação das almas. Falava com gosto dos missionários que se sacrificam em terras longínquas pelo bem das almas; e, não podendo enviar-lhes auxílios materiais, oferecia a Deus todos os dias algumas orações e uma vez por semana, pelo menos, fazia por eles a sagrada comunhão.

Muitas vezes lhe ouvi dizer:

– Quantas almas aguardam a nossa ajuda na Inglaterra!

Oh! se tivesse força e virtude, iria eu mesmo e, com a palavra e com o exemplo, havia de ganhá-las todas para o Senhor!<sup>144</sup>

<sup>143</sup> *Passando certo dia ... a todo o custo*: dois episódios ins. ed. <sup>3</sup>1861.

<sup>144</sup> Na esteira do movimento de Oxford, iniciado por John Keble (1792-1866) e John Henry Newman (1801-1890), e sobretudo depois da conversão de Newman (9 out. 1845) ao catolicismo, verificou-se um fluxo de conversões que suscitou grande fervor entre os católicos.





Lamentava, muitas vezes a sós consigo e outras com os seus companheiros, o pouco zelo que muitos têm em instruir as crianças nas verdades da fé.

– Quando for seminarista, dizia, hei de ir a Mondônio, reunirei todas as crianças num alpendre e hei de ensinar-lhes o catecismo, contar-lhes muitos exemplos e fazê-los santos. Quantos meninos se desencaminham por não terem quem lhes ensine a doutrina cristã!

E o que dizia confirmava-o em seguida com os fatos, pois, apesar da pouca idade e instrução, gostava de dar catequese na igreja do Oratório; e, se alguém necessitasse de catequese em particular, dava-lha a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana, com o único propósito de poder falar de coisas espirituais e de dar a conhecer a importância da salvação da alma.

Um dia um companheiro indiscreto tentou interrompê-lo, quando estava no recreio a contar um fato.

– Mas que tens tu com isso? – perguntou.

– Que tenho eu com isso? – respondeu Domingos. Tenho muito, porque a alma dos meus companheiros foi remida pelo sangue de Jesus Cristo; tenho muito, porque somos todos irmãos e, como tais, devemos amar reciprocamente a nossa alma; tenho muito, porque Deus recomenda que nos ajudemos a salvar-nos uns aos outros; tenho muito porque, se conseguir salvar uma alma, asseguro também a salvação da minha.

Esta solicitude pelo bem das almas não arrefecia no breve tempo de férias que passava na casa paterna. Qualquer estampa, medalha, crucifixo, livrinho ou outro objeto que ganhasse na escola ou na catequese, punha-os de parte para oferecer quando estivesse de férias. Mais ainda: antes de partir do Oratório, costumava pedir aos superiores alguns desses objetos para alegrar, como ele dizia, os seus amigos de brincadeira.

Mal chegava à sua terra, via-se logo rodeado de garotos da sua condição, uns menores, outros maiores, que sentiam uma grande alegria em estar com ele. Domingos distribuía, então, os presentes que tinha trazido, e levava-os a estar atentos às perguntas que lhes fazia, ora sobre o catecismo, ora sobre os deveres particulares de cada um.

---

Entre os livros de Domingos Sávio encontrava-se toda a coleção da assinatura correspondente ao ano de 1855 das *Letture catoliche*, que incluía um fascículo intitulado *Conversione d'una nobile e ricca signora inglese alla Chiesa cattolica al tempo che le leggi penali contro i cattolici erano ancora in vigore in Inghilterra*, racconto storico tradotto dall'inglese, Torino, Tip. Paravia e Comp., 1855 (cf. ASC A4920108: *Nota dei libri di Savio Domenico*, ms. aut. s.d.). Em Valdocco Dom Bosco mantinha correspondência com Lorenzo Gastaldi, que tendo entrado no Istituto della Carità de Rosmini (1851) havia sido enviado para Inglaterra como missionário (1853-1863); é provável que nas suas duas estadias na Itália (1856 e 1857), Gastaldi tenha sido convidado a ir a Valdocco e tenha falado da situação inglesa (cf. G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, Casale Monferrato, Ed. Piemme, 1983, vol. I, 110-111).





Com estas boas maneiras conseguia habilmente levar alguns deles à catequese, à oração, à Missa e a outras práticas de piedade.

Contaram-me que empregou bastante tempo a ensinar um dos companheiros. «Se conseguires fazer bem o sinal da Cruz, dizia Domingos, dou-te uma medalha; depois, recomendar-te-ei a um padre que te dará um lindo livro. Mas queria que o fizesses bem e que, ao dizeres as palavras, levasses a mão direita à testa, depois ao peito, ao ombro esquerdo e ao direito, terminando por unir as mãos e dizendo: Assim seja». Desejava ardentemente que este sinal da nossa Redenção fosse sempre bem feito; e ele mesmo fazia-o com frequência na presença dos outros, como a convidá-los a que o imitassem<sup>145</sup>.

Além de cumprir com a maior exatidão todos os deveres, mesmo os mais insignificantes, tomava conta de dois irmãozinhos, a quem ensinava a ler, escrever e recitar o catecismo, assistia-os na oração da manhã e da noite. Levava-os à igreja, oferecia-lhes a água benta e mostrava-lhes como deviam fazer o sinal da Santa Cruz. Em vez de passar o tempo a divertir-se, aproveitava-o para contar exemplos edificantes aos familiares ou aos companheiros que o quisessem ouvir. Quando estava na sua terra, todos os dias fazia uma visita ao SS. Sacramento e ficava muito contente se conseguia levar algum dos companheiros. Pode dizer-se, pois, que não deixava perder nenhuma ocasião de fazer uma boa obra ou de dar um bom conselho, o que redundava sempre em proveito da alma.

---

<sup>145</sup> *Qualquer estampa ... o imitassem*: quatro parágrafos ins. ed. 21860.





## Capítulo XII

### **Episódios e belas maneiras de conversar com os companheiros**

O pensamento de ganhar almas para Deus acompanhava-o por toda a parte. No tempo livre era a alma do recreio, mas em tudo procurava sempre o seu bem moral ou dos outros. Respeitava todos os princípios da boa educação e nunca interrompia os outros quando falavam. Se os companheiros se calavam, tratava logo de chamar à discussão questões escolares de história, de aritmética, e tinha sempre para contar mil e uma histórias que tornavam muito amena a sua companhia. Se por acaso alguém puxasse a conversa para assuntos de murmuração, interrompia imediatamente e, com um gracejo ou uma pequena história, ou outra coisa para fazer rir, mudava de assunto, evitando assim que os seus companheiros ofendessem a Deus.

O ar alegre e o temperamento vivo de Domingos tornavam-no querido, mesmo dos companheiros menos piedosos, de tal maneira que todos gostavam muito de falar com ele, tomando em boa conta os conselhos que, de quando em quando, lhes dava.

Uma ocasião, um dos companheiros lembrou-se de se mascarar, ao que Domingos se opôs.

– Gostarias, realmente, de ser aquele de que te queres mascarar, com dois chifres na testa, um nariz de palmo e meio e um traje de charlatão?

– Lá isso, nunca! – respondeu o outro.

– Então, se não desejaras ter essa figura ridícula porque queres deturpar a bela fisionomia que Deus te deu?

Uma vez, durante o recreio, aproximou-se um homem dos garotos que se divertiam e, dirigindo-se a um deles, desatou a falar tão alto, que todos em redor puderam ouvir. O homenzinho para os atrair, começou a falar-lhes de coisas que faziam rir. E eles, levados pela curiosidade, bem depressa se apinharam em volta do desconhecido, escutando com a maior atenção aquelas patranhas. Apenas percebeu que escutavam com interesse, fez recair a conversa sobre a religião e, como habitualmente entre gente desta laia, saiu-se com tais disparates que horrorizavam, ridicularizando as coisas mais santas e desacreditando os sacerdotes. Alguns dos presentes, indignados ao ouvir palavras tão ímpias e não tendo coragem de o contradizer, limitaram-se a afastar-se. Um grande número, porém, continuava imprudentemente a ouvi-lo. Nesta altura chegou Domingos. Apenas percebeu que a conversa era inconveniente, vencendo todo o respeito humano, dirigiu-se logo aos companheiros, dizendo-lhes:

– Vamos embora. Deixemos sozinho este infeliz: ele quer roubar-nos a alma.

Os garotos, obedientes à voz de tal amável e virtuoso companheiro, retiraram-se todos, deixando sozinho aquele enviado do demônio. E o





homenzinho, vendo-se abandonado, tratou de se retirar e nunca mais tornou a aparecer<sup>146</sup>.

De outra vez, alguns queriam ir tomar banho. E, se isso é perigoso em qualquer lugar, muito mais na zona de Turim, onde, sem falar no perigo de imoralidades, se encontram águas tão profundas e impetuosas, que<sup>147</sup> muito frequentemente os jovens são vítimas infelizes do banho. Domingos apercebeu-se e procurava entreter-se com eles para lhes fazer passar a ideia, contando historietas e novidades. Mas quando os viu a querer ir a todo o custo, então lhes falou de forma resoluta:

- Não, disse, não quero que vades.
- Não vamos fazer mal nenhum.
- Desobedeceis aos vossos superiores<sup>148</sup>, expondes-vos a escândalos e ao perigo de morrer afogados, e ainda dizeis que não é mal?
- Mas temos um calor que não aguentamos mais.
- Se não podeis aguentar o calor deste mundo, podereis acaso suportar o calor do inferno, que ides merecer com a vossa imprudência?

Convencidos, mudaram de ideia, puseram-se a brincar com Domingos e, à hora marcada, foram assistir às cerimônias religiosas na igreja.

Alguns alunos do Oratório, desejando o bem dos seus companheiros, reuniram-se numa espécie de sociedade para trabalharem na conversão dos traquinas: Sávio também pertencia a essa sociedade e era um dos mais zelosos. Sempre que conseguia arranjar um rebuçado, fruta, uma cruz, uma medalha, reservava tudo para esse fim.

- Quem quer, quem quer? – ia dizendo.
- Eu, eu, gritavam todos correndo para ele.
- Devagar, devagar, dizia ele. Quero dá-lo a quem souber responder melhor a uma pergunta de catecismo.

Mas só perguntava aos mais traquinas e apenas lhe davam uma resposta satisfatória, entregava-lhes o pequeno presente.

Outros eram também atraídos mas de outras maneiras: chamava-os, convidava-os a passear, deixava que se abrissem e, se fosse preciso, brincava com eles. Por vezes, foi visto com um grande pau aos ombros, como Hércules com a maça a tomar parte no jogo da *rã* ou *cirimella*, mostrando-se apaixonado por esse divertimento. De repente, porém, parava e dizia ao companheiro:

- Queres que nos vamos confessar no sábado?

<sup>146</sup> *Uma vez ... aparecer*: parágrafo ins. ed. <sup>2</sup>1860; transcrição de um testemunho recolhido por Miguel Rua (cf. ASC A4920137: *Memorie riguardo al giovane Savio Domenico*, ms. Rua, s.d., f1r-v).

<sup>147</sup> *águas ... que*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.

<sup>148</sup> *aos vossos superiores*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.





O outro, por estar ainda longe esse dia ou para continuar o jogo, ou mesmo para lhe ser agradável, respondia que sim. Era suficiente para Domingos e continuava o jogo<sup>149</sup>. Mas não o perdia mais de vista. Todos os dias, por um motivo ou por outro, lembrava-lhe aquele *sim* e ia-lhe indicando a maneira de se confessar bem. Chegado o sábado, qual caçador que fez uma boa caçada, acompanhava-o à igreja, confessava-se primeiro, prevenia o confessor, se era necessário, e logo depois rezava com ele a ação de graças. Estes fatos, que eram frequentes, enchiam Domingos de grande consolação e eram de grande proveito para os outros. Com frequência, notava-se que alguns não colhiam fruto das pregações ouvidas na igreja, mas esses mesmos dificilmente resistiam às piedosas sugestões de Domingos.

Acontecia por vezes que alguns prometiam toda a semana e depois no sábado não se deixavam ver à hora de se confessar. Quando depois o encontrava de novo, quase a brincar, dizia-lhe:

– Ah maroto! Tu me pegaste uma peça!

– Olha, dizia o outro, não estava disposto, não tinha vontade...

– Pobre de ti, acrescentava Domingos, cedeste ao demônio que estava muito bem disposto para te receber; mas agora ainda estás menos disposto e vejo-te de mau humor. Vamos, experimenta ir confessar-te, faz um esforço e procura confessar-te bem e verás de quanta alegria ficará repleto o teu coração.

Quase sempre, depois de se ter confessado, esse tal vinha logo ter com Domingos com o coração a transbordar de alegria e dizia:

– É verdade, agora estou mesmo contente; no futuro quero confessar-me com mais frequência.

Nas comunidades de jovens costuma haver alguns que ou por ser mais brutos, ignorantes, menos educados ou amargurados por algum desgosto, são muitas vezes postos de parte pelos companheiros. Esses sofrem o peso do abandono, quando têm mais necessidade do conforto de um amigo.

Eram esses os amigos de Domingos<sup>150</sup>. Aproximava-se deles, animava-os com uma agradável conversa, dava-lhes bons conselhos e com frequência aconteceu que jovens, decididos a entregar-se à desordem, animados pelas caridosas palavras do Sávio, retornavam aos bons sentimentos.

Por isso, todos os que se encontravam doentes, pediam-no como enfermeiro e os que tinham desgostos encontravam conforto partilhando-os com ele. Desta maneira tinha sempre caminho aberto para exercer a caridade com o próximo e, ao mesmo tempo, ganhar merecimentos diante de Deus.

---

<sup>149</sup> *bilharda*: jogo de origem antiga, difundido no passado em várias regiões da Itália; consistia em bater com um pau na ponta da *bilharda* (pedaço de pau de um palmo de comprimento, de extremidades arredondadas e pontiagudas), fazendo-a levantar no ar para lhe bater de novo antes de cair e lançá-la o mais longe possível.

<sup>150</sup> *Eram esses ... Domingos*: ins. ed. 21860.





## Capítulo XIII

### **O seu espírito de oração | Devoção à Mãe de Deus | O mês de Maria**

Entre os dons de que Deus o enriqueceu, sobressaía o do fervor na oração. O seu espírito estava tão habituado a conversar com Deus que, em qualquer lugar, mesmo no meio da maior confusão, Domingos concentrava os seus pensamentos e, com piedoso afeto, elevava o coração a Deus.

Quando orava em comum, parecia um anjo: imóvel, em atitude devota, sem se apoiar em nada, apenas de joelhos, de rosto sorridente, cabeça um pouco inclinada e olhos baixos; teríeis reconhecido um outro São Luís.

Bastava vê-lo para se ficar edificado. Em 1854 o senhor Conde Cays foi eleito presidente da Companhia de São Luís, fundada no Oratório<sup>151</sup>. Da primeira vez que tomou parte nas nossas cerimônias, viu um rapaz que rezava com uma atitude tão devota que lhe causou grande admiração. Terminadas as sagradas funções, quis saber quem era aquele que tanto o impressionara: aquele rapaz era Domingos Sávio.

Sacrificava quase sempre uma parte do recreio: em geral, algum tempo era passado em piedosa leitura ou em oração que ia fazer à igreja com alguns companheiros em sufrágio das almas do purgatório ou em honra de Maria Santíssima.

Domingos tinha uma grande devoção à Mãe de Deus. Em sua honra fazia diariamente alguma mortificação. Nunca fitava pessoas de outro sexo. Ao ir às aulas, raramente levantava os olhos do chão. Passando às vezes perto de espetáculos públicos, que produziam nos companheiros tal ansiedade que perdiam a noção de onde estavam, ao perguntarem-lhe se tinha gostado, Domingos respondia que não tinha visto nada. Um dia, um companheiro encolerizado reprovou esse seu modo de proceder, dizendo-lhe:

– Para que tens tu esses olhos, se não te servem para ver tais coisas?

---

<sup>151</sup> *Carlo Cays* (1813-1882), conde di Giletta e Caselette, laureado em direito; cofundador e presidente das Conferências de São Vicente de Paulo em Turim, prior da Companhia de São Luís no Oratório (1854-1855), deputado do Parlamento Subalpino (1857-1860). Tendo enviuvado, em 1877 fez-se salesiano e foi ordenado sacerdote (cf. L. TERRONE, *Il conte Cays, sacerdote salesiano*. Memorie, Colle Don Bosco, Asti, Libreria Dottrina Cristiana, 1947). Companhia de São Luís: conserva-se o manuscrito da Regra com a aprovação de mons. Franson em 12 de abril de 1847 (ASC A230); o texto da regra é reproduzido in MB 3, 216-220; uma versão retocada encontra-se no *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni*, Torino, Tipografia Salesiana, 1877, 45-46 (OE XXIX 75-76).





– Os meus olhos, respondeu Domingos, quero-os para ver o rosto da nossa Celeste Mãe Maria, quando, se com o auxílio de Deus for digno, a for encontrar no Paraíso.

Cultivava uma devoção especial ao Imaculado Coração de Maria. Todas as vezes que entrava numa igreja, ia direito ao seu altar para lhe pedir que lhe concedesse a graça de conservar o seu coração bem longe de qualquer afeto impuro.

– Maria, dizia ele, quero ser sempre vosso filho. Fazei que morra antes que me suceda a desgraça de cometer um pecado contra a virtude.

Todas as sextas-feiras escolhia um momento de recreio, ia à igreja com outros companheiros para recitar a coroa das setes dores de Maria, ou pelo menos as ladainhas de Nossa Senhora das Dores<sup>152</sup>.

Não se limitava a ser devoto de Nossa Senhora, mas ficava radiante de alegria todas as vezes que podia levar alguém a honrá-la com práticas de piedade. Certo sábado convidou um amigo a ir com ele à igreja rezar as Vésperas da Bem-Aventurada Virgem Maria<sup>153</sup>. Este tentou esquivar-se alegando ter as mãos frias. Domingos tirou imediatamente as luvas, ofereceu-as ao companheiro e entraram ambos na igreja. Em outra ocasião emprestou o capote a um companheiro friorento para o mesmo fim. Quem não ficará cheio de admiração perante tais atos de generosidade?

Em nenhuma altura Domingos tinha tanto fervor para com a celeste protetora como no mês de maio. Combinava com outros para, em cada dia desse mês, fazerem uma cerimônia particular, além das que se faziam na igreja. Preparava uma série de exemplos edificantes, que narrava aos companheiros para os animar a serem devotos de Maria Santíssima. Falava nisso durante os recreios e animava-os a confessarem-se e comungarem, especialmente naquele mês. Era o primeiro a dar o exemplo, aproximando-se todos os dias da sagrada mesa com um tal recolhimento que maior não se podia desejar.

Um episódio curioso revela-nos a ternura que ele consagrava à Mãe de Deus. Os alunos do seu dormitório deliberaram fazer, a expensas suas, um elegante altarzinho para solenizarem com mais brilho o encerramento do mês de Maria. Domingos era incansável nesse trabalho; mas chegando-se à altura do pagamento da quota, que cada qual devia dar, começaram as dificuldades. Domingos declarou:

<sup>152</sup> Cf. *Corona di Maria Addolorata*, in G. Bosco, *Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri di cristiana pietà...*, ed. 2.<sup>a</sup> accresciuta, Torino, Tipografia G.B. Paravia, 1851, 114-119 (é a edição usada por Domingos); *Litanie della B. V. Addolorata*, *ibid.*, 119-122.

<sup>153</sup> Cf. Bosco, *Il giovane provveduto*, ed. <sup>2</sup>1851, 193-200.





– Até aqui, tudo bem, mas para isso é preciso dinheiro e é o que eu não tenho. No entanto, quero contribuir de qualquer modo, custe o que custar.

E, dizendo isso, foi buscar um livro que lhe tinha sido dado de prêmio e, pedindo licença aos superiores, voltou radiante de alegria, dizendo:

– Meus amigos, estou em condições de concorrer com alguma coisa para honrar a Virgem Santíssima; pegai neste livro, tirai dele a utilidade que puderdes; é a minha oferta.

À vista daquele ato espontâneo de generosidade, os companheiros comoveram-se e também quiseram oferecer livros e objetos. Com esse material fizeram uma rifa, e conseguiram arranjar mais do que o necessário para as despesas.

Concluído o altar, os alunos queriam celebrar a festa com a maior solenidade. Todos trabalhavam o mais que podiam, mas não conseguindo acabar a ornamentação, foi preciso trabalhar de noite.

– Eu passarei a noite a trabalhar, disse Domingos.

Mas os seus companheiros, por ele se encontrar em convalescença de uma doença recente, obrigaram-no a ir deitar-se. Não queria ceder, e só foi deitar-se por obediência.

– Ao menos vinde acordar-me assim que tudo estiver pronto, para eu ser um dos primeiros a admirar o altar ornamentado em homenagem à nossa querida Mãe.





## Capítulo XIV

# Frequência dos Sacramentos da Confissão e da Comunhão

Está comprovado pela experiência que os melhores sustentáculos da juventude são os sacramentos da Confissão e da Comunhão. Dai-me um rapaz que frequente estes sacramentos: tal rapaz crescerá, passará pela puberdade, chegará a adulto e, se Deus for servido, à mais avançada velhice, com um procedimento que servirá de exemplo a todos os que o conhecerem. Queira Deus que todos os garotos compreendam isso, para o praticarem, bem como todos os que se ocupam da educação da juventude, para o ensinarem.

Antes de vir para o Oratório, Domingos aproximava-se destes dois sacramentos uma vez por mês, segundo o uso das escolas. Depois frequentou-os com mais assiduidade. Um dia, ouviu do púlpito esta máxima:

– Jovens, se quiserdes perseverar no caminho do céu, recomendo-vos estas três coisas: aproximai-vos muitas vezes do sacramento da Confissão, frequentai a santa Comunhão, e escolhei um confessor a quem possais abrir o vosso coração, mas não o troqueis sem necessidade.

Domingos compreendeu a importância destes conselhos<sup>154</sup>.

Começou por escolher um confessor e conservou-o durante todo o tempo que esteve no Oratório. Para que este pudesse formar um juízo exato da sua consciência, quis, como se disse, fazer a confissão geral. A princípio, confessava-se todos os quinze dias e, mais tarde, todos os oito dias, comungando com a mesma frequência. O confessor, notando o grande progresso que fazia nas coisas do espírito, aconselhou-o a comungar três vezes por semana e, ao cabo de um ano, permitiu-lhe a comunhão diária.

Foi durante algum tempo dominado pelos escrúpulos; por isso, queria confessar-se de quatro em quatro dias e ainda mais amiúde; mas o seu diretor espiritual não concordou com esse desejo e obrigou-o à disciplina da confissão semanal.

Tinha nele uma confiança ilimitada. Falava com ele com toda a simplicidade dos assuntos de consciência, mesmo fora do confessionário. Alguém o aconselhou a mudar de confessor, de vez em quando, mas ele não concordou.

– O confessor, dizia ele, é o médico da alma; não é costume mudar de médico a não ser por falta de confiança, ou porque o mal está muito adiantado. Não estou nestes casos. Tenho plena confiança no meu confessor

<sup>154</sup> «Escolhei um bom confessor, abri-lhe por inteiro o vosso coração; e, na medida do possível, nunca mudeis» (G. Bosco, *Cenni sulla vita del giovane Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue rare virtù*, Torino, Tipografia P. De-Agostini, 1854, 32); as mesmas indicações se encontram em *Genno biografico sul giovanetto Magone Michele* (c. V) e em *Pastorello delle Alpi* (c. XIX).





que, com bondade e solicitude paternal, se empenha no aperfeiçoamento da minha alma; além disso, não vejo em mim chaga que ele não possa curar.

No entanto, o diretor ordinário aconselhou-o a mudar, uma ou outra vez, de confessor, especialmente por ocasião dos exercícios espirituais; sem opor a mínima dificuldade, obedeceu prontamente.

Domingos estava contente consigo mesmo.

– Se tenho qualquer mágoa no coração, dizia ele, vou ao meu confessor para que me aconselhe o que Deus quer que eu faça, pois, Jesus Cristo disse que a voz do confessor é a voz de Deus<sup>155</sup>. Se desejo alcançar alguma coisa importante, então vou receber a Hóstia Santa na qual se encontra *corpus quod pro nobis traditum*<sup>156</sup>, ou seja, aquele corpo, sangue, alma e divindade que Jesus Cristo ofereceu a seu Eterno Pai por nós na Cruz. Que mais me falta para ser feliz? Neste mundo, nada. Só me resta poder gozar no Céu d’Aquele que hoje adoro e contemplo, sobre os altares, com os olhos da fé.

Com estes pensamentos, Domingos passava dias verdadeiramente felizes. Daqui nascia aquele contentamento, aquela alegria celestial que transparecia em todas as suas ações. Não pensemos que ele não compreendesse a importância daquilo que fazia e não tivesse um teor de vida cristã, como convém que o tenha quem deseja fazer a comunhão frequente<sup>157</sup>. Por isso, o seu comportamento era, sob todos os pontos de vista, irrepreensível. Convidei os seus colegas a dizerem-me se, durante os três anos que ele viveu conosco, lhe notaram algum defeito a corrigir ou alguma virtude a adquirir. Todos, de uma vez, responderam que nunca encontraram nele coisa alguma que merecesse correção, nem virtude que se devesse acrescentar às que já praticava.

A sua preparação para receber a Santa Eucaristia era do mais edificante. À noite, antes de se deitar, fazia uma oração com esse fim e concluía sempre deste modo: «Graças e louvores se deem a todo o momento, ao Santíssimo e Diviníssimo Sacramento!» De manhã, era esse grande ato precedido de uma preparação suficiente; mas a ação de graças, essa não tinha fim. Muitas vezes, se ninguém o chamasse, esquecia-se da refeição, do recreio e algumas vezes do estudo, permanecendo em oração, ou melhor, na contemplação da divina Bondade, que de um modo inefável comunica aos homens os tesouros da sua infinita misericórdia.

Era para ele uma verdadeira delícia poder passar algumas horas diante de Jesus Sacramentado. Invariavelmente, ao menos uma vez por dia, costumava fazer-Lhe uma visita, convidando outros a ir em sua companhia. A sua

<sup>155</sup> Cf. *Lc* 10,16.

<sup>156</sup> Cf. *Lc* 22,19.

<sup>157</sup> *frequente*: ins. ed. <sup>5</sup>1878, para corrigir o anterior: *cotidiana*: cautela visando provavelmente evitar ulteriores problemas com o arcebispo Gastaldi que defendia posições mais rígidas.





oração predileta era a coroinha<sup>158</sup> do Sagrado Coração de Jesus para reparação das injúrias que recebe dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Para que as suas comunhões produzissem maior fruto e, ao mesmo tempo, o estimulassem a fazê-las cada vez com mais fervor, tinha-lhes fixado para cada dia um fim especial.

Eis como distribuía as intenções durante a semana:

Domingo. *Em honra da Santíssima Trindade.*

Segunda. *Pelos benfeitores espirituais e temporais.*

Terça. *Em honra de São Domingos e do meu Anjo da Guarda.*

Quarta. *A Nossa Senhora das Dores, pela conversão dos pecadores.*

Quinta. *Em sufrágio das almas do Purgatório.*

Sexta. *Em honra da Paixão de Jesus Cristo.*

Sábado. *Em honra de Maria Santíssima, para obter a sua proteção durante a vida e à hora da morte.*

Tomava parte, com arroubos de alegria, em todas as cerimônias que tivessem por fim honrar o Santíssimo Sacramento. Se acontecia encontrar o Viático, ao ser levado a algum doente, ajoelhava-se logo, onde quer que fosse e, se tinha tempo, acompanhava-o até terminar a cerimônia.

Um dia passou o Viático perto dele. Chovia e os caminhos estavam enlameados. Não tendo outro lugar para se ajoelhar, ajoelhou-se mesmo sobre a lama. Um dos seus amigos repreendeu-o depois, observando-lhe que, em tais circunstâncias, Nosso Senhor não exigia tanto. Domingos respondeu-lhe:

– Joelhos e calças tudo é de Deus; por isso, tudo deve servir para Lhe dar honra e glória. Quando passo perto d’Ele, não só me atiraria ao chão para honrá-l’O, mas até a uma fornalha, porque assim participaria do fogo da caridade infinita que O impeliu a instituir este grande Sacramento.

Em circunstâncias análogas, viu um dia um militar que se deixava ficar de pé no momento em que passava bem perto o Santíssimo Sacramento. Não se atrevendo a convidá-lo para que se ajoelhasse, tirou do bolso um lençinho, estendeu-o sobre o terreno sujo e fez-lhe sinal para que se servisse dele. O militar, a princípio, acanhou-se; mas, por fim, deixando de lado o lenço, acabou por se ajoelhar no meio do caminho<sup>159</sup>.

Na festa do Corpo de Deus foi com outros companheiros, vestidos de batina, à procissão da paróquia. Não cabia em si de alegria e considerou aquilo como um presente precioso, que maior não poderiam dar-lhe.

<sup>158</sup> Nota ins. ed. 21860: «Esta coroinha encontra-se impressa em muitos livros e entre outros no *Giovane Provveduto*, p. 105». Era uma prática de piedade destinada a reparar Jesus «dos ultrages que recebe na SS. Eucaristia por parte dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos», constituída por sete breves orações seguidas de um Pai Nosso (cf. *Corona del Sacro Cuore di Gesù*, in BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 21851, 105-107).

<sup>159</sup> *Um dia ... caminho*: dois parágrafos inseridos na edição 21860.





## Capítulo XV

### As suas penitências

A idade, a saúde delicada e a inocência da vida dispensavam Domingos de toda e qualquer penitência; mas bem sabia ele que um rapaz dificilmente pode conservar a inocência sem a penitência, e este pensamento fazia com que a via de sofrimento lhe fosse como uma alcatifa de rosas. Por penitência, não entendo falar apenas no suportar pacientemente as injúrias e os desgostos, nem da mortificação contínua e a compostura de todos os sentidos durante a oração, na aula e no recreio. Estas penitências eram nele habituais.

Falo apenas das duras penitências corporais. Levado pelo seu fervor, tinha determinado jejuar todos os sábados a pão e água, em honra da Virgem Maria, o que lhe foi proibido pelo confessor. Queria jejuar durante a Quaresma, mas, ao cabo de uma semana, o fato chegou ao conhecimento do diretor da casa, que se opôs imediatamente a tal mortificação. Queria, pelo menos, deixar o café da manhã, mas também isso lhe não foi permitido.

A razão por que lhe não davam licença para tais penitências era a de impedir que arruinasse de todo a sua delicada saúde. Que fazer então? Proibido de abster-se no alimento, achou maneira de mortificar o corpo de outra forma. Começou por colocar na cama lascas de madeira, cacos de tijolo, para tornar incômodo o descanso; quis usar uma espécie de cilício. Como tudo isso lhe fosse proibido, lançou mão de outro expediente: deixou passar o outono e parte do inverno sem colocar outro cobertor na cama; de modo que, em pleno mês de janeiro, continuava a usar a roupa da estação calmosa. Certa manhã, em que ficara na cama incomodado, o diretor foi visitá-lo. Vendo-o tão encolhido, avizinhou-se dele e viu que só tinha um cobertor fino.

– Por que fizeste isso? Queres morrer de frio?

– Não, senhor diretor, não morrerei de frio. Jesus, na gruta de Belém e quando morreu na cruz, estava menos agasalhado que eu.

Foi-lhe, então, proibida toda e qualquer penitência, fosse de que gênero fosse, sem previamente ter obtido a devida licença. Embora constrangido, submeteu-se a esta ordem. Uma vez, encontrei-o todo aflito, murmurando estas palavras:

– Pobre de mim! Estou deveras atrapalhado... Nosso Senhor diz-me que devo fazer penitência, se não, não vou para o céu<sup>160</sup>; e, no entanto, estou proibido de fazê-la. A que paraíso posso eu, pois, aspirar?

– A penitência que o Senhor quer de ti, disse-lhe eu, é a obediência. Obedece e basta.

<sup>160</sup> Cf. *Lc* 13,5.





- Não podia permitir-me qualquer outra penitência?
  - Posso, sim: são-te permitidas as penitências de sofrer com paciência as injúrias que te fizerem, de suportar com resignação o calor, o frio, o vento, a chuva, o cansaço e todos os incômodos que Deus quiser enviar-te.
  - Mas isso sofre-se por necessidade.
  - O que sofres por necessidade, oferecido a Deus, pode tornar-se virtude e mérito para a tua alma.
- Contente e resignado com estes conselhos, retirou-se tranquilo.





## Capítulo XVI<sup>161</sup>

### **Mortificações em todos os sentidos externos**

Quem reparasse no porte exterior de Domingos Sávio, achava-lhe tanta naturalidade, que pensava tê-lo Nosso Senhor criado assim mesmo. Mas os que o conheceram de perto ou tiveram a responsabilidade da sua educação podem assegurar que havia nisso grande esforço humano coadjuvado pela graça de Deus.

A vivacidade do seu olhar obrigava-o a grande esforço, dada a sua firme resolução de a dominar.

– Ao princípio, repetiu várias vezes a um amigo, quando me decidi a dominar completamente o meu olhar, foi penoso e até sofri por isso fortes dores de cabeça.

Com efeito, era tão reservado, que ninguém, dos que o conheceram, se lembra de o ter visto olhar para qualquer coisa que excedesse os limites da rigorosa modéstia.

– Os olhos, dizia ele, são duas janelas. Pelas janelas passa tudo o que se deixar passar. Por estas janelas, tanto podemos deixar passar um anjo como um demônio e permitir, tanto a um como a outro, que se aposses do nosso coração.

Certo dia, um dos seus companheiros trouxe inadvertidamente para a escola uma revista em que havia algumas figuras obscenas e imorais. Um grupo de garotos rodeou-o para ver aquelas gravuras que fariam corar de vergonha até os infieis e os pagãos. Domingos correu também pensando de longe que estivessem a ver alguma imagem piedosa. Quando viu, porém, do que se tratava, ficou surpreendido. Em seguida, com um sorriso de ironia, deitou-lhe a mão e rasgou-a em mil bocados. Os outros garotos, atônitos, entreolharam-se mortificados, sem pestanejar. Domingos, então, disse-lhes:

– Pobres de nós! Nosso Senhor deu-nos os olhos para contemplar as belezas de tudo o que Ele criou, e vós vos servis deles para olhar tais indecências, inventadas pela malícia dos homens para corromper as almas? Esqueceste o que tantas vezes vos foi ensinado? O Salvador diz-nos que com um olhar inconveniente manchamos as nossas almas, e vós a deliciar-vos com os olhos postos em coisas tão vergonhosas?!...

– Nós, respondeu um deles, víamos aquilo para rir.

– Sim, sim, para rir; no entanto, a rir, preparai-vos para ir para o inferno. Riríeis no inferno se lá caísseis?

– Mas nós – retorquiu outro – não víamos grande mal naquelas gravuras.

– Pior ainda. Não ver grande mal em semelhantes indecências é sinal de que já estais habituados a vê-las. Mas o hábito não desculpa, antes, pelo contrário, torna-vos mais culpados. Santo Jó! Santo Jó! Tu eras velho, mas eras santo;

<sup>161</sup> O capítulo XVI na íntegra foi inserido na edição <sup>2</sup>1860.





sofrias de uma doença que te obrigava a viver deitado no meio da imundície; e, contudo, fizeste um pacto com os teus olhos para não lhes dar a mínima liberdade acerca de coisas inconvenientes!

A estas palavras, todos se calaram e ninguém mais se atreveu a censurá-lo nem a fazer-lhe qualquer observação.

À modéstia nos olhos aliava Domingos uma grande reserva no falar. Quando alguém falava, ele calava-se; por várias vezes truncou uma expressão para deixar falar os outros. Os seus mestres foram unânimes em afirmar que nunca tiveram motivo para o repreender, tão modelar foi sempre o seu procedimento no estudo, na aula, na igreja e em toda a parte. Até nas ocasiões em que lhe fizessem qualquer injúria sabia moderar, mais do que nunca, a língua e o seu temperamento.

Um dia, avisou um companheiro de um mau hábito. Este, em vez de receber de bom grado a observação, zangou-se. Cobriu-o de insultos e investiu contra ele a soco e a pontapé. Domingos podia fazer valer as suas razões pela força, dado que era mais velho e tinha mais força. Mas não quis senão a vingança do cristão. Ficou muito corado, mas refreou o ímpeto de ira e limitou-se a dizer as seguintes palavras:

– Perdoo-te esta ofensa. Não trates os outros desta maneira.

Que dizer da mortificação dos outros sentidos do corpo? Limito-me simplesmente a contar alguns fatos.

No inverno as frieiras punham-lhe as mãos num estado lastimoso. Embora sofresse muito, nunca de seus lábios saiu a menor queixa e parecia mesmo que achava prazer naquilo.

– Quanto maiores forem as frieiras, dizia ele, tanto mais lucrará a saúde.

Referia-se, naturalmente, à saúde da alma. Muitos dos seus companheiros asseguram que, durante a estação fria, Domingos costumava ir para a escola devagar e nisso via-se o desejo de sofrer e fazer penitência, sempre que se lhe deparassem ocasiões propícias.

– Por mais de uma vez o vi, declara um dos seus colegas, no maior rigor do inverno, dilacerar a pele e até a carne, com agulhas e pontas de aparo, para que essas picadelas se transformassem em chagas e assim o tornassem semelhante ao Divino Mestre!

Onde há muitos garotos, encontram-se sempre alguns que nunca estão satisfeitos com coisa alguma. Ora se queixam das cerimônias religiosas, ora dos regulamentos, ora do descanso, ora da comida, em tudo acham que criticar. São uma verdadeira cruz para os superiores, porque o descontentamento de um comunica-se logo aos outros, com grande detrimento da ordem e da disciplina. O procedimento de Domingos Sávio era completamente oposto ao desses. Nunca abriu a boca para se queixar do calor no verão nem do frio no inverno. Fizesse bom ou mau tempo, estava sempre satisfeito. Quanto à alimentação, nada tinha a dizer. Ao contrário, de boa vontade tirava daí motivo para se mortificar. Quando





alguma coisa não agradava aos outros, porque estava muito cozida ou muito crua, insípida ou muito salgada, Domingos mostrava-se contente, dizendo que era assim mesmo que ele gostava.

Era seu costume demorar-se um pouco no refeitório, depois da saída dos alunos, para recolher as migalhas do pão deixadas sobre a mesa ou espalhadas pelo chão, comendo-as como petisco saboroso. A alguém, que estranhava tal procedimento, ocultava o seu espírito de penitência, dizendo:

– Os pães não se comem inteiros; reduzidos a bocadinhos, é um trabalho a menos para os dentes.

Restos de sopa, de carne ou de qualquer outro prato, aproveitava-os e comia-os, e não por gulodice, porque muitas vezes distribuía a sua parte aos companheiros. Um dia, perguntei-lhe a razão por que recolhia com tanto cuidado os restos, que à maioria das pessoas causava nojo. Domingos respondeu:

– Tudo o que temos no mundo é dom precioso de Deus; mas de todos os dons, depois da graça de Deus, o maior é o alimento com que Ele nos conserva a vida; por isso, a mais pequenina parcela desse dom merece a nossa gratidão e deve ser guardada com o maior cuidado e a mais escrupulosa diligência<sup>162</sup>.

Engraxar os sapatos, escovar a roupa dos companheiros, prestar aos doentes os mais humildes serviços, varrer e trabalhar nos mais humildes mesteres, era para Domingos um agradável passatempo. Costumava dizer:

– Cada um faz aquilo que pode. Eu não sou capaz de fazer grandes coisas, mas o que posso, faço-o para maior glória de Deus. Espero que Nosso Senhor, na sua bondade, fique satisfeito com as minhas pobres oferendas.

Comer o que repugnasse ao seu gosto e pôr de parte o que lhe poderia agradar; refrear os olhares, mesmo nas coisas indiferentes; deixar-se ficar onde havia cheiros desagradáveis, contrariando assim a sua vontade; suportar com perfeita resignação tudo aquilo que lhe pudesse proporcionar uma qualquer mortificação do corpo ou do espírito; tudo eram atos de virtude em que Domingos se exercitava cotidianamente e, podemos até dizer, em todos os momentos da sua vida.

Não cito muitos outros fatos deste gênero, que concorreram para demonstrar como era grande em Domingos o espírito de caridade, de penitência e de mortificação e, ao mesmo tempo, como a sua virtude o tornava hábil em aproveitar as grandes e as pequenas ocasiões, mesmo nas coisas indiferentes, para se santificar e aumentar os seus méritos diante de Deus.

<sup>162</sup> A narrativa baseia-se em testemunhos de Miguel Rua e Giovanni Bonetti (cf. ASC A4920137: *Memorie riguardo al giovane Savio Domenico*, ms. Rua, s.d., f1v-2r; ASC A4920139: *Fatti e detti del Savio Domenico*, ms. Bonetti, s.d., f3r).





## Capítulo XVII

### A Companhia da Imaculada Conceição

Toda a vida de Domingos foi, pode dizer-se, de contínua dedicação a Maria Santíssima. Não deixava passar a mais pequena ocasião de Lhe prestar qualquer homenagem. Em 1854 o Sumo Pontífice definiu, como dogma de fé, a Imaculada Conceição de Maria. Domingos Sávio desejava ardentemente tornar vivo e duradouro entre nós o pensamento desta augusta invocação à Rainha do Céu, sancionada pela Igreja.

– Desejaria fazer alguma coisa em honra de Maria, dizia ele, mas tenho de o fazer quanto antes, pois receio que me falte o tempo.

Guiado, pois, pela sua habitual e engenhosa caridade, escolheu alguns dos seus companheiros e convidou-os a organizarem com ele uma Companhia, à qual deram o título de *Companhia da Imaculada Conceição*. O fim principal desta Companhia era atrair sobre os sócios a proteção da Mãe de Deus, tanto durante a vida como à hora da morte. Dois meios propunha Domingos para este fim: promover práticas de piedade em honra de Maria Imaculada e a comunhão frequente. De acordo com os amigos, compilou um regulamento que, depois de muito trabalho, no dia 8 de junho de 1856, isso é, nove meses antes da sua morte, leu na presença deles, diante do altar de Nossa Senhora. De bom grado o transcrevo, porque poderá servir de norma para outros que queiram fazer o mesmo<sup>163</sup>. Eis o seu teor:

*Nós, Domingos Sávio, etc. (seguem-se os nomes dos outros), para podermos assegurar, durante a vida e no momento da morte, o patrocínio da bem-aventurada Virgem Maria, e para nos consagrarmos inteiramente ao seu santo serviço, no dia 8 de junho, tendo recebido os sacramentos da Confissão e da comunhão, resolvidos como estamos a professar para com a Nossa Mãe uma devoção constante e filial, propomo-nos, perante o seu altar e com o consentimento do nosso diretor espiritual, querer imitar, tanto quanto as nossas forças permitirem, a Luís Comollo<sup>164</sup>.*

<sup>163</sup> O documento original, transcrito por Dom Bosco com algumas adaptações, encontra-se em ASC E452: *Regolamento della Compagnia dell'Immacolata Concezione approvato da D. Bosco*, ms. Giuseppe Bongioanni, 9 junho 1856.

<sup>164</sup> «Luigi Comollo nasceu em Cinzano em 1818 e morreu no ano de 1839 em conceito de singular virtude no Seminário de Chieri, aos 22 anos de idade. A vida deste modelo da juventude foi editada pela segunda vez no ano I das *Letture Cattolice*» (nota presente já na 1.ª edição). Até a ed<sup>3</sup> de 1861 lia-se: «no ano IV das *Letture Cattolice*», erro corrigido a partir da ed. 4<sup>1866</sup>. A primeira edição da vida de Comollo tinha sido publicada de forma anônima em 1844 (*Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù*, scritti da un suo collega, Torino, Speirani





*Por isso obrigamo-nos a:*

*I°. Observar rigorosamente o regulamento da casa.*

*II°. Edificar os companheiros avisando-os caridosamente e animando-os ao bem com as palavras e ainda mais com o bom exemplo.*

*III°. Ocupar devidamente o tempo.*

*E para podermos perseverar nesta regra, à qual queremos obrigar-nos, submetemos o presente regulamento à apreciação do nosso diretor.*

*1. Em primeiro lugar procuraremos obedecer rigorosamente aos nossos superiores, aos quais nos submeteremos com ilimitada confiança.*

*2. O cumprimento do dever será sempre a nossa primeira e especial ocupação.*

*3. A caridade recíproca unirá todas as nossas almas e far-nos-á amar indistintamente os nossos companheiros, que avisaremos com doçura, quando pareça útil uma intervenção.*

*4. Reunir-nos-emos meia hora por semana e, depois de invocar o Espírito Santo e de fazer uma breve leitura espiritual, trataremos dos progressos da Companhia na devoção e na virtude.*

*5. Além disso, avisar-nos-emos, em particular, uns aos outros, dos defeitos de que devemos emendar-nos.*

*6. Procuraremos evitar entre nós o mínimo desgosto, suportando com paciência os defeitos do próximo.*

*7. Não se marca nenhuma oração, visto que o tempo que nos restar, depois de termos cumprido o nosso dever, deverá ser consagrado ao fim que nos parecer mais útil às nossas almas.*

*8. Adotamos, contudo, estas poucas práticas de piedade:*

*§ 1. A frequência dos santos sacramentos, tanto quanto nos seja permitido.*

*§ 2. Comungaremos todos os domingos, nas festas de preceito, em todas as novenas e solenidades de Maria Santíssima e dos santos protetores do Oratório.*

*§ 3. Durante a semana procuraremos comungar à quinta-feira, a não ser que disso sejamos impedidos por algum motivo urgente.*

---

e Ferrero, 1844); o Santo fez dela uma edição ampliada para a coletânea *Letture Cattoliche (Cenni sulla vita del giovane Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue rare virtù, scritti dal sac. Bosco Giovanni suo collega, Torino, P. De-Agostini, 1854)*; a 3.<sup>a</sup> ed. (1867) retoma a 2.<sup>a</sup>, ao passo que a 4.<sup>a</sup> ed. (1884), a definitiva, será completamente refeita e completada com muitas outras notícias.





9. Todos os dias, especialmente ao rezar o terço, recomendaremos à SS.ma Virgem a nossa Companhia, pedindo-Lhe que nos conceda a graça da perseverança.

10. Procuraremos consagrar o sábado a Maria Santíssima com alguma prática especial, ou qualquer ato de piedade cristã, em homenagem à sua Imaculada Conceição.

11. Teremos, portanto, uma atitude cada vez mais edificante na oração, nas leituras piedosas, durante as cerimônias religiosas, no estudo e nas aulas.

12. Guardaremos com o maior cuidado a santa palavra de Deus e meditaremos as verdades ouvidas<sup>165</sup>.

13. Evitaremos toda a perda de tempo como meio de vencer as tentações que com mais força nos acometem no ócio; por isso:

14. Depois de cumprirmos as nossas obrigações, consagraremos o tempo que nos restar a atividades úteis, a boas leituras ou à oração.

15. O recreio é necessário ou pelo menos permitido depois das refeições e do estudo.

16. Procuraremos manifestar aos nossos superiores tudo o que possa ajudar ao nosso progresso moral.

17. Procuraremos também não abusar das licenças que nos forem concedidas pela bondade dos nossos superiores, pois que um dos nossos fins principais é o exato cumprimento do regulamento da casa, tão frequentemente infringido pelo abuso dessas licenças.

18. Sujeitar-nos-emos a tudo o que os nossos superiores determinarem a respeito da alimentação, sem fazer reclamações.

19. Quem desejar fazer parte desta Companhia deverá preparar a sua consciência com os sacramentos da confissão e da comunhão, dar prova do seu procedimento durante uma semana, ler atentamente este regulamento e prometer exata observância do mesmo a Deus e a Maria Santíssima.

20. No dia da admissão, os irmãos receberão a Santa Comunhão, pedindo à Divina Majestade que conceda aos companheiros a virtude da perseverança, da obediência e o verdadeiro amor de Deus.

21. A Companhia é colocada sob a proteção da Imaculada Conceição. Os sócios deverão trazer uma medalha piedosa. A confiança sincera, filial e ilimitada em Maria, uma grande ternura para com Ela, uma devoção constante, tornar-nos-ão capazes de vencer todos

<sup>165</sup> Cf. Lc 11,28.





*os obstáculos, mantendo-nos firmes nas resoluções, exigentes com nós mesmos, compassivos para com o próximo e exatos em tudo.*

*Além disso, aconselhamos os nossos irmãos a escreverem os santos nomes de Jesus e de Maria, em primeiro lugar na mente e no coração, e também nos livros e outros objetos sobre que recai o nosso olhar.*

*Pedimos ao nosso diretor que examine este regulamento e nos dê a sua opinião sobre ele, assegurando-lhe que nos sujeitaremos inteiramente ao que for da sua vontade, podendo, pois, fazer livremente as alterações que julgar convenientes.*

*E à Santíssima Virgem pedimos que abençoe os nossos esforços, pois a Ela devemos a inspiração que nos levou a criar esta Companhia.*

*Possa Ela sorrir às nossas esperanças e ouvir os nossos votos. E nós, abrigados sob o seu manto, fortalecidos pelo seu patrocínio, desafiaremos as procelas deste mar encapelado e enfrentaremos os assaltos do inimigo infernal. Com a sua ajuda esperamos ser o exemplo dos companheiros, a consolação dos superiores, e estremecidos filhos de tão boa Mãe. E se Deus nos conceder graça e vida para podermos servi-LO no ministério sacerdotal, empenhar-nos-emos, com todas as nossas energias, em exercê-lo com o máximo zelo. Desconfiando das nossas forças, e só confiados no seu materno auxílio, poderemos, então, esperar que, depois de termos percorrido este vale de lágrimas, consolados pela presença de Maria, alcançaremos certamente, naquela última hora, o galardão eterno que Deus reserva a quem O serve em espírito e verdade.*

*O Diretor do Oratório leu o regulamento acima exposto e, depois de o haver examinado atentamente, aprovou-o com as seguintes ressalvas:*

- 1. As promessas mencionadas não têm força de voto.*
- 2. Nem obrigam sob pena de pecado.*
- 3. Estabeleça-se nas conferências alguma obra de caridade externa, como a limpeza da igreja, o ensino do catecismo a algum menino dos mais atrasados.*
- 4. Divida-se a semana de forma que, em cada dia, haja algumas comunhões.*
- 5. Não se acrescente nenhuma prática religiosa sem licença especial dos superiores.*
- 6. Proponha-se, como fim fundamental, a propagação da devoção ao SS. Sacramento e à Imaculada Conceição.*





## 7. Antes de aceitar um irmão exija-se que leia a vida de Luís Comollo<sup>(166)</sup>.

<sup>166</sup> «Um dos que mais ajudaram Domingos Sávio a fundar a Companhia da Imaculada Conceição foi Bongioanni Giuseppe. Este rapaz, ficando órfão, foi recomendado por uma tia ao diretor do Oratório, que o recebeu caridosamente em novembro de 1854. Tinha, então, 17 anos. Forçado pelas circunstâncias e muito contrariado, entrou no Oratório, mas trazia o espírito cheio de vaidades do mundo e de vários preconceitos a respeito da religião. Viu-se porém, claramente, que a graça divina operava nele uma transformação, porque logo se afeiçoou à casa, ao regulamento e aos Superiores. Imperceptivelmente foi retificando as ideias e, passado pouco tempo, entregava-se, com todo o ardor, à aquisição da virtude e às práticas de piedade. Dotado de muita perspicácia e de grande facilidade de assimilação, foi destinado à carreira dos estudos. Fez rapidamente os estudos clássicos, e com excelente resultado. Dotado de uma ardente imaginação, fazia versos com muita facilidade, tanto em italiano como em piemontês. Na intimidade, era uma delícia ouvi-lo discorrer sobre temas engraçados e instrutivos. Escreveu belos poemas, muitos dos quais publicados, como, por exemplo, o que se acha no *Jovem Instruído* [cf. ed. <sup>37</sup>1874, 444-446], em homenagem a Maria Auxiliadora, e começa assim: *Salve, salve, piedosa Rainha [Maria]*, etc.

Orientando-se para a carreira eclesiástica, distinguiu-se sempre durante todo o tempo do Seminário pela sua piedade, fiel observância das regras e zelo pelo bem dos companheiros. Ordenado sacerdote em 1863, dedicou-se ao exercício do sagrado ministério com todo o ardor. Embora pouco favorecido pela voz, agradava a todos pela beleza da matéria da sua pregação e pela unção da exposição. Era, por isso, ouvido com gosto e recolhia abundantes frutos espirituais.

Depois de ter ajudado Domingos Sávio, de quem era muito amigo, a fundar a Companhia da Imaculada, fundou, com licença dos Superiores, quando ainda seminarista, uma outra Companhia em honra do SS. Sacramento, que tinha por fim promover este culto entre os jovens, e habituar os alunos, que mais se distinguiam pelas suas virtudes, ao serviço das cerimônias sagradas, formando assim como que um grupo de acólitos, que dava mais graça e solenidade a tais cerimônias. Foi já depois de ordenado sacerdote que Bongioanni Giuseppe mais trabalhou por esta Companhia e com ótimos resultados. Pode dizer-se que, se a Congregação de São Francisco de Sales deu à Igreja um bom número de ministros do altar, isso deve-se, em grande parte, à ação do padre Bongioanni junto dos acólitos. Em 1868, aproximando-se a data da consagração da igreja erguida, em Valdocco, em louvor de Maria Auxiliadora, o Padre Bongioanni esforçou-se por organizar tudo de forma que os acólitos tomassem parte nessa festa e bem assim no oitavário seguinte que devia ser realizado com grande pompa. Tendo um amor ardente a Maria Santíssima, a nada se poupou para que a vigília da festa que, naquele ano, era no dia 9 de julho, se revestisse de um brilho excepcional. A Virgem Auxiliadora, satisfeita com a sua fervorosa devoção, concedeu-lhe logo o prêmio. Antes, porém, quis sujeitá-lo a uma prova que, suportada com resignação, foi para o Padre Bongioanni causa de muitos merecimentos. Tendo trabalhado arduamente para o bom êxito da festa, caiu doente e teve de ficar de cama no dia 9, dia da consagração. A doença continuou por alguns dias. Desejoso de, pelo menos, celebrar Missa na nova igreja, pediu ardentemente à Virgem que lhe obtivesse essa graça. Com efeito, no Domingo sentiu tantas melhoras, que pôde, com a devida preparação, subir ao altar e celebrar, com grande consolação, a Santa Missa. Depois da Missa, disse a alguém que estava tão contente, que podia entoar o *Nunc dimittis*. E assim foi: pois, sentindo-se sem forças, voltou para a cama e nunca mais se levantou. Na quarta-feira seguinte, tendo terminado o oitavário, fizeram-se exéquias pelos Benfeitores falecidos; e de tarde, concluídas todas as solenidades, os alunos dos vários colégios, que tinham tomado parte na festa, partiram para os seus destinos. Uma hora depois, o Padre Bongioanni Giuseppe, tendo recebido todos os Sacramentos, assistido pelo seu querido diretor e rodeado por um grupo dos seus caros amigos e irmãos, entregou a sua alma a Deus, indo ver, o que firmemente esperamos, como se celebram no Céu as festas em honra d'Aquela que era para ele objeto dos seus maiores enlevos» (nota ins. ed. <sup>5</sup>1878).





## Capítulo XVIII

### Relações de amizade | Relacionamento com o jovem Camilo Gávio

Todos eram amigos de Domingos. Quem o não estimava, respeitava-o pelas suas virtudes. Sabia dar-se bem com todos. E era tão firme na virtude, que foi aconselhado a entreter-se com alguns alunos um pouco rebeldes, para, com bons modos, levá-los a Jesus. E ele de tudo se servia para tirar proveito espiritual: do recreio, dos divertimentos e até das conversas indiferentes. Mas os seus amigos particulares eram<sup>167</sup> os que estavam inscritos na Companhia de Maria Imaculada, com os quais, durante a semana, como já dissemos, se reunia, ora para conferências espirituais, ora para práticas de piedade cristã. Estas conferências tinham a aprovação dos superiores, mas eram organizadas e reguladas pelos próprios alunos. Nelas tratavam do modo de celebrar as novenas das principais solenidades, combinavam entre si as comunhões que cada um devia fazer em determinado dia da semana, indicavam os alunos necessitados de assistência moral, que os sócios faziam seus «clientes e protegidos», lançando mão de todos os meios que a caridade cristã sugere, a fim de os encaminhar para a virtude. Domingos era um dos mais entusiastas e, pode dizer-se que, nestas conferências, parecia um doutor.

Poderíamos indicar alguns companheiros de Domingos que tomaram parte nessas conferências e trataram de perto com ele, mas, como ainda vivem, é preferível calarmos<sup>168</sup> os seus nomes. Mencionaremos apenas dois que já faleceram: Camilo Gávio, de Tortona, e João Masságli, de Marmorito<sup>169</sup>. Camilo Gávio esteve apenas dois meses em Valdocco, mas foi o bastante para deixar imperecível recordação entre os companheiros.

Era um rapaz de grande piedade. A sua grande propensão para a pintura e escultura levaram a Prefeitura daquela cidade a ajudá-lo a vir para Turim, a fim de se aperfeiçoar nessas artes. Tivera na sua aldeia uma grave doença e veio para o Oratório ainda convalescente. Longe do ambiente da sua terra e

<sup>167</sup> *Mas os seus ... eram*: ins. ed. <sup>2</sup>1860, em vez de *tinha*.

<sup>168</sup> Na ata de fundação da Companhia da Imaculada, redigida por Giuseppe Bongioanni (ASC A230), são enumerados os sócios fundadores nesta ordem: «Bonetti Giovanni, Vascchetti Francesco, Savio Domenico, Marcellino Luigi, Durando Celestino, Momo Giuseppe, Bongioanni Giuseppe»; noutra cópia da ata encontramos também os nomes de Giuseppe Rocchietti, Michele Rua e Giovanni Cagliero.

<sup>169</sup> Ambos morreram antes da fundação da Companhia da Imaculada (9 jun. 1856): Gávio faleceu em 29 de dezembro de 1855 e Massaglia em 20 de maio de 1856; todavia é provável que se reunissem com Domingos e outros, «ora para conferências espirituais, ora para práticas de piedade cristã», como era costume em Valdocco, mesmo antes da fundação da Companhia. A confusão deve-se ao acréscimo na edição de <sup>2</sup>1860 do inciso assinalado duas notas antes.





dos pais e entre colegas desconhecidos, andava muito desconsolado e triste. Via jogar os outros e ficava sozinho, absorto em pensamentos importunos. Disso se apercebeu Domingos que logo se aproximou dele para o confortar. E teve com ele este belo diálogo:

- Então, meu amigo, pelo que vejo, não conheces aqui ninguém.
- Não, não conheço, mas divirto-me a ver brincar os outros.
- Como te chamas?
- Camilo Gávio, de Tortona.
- Quantos anos tens?
- Quinze completos.
- Onde vem essa tristeza que te anuvia o rosto? Estiveste doente?
- Sim, estive doente; tive umas palpitações terríveis que me puseram à beira do túmulo e, mesmo agora, ainda não me sinto inteiramente bem.
- E desejarias sarar?
- Tanto, não; desejo apenas fazer a vontade de Deus.

Estas últimas palavras de Camilo Gávio foram uma revelação para Domingos, que viu imediatamente nele um rapaz dotado de invulgar piedade; por isso, com toda a confiança, continuou:

- Quem deseja fazer a vontade de Deus, deseja também santificar-se<sup>170</sup>. Tens, então, vontade de te fazer santo?
- É grande em mim esse desejo.
- Pois bem, aumentarás o número dos nossos amigos, e tomarás parte em tudo o que fizermos para nos santificarmos.
- É tão belo o que me dizes... Mas não sei ainda o que devo fazer...
- Eu te direi em poucas palavras<sup>171</sup>. Saiba que nós aqui fazemos consistir a santidade em estar muito alegres. Procuraremos apenas evitar o pecado, como um grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração, procuraremos cumprir exatamente os nossos deveres e frequentar as práticas de piedade. Começa desde já a tomar nota da frase: *Servite Domino in laetitia*, sirvamos o Senhor em santa alegria<sup>172</sup>.

Esta conversa foi como que um bálsamo para Camilo Gávio, que ficou deveras confortado. Desde esse dia passou a ser o mais fiel amigo de Domingos e seu imitador constante. A doença, porém, que o levara à beira do túmulo e que não tinha sido ainda debelada, reapareceu dois meses depois; e não obstante todos os cuidados dos médicos e dos amigos, não se

<sup>170</sup> Cf. 1 Tes 4,3.

<sup>171</sup> *É tão belo ... palavras*: ins. ed. 31861.

<sup>172</sup> Cf. Sl 100,2.





pôde encontrar remédio para o mal. Depois de alguns dias de padecimentos, tendo recebido os últimos sacramentos com grande devoção, entregava a sua alma a Deus, no dia 29 de dezembro de 1855<sup>173</sup>.

Domingos fora várias vezes visitá-lo durante a doença e ofereceu-se sempre para passar a noite à cabeceira do enfermo, o que nunca lhe foi permitido. Quando soube que tinha expirado, quis vê-lo pela última vez e, ao vê-lo falecido, disse comovido:

– Adeus, Camilo. Estou intimamente convencido de que<sup>174</sup> foste para o Céu; prepara um lugar para mim. Serei sempre teu amigo e, enquanto o Senhor me der vida, pedirei pelo descanso da tua alma.

Foi depois com alguns dos companheiros rezar o ofício dos falecidos na câmara ardente. Fizeram-se ainda outras preces durante o dia. Domingos convidou alguns dos melhores colegas a fazerem a santa comunhão e ele mesmo a fez em sufrágio do amigo falecido.

Entre outras coisas disse aos seus amigos:

– Meus amigos, não esqueçamos a alma do nosso amigo. Tenho grande esperança de que já esteja a gozar as glórias do Céu; não obstante, continuemos a rezar por sua alma<sup>175</sup>. Tudo o que fizermos por ele, Deus disporá que outros o façam por nós um dia.

---

<sup>173</sup> Dom Bosco, por engano, escreve: 30 de dezembro de 1856.

<sup>174</sup> *Estou ... de que*: ins. ed. <sup>5</sup>1878.

<sup>175</sup> *Tenho grande ... alma*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.





## Capítulo XIX

### **Domingos Sávio e João Massaglia**

Foram mais longas e mais íntimas as relações com João Massaglia, de Marmorito, povoação pouco distante de Mondônio.

Entraram ao mesmo tempo no Oratório, eram de aldeias vizinhas, tinham a mesma vontade de abraçar o estado eclesiástico e um grande desejo de se fazer santos.

– Não basta – dizia uma vez Domingos ao seu amigo – que nos queiramos fazer sacerdotes, é preciso que trabalhemos por adquirir as virtudes necessárias a esse estado.

– Tens razão – respondia o amigo – mas, se fizermos tudo o que pudermos, Deus não deixará de nos conceder as graças e as forças para merecermos favor tão grande como o de nos tornarmos ministros de Jesus Cristo.

Por altura da Páscoa, os dois amigos fizeram com muito fervor os exercícios espirituais. No fim destes, Domingos disse ao companheiro:

– Quero que sejamos verdadeiros amigos, amigos naquilo que diz respeito à alma. Por isso, proponho que, de ora em diante, nos avisemos um ao outro em tudo o que possa servir para o nosso bem espiritual. Se notares em mim algum defeito, diz-me, para que me possa emendar e, se vires que posso fazer algum bem, não te esqueças de me avisar.

– Farei de boa vontade tudo o que me pedes, embora não precisas, mas tu é que deves ser mais cuidadoso comigo porque, devido à idade, estudo e aulas<sup>176</sup>, estou exposto a maiores perigos.

– Deixemo-nos de elogios mútuos e ajudemo-nos a fazer bem à nossa alma.

Desde aquele dia, Sávio e Massaglia tornaram-se verdadeiros amigos e a sua amizade foi duradoura, porque assentava na virtude. Ambos andavam à porfia a dar bom exemplo e bons conselhos, para se auxiliarem mutuamente a fugir do mal e a praticar o bem.

No fim do ano letivo, depois dos exames, os alunos foram autorizados a passar as férias com os pais ou familiares. Alguns, movidos pelo desejo de estudar e de se aperfeiçoar nos exercícios de piedade<sup>177</sup>, preferiram ficar no Oratório, entre eles, Domingos e João Massaglia. Sabendo que eram ansiosamente esperados por suas famílias, e, como ambos precisavam de restaurar as forças perdidas, insistiu:

– Por que não ides passar alguns dias de férias? Eles puseram-se a rir.

<sup>176</sup> *estudo e aulas*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.

<sup>177</sup> *movidos ... piedade*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.





– Que quereis dizer com esse riso?

Domingos respondeu-me:

– Bem sabemos que os nossos pais nos esperam ansiosamente. Não imagina como lhes queremos bem e que prazer temos em estar com eles. Mas sabemos também que o pássaro enquanto está na gaiola, se não goza de liberdade, pelo menos, está livre do gavião. Pelo contrário, fora da gaiola, voa para onde quer, mas, de um momento para o outro, pode cair nas garras do gavião infernal<sup>178</sup>.

Apesar disso, julguei conveniente mandá-los passar algum tempo em casa para bem da sua saúde; resignaram-se a fazer-me a vontade, mas unicamente para obedecer, e lá ficaram os dias que lhes marquei.

Se quisesse descrever os belos rasgos de virtude de João Massaglia, teria de repetir o que disse de Domingos, de quem foi fiel imitador enquanto viveu. Massaglia gozava de boa saúde e dava ótima conta de si nos estudos. Depois de terminar o curso secundário, fez os exames para a tomada do hábito. Mas a veste talar, que tanto respeitava e desejava, utilizou-a por poucos meses. Acometido de uma constipação, que tinha o aspecto de um simples resfriado, não quis interromper os estudos. Com o intento de o curar mais depressa e para lhe tirar o pretexto de estudar, os pais levaram-no para casa. Foi durante esta ausência que ele escreveu ao amigo a seguinte carta<sup>179</sup>:

*Caro amigo,*

*Julgava ter de passar apenas alguns dias em casa e voltar depois para o Oratório. Por isso, deixei aí todos os livros. Vejo, porém, que as coisas se complicam e que a minha cura se torna cada vez mais problemática. O médico diz que vou melhorar; mas eu acho que estou pior. Veremos quem tem razão.*

*Meu caro Domingos, sofro muito por me ver longe de ti e do Oratório, pois aqui não tenho facilidade de fazer as minhas práticas de piedade. Só me sinto reconfortado ao recordar os dias que nos fixávamos para nos preparar e aproximar da santa comunhão.*

*Espero todavia que, embora separados corporalmente, não o estejamos espiritualmente.*

*Entretanto, peço-te que vás ao meu lugar e aí passes uma busca à minha carteira. Encontrarás algumas cartas e junto delas o*

<sup>178</sup> *cair ... infernal*: ins. ed. <sup>5</sup>1878, para simplificar o precedente: «cair nas garras daquela ave de rapina. A nossa gaiola é o Oratório; aqui estamos seguros; se sairmos daqui, temos medo de cair nas garras do falcão infernal».

<sup>179</sup> *Foi durante ... carta*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.





*Kempis, ou melhor, De Imitatione Christi. Farás de tudo um só pacote que me remeterás. Nota bem que esse livro é em latim; embora goste da tradução, é sempre tradução, onde não encontro o deleite que acho no original latino. Sinto-me cansado desta inércia a que me vejo condenado, e o médico não quer que eu estude. Passeio pelo quarto e amiúde pergunto a mim mesmo: «Sararei desta doença? Voltarei a ver os meus companheiros? Será esta a minha última enfermidade?» O que virá a suceder, só Deus o sabe. Parece-me que estou pronto a fazer, em todos os três casos, a santa e amável vontade de Deus.*

*Se tiveres algum bom conselho a dar-me, escreve-me. Diz-me como está a tua saúde e lembra-te de mim quando rezares, e, especialmente, quando comungares. Coragem, ama-me de todo o coração em Nosso Senhor. Se não pudermos conviver ambos muito tempo na vida presente, espero que possamos um dia viver felizes em santa companhia na bem-aventurada eternidade.*

*Apresenta cumprimentos aos nossos amigos, especialmente aos irmãos da Companhia da Imaculada Conceição. O Senhor esteja contigo e crê-me sempre teu afeioadíssimo*

João Massaglia<sup>180</sup>

Domingos cumpriu os desejos do amigo e, ao mandar-lhe tudo o que pedira, juntou a seguinte carta <sup>181</sup>:

*Meu caro Massaglia,*

*Tive uma grande alegria ao receber a tua carta. Veio ela dar-me a certeza de que ainda estás vivo. Desde que partiste, nunca mais tivemos notícias tuas, e não sabíamos se devíamos rezar por ti o Gloria Patri, se o De profundis. Mando-te os objetos pedidos. Devo unicamente te dizer que o Kempis é um bom amigo, mas está morto e nunca sai do lugar. É necessário, pois, que o procures, que o despertes, que o leias, empenhando-te em pôr em prática quanto nele fores lendo.*

*Suspiras pela comodidade que aqui temos para os exercícios de piedade e tens toda a razão. Quando estou em Mondônio, tenho a mesma saudade. Procuro, então, suprir essa falta, visitando todos os dias o SS.mo Sacramento e levando comigo o maior número de companheiros que posso. Além do Kempis, leio também o Tesouro escondido na Santa Missa, do beato*

<sup>180</sup> *Caro amigo ... Massaglia: carta ins. ed. 21860.*

<sup>181</sup> *Domingos ... carta: ins. ed. 21860.*





*Leonardo*<sup>182</sup>. *Se te parece, faz o mesmo. Dizes-me que não sabes se voltarás ao Oratório para nos fazeres uma visita. A minha carcaça anda também muito avariada, e tudo me faz prognosticar que me avizinho, a largos passos, do termo dos meus estudos e da minha vida. Seja como for, façamos assim: rezemos um pelo outro, para que possamos ter uma boa morte. Aquele que primeiro for chamado para o céu, prepare o lugar para o amigo; e, quando for ao seu encontro, dê-lhe a mão para o introduzir na mansão celeste.*

*Deus nos conserve sempre na sua graça e nos ajude a fazer-nos santos, mas rapidamente, porque temo que nos falte o tempo. Todos os nossos amigos suspiram pelo teu regresso ao Oratório e te cumprimentam no Senhor.*

*Com afeto e amizade fraternal declaro-me sempre teu  
Afeiçoadíssimo amigo do coração*

Domingos Sávio<sup>183</sup>

A doença do jovem Massaglia parecia inicialmente benigna; por várias vezes pareceu completamente dominada mas sempre reapareceu, até que, quase inesperadamente, se agravou de forma irremediável<sup>184</sup>.

«Teve tempo, escreveu o Teólogo Valfré, seu diretor espiritual durante as férias<sup>185</sup>, de receber com a maior devoção os confortos da nossa santa religião católica e teve a morte do justo que deixa o mundo para voar para o céu»<sup>(186)</sup>.

<sup>182</sup> Cf. LEONARDO DA PORTO MAURIZIO, *Il tesoro nascosto, ovvero pregi ed eccellenze della S. Messa, con un modo pratico e divoto per ascoltarla con frutto*, Torino, Giacinto Marietti, 1840; Dom Bosco publicá-lo-á na coleção *Lecture Cattoliche* (VIII, fasc. 12, feb. 1861).

<sup>183</sup> *Meu caro ... Sávio*: carta ins. ed. <sup>2</sup>1860.

<sup>184</sup> *A doença ... irremediável*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.

<sup>185</sup> *diretor espiritual durante as férias*: ins. ed. <sup>3</sup>1861.

<sup>186</sup> «O sacerdote teólogo Carlo Valfré nasceu em Vilafranca de Piemonte, em 23 de julho de 1813. Terminado o curso secundário, durante o qual teve sempre um comportamento verdadeiramente exemplar, abraçou o estado eclesiástico, secundando assim a sua vocação. Após vários anos de trabalho apostólico no ministério sacerdotal, foi nomeado prior da paróquia de Marmorito. Foi sempre exatíssimo no cumprimento dos seus deveres. Instruir os garotos pobres, prestar assistência aos enfermos, confortar e auxiliar os pobres, eram características do seu zelo. Pela sua bondade, caridade e desprendimento dos bens materiais, era digno de ser proposto como modelo de todo o sacerdote com cura de almas. Quando os seus trabalhos paroquiais lho permitiam, dedicava-se à pregação de retiros espirituais, tríduos e novenas. E Nosso Senhor abençoava as suas fadigas, que eram sempre coroadas de copiosos frutos. Quando, porém, maior necessidade tínhamos dele, Deus chamou-o a Si para lhe dar a eterna recompensa. Depois de breve enfermidade, com a morte do justo, passou à melhor vida, em 22 de fevereiro de 1861, com apenas 47 anos de idade. Esta





Ao perder aquele amigo, Domingos ficou profundamente contristado e, embora resignado à vontade de Deus, chorou-o durante muitos dias. Foi esta a primeira vez que vi aquele semblante angélico entristecer-se e chorar de dor. O único conforto que teve foi rezar e pedir que rezassem pelo amigo. Uma outra vez ouvimo-lo exclamar:

– Querido Massaglia, morreste! Espero que estejas na companhia de Gávio no paraíso; quando terei eu a ventura de me encontrar convosco na imensa felicidade do céu?

Durante todo o tempo que Domingos sobreviveu ao seu amigo, teve-o presente nas suas orações e costumava dizer que não podia assistir à Missa ou a qualquer exercício de piedade, sem recomendar a Deus a alma daquele que, durante a vida, tanto tinha feito pelo seu bem.

Esta perda foi muito dolorosa para a sua ternura de amigo, e a sua saúde ficou, desde então, seriamente comprometida.

---

perda veio privar a Igreja de um digno ministro, tirando também a Marmorito um pastor a quem todos chamavam “o pai do povo”. Consola-nos, todavia, a esperança de termos junto de Deus mais um valioso protetor» (nota ins. ed. <sup>3</sup>1861). O teólogo Carlo Valfré (Valfredo) tinha nascido em Sangano (Turim), não em Villafranca, filho de Giovanni e Teresa Alberga; vestiu o hábito clerical em 26 de outubro de 1832, laureou-se em Teologia na Universidade de Turim e foi ordenado sacerdote em 25 de maio de 1839; em 1851 assumiu o encargo pastoral da paróquia da Imaculada Conceição de Marmorito, onde permaneceu até a morte (cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. V, 1832; AAT 12.3.12: *Registrum ordinationum 1836-1847*; *Calendarium liturgicum... anno MDCCCLII*, Augustae Taurinorum, Botta, 1861, 69). Sobre a paróquia de Marmorito ver a recensão de G. Fassino em Marmorito e a sua igreja: Madonna della Neve, ao cuidado de B. Moiso, Marmorito, s.e., 2009, in «Il platano rivista di cultura astigiana» 34 (2009) 533-535.





## Capítulo XX

### **Graças especiais e fatos particulares**

Até aqui narrei coisas que nada têm de extraordinário, se de extraordinário não quisermos qualificar um procedimento sempre bom, que se foi aperfeiçoando constantemente com a inocência da vida, com as obras de penitência e com a prática da piedade. Poderia também se chamar extraordinária a robustez da sua fé, a firmeza da sua esperança, a inflamada caridade e a perseverança na prática do bem que praticou até o último alento. Aqui, porém, quero expor certas graças especiais e alguns fatos fora do vulgar que, talvez, venham a ser alvo de alguma crítica. Por isso, julgo bem prevenir o leitor de que tudo aquilo que vou contar tem plena semelhança com fatos registrados na Bíblia e na vida dos santos; refiro coisas que vi com os meus próprios olhos, e garanto que digo escrupulosamente a verdade, deixando tudo ao bom critério do leitor.

Eis a narração dos fatos.

Quando Domingos ia à igreja, especialmente nos dias em que fazia a sagrada comunhão, ou quando estava exposto o SS. Sacramento, ficava como que em êxtase, de tal forma que ali estaria longo tempo se o não chamassem para cumprir os seus deveres ordinários.

Um dia, sucedeu que faltou à refeição da manhã, à aula e ao almoço, e ninguém sabia dele; no salão de estudo não estava, na cama também não. Contou-se o caso ao diretor, e este logo imaginou o que, realmente, era: que estivesse na igreja, como já de outras vezes acontecera. Entra na igreja, vai ao coro e lá o encontra firme como uma rocha. Tinha um pé sobre o outro, uma das mãos sobre a estante do antifonário, a outra sobre o peito, e o rosto voltado para o sacrário. Nem movia as pálpebras. Chamado, não respondeu. O diretor, então, sacode-o; Domingos fita-o e diz:

– Já acabou a Missa?

– Olha – respondeu o diretor, mostrando-lhe o relógio – são duas horas!...

Domingos pediu humildemente perdão por ter transgredido o regulamento da casa e o diretor mandou-o almoçar, dizendo-lhe:

– Se alguém te perguntar onde estiveste, diz-lhe que estiveste a cumprir uma ordem minha.

Deu-lhe esse aviso para evitar perguntas importunas que os companheiros lhe poderiam fazer.

De outra feita, tendo terminado a minha ação de graças depois da Missa, estava para sair da sacristia, quando ouvi no coro uma voz como de uma pessoa que disputava. Fui ver, e encontrei Domingos que falava e depois calava-se como esperando uma resposta. Entre outras ouvi estas palavras:

– Sim, meu Deus, já Vos disse e Vo-lo digo de novo: amo-Vos e quero amar-Vos até a morte. Se virdes que Vos hei de ofender, enviai-me a morte. Sim, antes a morte que o pecado!





Perguntei-lhe uma vez que fazia quando assim se demorava na igreja. Ele, com toda a simplicidade, respondeu-me:

– Pobre de mim, vem-me uma distração e, naquele momento, perco o fio das orações e parece-me ver coisas tão belas, que as horas fogem sem que eu dê por isso.

Um dia entrou no meu quarto e disse-me:

– Venha depressa comigo; deve fazer uma boa ação.

– Onde queres levar-me? – perguntei-lhe.

– Venha depressa, acrescentou, venha depressa.

Eu ainda hesitava; mas como ele teimasse, e tendo já noutras ocasiões observado a importância destes convites, acedi também a este. Acompanhei-o.

Saiu de casa, atravessou uma rua, depois uma segunda, ainda uma terceira, sem parar nem dizer uma palavra. Por fim, enveredou por outra rua e parou, depois de ter passado algumas portas. Subiu uma escada, até o terceiro andar, e tocou uma campainha.

– É aqui que deve entrar.

E logo se foi embora.

Abriram-me a porta.

– Oh! depressa, disseram-me, não há tempo a perder. Meu marido teve a desgraça de se fazer protestante; agora está às portas da morte e pede por amor de Deus um padre, para poder morrer como bom católico.

Abeirei-me logo do leito do moribundo, que mostrava uma grande preocupação e desejo de pôr em dia as contas da sua consciência. Normalizada com a máxima prontidão a situação daquela alma, chegou o prior da paróquia de Santo Agostinho<sup>187</sup> que de antemão tinha sido chamado; mas apenas pôde ungi-lo com uma só unção, porque o doente faleceu logo.

Perguntei depois a Domingos como tinha ele podido saber da existência daquele doente. Olhou-me tristemente e pôs-se a chorar. Não lhe fiz mais qualquer pergunta sobre o caso.

A inocência da sua vida, o amor a Deus, o desejo do céu tinham levado Domingos a tal estado de santidade, que podia dizer-se estar sempre absorto em Deus. Algumas vezes interrompia o recreio, voltava o olhar para outro lado e punha-se a passear sozinho. Perguntando-se-lhe por que deixava assim os seus companheiros, respondeu:

– Acometeram-me as costumadas distrações e parece que o céu se abre sobre a minha cabeça; tenho, então, de me afastar dos meus companheiros para lhes não dizer coisas que poderiam parecer ridículas.

Um dia, durante o recreio, falava-se do grande prêmio que Deus reservava no Céu àqueles que conservassem o estado de inocência. Entre outras coisas afirmou-se:

---

<sup>187</sup> da paróquia de Santo Agostinho: ins ed. <sup>5</sup>1878.





– Os inocentes estão no céu mais perto do Divino Salvador e cantam-Lhe um hino especial de glória por toda a eternidade.

Foi o bastante para elevar a Deus o espírito de Domingos que, ficando imóvel, deixou-se cair como morto nos braços dum companheiro<sup>188</sup>.

Estes êxtases tinha-os ele, às vezes, no estudo, na ida e no regresso da escola e, não raro, durante a aula.

Falava com muito agrado do Sumo Pontífice e dizia a cada passo que muito desejava vê-lo antes de morrer, assegurando também que tinha coisas importantes para lhe dizer.

Repetindo isso frequentemente, perguntei-lhe que coisas eram essas que desejava dizer ao Papa:

– Se pudesse falar ao Papa, dir-lhe-ia que, no meio das tribulações que o esperam, não deve deixar de se ocupar, com particular solicitude<sup>189</sup>, da Inglaterra, porque Deus prepara um grande triunfo para o catolicismo naquele reino.

– Em que te baseias para falares assim?

– Digo-lhe, mas desejava que não falasse disso a outros, para não me expor talvez ao ridículo. Se, porém, for a Roma, diga-o a Pio IX. Eis o que se passou: uma bela manhã, quando fazia a minha ação de graças depois da comunhão, fui surpreendido por uma grande distração e pareceu-me ver uma grande planície coalhada de gente envolvida em espessa neblina. Todos caminhavam, mas, perdendo-se pelo caminho, já não viam onde punham os pés. Esta terra, disse-me um indivíduo que estava ao pé de mim, é a Inglaterra. Quando ia para perguntar outras coisas, vi o Sumo Pontífice Pio IX tal qual o tinha visto representado em certos quadros. Estava majestosamente vestido, e, empunhando um facho luminoso, encaminhava-se para aquela imensa multidão. À medida que se aproximava, a neblina dissipava-se ao clarão do archote, e os homens ficavam envolvidos numa luz brilhante como a do meio-dia. Este archote, disse-me a mesma pessoa, é a Religião Católica que deve iluminar os ingleses.

Mais tarde, quando fui a Roma em 1858, quis contar ao Sumo Pontífice a visão de Domingos, e o Papa ouviu-a com bondade e satisfação.

– Isso – disse o Papa – confirma o meu propósito de trabalhar energeticamente a favor da Inglaterra, à qual consagro os meus melhores cuidados. Esse fato, ainda que outro valor não tenha senão o de um simples fato, é para mim como que o conselho de uma boa alma.

Omito muitos outros fatos semelhantes; limitar-me-ei a escrevê-los, deixando a outros o cuidado de os publicar, quando se julgar que possam redundar em maior glória de Deus.

<sup>188</sup> *Um dia ... companheiro*: dois parágrafos ins. ed. <sup>2</sup>1860.

<sup>189</sup> *no meio ... solicitude*: ins. ed. <sup>2</sup>1860, para reforçar o texto anterior: «se ocupe bastante».





## Capítulo XXI

### Os seus pensamentos sobre a morte | Preparação para morrer santamente

Os que leram tudo o que até aqui escrevemos acerca do jovem Domingos Sávio reconhecerão, sem esforço, que a sua vida foi uma contínua preparação para a morte. Mas era a Companhia da Imaculada Conceição, que ele considerava como um meio eficaz de garantir a proteção de Maria Santíssima, à hora da morte, hora que todos pressagiavam não estar longe. Não sei se ele recebeu da parte de Deus a revelação do dia e das circunstâncias da sua morte, ou se era apenas piedoso pressentimento. Mas o certo é que falou dela muito tempo antes, e com pormenores tais, que melhor não faria quem a tivesse narrado depois do fato consumado<sup>190</sup>.

Atendendo ao seu estado de saúde, recorremos a todos os meios para que se moderasse em tudo o que dizia respeito ao estudo e à piedade: mas, devido à sua fraca compleição e a alguns incômodos pessoais, e também à contínua tensão de espírito, as forças de Sávio iam afrouxando dia a dia. Ele mesmo o notava e dizia a cada passo:

– Tenho de correr, aliás a noite surpreende-me no caminho<sup>191</sup>.

Com estas palavras queria dizer que já tinha pouco tempo de vida e que devia esforçar-se por fazer o maior número de boas obras, antes que a morte chegasse.

Há na nossa casa o costume de se fazer todos os meses<sup>192</sup> o exercício da boa morte. Consiste em nos prepararmos para fazer uma confissão e comunhão como se fossem as últimas da nossa vida. O Sumo Pontífice Pio IX, na sua grande bondade, enriqueceu este exercício com várias indulgências. Domingos fazia-o com exemplar recolhimento. No fim é costume dizer-se um *Pai-Nosso* e uma *Ave-Maria* por aquele dos presentes que primeiro vier a falecer. Um dia, a brincar, Domingos disse:

– Em vez de se dizer: por aquele que primeiro morrer, é melhor dizer: por Domingos Sávio, que será entre nós o primeiro a morrer.

<sup>190</sup> *Não sei se ... consumado*: ins. ed. 21860.

<sup>191</sup> Cf. Jo 9,4.

<sup>192</sup> Prática de piedade do século XVIII, adaptada por Dom Bosco. «O exercício mensal da boa morte para os jovens [...] é uma variante do retiro mensal» (P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II: *Mentalità religiosa e spiritualità*, Roma, LAS 1981, 340); cf. *Preghiera di Benedetto papa XIII per impetrare da Dio la grazia di non morire di morte improvvisa* e *Preghiera per la buona morte*, in BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 21851, 138-142.





E disse-o mais vezes.

Em fins de abril de 1856, apresentou-se ao diretor e perguntou-lhe o que devia fazer para celebrar santamente o mês de Maria.

– Hás de celebrá-lo – respondi-lhe – com o exato cumprimento de todos os teus deveres, narrando todos os dias um exemplo em honra de Maria Santíssima e procurando proceder de modo que faças todos os dias a santa comunhão.

– Procurarei fazer isso pontualmente; mas, que graça devo pedir?

– Pede à SS.ma Virgem que te alcance de Deus saúde e graça para te fazeres santo.

– Que me ajude a fazer-me santo, que me ajude a ter uma boa morte e que nos meus últimos momentos de vida me assista e me leve para o Céu.

Mostrou, de fato, tal fervor no decurso daquele mês, que parecia um anjo em carne humana. Se escrevia, se falava, se estudava, se cantava, se ia à aula, era tudo em honra de Maria. Todos os dias, durante o recreio, narrava um fato ora a uns, ora a outros companheiros, que reunia em torno de si.

Um dia um dos companheiros perguntou-lhe:

– Se fazes tudo este ano, que farás para o ano que vem?

– Deixa-me trabalhar – respondeu. Este ano quero fazer o que posso; para o ano que vem, se ainda viver, te direi o que hei de fazer<sup>193</sup>.

Lancei mão de todos os meios para melhorar a sua saúde e, nesse intuito, convoquei uma junta médica. Todos admiraram a jovialidade, a vivacidade de espírito e a ponderação das respostas de Domingos. O Dr. Francisco Vallauri, de saudosa memória<sup>194</sup>, que era um dos médicos beneméritos consultados, cheio de admiração, disse:

– Que pérola preciosa é este garoto!

– Qual é a origem do mal que lhe vem minando a existência?, perguntei.

– A sua compleição delicada, a precocidade da inteligência e a contínua tensão de espírito são como limas que roem insensivelmente as forças vitais.

– Que remédio poderá fazer-lhe bem?

– O melhor remédio seria deixá-lo ir para o céu, para o qual está tão bem preparado. A única coisa que poderia prolongar-lhe a existência seria afastá-lo, por algum tempo, dos estudos e ocupá-lo em trabalhos manuais, adequados às suas forças.

<sup>193</sup> *Mostrou, de fato ... fazer*: três parágrafos ins. ed. <sup>2</sup>1860.

<sup>194</sup> O doutor *Francesco Vallauri* (m. 13 jul. 1856), a esposa Rosa e o filho sacerdote padre Pietro (1829-1909) eram amigos e benfeitores de Dom Bosco; em particular tinham subvencionado o altar-mor da igreja de São Francisco de Sales (cf. MB 4, 429).





## Capítulo XXII

### **O seu cuidado pelos doentes | Despedida do Oratório | As suas palavras nessa ocasião**

A quebra ou diminuição das forças de Domingos não era tão rápida, que o obrigasse a estar sempre de cama. Levantava-se para ir às aulas e para o estudo; ou, então, ocupava-se em serviços domésticos. Uma das suas ocupações prediletas era tratar dos companheiros doentes, quando os havia em casa.

– Não tenho diante de Deus – dizia muitas vezes – grande merecimento em tratar de doentes ou em visitá-los, porque não só o faço com muito gosto, mas é para mim um entretenimento agradável.

Todavia, tratando-lhes do corpo, nunca se esquecia de lhes tratar também da alma com palavras de conforto espiritual.

Um dia, dizia a um companheiro que estava com uma indisposição de saúde:

– Que queres, esta carcaça não pode durar eternamente. É preciso deixar que se gaste pouco a pouco, até ir para a sepultura mas, então, é que a nossa alma, liberta dos laços da carne, voará gloriosa para o Céu, onde gozará uma saúde completa e uma felicidade sem fim.

De outra vez, um companheiro negava-se a tomar um remédio por ser amargo.

– Meu amigo, – dizia-lhe Domingos – devemos tomar todos os remédios que nos dão porque, assim, obedecemos a Deus. Ele quer que haja médicos e remédios, porque são necessários para nos ajudar a recuperar a saúde e, se temos repugnância em tomar um remédio, mais merecimento teremos aos olhos de Deus. Julgas que esta porção é tão amarga como o fel e o vinagre que deram a Nosso Senhor na cruz?

Estas palavras e tantas outras, ditas com graça e maravilhosa franqueza, triunfavam de todas as resistências.

Embora a sua saúde estivesse completamente depauperada, repugnava-lhe, todavia, ter de interromper os estudos e as habituais práticas de piedade para voltar para casa. Já uns meses antes eu o tinha mandado, e ele só se demorou lá alguns dias, não tardando a aparecer de novo no Oratório. Diga-se a bem da verdade que o pesar era recíproco: queria conservá-lo o mais possível perto de mim, pois tinha por ele um amor de pai pelo melhor dos filhos. Mas como se tratava de um conselho do médico, quis segui-lo; tanto mais que havia uns dias que lhe tinha aparecido uma tosse obstinada.

Avisou-se o pai e a partida foi marcada para o dia 1 de março de 1857.

Domingos submeteu-se, mas só para oferecer a Deus o seu sacrifício.

– Por que tens tanta repugnância em voltar para tua casa? Pelo contrário, devias alegrar-te por ires gozar da companhia dos teus queridos pais.





- Porque, respondeu, desejo terminar a minha vida no Oratório.
- Mas vais para casa restabelecer-te e depois voltarás.
- Oh! Isso não! Sei que vou e não voltarei.

Na véspera da partida, não houve meio de o arredar de mim, e a cada instante fazia-me uma pergunta. Entre outras, disse-me:

- Que deve fazer um doente para adquirir merecimentos perante Deus?
- Oferecer a Deus os seus sofrimentos.
- E que mais poderia ainda fazer?
- Oferecer ao Senhor a própria vida.
- Posso estar certo de que os meus pecados me foram perdoados?
- Asseguro-te em nome de Deus que os teus pecados foram todos perdoados.
- Posso ter a certeza de que salvo a minha alma?
- Podes, pela misericórdia de Deus, que não te faltará.
- E se o demônio me tentar, que devo dizer-lhe?

– Hás de responder-lhe que vendeste a alma a Nosso Senhor, e que Ele a comprou com o seu sangue<sup>195</sup>; e, se o demônio ainda continuar a insistir, sugerindo-te alguma dificuldade, pergunta-lhe o que é que ele fez pela tua alma. Pelo contrário, Nosso Senhor derramou todo o seu Sangue para a livrar do inferno e levar para o Paraíso.

- Do Paraíso poderei ver os meus companheiros do Oratório e os meus pais?
- Sim, do Paraíso verás tudo o que se passa no Oratório; verás teus pais e tudo o que lhes disser respeito; verás muitas outras coisas mil vezes mais bonitas.
- Poderei vir fazer-lhes uma visita?
- Poderás vir, contanto que seja para maior glória de Deus.

Fazia-me estas e muitíssimas outras perguntas, e parecia uma pessoa que já estivesse no limiar do Paraíso e que, antes de lá entrar, quisesse saber tudo o que lá se passava.

---

<sup>195</sup> Cf. 1 Pe 1,18-19.





## Capítulo XXIII

### O adeus aos seus companheiros

Na manhã do dia marcado para a partida, Domingos fez com os companheiros o exercício da boa morte. Confessou-se e comungou com tal fervor, que eu mesmo, que disso fui testemunha, não acho palavras para o exprimir.

– É necessário – dizia ele – que faça bem este exercício, porque espero que seja, realmente, a minha preparação para a morte e, se acontecesse mesmo morrer pelo caminho, teria já recebido o Sagrado Viático.

Gastou o resto da manhã a pôr em ordem as suas coisas. Fez a mala, arrumou tudo como se não tivesse de lhe mexer mais. Em seguida fez questão de falar com todos os seus companheiros; a um dava um bom conselho, a outro avisava para se emendar de tal defeito, animando outro a perseverar no bem. A um deles, a quem devia dois soldos<sup>196</sup>, chamou-o de parte e disse-lhe:

– Vamos regular as nossas contas, senão hei de ver-me atrapalhado quando tiver de regularizar as minhas com Deus.

Falou também aos seus amigos da Companhia da Imaculada Conceição, e recomendou-lhes que fossem sempre fiéis às promessas que tinham feito a Santíssima Virgem, e que confiassem nela em todas as circunstâncias da vida.

No momento de partir, mandou-me chamar, e disse-me estas textuais palavras:

– Visto que V. Rev.<sup>a</sup> não quer esta minha carcaça, vejo-me obrigado a levá-la para Mondônio. Poucos dias o incomodaria, e depois acabava tudo: mas faça-se a vontade de Deus! Se for a Roma, lembre-se do que lhe disse a respeito da Inglaterra e repita-o ao Soberano Pontífice. Reze para que eu tenha uma boa morte. Adeus... e até nos tornarmos a ver no Paraíso!

Tínhamos chegado à porta da rua, e ele segurava-me pela mão, que apertava comovidamente, quando, voltando-se para os companheiros que o cercavam, lhes disse<sup>197</sup>:

– Adeus, queridos companheiros, adeus a todos. Rezai por mim. Espero que voltemos a ver-nos no Céu, onde estaremos para sempre com o Senhor<sup>198</sup>.

<sup>196</sup> *Dois soldos*: 10 cêntimos.

<sup>197</sup> *Tínhamos chegado ... disse*: ins. ed. <sup>5</sup>1878.

<sup>198</sup> Cf. *1 Tes* 4,17.





Estava eu já à porta que dava para o pátio, quando o vejo voltar para trás e dizer-me:

– Faça o favor de me dar uma recordação para conservar como sua lembrança.

– Diz-me que prenda te agrada e irei já buscá-la. Queres um livro?

– Não, senhor, desejaria uma coisa melhor.

– Queres dinheiro para a viagem?

– Justamente: dinheiro para a viagem da eternidade. V. Rev.<sup>a</sup> disse-me que tinha recebido do Papa indulgências plenárias para o momento da morte; coloque-me no número dos que delas podem participar.

– Sim, meu filho, ainda podes fazer parte desse número e vou já escrever o teu nome naquele papel.

Depois deixou o Oratório, onde vivera três anos com grande satisfação sua, dos seus colegas e dos seus professores, deixou-o para nunca mais voltar.

Ficamos admirados com estas suas despedidas incomuns. Sabíamos que sofria, mas, como nunca estive de cama, não fazíamos grande caso da doença. Além disso, tendo sempre um aspecto tão alegre e tão calmo, ninguém, pelo semblante, podia deduzir que ele sofresse incômodos do corpo ou do espírito. E embora aquelas invulgares despedidas chegassem a comover-nos, sempre ficávamos esperançados de que em breve voltaria para a nossa companhia. Mas tal não aconteceu. Domingos estava maduro para o Céu. No breve curso da sua vida fora-lhe dado merecer a coroa dos justos, como se tivesse vivido longos anos. O Senhor queria chamá-lo a Si, na flor dos anos, para o colocar ao abrigo dos perigos em que naufragavam, por vezes, até as melhores almas<sup>199</sup>.

<sup>199</sup> Cf. *Sab* 4,10-14.





## Capítulo XXIV

### Avanço da doença | Última confissão | Recebe o Viático | Fatos edificantes

Domingos partiu de Turim a 1 de março, pelas duas horas da tarde, e fez muito boa viagem; parecia mesmo que o trajeto de carruagem, a variedade da paisagem e a companhia dos pais, lhe tivessem feito bem. Uma vez chegado a casa, andou ainda quatro dias a pé. Mas como as forças e o apetite diminuía, e a tosse aumentava, resolveu-se levá-lo ao médico. Este achou-o em estado mais grave do que se julgava. Mandou que voltasse para casa e fosse imediatamente para a cama; e, pensando que se tratava de uma inflamação, recorreu a uma sangria<sup>200</sup>.

De ordinário, a gente nova receia muito as sangrias. Por isso, o médico exortou Domingos a voltar o rosto para o lado<sup>201</sup> e a ter paciência e coragem. Domingos pôs-se a rir e disse:

– Que vale uma ligeira picadela em comparação com os pregos que cravaram nas mãos e nos pés do nosso inocentíssimo Salvador?

Foi, portanto, com grande tranquilidade, a sorrir e sem dar o menor sinal de inquietação, que viu correr o sangue durante a operação<sup>202</sup>. Feitas algumas sangrias, o doente pareceu melhorar. O médico assim afirmou e os pais acreditaram, mas Domingos não era da mesma opinião. Convencido de que é sempre melhor antecipar os Sacramentos do que ficar sem eles, chamou pelo pai:

– Meu pai, é bom agora consultarmos o médico do Céu. Desejo confessar-me e comungar.

Os pais, já convencidos de que ele ia melhor, ficaram tristes com este pedido mas, para lhe serem agradáveis, mandaram chamar o pároco para vir confessá-lo<sup>203</sup>. Este veio logo confessá-lo, e depois, sempre para lhe fazer

<sup>200</sup> A sangria é uma «intervenção mediante a qual se retira ao organismo uma certa quantidade de sangue», fazendo uma incisão numa veia; usava-se em casos de doença nos quais ocorria uma rápida ação anticongestiva»; em particular, julgava-se útil «para diminuir a tensão arterial muito alta, para diminuir a congestão venosa pulmonar, para atenuar um estado de pletora, para retirar venenos ou toxinas do organismo» (cf. *Enciclopedia medica italiana*, Milano, Sansoni Edizioni Scientifiche, 1956, vol. VIII, 1164-1165).

<sup>201</sup> *a voltar ... lado*: ins. ed. <sup>2</sup>1860.

<sup>202</sup> A narrativa baseia-se numa memória recolhida por Miguel Rua (ASC A4920138: *Memorie su Domenico Savio*. Ms. Rua, s.d., f1r).

<sup>203</sup> Pároco de Mondônio: *Domenico Grassi*, nascido em Settime d'Asti (23 jul. 1804), ordenado sacerdote (5 jun. 1830), foi pároco de Mondônio desde 1834 até a morte, ocorrida repentinamente em Passerano, em 6 agosto de 1860 (cf. *Notizie della parrocchia di*





a vontade, trouxe-lhe o Santo Viático. Pode imaginar-se com que fervor ele comungou! Todas as vezes que se aproximava da sagrada mesa, parecia sempre um São Luís. Agora que julgava tratar-se, realmente, da última comunhão da sua vida, quem poderia exprimir o fervor, os transportes de amor que daquele coração inocente brotavam para com o seu amado Jesus?

Recordou, então, as promessas da sua primeira comunhão. Disse muitas vezes:

– Sim, sim, ó Jesus, ó Maria, sereis agora e sempre os amigos da minha alma. Repito e queria repeti-lo mil vezes: antes a morte que o pecado!

Depois de terminar a sua ação de graças, disse muito tranquilo:

– Agora sou feliz: é verdade que tenho uma grande viagem a fazer, a viagem da eternidade mas, com Jesus em minha companhia, nada tenho a temer. Oh, dissei-o a todos: quem tem Jesus por seu companheiro e amigo não teme nenhum mal, nem sequer a morte.

Teve sempre uma paciência exemplar durante a vida; sofreu, sem se queixar, toda a espécie de incômodos; e nesta última doença foi um modelo de santidade.

Não aceitava a ajuda de ninguém para as suas necessidades ordinárias. «Enquanto puder – dizia ele – quero incomodar o menos possível meu pai e minha mãe: já fizeram e sofreram tanto por minha causa! O que queria era poder recompensá-los neste momento!»

Tomava os remédios mais desagradáveis sem mostrar a menor repugnância. Suportou dez sangrias sem a mínima queixa.

Ao fim de quatro dias, o médico congratulou-se com o estado do doente e disse aos pais:

– Agradecemos à Divina Providência; triunfamos da doença. Só lhe resta ter uma boa convalescença.

Os pais ficaram radiantes de alegria, mas Domingos desatou a rir e disse-lhes:

– Triunfamos do mundo<sup>204</sup>: só me resta aparecer perante Deus para ser julgado.

Depois da saída do médico, Domingos, sem se iludir com o que ele dissera, pediu que lhe administrassem a Santa Unção. Os pais, mais uma vez, quiseram fazer-lhe a vontade, mas nem eles nem o pároco julgavam que o doente estivesse em perigo de morte eminente; pelo contrário, o semblante sereno e a jovialidade em tudo o que dizia levavam a pensar que

---

*Mondonio da darsi in occasione della visita pastorale di Sua Ecc. Rev.ma Mons. Filippo Artico, ms. del prevosto Domenico Grassi, 18 ago. 1847, in AVA: Relazioni per visite pastorali, 1847; APSPP: Liber defunctorum, 1860).*

<sup>204</sup> Cf. Jo 16,33.





melhorara muito. Quanto a Domingos, quer isso proviesse da sua devoção, quer tivesse recebido uma revelação divina, o certo é que contava os dias e as horas, como se calculasse alguma operação aritmética, e empregava todos os momentos a preparar-se para comparecer diante de Deus.

Antes de receber a Santa Unção, fez a seguinte oração:

– Meu Deus, perdoai-me todos os meus pecados. Eu Vos amo e quero amar-Vos eternamente. Que este sacramento, dom da vossa infinita misericórdia, lave da minha alma todos os pecados que cometi com os olhos, com os ouvidos, boca, mãos e pés. Que a minha alma e o meu corpo sejam inteiramente purificados pelos merecimentos da vossa Paixão. Assim seja.

Domingos respondia a tudo, com voz tão clara e tal lucidez de espírito, que, quem o ouvisse, diria que gozava de perfeita saúde.

Estávamos em 9 de março, quarto dia da doença e último da sua vida. Tinham-lhe feito dez sangrias e dado vários remédios, mas notava-se nele uma prostração extrema; deram-lhe, por isso, a bênção papal. Domingos recitou ainda a confissão e respondeu a todas as orações do sacerdote. Quando lhe disseram que, com essa bênção, o Papa concedia uma indulgência plenária, experimentou grande consolação. *Deo gratias!* – repetia – *et sempre Deo gratias!*

Em seguida, olhando para o Crucifixo, recitou estes versos que lhe eram muito familiares durante a vida:

*Senhor, a liberdade eu Vo-la dou,  
Eis as minhas forças, o meu corpo mais,  
Tudo eu Vos dou, pois tudo é Vosso, ó Deus,  
Na vossa vontade eu me abandono*<sup>205</sup>.

<sup>205</sup> Cf. *Lc* 23,46.





## Capítulo XXV

### Os últimos momentos e a sua preciosa morte

É verdade de fé que o homem, no momento da morte, recolhe o que semeou durante a vida. *Quae seminaverit homo, haec et metet*<sup>206</sup>. Se semeou obras más, então só colherá desolação. E se durante a vida semeou boas obras, recolherá nos últimos momentos só frutos de consolação.

Todavia, sucede por vezes que almas boas, depois de uma vida exemplar, experimentem certo terror ao aproximar-se a hora da morte. É que Deus, nos seus altos desígnios, quer purificar essas almas, limpá-las de pequenas nódoas, assegurar-lhes a salvação e dar-lhes assim uma coroa mais bela de glória no Céu. A essa angustiada prova não quis o Senhor sujeitar o nosso Domingos. Penso que Deus quis dar-lhe nesta vida o cêntuplo prometido às almas justas, antes de entrarem na glória dos Céus. Com efeito, a sua inocência, conservada até o último momento, a sua fé viva, a oração constante, as longas penitências da sua vida, cheia de tribulações, tinham-lhe merecido esta alegria sobrenatural no momento supremo.

Via, pois, avizinhar-se a morte com a calma da alma inocente; parecia até que o seu corpo não sentia os afãs e as opressões inseparáveis dos esforços que a alma faz ao desprender-se do seu invólucro terreno. Enfim, a morte de Domingos mais pode dizer-se repouso do que morte.

Estava-se na tarde de 9 de março de 1857. Tinha recebido todos os confortos da nossa santa Religião. Quem o ouvisse falar, quem visse a serenidade do seu rosto, não poderia deixar de dizer que estava na cama simplesmente para descansar. Todos os presentes se admiravam do seu ar alegre, do olhar vivo, da plena posse das suas faculdades, e ninguém, exceto ele, julgava a morte iminente.

Hora e meia antes de soltar o último suspiro, o pároco foi visitá-lo e, ao ver a sua tranquilidade, ficou muito admirado a ouvir como Domingos encomendava a alma a Deus. Dizia frequentes e fervorosas jaculatórias, que mostravam o seu vivo desejo de ir depressa para o Céu.

– Que sugerir para encomendar a alma a agonizantes tão bem dispostos? – disse o pároco<sup>207</sup>.

Depois de ter rezado com Domingos algumas orações, o pároco dispunha-se a partir, mas ele chamou-o, e disse:

– Não me deixa nenhuma lembrança?

<sup>206</sup> *Gal* 6,7.

<sup>207</sup> *disse o pároco*: ins. ed. <sup>3</sup>1861.





– Não sei que lembrança te possa deixar, meu bom amigo.

– Alguma lembrança que me conforte.

– O que posso dizer-te é que te recordes da Paixão de Nosso Senhor.

– *Deo gratias!* – respondeu Domingos. A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo! Esteja ela sempre na minha mente, na minha boca e no meu coração! Jesus, José e Maria, assisti-me na minha última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz convosco a alma minha!

Depois de pronunciar estas palavras, pareceu adormecer e repousou durante meia hora. Ao acordar, olhou para os pais e disse:

– Meu pai, chegou o momento!

– Estou aqui, meu filho. Que queres?

– Meu querido pai, quisera que me fizesse um grande favor; pegue no meu *Jovem Instruído*<sup>(208)</sup> e leia-me as orações da boa morte.

Ao ouvir estas palavras, a mãe saiu do quarto e desatou a chorar. O pai sentia o coração estalar-lhe de dor e a comoção apertava-lhe a garganta, mas conteve-se e começou a recitar essas orações. Domingos repetia, palavra por palavra, o que o pai dizia; mas queria, no fim de cada invocação, pronunciar sozinho:

– Misericordioso Jesus, tende compaixão de mim!<sup>209</sup>

Chegando às palavras: «Quando, finalmente, a minha alma comparecer na Vossa presença e pela primeira vez vir o imortal esplendor da Vossa majestade, não a afasteis de Vós, mas dignai-Vos recebê-la no seio da Vossa misericórdia, a fim de cantar eternamente a Vossa glória», Domingos acrescentou:

– Eis o que eu desejo: cantar eternamente louvores ao Senhor!<sup>210</sup>

Pareceu, em seguida, concentrar-se um pouco, como quem pensa numa coisa muito importante; mas, pouco depois, abriu os olhos e disse com voz clara e alegremente:

– Adeus, meu querido pai, adeus! O sr. prior queria ainda me dizer uma coisa, e eu já não me lembro... Oh! que linda coisa estou a ver!

<sup>208</sup> «Com este nome indicava um livro totalmente destinado à juventude, intitulado: *Jovem Instruído (Giovane Provveduto)* na prática dos seus deveres, dos exercícios de piedade cristã, na reza do ofício de Nossa Senhora, das vésperas de todo o ano e do ofício de falecidos, etc.» (nota ins. ed. 1859).

<sup>209</sup> A narração baseia-se num testemunho recolhido por Miguel Rua: «Na noite antes de morrer, não podendo já ler, pediu ao pai que lhe lesse as orações da boa morte que se encontravam no *Jovem Instruído*, e que ele acompanhava» (ASC A4920138: *Memorie su Domenico Savio*, ms. Rua, s.d., f1r).

<sup>210</sup> Bosco, *Il giovane provveduto*, ed. 21851, 142.





E, dizendo isso, com o sorriso nos lábios, semblante radioso, e um ar de paraíso expirou, com as mãos cruzadas sobre o peito, sem fazer o menor movimento<sup>211</sup>.

Alma fiel ao teu Criador, vai para Ele em boa hora: o Céu abre-te as portas, e os Anjos e os Santos preparam-te uma festa esplêndida e aquele Jesus, a Quem tanto amaste, estende-te os braços, dizendo-te: «Vem, servo bom e fiel, pois que combateste o bom combate e saíste vitorioso, vem para sempre participar da alegria do teu Senhor: *intra in gaudium Domini tui*»<sup>212</sup>.

---

<sup>211</sup> A morte ocorreu às 22 horas de segunda-feira, 9 de março de 1857; o funeral realizou-se na quarta-feira, 11 (cf. ASC A4920159: *Estratto dell'atto di morte*, rilasciato l'8 nov. 1864 dal parroco di Mondonio Luigi Mussa). A narração da morte feita por Dom Bosco altera o testemunho de Miguel Rua: «Uma hora e meia antes de morrer, depois de receber todos os sacramentos, vendo que o pároco saía, chamou-o e pediu-lhe uma lembrança. O pároco respondeu-lhe: “e que lembrança queres que eu te deixe agora? Só saberia dizer-te que te lembres da paixão do Senhor e nada mais saberia dizer-te neste momento”. Depois de o pároco sair, adormeceu, e dali a pouco, já desperto, ria e ia dizendo: “oh o pároco queria dizer-me, queria dizer-me... eh! Esta é boa: não consigo recordar-me do que ele queria dizer-me” e, dizendo isso e rindo com ar de Paraíso, expirou com as mãos em forma de cruz diante do peito sem fazer o mínimo movimento» (ASC A4920138: *Memorie su Domenico Savio*. Ms. Rua, s.d., f1v).

<sup>212</sup> Mt 25,21.





## Capítulo XXVI

### Comunicação da sua morte | Palavras do professor Pe. Picco aos seus alunos

Quando o pai de Domingos lhe ouviu proferir as palavras que acima referimos, e depois lhe viu inclinar a cabeça como para descansar, pensou que, realmente, adormecera de novo. Deixou-o alguns instantes naquela posição, mas logo depois chamou por ele e, só então, reconheceu que já estava morto. É fácil calcular a desolação dos pobres pais. Perdiam um filho que à inocência, à piedade, aliava os modos mais gentis e simpáticos para suscitar o amor e a ternura dos outros.

Nós no Oratório também estávamos ansiosos por ter notícias deste nosso querido amigo e companheiro, quando recebi a carta do pai, que começava assim:

*É com lágrimas nos olhos que lhe comunico a mais triste notícia: o meu querido filho Domingos, discípulo de V. Rev.<sup>a</sup>, aquele cândido lírio, aquele Luís Gonzaga, entregou a alma a Deus, ontem à tarde, 9 de março, depois de ter recebido da maneira mais consoladora, os últimos Sacramentos e a bênção papal<sup>213</sup>.*

A notícia lançou na consternação os seus companheiros. Uns choravam nele a perda de um bom conselheiro e dum amigo fiel; outros declaravam com saudade que a morte lhes roubara um modelo de verdadeira piedade. Alguns reuniram-se para rezar pelo descanso da sua alma; mas a maior parte dizia:

– Era um santo, já está no Paraíso.

E recomendavam-se ao novo santo, como a um protetor junto de Deus. Todos, à porfia, queriam possuir um objeto que lhe tivesse pertencido.

Quando o Pe. Picco soube da morte de Domingos, ficou profundamente consternado e comunicou a notícia aos seus alunos nos seguintes termos:

– Não há muito que eu, caríssimos jovens, falando-vos casualmente da caducidade da vida humana, vos observava que a morte nem sequer poupa a vossa viçosa e florida idade, e, para exemplo, dizia-vos que há dois anos, nestes

---

<sup>213</sup> Carlo Savio escrevia a 10 de março: «Reverendíssimo Senhor. De lágrimas nos olhos, escrevo este bilhete a V. S. reverendíssima para lhe comunicar a tristíssima notícia de que o meu querido filhinho Domingos, seu discípulo, qual cândido lírio, qual Luís Gonzaga, entregou a alma ao Senhor na noite do dia 9 do corrente mês de março, depois de ter recebido os Santos Sacramentos juntamente com a bênção papal. A sua doença foi assim: caiu de cama na quarta-feira, 4 de março, e sob a orientação do sr. Dr. Cafassi fizeram-lhe dez sangrias. Querendo-se descobrir qual era a doença para escrever a V. S., faleceu como acima disse afetado também pela tosse um pouco profunda. Só me resta cumprimentar respeitosamente V. S. reverendíssima, desejando-lhe as maiores felicidades e professando-me sempre ao seu dispor, Carlo Savio» (ASC A4920112: lett. C. Savio - G. Bosco, 10 mar. 1857).





mesmos dias, frequentava esta mesma escola, sentava-se aqui a escutar-me um jovem cheio de vida e vigor, o qual, após uma ausência de poucos dias, partia desta vida, chorado<sup>214</sup> pelos familiares e pelos amigos. Quando vos lembrava esse doloroso caso, estava bem longe de pensar que este ano devia ser assinalado por um luto semelhante, e que tal exemplo em breve teria de repetir-se num daqueles mesmos que me escutavam. Sim, meus amigos, devo contristar-vos com uma dolorosa notícia. A foice da morte ceifou ontem a vida de um dos vossos mais virtuosos companheiros, o nosso bom Domingos Sávio. Estais por certo lembrados de que ele, nos últimos dias em que frequentou a escola, foi afetado por uma tosse maligna, que já denunciava uma grave doença; por isso, nenhum de nós se admirou ao saber que fora obrigado a deixar as aulas e suspender os estudos. Para se curar melhor, por ordem do médico, foi para a terra natal, para casa dos pais. Mas já, ao partir, ele mesmo disse repetidas vezes aos amigos que se avizinhava o seu próximo fim. Efetivamente, a doença evoluiu rapidamente e, ao cabo de quatro dias, Domingos entregou a sua alma a Deus.

«Li ontem a carta em que o desolado pai dava a triste notícia, e esta, na sua simplicidade, fazia tal pintura da santa morte daquele anjo, que me comoveu até as lágrimas. Ele não encontrou expressão mais apropriada para tecer o elogio do seu querido filho, do que lhe chamar um outro São Luís Gonzaga, tanto na santidade da vida, como na sua grande resignação à morte. Garanto-vos que fiquei com pena de que ele frequentasse por tão pouco tempo a minha aula e de que nesse curto espaço de tempo a sua débil saúde me não tenha dado ensejo de o conhecer melhor e de com ele tratar mais de perto, o que não é fácil numa escola com tantos alunos como a nossa. Por isso, deixo aos seus superiores que vos descrevam a santidade dos seus sentimentos e o seu fervor na piedade; deixo aos seus companheiros e amigos, que todos os dias tratavam com ele e com ele familiarmente conversavam, que falem da modéstia dos seus costumes, de todas as suas ações, da austeridade dos seus colóquios; deixo que os seus pais vos declarem qual era a sua obediência, o seu respeito, a sua docilidade. E que poderei eu recordar-vos, que não seja já conhecido de todos vós? Digo-vos sempre que se distinguiu pela sua atitude correta, pelo seu sossego na aula, pela sua exatidão e diligência no cumprimento de todos os deveres e pela contínua atenção que prestava ao meu ensino, e ficaria bem contente se todos vós decidísseis seguir os seus santos exemplos.

Ainda antes que a idade e os estudos lhe permitissem frequentar a nossa escola, estando ele há três anos no Oratório de São Francisco de Sales, onde era aluno interno, ouvi muitas vezes falar dele ao Diretor do Oratório, que o elogiava como sendo o aluno mais estudioso e virtuoso daquela casa. Era tal o seu

<sup>214</sup> Tratava-se de «Leão Cocchis, estudante de 2.<sup>a</sup> Retórica, jovem muito promissor, que falecera em 25 de março de 1855, aos 15 anos de idade» (nota ins. ed. 1859).





empenho no estudo, tão rápido o progresso que fizera nos primeiros anos de latim, que eu desejava vivamente poder contá-lo entre os meus alunos, e depositava as melhores esperanças no seu raro talento. E, mesmo antes de o admitir aqui, já o tinha apontado a alguns dos meus alunos como modelo com o qual seria ótimo rivalizar tanto no estudo como na virtude. E nas minhas frequentes visitas ao Oratório, reparando na sua fisionomia tão meiga, que todos vós nele admiráveis, e notando nele um olhar inocente, sempre que o via, sentia-me inclinado a amá-lo e apreciá-lo. E, na verdade, não deixou de corresponder às belas esperanças que dele concebera, quando, no corrente ano, começou a frequentar a minha escola. A vós me dirijo, queridos jovens, a vós que fostes testemunhas do seu recolhimento e da sua aplicação, não só no tempo em que o dever o chamava a ouvir-me nas aulas, mas também naquele que muitos garotos, mesmo dotados de docilidade e diligência, não têm escrúpulo de perder. A vós, que éreis seus companheiros não só nas aulas, mas também nas rotinas e nas relações do dia a dia, a vós pergunto se alguma vez lhe vistes fazer algo que nele indicasse desleixo dos seus deveres.

Parece-me estar ainda a vê-lo, quando, com aquela modéstia que era uma das suas características, entrava na aula e ocupava o seu lugar; e durante o tempo da entrada dos alunos, evitando a balbúrdia própria da sua idade, estudar a lição, tirar apontamentos ou então se entregar a alguma leitura útil; e depois, ao começar a aula, com que atenção via aquele seu angélico semblante suspenso dos meus lábios! Por isso, não é para admirar que, a despeito da sua pouca idade, da sua combalida saúde, fosse tão assinalado o proveito que o seu talento tirava dos estudos. E a prova é que, entre o elevado número de jovens, a maior parte de inteligência bem acima da média, e embora já o minasse a doença, que havia de o levar ao túmulo e fosse obrigado a frequentes ausências, alcançou sempre as melhores classificações da turma.

Uma coisa, porém, despertava de modo todo particular a minha atenção e suscitava a minha admiração: era ver como aquela mente juvenil estava unida a Deus e era tão fervorosa e afetuosa na oração. É coisa habitual, mesmo nos jovens mais ponderados, que, arrastados pela natural vivacidade e pelas distrações, prestem pouquíssima atenção ao sentido das orações que são convidados a rezar e, em geral, acompanham-nas sem afeto algum no coração. E assim sucede que, na grande maioria deles, só participam na oração os lábios e a voz. Ora, se é assim habitual a distração da juventude até nas orações dirigidas a Deus no silêncio e na tranquilidade das igrejas, na solidão do quarto, ou nas orações cotidianas, bem sabeis, ó jovens, que isso acontece mais facilmente nas brevíssimas orações que é habitual fazer antes e depois das aulas. E é justamente nisso que me foi dado admirar o fervor de Domingos nas práticas de piedade, e a união da sua alma com Deus. Quantas e quantas vezes o vi com aquele seu olhar voltado para o Céu, para esse Céu que, em breve, devia ser a sua morada, concentrar todos os seus sentimentos, e por aquele ato oferecê-





-los ao Senhor e à sua Bem-aventurada Mãe, com a plenitude de afetos que, realmente, tais orações supõem! E esses sentimentos, meus caros jovens, eram os que animavam os seus pensamentos, quando cumpria qualquer dever; eram os que santificavam todos os seus atos, todas as suas palavras, e orientavam toda a sua vida exclusivamente para a glória de Deus. Oh! Ditosos os jovens que em tais sentimentos se inspiram! Eles gozarão de grande felicidade nesta e na outra vida, e tornarão felizes os pais que os educam, os mestres que os instruem e todas as pessoas que velam pelo seu bem.

«Queridos jovens, a vida é um dom preciosíssimo que Deus nos fez para nos proporcionar meios de ganhar merecimentos para o Céu; e assim será, se tudo o que fizermos, estiver em condições de se oferecer ao supremo Doador, precisamente como fazia Domingos. Mas que diremos nós de um rapaz que passa toda a sua vida inteiramente esquecido do fim a que Deus o destinou, que nunca encontra um momento propício para dedicar os seus afetos ao Criador, que no seu coração nunca dá entrada a qualquer aspiração que o encaminhe para o seu Deus? E que diremos também do jovem que emprega todos os seus esforços para os combater e sufocar, quando se dá conta que eles estão para entrar no seu coração? Ah! Refleti um pouco sobre a vida santa e sobre a morte do vosso caríssimo companheiro, sobre a invejável sorte de que, segundo a nossa esperança, ele goza; e depois, pensando de novo em vós mesmos, examinai o que ainda vos falta para vos parecerdes com ele, e quais desejaríeis ser se, como ele, vos achásseis prestes a apresentar-vos perante aquele tribunal onde Deus pedirá a todos estreitas contas da mais pequena falta. E, em seguida, se este confronto vos mostrar que há grande diferença, tomai-o por modelo, imitai as suas virtudes cristãs, disponde a vossa alma para ser como a sua, pura e limpa aos olhos de Deus, de modo que, à chamada que, mais tarde ou mais cedo, infalivelmente devemos ouvir, possamos responder com a alegria a iluminar-nos o rosto e o sorriso nos lábios, como fez o vosso angélico colega. Escutai ainda o ardente voto, com que ponho termo a estas minhas palavras. Se eu vier a notar que os meus alunos, no seu comportamento, mostram notável mudança para melhor, se, de hoje em diante, os vir mais exatos no cumprimento dos seus deveres e mais compenetrados da importância de uma verdadeira piedade, hei-de atribuí-lo ao santo exemplo de Domingos, e tê-lo-ei como uma graça do alto, impetrada pelas suas orações, como prêmio de terdes sido, por breve tempo, seus companheiros, e eu seu mestre»<sup>215</sup>.

Nestes termos exprimiui o professor Pe. Picco aos seus alunos a dolorosa sensação que experimentou quando soube da morte do seu caríssimo aluno Domingos Sávio.

<sup>215</sup> O texto original do padre Picco não se conserva.





## Capítulo XXVII

### **Imitação das virtudes de Domingos | Muitos recomendam-se a ele para obter graças celestes e são ouvidos | Uma recordação para todos**

Quem leu o que escrevemos acerca de Domingos Sávio não estranhará que Deus se tenha dignado favorecê-lo com dons especiais, fazendo resplandecer as suas virtudes de muitas maneiras. Ainda em sua vida, muitos punham singular empenho em seguir os seus conselhos e exemplos e em imitar as suas virtudes; e muitos, arrastados pelo seu comportamento irrepreensível, pela santidade da sua vida, pela pureza dos seus costumes, chegavam até a encomendar-se às suas orações. E contam-se não poucas graças obtidas pelas orações que o jovem Sávio fez a Deus, quando ainda se encontrava nesta vida mortal.

Mas, depois da morte, aumentou ainda mais a confiança e a veneração para com ele. Apenas chegou ao Oratório a notícia da sua morte, muitos dos seus companheiros apregoavam-no como santo. Reuniam-se para rezar as Ladainhas por um falecido, mas muitos deles, em vez de responder *rogai por ele, isso é, Santa Maria, rogai pelo descanso da sua alma*, respondiam *rogai por nós: Santa Maria, rogai por nós*. E justificavam a opção, afirmando sem hesitar:

– A esta hora, Sávio já goza da glória do Paraíso, e não tem necessidade das nossas orações.

E outros acrescentavam:

– Se Domingos não foi direitinho para o céu, ele que sempre teve uma vida tão pura e tão santa, quem poderá dizer que é digno de lá entrar?

Por isso, diversos amigos e companheiros que, em vida dele, admiravam as suas virtudes, começaram, logo, a esforçar-se por tomá-lo por modelo na prática do bem, e a recomendar-se a ele como celeste protetor.

Quase todos os dias se contavam graças recebidas para o corpo ou para a alma. Eu vi um jovem que sofria dores de dentes que o faziam desvairar e perder a cabeça. Recomendou-se com uma breve oração ao seu companheiro Sávio e logo lhe passou o terrível incômodo que, até hoje, nunca mais o incomodou. Muitos encomendaram-se a ele para se verem livres das febres e foram atendidos. Eu mesmo fui testemunha da cura de um que estava com febre altíssima e que obteve a graça de ser instantaneamente livre dela<sup>(216)</sup>.

<sup>216</sup> «Esta veneração e confiança no jovem Domingos Sávio cresceu sobremaneira desde que foi divulgado um curioso caso por seu pai, que está pronto a confirmar a sua asserção em qualquer parte e na presença de quem quer que seja. Ele expôs assim o fato: «A perda daquele meu querido filho – diz ele – foi para mim causa de profundíssima dor, que ia aumentando com o desejo de saber o que lhe teria acontecido na outra vida. Deus dignou-se consolar-me. Cerca de um mês depois da sua morte, uma noite, depois de passar longo tempo sem poder cerrar os olhos, pareceu-me ver escancarar-se o forro do quarto, onde eu dormia, e aparecer Domingos no meio de uma grande luz, de semblante sorridente e jovial, mas com aspecto





Tenho aqui à vista muitas relações de pessoas que dão conta de favores celestes obtidos por intercessão de Domingos Sávio. Mas, embora os signatários de tais graças, por seu carácter e virtudes, sejam absolutamente dignos de crédito, no entanto, por se tratar de pessoas que ainda estão vivas, não me referirei a elas, e limito-me a falar da cura de um estudante de filosofia, colega de Sávio.

Durante o ano de 1858 este rapaz foi atacado por algumas doenças. A sua saúde ficou de tal maneira abalada, que teve de suspender os estudos e de sujeitar-se a muitos tratamentos. No fim do ano não pôde fazer exame. Esperava poder fazê-lo em outubro, para não perder o ano, mas era-lhe impossível trabalhar. Como os seus incômodos aumentavam, as suas esperanças foram-se eclipsando cada vez mais. Passou o período de outono parte em casa dos pais e parte em casa de uns amigos que tinha na aldeia, onde a sua saúde pareceu melhorar. Voltou para Turim e recomeçou a estudar; mas teve uma recaída e ficou ainda pior do que antes.

«Estava perto dos exames – diz ele no seu depoimento – e encontrava-me muito mal de saúde. As dores de cabeça e de estômago tiravam-me toda a esperança de poder fazer o desejado exame que, para mim, era da máxima importância. Animado por tudo o que ouvia dizer do meu querido amigo Domingos Sávio, resolvi também recomendar-me a ele. Comecei uma novena. E entre as orações que determinara fazer, havia a seguinte: *«Caro companheiro, a quem tive a suprema consolação e felicidade de haver contado como colega durante mais de um ano, tu que santamente disputavas comigo para conquistar o primeiro lugar na turma, sabes a necessidade que tenho de passar no meu exame. Obtém-me de Deus, peço-te de todo o coração, um pouco de saúde para que possa preparar-me»*.

«Ainda não passara o quinto dia da novena e já eu começava a sentir-me melhor. As forças voltaram e pude recomeçar a estudar. Rapidamente aprendi tudo e pude apresentar-me a exame com sucesso. E esta graça não foi só momentânea, pois, atualmente, gozo de uma saúde regular, como não gozava há mais de um ano. Reconheço que esta graça de Deus me foi obtida pela intercessão deste meu companheiro, meu íntimo amigo durante a vida e o meu melhor protetor

---

majestoso e imponente. Ao ver aquele surpreendente espetáculo, fiquei fora de mim. – «Ó Domingos!, exclamei. Meu querido Domingos, como vais? Onde estás? Já estás no Céu?» – «Sim, meu pai – respondeu – realmente, já estou no Céu». – «Pois, então – repliquei – se Deus te fez tão grande favor de poderes ir gozar da felicidade do Céu, pede pelos teus irmãos e irmãs, para que um dia possam gozar contigo dessa mesma felicidade». – «Sim, sim – respondeu – pedirei a Deus por eles, para que possam um dia vir ter comigo a gozar da imensa felicidade do Céu.» – «Pede também por mim, – repliquei – pede por tua mãe, para que possamos todos salvar-nos e encontrar-nos um dia juntos no paraíso». – «Sim, sim, pedirei». Dito isso, desapareceu e o quarto ficou outra vez na escuridão como antes».

O pai assegurou que diz apenas a verdade e declarou que nem antes nem depois, nem acordado nem em sonho, foi consolado por semelhante aparição» (nota ins. ed. 1859). Aqui Dom Bosco reelabora o testemunho recolhido por Miguel Rua (cf. ASC A4920138: *Memorie su Domenico Savio*, ms. Rua, s.d., f1v).





agora que está no Céu. Há mais de dois meses que a graça foi obtida, e a minha saúde continua a ser a mesma, com grande consolação e proveito meu»<sup>217</sup>.

Termino com este fato a narração da vida de Domingos Sávio, com intenção de mais tarde publicar outros, em apêndice<sup>218</sup>, se entender que poderão servir para maior glória de Deus e salvação das almas.

Mas, antes de terminar, amigo leitor, quero dirigir-te algumas palavras.

Já que me seguiste com atenção e leste tudo o que escrevi sobre Domingos Sávio, queria que chegássemos a uma conclusão útil para todos. Queria que todos nos esforçássemos por imitar as virtudes de Domingos Sávio, no que for compatível com o nosso estado. Na sua condição humilde, levou uma vida alegre, virtuosa e inocente, que foi premiada com uma santa morte. Imitemo-lo no modo de viver e teremos uma dupla<sup>219</sup> garantia de sermos semelhantes a ele numa santa morte.

Sobretudo, não deixemos de o imitar na frequência do santo sacramento da Penitência, que foi o seu sustentáculo na prática constante da virtude e guia seguro que o levou a um fim de vida tão glorioso. Aproximemo-nos muitas vezes deste banho salutar ao longo da vida com as devidas disposições; mas, quando nos confessarmos, não nos esqueçamos de recordar as confissões anteriores, para assegurar-nos que tenham sido bem feitas, e se descobrirmos algum esquecimento, apressemo-nos a reparar os defeitos que porventura tivessem acontecido. Parece-me ser esta a verdadeira maneira de vivermos dias felizes no meio das preocupações da vida e no fim da qual veremos também nós com serenidade aproximar-se o momento da morte. Então, com a alegria no semblante e a paz no coração, iremos ao encontro do nosso Senhor Jesus Cristo, que nos acolherá benignamente para nos julgar segundo a sua grande misericórdia, e para nos levar, como espero para mim e para ti, querido leitor, das tribulações desta vida para a bem-aventurada eternidade, onde louvaremos e bendiremos a Deus por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

<sup>217</sup> Transcrição, com adaptações, de um testemunho de Francesco Vaschetti (ASC A4920141: lett. F. Vaschetti - G. Bosco [dic. 1857]). Nascido em Avigliana (16 out. 1839), filho de Pietro e Maria Caterina Allais, entrando para o Oratório em 1855, Vaschetti figura entre os fundadores da Companhia da Imaculada; recebeu a veste clerical (8 set. 1857) das mãos do prefeito do Oratório padre Vittorio Alasonatti; aderiu à Sociedade Salesiana em 1859, mas não emitiu os votos; ordenado sacerdote (19 set. 1863), foi depois vice-pároco, desde agosto de 1870, pároco e vigário forâneo de Volpiano, onde morreu em 13 de janeiro de 1916 (cf. AAT, 12.12.3.; *Registrum clericorum* 1808-1847, rubr. V, 1857; AAT 12.3.14: *Registrum ordinationum* 1848-1871; *Calendarium liturgicum archidioecesis taurinensis... anno 1917*, Taurini, s.i., 1916, 111).

<sup>218</sup> Na ed. <sup>2</sup>1860 é inserido um apêndice (*Grazie ottenute da Dio ad intercessione di Savio Domenico*, pp. 152-172), com sete relatórios, que na ed. <sup>3</sup>1861 chegaram a dez, e assim se mantiveram nas edições seguintes.

<sup>219</sup> *uma dupla*: ins. ed. <sup>5</sup>1878 para corrigir o precedente: *não dúbia*.





**João Bosco**

**Perfil biográfico do adolescente**

**Miguel Magone**

**Aluno do Oratório de São Francisco de Sales**





## Nota de introdução ao texto

Esta edição da vida de Miguel Magone atém-se ao texto da última edição de Dom Bosco, a segunda (*Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratório di S. Franc. di Sales per cura del sacerdote Bosco Giovanni*, seconda edizione accresciuta, Torino, Tip. dell'Oratório di S. Franc. di Sales, <sup>2</sup>1866, 79 p.), confrontada com a primeira edição (*Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per cura del sacerdote Bosco Giovanni* Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1861, 96 p.) e a edição comentada por Alberto Caviglia (*Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, vol. V, parte II: *Il "Magone Michele" una classica esperienza educativa*, Torino, Società Editrice Internazionale, 1965, 201-247). Deixamos de parte o apêndice: *Pratica di pietà che ogni giorno compieva il giovane Magone Michele*, introduzida na ed. 1861 (pp. 91-94) e na ed. <sup>2</sup>1866 (pp. 76-79).

Em nota são assinaladas as inserções e as variantes textuais mais significativas entre a primeira e a segunda edição. Quando nos pareceu útil, inserimos nas notas outras informações de caráter documental e histórico.

Quando no texto se encontra um número a remeter para uma nota de rodapé utilizando parênteses redondos <sup>(n)</sup> significa que tal nota se encontrava já no texto original ou foi acrescentada na segunda edição.

Conservação da numeração romana como nas edições originais.





## Prólogo

Caríssimos jovens,

entre aqueles de vós que aguardavam ansiosamente a publicação da vida de Domingos Sávio<sup>220</sup> encontrava-se o juvenzinho Miguel Magone. Este, de forma cuidadosa, recolhia, ora de um ora de outro, os traços especiais das ações que daquele modelo de vida cristã se contavam; empenhando-se depois com todas as suas forças em imitá-lo; mas ardentemente desejava que fossem colocadas num só conjunto as virtudes recolhidas daquele que ele queria propor-se como mestre. Apenas tinha ainda lido algumas páginas delas, quando o Senhor o chamou pondo fim à sua vida mortal, como firmemente esperamos, a gozar da paz dos justos em companhia do amigo de que queria tornar-se imitador.

A vida singular, ou melhor, edificante, deste vosso companheiro suscitou em vós o piedoso desejo de a ver também impressa e repetidamente me pedistes que vo-la escrevesse. Por isso, levado por estes pedidos e pelo afeto que nutria por aquele nosso amigo comum, levado também pelo pensamento de que este pequeno trabalho se tornaria agradável e ao mesmo tempo útil às vossas almas, decidi-me a satisfazer o vosso desejo recolhendo o que acerca dele aconteceu debaixo dos nossos olhos para vo-lo oferecer impresso num livrinho.

Na vida de Domingos Sávio podeis ver a virtude nascida com ele e cultivada até ao heroísmo durante toda a sua vida mortal.

Na vida de Miguel Magone temos um juvenzinho que abandonado a si próprio estava em perigo de começar a percorrer o triste caminho do mal; mas que o Senhor convidou a segui-l'O<sup>221</sup>. Ele escutou o amoroso chamamento e, correspondendo constantemente à graça divina, conseguiu provocar a admiração de quantos o conheceram, tornando-se assim manifesto como são maravilhosos os efeitos da graça de Deus para com aqueles que se empenham em corresponder-lhe.

Encontrareis aqui muitas ações a admirar, muitas a imitar, mais, encontrareis certos traços de virtude, certas afirmações que parecem até superiores à idade de catorze anos. Mas precisamente por serem coisas invulgares é que me pareceram dignas de serem referidas. O leitor, de resto, tem a certeza da verdade dos fatos; por isso nada mais fiz do que ordenar e ligar de forma histórica o que aconteceu debaixo dos olhos de uma multidão de

<sup>220</sup> *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di San Francesco di Sales*, per cura del sacerdote Bosco Giovanni, Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859 (riproduzione anastatica in OE XI, 150-292); foi publicada na coleção *Lecture Cattoliche*, a. IV, fasc. 11 (jan. 1859).

<sup>221</sup> Cf. *Mc* 2,13-14.





peessoas vivas que em qualquer altura podem ser interrogadas sobre aquilo que ali é exposto.

Nesta segunda edição acrescentei vários fatos de que não tinha conhecimento quando se fez a primeira<sup>222</sup>; depois outros fatos mais bem explicados pelas especiais circunstâncias que posteriormente de fontes seguras pude obter sobre os mesmos<sup>223</sup>.

A Divina Providência, que se digna chamar o homem em idade avançada ou quando se é novo, nos conceda a grande graça de nos encontrar preparados naquele último momento de que depende a eternidade bem-aventurada ou infeliz. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo venha em nossa ajuda na vida e na morte, e nos mantenha firmes no caminho que conduz ao céu. Assim seja.

---

<sup>222</sup> *Prima edizione: Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales, per cura del sacerdote Bosco Giovanni, Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1861 (riproduzione anastatica in OE XIII, 155-250); publicada na coleção *Lecture Cattoliche*, a. IX, fasc. 7 (set. 1861).*

<sup>223</sup> *Nesta segunda ... os mesmos: ins. ed. 1866.*





## Capítulo I

### Curioso encontro

Num fim de tarde de outono<sup>224</sup>, regressava eu de Sommariva del Bosco<sup>225</sup>, e na estação de Carmagnola tive de esperar mais de uma hora pelo comboio de Turim<sup>226</sup>. O relógio dava as sete horas, o tempo estava enevoado, uma densa nuvem desfazia-se em chuva miudinha. Isso ajudava a tornar a escuridão tão densa, que à distância de um passo já não se conseguiria ver alma viva. A fosca luz da estação lançava um pálido clarão que a pouca distância do cais se perdia na escuridão. Só uma turba de garotos com brincadeiras e gritaria prendia a atenção, ou melhor, ensurdecia os ouvidos dos expetadores. Os gritos de *espera, apanha-o, corre, apanha este, para aquele* despertavam a atenção dos passageiros. Mas, no meio daquela gritaria, sobressaía uma voz clara que dominava todas as outras; era como a voz de um capitão, que os companheiros repetiam e todos seguiam qual rigoroso comando. Depressa nasceu em mim o vivo desejo de conhecer aquele que, com tanta ousadia e tanta prontidão, sabia regular a brincadeira no meio de tal gritaria. Aproveito o momento em que todos estão reunidos em torno daquele que fazia de chefe; depois com dois saltos lanço-me para o meio deles. Todos fugiram como assustados; só um para; avança e, de mãos nos quadris com ar autoritário, começa a falar assim:

- Quem é você, que vem para o meio dos nossos jogos?
- Eu sou um amigo teu.
- Que quer de nós?
- Quero, se estais contentes, divertir-me e jogar contigo e com os teus companheiros.

<sup>224</sup> *fim de tarde de outono*: estamos na primeira quinzena de outubro de 1857.

<sup>225</sup> *Sommariva del Bosco*: aldeia agrícola na estrada de Bra, a 40 km de Turim, aglomerada em torno do antigo e imponente castelo dos marqueses Seyssel d'Aix e Sommariva, situada numa zona muito fértil; em 1862 contava 5.488 habitantes (cf. *Dizionario dei comuni del regno d'Italia...*, Torino, Stamperia Reale, 1863, 181). A mulher do marquês Claudio Seyssel (1799-1862), Elisabetta Boutourline, de origem russa, tinha abraçado a fé católica graças à ação de Dom Bosco e era uma ativa divulgadora das *Letture Cattoliche* (cf. G. BOSCO, *Epissolario*. Introduzione, testi critici e note a cura di F. MOTTO, vol. I: 1835-1863, Roma LAS, 1991, 467; MB 6, 1045).

<sup>226</sup> *Carmagnola*: cidade no trajeto ferroviário entre Turim e Savigliano, a 30 km da capital; naqueles anos contava 12.894 habitantes (*Dizionario dei comuni del regno d'Italia*, 37). A linha ferroviária Torino-Carmagnola-Savigliano tinha sido inaugurada em 13 de março de 1853 (cf. L. BALLATORE, *Storia delle ferrovie in Piemonte*, Torino, Il Punto-Piemonte in Bancarella 2002, 40). Dom Bosco tinha viajado de Sommariva del Bosco para Carmagnola em transportes públicos ou em transporte privado, não tendo sido ainda construída naquele tempo a linha ferroviária Carmagnola-Bra-Ceva (inaugurada em 7 de abril de 1884, cf. *ibid.*, 115-116).





– Mas quem é você? Não o conheço.

– Repito, sou um amigo teu: desejo jogar contigo e com os teus companheiros. E tu quem és?

– Eu? Quem sou? Eu, acrescentou com voz grave e sonora, sou Miguel Magone<sup>227</sup>, general do recreio.

Durante esta conversa, os outros garotos, que se tinham dispersado cheios de medo, aproximaram-se. Depois de vagamente ter dirigido a palavra, ora a uns ora a outros, voltei à fala com Magone e continuei assim:

– Meu caro Magone, quantos anos tens?

– Tenho treze anos.

– Já te confessas?

– Oh! Sim, respondeu a rir.

– Já fizeste a primeira comunhão?

– Sim, fiz.

– Aprendeste alguma profissão?

– Aprendi a profissão de não fazer nada.

– O que fizeste até agora?

– Fui à escola.

– Que classe fizeste?

– Fiz a terceira elementar<sup>228</sup>.

<sup>227</sup> Pela ata de batismo ficamos a saber que o nome completo era *Michele Giovanni Magone*, filho de Giovanni, falecido, e de Giovanna Maria Stella, costureira de profissão, nascido em 19 de setembro de 1845, à 1 hora da manhã e batizado no mesmo dia às 19 horas; foram seus padrinhos Michele Magone, alfaiate de profissão e Paolina Stella de profissão abastada. Segundo a ata de batismo, o pai morreu antes do nascimento do filho (cf. APSPPC: *Registro degli Atti di Battesimo*, atto n. 95 del 1845). *General*: o uso do termo explica-se pelo fervor patriótico que as guerras da independência suscitavam em todos os extratos da população piemontesa.

<sup>228</sup> *Fiz a terceira elementar*: o sistema escolar piemontês era regulado pela lei n. 759 de outubro de 1848, chamada *Lei Boncompagni*; esta previa um controle por parte do governo das escolas de qualquer ordem e grau, quer estatais que privadas, através do Conselho Superior da Instrução Pública, ao qual competia o ordenamento dos estudos, os planos didáticos, a aprovação dos programas, dos livros e dos tratados adotados. A lei dividia o sistema escolar em 3 graus: *escola elementar* (2 classes inferiores e 2 superiores); *escola secundária* (3 classes de gramática; 2 classes de retórica e línguas antigas; 2 classes de filosofia); *universidades e escolas técnicas superiores* especializadas. No caso de Magone, a terceira elementar correspondia ao primeiro ano de elementar superior; cf. V. SINISTRERO, *La legge Boncompagni del 4 ottobre 1848 e la libertà della scuola*, in «Salesianum» 10 (1948), 369-391; sobre a escola elementar de Carmagnola, onde desde 1819 se aplicava o método lancasteriano, cf. G. MANTELLINO, *La scuola primaria e secondaria in Piemonte e particolarmente in Carmagnola dal secolo XIV alla fine del secolo XIX*, Carmagnola, presso l'Autore, 1909, 152-183.





– Ainda tens pai?

– Não, o meu pai já morreu.

– Ainda tens mãe?

– Sim, tenho, trabalha por conta de outrem e faz tudo o que pode para me dar pão a mim e aos meus irmãos que continuamente lhe fazemos perder a paciência.

– Que pensas fazer no futuro?

– Tenho de fazer alguma coisa, mas não sei o quê.

Esta franqueza de expressão unida a uma facilidade discursiva ordenada e coerente fez-me prever um grande perigo para aquele jovem se porventura fosse abandonado daquela maneira. Por outro lado, parecia-me que, se aquele brio e aquele temperamento empreendedor fossem cultivados, seria certamente um rapaz de sucesso. Por isso retomei assim o diálogo:

– Meu caro Magone, queres deixar esta vida de garoto da rua e começar a aprender alguma arte ou ofício, ou então continuar a estudar?

– Claro que quero, respondeu comovido, esta vida de condenado já não me agrada. Alguns dos meus companheiros já estão na prisão e eu receio que me aconteça o mesmo, mas que hei de fazer? O meu pai morreu, a minha mãe é pobre, quem me vai ajudar?

– Esta noite reza com fervor ao Pai do Céu; reza com o coração, confia n'Ele, que Ele cuida de mim, de ti e de todos.

Naquele momento a sineta da estação dava os últimos toques e eu tinha de partir sem demora.

– Toma, disse-lhe eu, toma esta medalha, amanhã vai ter com o padre Ariccio, teu vice-pároco<sup>229</sup>; diz-lhe que o padre que te deu essa medalha deseja informações sobre o teu comportamento.

Recebeu a medalha com respeito.

– Mas qual é o seu nome, de que terra é, o padre Ariccio conhece-o?

Estas e outras coisas ia o bom Magone perguntando, mas já não pude responder, porque o comboio tinha chegado e tive de subir para a carruagem de regresso a Turim.

---

<sup>229</sup> *Francesco Alberto Ariccio*: nascido em Carmagnola (31 out. 1819) de Francesco e Lucrezia Canalis; recebeu a veste clerical em 12 de novembro de 1838 e foi ordenado sacerdote no dia 4 de junho de 1844, era vice-pároco da paróquia dos Santos Pedro e Paulo de Carmagnola; mais tarde foi nomeado cônego daquela colegiada, morreu em 17 de outubro de 1884 (cf. AAT, *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. A, 1838; AAT 12.3.12: *Registrum ordinationum 1836-1847; Calendarium liturgicum... anno MDCC-CXXXV*, Taurini, Botta, 1884, 91).





## Capítulo II

### A sua vida anterior e a sua vinda para o Oratório de São Francisco de Sales

O fato de não ter podido conhecer o padre com quem tinha falado fez nascer em Magone um grande desejo de saber quem era; por isso, em vez de esperar pelo dia seguinte, foi logo ter com o padre Ariccio e contou-lhe com entusiasmo o que tinha ouvido. O vice-pároco compreendeu tudo e no dia seguinte escreveu-me uma carta em que dava a devida explicação das maravilhas referentes à vida do nosso general.

*O jovem Magone, escrevia ele, é um pobre rapaz órfão de pai; a mãe trabalha para alimentar a família e não pode dar o devido acompanhamento. Por isso ele passa o tempo nas ruas e nas praças com os garotos da rua. Tem uma inteligência invulgar, mas a sua inconstância e leviandade levaram a que várias vezes fosse posto fora da aula; apesar de tudo, fez bastante bem a terceira elementar.*

*Quanto à moralidade creio que tem bom coração e conduta simples, mas difícil de se submeter. Nas aulas da escola ou da catequese é o perturbador geral; quando ele se porta bem, tudo está em paz; e quando sai presta um benefício a todos.*

*A idade, a pobreza, a índole e a inteligência tornam-no digno de toda a atenção caridosa. Nasceu no dia 19 de setembro de 1845.*

Após estas informações decidi recebê-lo entre os jovens desta casa para o orientar para os estudos ou para uma arte mecânica. Depois de receber a carta de admissão, o nosso candidato estava impaciente por vir para Turim. Pensava ele gozar as delícias do paraíso terrestre e tornar-se senhor do dinheiro de toda esta capital.

Poucos dias depois, vejo-o aparecer diante de mim<sup>230</sup>.

– Aqui estou, disse ele, correndo ao meu encontro, eu sou aquele Miguel Magone que encontrou na estação de comboio de Carmagnola.

– Já sei tudo, meu caro, vieste de boa vontade?

– Sim, sim, boa vontade não me falta.

– Se tens boa vontade, peço-te que não me ponhas toda a casa em revolução.

---

<sup>230</sup> Miguel Magone chegou ao Oratório de Valdocco em 17 outubro de 1857 (cf. ASC E720: *Censimento dal 1847 al 1869*, 10).





– Oh fique descansado, que não lhe darei desgostos. No passado com-  
por-tei-me mal, mas no futuro não quero que seja assim. Dois dos meus  
companheiros já estão na prisão e eu...<sup>231</sup>

– Fica descansado; diz-me apenas se<sup>232</sup> preferes estudar ou apre-  
nder um ofício?<sup>233</sup>

– Estou pronto a fazer o que quiser mas, se me dá a escolher, prefiro estudar.

– E, se estudares, que desejas fazer no fim dos estudos?

– Se um patife..., disse isso e inclinou a cabeça a rir.

– Continua, que queres dizer, se um *patife*...

– Se um patife pudesse tornar-se bom bastante para poder ser padre, de  
bom grado me faria padre.

– Veremos então o que será capaz de fazer um patife. Vou colocar-te a  
estudar; quanto a ser padre ou outra coisa, isso dependerá do teu progresso  
nos estudos, da tua conduta moral e dos sinais que deres de ser chamado  
ao estado eclesiástico.

– Se o esforço da boa vontade servir para alguma coisa, garanto-lhe que  
não ficará descontente comigo.

Antes de mais nada, foi-lhe indicado um companheiro que lhe fizesse  
de anjo da guarda. É costume desta casa que, quando se recebe algum rapaz  
de moralidade suspeita ou não bem conhecida, confiá-lo a um jovem dos  
mais velhos da casa, e de moralidade segura, a fim de o assistir e corrigir  
conforme a necessidade até que se possa sem perigo admitir com os outros  
companheiros<sup>234</sup>. Sem que Magone soubesse, da forma mais discreta e cari-

<sup>231</sup> *No passado ... e eu...*: ins. ed. <sup>2</sup>1866.

<sup>232</sup> *Fica descansado; diz-me apenas se*: ins. ed. <sup>2</sup>1866.

<sup>233</sup> *estudar ou aprender um ofício*: naquele ano letivo (1857-1858), no Oratório, foram admitidos 199 alunos, 121 dos quais estudantes e 78 artesãos (cf. F. GIRAUDI, *L'oratorio di don Bosco. Inizio e progressivo sviluppo edilizio della Casa madre dei Salesiani in Torino*, Torino, Società Editrice Internazionale, 1935, 130). No momento da entrada de Magone, as classes de latinidade internas no Oratório eram três: a primeira confiada a Giovanni Battista Francesia (1838-1930), a segunda ao clérigo Giovanni Turchi (1838-1909), a terceira a um certo padre Ramello (cf. MB 5, 753-754). O ciclo completo das classes ginasiais em Valdocco entrará em funcionamento no ano letivo 1859-1860. Desde janeiro de 1857 existia também, no Oratório, uma escola elementar diurna para garotos mais pobres da zona (cf. F. GIRAUDI, *L'oratorio di don Bosco*, 129). Os artesãos frequentavam oficinas internas de sapataria e alfaiataria (abertas no fim de 1853), de encadernação (aberta em 1854), e de marcenaria (aberta em 1856). Em 1862 serão inauguradas também as oficinas de composição, impressão e serralharia (A. GIRAUDO - G. BIANCARDI, *Qui è vissuto don Bosco*, 245-254). Sobre a relação numérica entre estudantes e artesãos nos anos de permanência de Miguel Magone no Oratório cf. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, 180-181.

<sup>234</sup> *É costume ... outros companheiros*: ins. ed. <sup>2</sup>1866. A práxis é documentada já na *Vita di Domenico Savio*: «Era tão firme na virtude que foi aconselhado a ocupar-se também de





dosa, aquele colega nunca o perdia de vista: acompanhava-o nas aulas, no estudo, no recreio: brincava e jogava com ele. Mas a qualquer momento era necessário que lhe dissesse:

– Não tenhas esta conversa que é má; não digas aquela palavra, não pronuncies o santo nome de Deus em vão.

E ele, embora com frequência se lhe visse a impaciência estampada no rosto, só dizia:

– Bravo, fizeste bem em avisar-me; és mesmo um bom companheiro. Se no passado tivesses sido meu companheiro, não teria apanhado estes péssimos hábitos que agora já não consigo perder.

Nos primeiros dias não sentia gosto em quase nada a não ser no recreio. Cantar, gritar, correr, saltar, fazer barulho era o que satisfazia o seu temperamento fogoso e vivaço. Quando, porém, o companheiro lhe dizia: «Magone, a sineta chama-nos para o estudo, para a aula, para a oração», ou semelhantes, lançava mais um olhar de pena aos divertimentos e depois encaminhava-se sem opor dificuldade para onde o dever o chamava.

Mas um bom momento para o ver era quando a sineta indicava o fim de algum dever a que se seguia o recreio. Parecia sair da boca de um canhão; voava em todos os cantos do pátio; qualquer jogo em que entrasse a destreza corporal era a sua delícia. O jogo a que damos o nome de *barrarotta* era o seu predileto e era muito célebre nele<sup>235</sup>. Misturando assim o recreio com os outros deveres escolares, achava bastante agradável o novo teor de vida.

---

alguns jovens um tanto dissipados para tentar conquistá-los para o Senhor. E ele aproveitava do recreio, dos divertimentos, das conversas mesmo indiferentes para tirar proveito espiritual»; nas conferências da Companhia da Imaculada, entre outras coisas, os jovens membros «distribuíam entre si aqueles jovens que tinham maior necessidade de assistência moral e faziam deles seus *clientes*, ou protegidos, e lançavam mão de todos os meios sugeridos pela caridade cristã para os encaminhar para a virtude» (*Savio*, c. XVIII). Sobre a valorização por parte de Dom Bosco dos jovens melhores na educação dos companheiros cf. P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*, Roma, LAS, 2000, 271.

<sup>235</sup> *Barrarotta (barra rotta)*: «Os jogadores devem ser em número par; se houver um a mais, fica para o fim e é tirado à sorte ou, como se diz, em voo. Devem colocar-se dois a dois de modo que sejam mais ou menos da mesma velocidade na corrida. Escolhem-se os capitães, que tiram par ou ímpar. O chefe que acerta tem direito de escolher um dos dois companheiros apresentados. Terminada a divisão, as duas partes colocam-se frente a frente a uma determinada distância, no máximo nos dois lados opostos do pátio, se este não for demasiado grande; de outra maneira, marcam uma barra a meio do pátio e a outra fica contra o muro de um dos lados. Depois começa o jogo. Um vai até a um passo do lado adversário, chama um companheiro [adversário] pelo nome, e este deve segui-lo. Apenas o perseguidor avança um tanto, um do lado oposto vai ao seu encontro para o fazer prisioneiro (para o que basta tocar-lhe); e outro do outro lado vem ao encontro deste, sucedendo-se assim um ao outro, até que algum seja preso. Então todos param e voltam para a barra; a parte do vencedor conta um ponto, e ele avança para a barra adversária a





## Capítulo III

### Dificuldades e mudança moral

O nosso Miguel estava no Oratório havia um mês e de qualquer ocupação se servia como meio para passar o tempo; sentia-se feliz desde que tivesse campo para saltar e estar alegre, sem pensar que a verdadeira alegria deve partir da paz do coração, da tranquilidade de consciência. Quando repentinamente começou a diminuir aquela ânsia de se divertir! Parecia um tanto pensativo e, se não fosse convidado, já não tomava parte nos divertimentos. O companheiro que lhe servia de guarda apercebeu-se disso e, aproveitando a ocasião, um dia falou-lhe assim:

– Meu caro Magone, desde há alguns dias já não vejo no teu rosto a costumeira jovialidade; estás porventura mal de saúde?

– Ora! De saúde estou muito bem.

– Onde vem então esta tristeza?

– Esta tristeza provém de ver os meus companheiros a tomar parte nas práticas de piedade. Vê-los alegres, rezar, abeirar-se da confissão, da comunhão provoca-me contínua tristeza<sup>236</sup>.

– Não compreendo como é que a devoção dos outros pode ser causa de tristeza para ti.

– A razão é fácil de compreender: os meus companheiros que já são bons praticam a religião e tornam-se ainda melhores; e eu que sou um patife não posso tomar parte nelas, e isso provoca-me grave remorso e grande inquietação.

---

chamar, como se fez no princípio do jogo e assim sucessivamente. Note-se bem que mal um terminou a sua intervenção, deve voltar para a barra, quer para evitar o perigo de se deixar prender pelos adversários que saíram depois, que teriam todo o poder sobre ele, quer para recuperar o direito de partir de novo contra os adversários em campo. Vencerá a partida aquele grupo que primeiro atingir o número de pontos preestabelecidos, por ex. 12, ou seja, que prendeu mais adversários. Quem for preso durante o jogo, continua a jogar sem mais. Se quase ao mesmo tempo forem presos dois, só se conta o que foi preso antes. Se houver dúvida, então não conta nem para uma nem para outra parte, e retoma-se o jogo com os pontos a que se tinha chegado. Se algum avança até atingir a parte oposta sem se deixar apanhar, então conta um ponto, todos regressam à barra e ele fica para a chamar» (L. CHIAVARINO, *Il piccolo galateo per uso specialmente degli istituti di educazione e delle famiglie con l'aggiunta di molti giuochi*, 5.<sup>a</sup> edizione riveduta, Torino, Libreria Salesiana S. Giovanni Evangelista, 1899, 132-134).

<sup>236</sup> As práticas de piedade eram consideradas por Dom Bosco um elemento fundamental da pedagogia do Oratório. Sobre o papel e o desenvolvimento das práticas de piedade em Valdocco cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II: *Mentalità religiosa e spiritualità*, Roma, LAS, 1981, 303-309; BRAIDO, *Prevenire non reprimere*, 258-268.





– Oh és uma criança! Se a felicidade dos colegas te dá inveja, que te impede de seguir o exemplo deles? Se sentes remorsos na consciência, não podes porventura tirá-los?

– Tirá-los... tirá-los... é fácil de dizer! Mas, se estivesses no meu lugar, dirias também que... – dito isso, abanando a cabeça em sinal de raiva e de comoção, fugiu para a sacristia<sup>237</sup>.

O amigo seguiu-o e, ao chegar ao pé dele, disse-lhe:

– Meu caro Magone, por que me foges? Diz-me as tuas penas. Quem sabe se saberei indicar-te o modo de as tirar?

– Tens razão, mas encontro-me numa embrulhada<sup>238</sup>.

– Em qualquer embrulhada que te encontres, tens maneira de a resolver.

– Como poderei ter paz, se me parece ter mil demônios no corpo?

– Não te aflijas<sup>239</sup>; vai ao confessor, mostra-lhe o estado da tua consciência; ele dar-te-á os conselhos necessários. Quando temos problemas, fazemos sempre assim; e por isso estamos sempre alegres.

– Está bem, mas... mas... – e começou a chorar. Passaram ainda alguns dias e a melancolia tornou-se tristeza. Jogar era para ele um peso; o riso deixou de aparecer nos seus lábios; com frequência enquanto os colegas se entregavam de corpo e alma ao recreio, ele retirava-se para qualquer canto a pensar, a refletir e por vezes a chorar. Eu seguia de perto tudo o que lhe acontecia. Por isso um dia mandei-o chamar e falei-lhe assim:

– Caro Magone, precisava que me fizesses um favor, mas não queria uma recusa.

– Diga lá, respondeu com decisão, diga lá, estou pronto a fazer tudo o que me ordenar.

– Precisava que, por um momento, me deixasses ser senhor do teu coração e me manifestasses o motivo dessa tristeza que há uns dias te anda a amargarar.

– Sim, é verdade o que me diz, mas... estou desesperado e não sei como fazer.

Tendo dito estas palavras, irrompeu num choro inconsolável. Deixei-o desabafar um pouco. Depois, em tom de brincadeira, disse-lhe:

– Como! És tu aquele general Miguel Magone comandante de todo o bando de Carmagnola? Que general és tu?! Não consegues exprimir por palavras a dor que tens na alma?

<sup>237</sup> De 1853 a 1860, a sacristia da igreja de São Francisco de Sales estava situada num quarto do edifício construído no lugar da primeira capela do Oratório, onde hoje se encontra a assim chamada “Cappella Pinardi”; a atual sacristia de São Francisco só foi construída em 1860 (GIRAUDI, *L’oratorio di don Bosco*, 80, 116-117).

<sup>238</sup> *Dito isso, abanando a cabeça ... numa embrulhada*: ins. ed.<sup>2</sup> 1866.

<sup>239</sup> *Como poderei ... Não te aflijas*: ins. ed.<sup>2</sup> 1866.





– Queria fazê-lo, mas não sei como começar; não sei exprimir-me.

– Diz-me só uma palavra, que o resto digo eu.

– Tenho a consciência confusa.

– Basta isso; já compreendi tudo. Precisava que me disseses esta palavra para poder dizer-te o resto. Não quero por agora entrar em assuntos de consciência; dar-te-ei apenas as normas para acertar tudo. Escuta portanto: se os assuntos da tua consciência foram acertados no passado, prepara-te somente para fazer uma boa confissão<sup>240</sup>, expondo aquilo que te aconteceu de mal desde a última vez que te confessaste. Se por receio ou por outro motivo omitiste confessar alguma coisa; ou então, se tens conhecimento de alguma confissão em que faltou alguma das condições necessárias, neste caso retoma a confissão desde a altura em que tens a certeza de a ter feito bem, e confessa tudo o que possa pesar-te na consciência.

– Aqui está a minha dificuldade. Como poderei recordar-me daquilo que me aconteceu desde há vários anos?

– Podes regular tudo com a máxima facilidade. Diz só ao confessor que tens alguma coisa a rever na tua vida passada, que depois ele pegará no fio das tuas coisas, de maneira que tu terás apenas de dizer sim ou não; quantas vezes isso ou aquilo te aconteceu.

---

<sup>240</sup> *boa confissão*: cf. as indicações dadas por Dom Bosco: *Maniera pratica per accostarsi degnamente al sacramento della confessione*, in BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 21851, 93-98.





## Capítulo IV

### **Faz a sua confissão e começa a frequentar os santos sacramentos**

Magone passou aquele dia a preparar-se com o exame de consciência; mas desejava tanto regular os assuntos da alma que à noite não quis ir deitar-se sem antes se confessar.

– O Senhor, dizia, esperou muito por mim, é verdade; que queira ainda esperar até amanhã é incerto. Portanto, se posso confessar-me esta noite, não devo adiar mais e depois é tempo de cortar relações com o demônio.

Fez por isso a sua confissão com grande comoção e interrompeu-a por várias vezes para dar livre curso às lágrimas. Quando a terminou, antes de se despedir do confessor<sup>241</sup>, disse-lhe:

– Acha que os meus pecados me foram todos perdoados? Se morresse esta noite, salvar-me-ia?

Fica tranquilo, foi-lhe respondido. O Senhor que na sua grande misericórdia te esperou até agora para que tivesses tempo de fazer uma boa confissão, certamente perdoou todos os teus pecados; e, se nos seus adoráveis decretos Ele quisesse chamar-te esta noite para a eternidade, tu serias salvo.

Muito comovido, acrescentou:

– Oh quão feliz agora sou!

Depois irrompendo de novo em lágrimas foi deitar-se. Esta foi para ele uma noite de agitação, de emoção. Mais tarde manifestou a alguns dos seus amigos as ideias que naquele espaço de tempo lhe perpassaram pela mente.

– É difícil, costumava dizer, exprimir os sentimentos que invadiram o meu pobre coração naquela noite memorável. Passei-a quase inteiramente em branco. Ficava algum tempo meio adormecido e logo a imaginação me fazia ver o inferno aberto cheio de demônios<sup>242</sup>. Afastava imediatamente esta tétrica imagem pensando que os meus pecados tinham sido todos perdoados e naquele momento parecia-me ver uma multidão de anjos a mostrar-me o paraíso e a dizer-me: “Vê que grande felicidade te está reservada, se fores constante nos teus propósitos!”.

<sup>241</sup> É lícito supor que o confessor fosse o mesmo Dom Bosco; segundo a práxis do Oratório, o diretor era também o confessor ordinário dos jovens (STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità*, II, 310-311).

<sup>242</sup> São imagens comuns na pregação do tempo, que Miguel Magone podia também encontrar na descrição do inferno feita pelo livro de piedade em uso no Oratório: «Fogo nos olhos, fogo na boca, fogo em toda a parte. Cada sentido sofre a sua própria pena. Os olhos são cegos pelo fogo e pelas trevas, aterrados pela visão dos demônios e dos outros condenados. Os ouvidos ouvem continuamente dia e noite berros, choros e blasfêmias [...]» (BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 43-44).





A meio da noite, estava tão cheio de alegria, de comoção e de sentimentos diversos, que para desafogar um pouco a minha alma me levantei, ajoelhei e disse muitas vezes estas palavras: Oh como são infelizes os que caem em pecado! Mas quanto mais infelizes são os que vivem em pecado. Eu creio que se eles saboreassem, mesmo que por um só instante, a grande consolação que sente quem se encontra na graça de Deus, todos iriam confessar-se para aplacar a ira de Deus, dar tréguas aos remorsos da consciência e gozar da paz do coração. Infeliz pecado! Que terrível flagelo tu és para aqueles que te deixam entrar no seu coração!<sup>243</sup> Meu Deus, não quero voltar a ofender-Vos, antes quero amar-Vos com todas as forças da minha alma e se por infelicidade cair mesmo que num pequeno pecado irei imediatamente confessar-me<sup>244</sup>.

Assim exprimia o nosso Magone o seu arrependimento por ter ofendido a Deus e prometia manter-se constante no santo serviço divino. De fato começou a frequentar os santos sacramentos da Confissão e da Comunhão, e aquelas práticas de piedade que antes lhe provocavam repulsa, frequentava-as depois com grandes transportes de alegria. Antes, sentia tanto gosto em confessar-se e fazia-o com tanta frequência, que o confessor teve de o moderar para evitar que se tornasse escrupuloso. Esta doença grassa com grande facilidade na mente dos juvenzinhos, quando querem entregar-se de verdade a servir o Senhor. Os estragos são graves, porque com isso o demônio perturba a alma, agita o coração, torna gravosa a prática da religião; e muitas vezes faz voltar ao mau caminho aqueles que já tinham avançado na virtude.

O meio mais fácil de nos libertarmos de tal chaga é abandonar-nos à obediência ilimitada ao confessor. Quando ele diz que uma coisa é má, façamos tudo o que pudermos para não voltar a cometê-la. Ele diz que nesta ou naquela ação não há mal nenhum? Então é seguir o seu conselho e avançar com paz e alegria de coração. Em suma, a obediência ao confessor é o meio mais eficaz para nos libertarmos dos escrúpulos e perseverarmos na graça do Senhor.

<sup>243</sup> É um reflexo da leitura do *Jovem Instruído* e dos habituais discursos de Dom Bosco: «Deveis igualmente vos excitar a uma verdadeira dor refletindo seriamente que o pecado é um grande mal. O pecado abre-vos o inferno debaixo dos pés. Que grande mal, oh pavor!... Fecha-vos o paraíso; que grave perda!... Torna-vos inimigos de Deus e escravos dos demônios» (BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 21851, 95).

<sup>244</sup> «Este desgosto deve levar-vos ao propósito, ou seja, a fazer uma promessa de nunca mais querer ofender a Deus no futuro [...]. É necessário que façais uma promessa ao Senhor de que não quereis mais cometer tais pecados, mesmo a custo de ter de sofrer qualquer mal» (BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 21851, 95-96). O discurso de Magone reflete de modo verossímil o estado de alma do jovem, mas é reelaborado pelo autor para transmitir uma mensagem pedagógica, como faz notar A. CAVIGLIA, *Il "Magone Michele". Un classica esperienza educativa*, in «Salesianum» 11 (1949) 461; cf. P. STELLA, *Valori spirituali nel «Giovane provveduto» di san Giovanni Bosco*, Roma, Scuola Grafica Borgo Ragazzi Don Bosco, 1960, 89-90.





## Capítulo V

### Uma palavra à juventude

As inquietações e as angústias do jovem Magone, por um lado, e, por outro, a maneira franca e decidida como acertou as coisas da sua alma, proporciona-me a ocasião de vos sugerir, jovens caríssimos, algumas lembranças que julgo muito úteis para as vossas almas. Considerai-as como penhor de afeto de um amigo que ardentemente deseja a vossa salvação eterna.

Em primeiro lugar, recomendo-vos que façais tudo o que puderdes para não cair em pecado<sup>245</sup> mas se, por infelicidade, vos acontecesse cometê-lo, nunca vos deixeis induzir pelo demônio a omiti-lo na confissão<sup>246</sup>. Pensai que o confessor recebeu de Deus o poder de vos perdoar toda a espécie e todo o número de pecados. Quanto mais graves forem os pecados confessados, mais ele se alegrará, pois sabe que muito maior é a misericórdia divina que por seu intermédio vos oferece o perdão e aplica os méritos infinitos do precioso sangue de Jesus Cristo, com que ele pode lavar todas as manchas da vossa alma.

Meus queridos jovens, não esqueçais que o confessor é um pai que deseja ardentemente fazer-vos todo o bem possível e procura afastar de vós toda a espécie de mal. Não tenhais medo de perder a sua estima por vos confessardes de coisas graves ou que ele venha a revelá-las a alguém. De fato, por nada deste mundo, o confessor pode servir-se de qualquer informação recebida na confissão. Mesmo que tivesse de perder a sua própria vida, não diz nem pode dizer, seja a quem for, a mínima coisa referente àquilo que ouviu em confissão. Antes, posso assegurar-vos que, quanto mais sinceros fordes e mais confiança depositardes nele, mais ele aumentará também a sua confiança em vós e estará cada vez mais em condições de vos dar os conselhos e as orientações que achar mais necessários e oportunos para as vossas almas<sup>247</sup>.

---

<sup>245</sup> «Sabeis o que significa cair em pecado mortal? Significa renunciar a ser filho de Deus, para se tornar filho de Satanás. Significa perder a beleza que nos torna como anjos aos olhos de Deus e tornar-se disforme à sua vista como os demônios. Significa perder todos os méritos já adquiridos para a vida eterna; significa ficar suspenso por um fio muito frágil sobre a boca do inferno; significa ofender enormemente a bondade divina e este é o maior mal que se pode imaginar» (BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 51-52).

<sup>246</sup> *façais tudo ... na confissão*: na 1.<sup>a</sup> ed. lia-se: «confessar sempre todos os pecados, sem se deixar induzir pelo demônio a calar algum».

<sup>247</sup> Dom Bosco retoma e desenvolve as razões expressas no *Jovem Instruído*: «Por isso não tenhais receio algum da parte do confessor, ele alegra-se sentindo que vós lhe confiais o que fizestes. De resto tende a certeza de que o sacerdote não pode dizer a ninguém aquilo que vós confessais, e não se pode servir disso, mesmo que fosse para evitar a morte. Coragem,





Quis dizer-vos isso para que não vos deixeis enganar pelo demônio calando por vergonha algum pecado na confissão<sup>248</sup>. Garanto-vos, meus queridos jovens, que me treme a mão ao escrever, pensando no grande número de cristãos que se condenam só por ter calado ou por não ter confessado com sinceridade certos pecados! Se porventura algum de vós, ao rever a sua vida passada, descobrisse que omitiu voluntariamente algum pecado ou tivesse qualquer dúvida acerca da validade de uma confissão, quero dizer sem mais a esse tal:

– Amigo, por amor de Jesus Cristo e pelo precioso sangue que Ele deramou para salvar a tua alma, suplico-te que ponhas em ordem os assuntos da tua consciência na primeira vez que te confessares, expondo com sinceridade tudo o que poderia perturbar-te se te encontrasses na iminência de morrer. Se não sabes como exprimir-te, começa por dizer ao confessor que tens alguma coisa que te atormenta na vida passada. Isso permite-lhe fazer-te as perguntas necessárias para aclarar a situação e às quais tu responderás com sinceridade. Depois fica tranquilo que tudo estará em ordem.

Recorrei com frequência ao vosso confessor, rezai por ele e segui os seus conselhos. Uma vez escolhido um confessor que julgueis adequado para as necessidades da vossa alma, não mudeis sem necessidade<sup>249</sup>. Enquanto não tiverdes um confessor estável, no qual tenhais toda a confiança, faltar-vos-á sempre o amigo da alma. Confiai também nas orações do confessor que na santa missa reza todos os dias pelos seus penitentes, para que Deus lhes conceda fazer boas confissões e perseverar no bem; rezai vós também por ele.

Podeis, todavia, sem escrúpulo, mudar de confessor quando, vós ou ele, mudardes de residência e vos causar grave incômodo recorrer a ele, ou então

---

portanto, e confessai primeiro aquilo que vos pesa mais na consciência» (Bosco, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 96).

<sup>248</sup> *calando por vergonha*: um dos aspectos do sacramento sobre o qual Dom Bosco mais insiste: «Devo dizer-vos que nunca caleis nenhum pecado na confissão. Antes de pecar, o demônio diz-vos que não há grande mal naquela ação; depois faz tudo o que pode para que tenhais vergonha dela, a fim de que a caleis e façais uma confissão sacrílega» (Bosco, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 96). São recomendações colocadas na boca dos pais atentos a preparar os filhos para a primeira comunhão: «Tem sobretudo cuidado de não calar nenhum pecado na confissão; é necessário confessá-los todos, arrepender-se de todos e tomar a resolução de levar uma vida melhor com a graça de Deus» (G. Bosco, *La forza della buona educazione: curioso episodio contemporaneo*, Torino, Tip. Paravia e Comp., 1855, 20-21, in OE VI, 294-295).

<sup>249</sup> Sobre a frequência do sacramento no ambiente de Valdocco cf. *Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales*, Torino, Tipografia Salesiana, 1877, 63: «Escolhei um confessor estável, abri-lhe o coração de oito em oito ou de quinze em quinze dias ou, pelo menos, uma vez por mês, tal como diz o Catecismo romano» (cf. também *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni*, Torino, Tipografia Salesiana, 1877, 38-39, in OE XXIX, 38-39).





quando ele estiver doente ou quando, por ocasião de solenidades, ele tiver grande afluência de penitentes. Igualmente, se tiverdes alguma coisa na consciência que não ouseis manifestar ao confessor ordinário, antes que cometer um sacrilégio, mudai não uma, mas mil vezes de confessor.

Se porventura este escrito for lido por quem a Divina Providência destina a escutar as confissões da juventude<sup>250</sup>, quero, omitindo muitas outras coisas, pedir-lhe humildemente que me permita dizer-lhe com todo o respeito<sup>251</sup>:

1.º Acolhei com bondade toda a espécie de penitentes, mas especialmente os jovenzinhos. Ajudai-os a expor os assuntos da sua consciência; insisti para que se confessem com frequência. É este o meio mais seguro para os manter longe do pecado. Tende todo o cuidado a fim de que ponham em prática os conselhos que lhes dais para evitar as recaídas. Corrigi-os com bondade, mas nunca os repreendais; se os repreenderdes, deixam de recorrer a vós ou então omitem aquilo pelo qual lhes destes uma áspera repreensão.

2.º Quando tiverdes ganho a sua confiança, prudentemente tentai indagar se as confissões da vida passada foram bem feitas. Com efeito, autores célebres em moral e em ascética e de longa experiência, e especialmente uma pessoa autorizada que tem todas as garantias da verdade, são unânimes em afirmar que, na maior parte dos casos, as primeiras confissões dos garotos se não são nulas, são pelo menos falhas por falta de instrução, ou por omissão voluntária de coisas a confessar. Convide-se o garoto a ponderar bem o estado da sua consciência, especialmente dos sete aos dez, doze anos. Nessa idade já se tem conhecimento de certas coisas que são grave mal, mas a que se dá pouca importância ou se ignora a maneira de as confessar. O confessor use de grande prudência e de grande reserva, mas não deixe de fazer algumas perguntas acerca daquilo que diz respeito à santa virtude da modéstia.

Gostaria de dizer muitas coisas sobre este assunto, mas omito-as por não querer passar por mestre em coisas de que sou apenas um pobre e humilde discípulo. Disse aqui estas poucas palavras que no Senhor me parecem úteis às almas da juventude, a cujo bem desejo consagrar todo o tempo que ao Senhor aprouver deixar-me viver neste mundo. Agora regresso ao jovem Magone.

---

<sup>250</sup> Os conselhos que se seguem inspiram-se, em parte, nas *Advertências aos Confessores* de Santo Afonso (cf. ALFONSO MARIA DE LIGUORI, *Il confessore diretto per le confessioni della gente di campagna*, in *Opere di S. Alfonso Maria de Liguori*, vol. IX: *Operette morali italiane*, Torino, Pier Giacinto Marietti, 1880, 780).

<sup>251</sup> *Se porventura este escrito for lido*: este parágrafo será retomado, com alterações, no capítulo 19 da Vida de Francisco Besucco.





## Capítulo VI

### A sua exemplar solicitude pelas práticas de piedade

À frequência dos sacramentos da Confissão e da Comunhão uniu um espírito de fé viva, uma solicitude exemplar, uma atitude edificante em todas as práticas de piedade. No recreio parecia um cavalo à solta; na igreja não encontrava lugar nem modo que lhe agradasse; mas pouco a pouco conseguiu estar com tal recolhimento que poderia propor-se como modelo a qualquer cristão fervoroso. Fazia bem o exame de consciência<sup>252</sup>; enquanto estava à espera próximo do confessor, dava a sua vez aos outros; e ele sempre recolhido e paciente aguardava poder aproximar-se comodamente do confessor. Por vezes, viram-no aguentar quatro ou cinco horas recolhido, imóvel e de joelhos no chão a aguardar a sua vez de se confessar. Um companheiro quis tentar imitá-lo, mas ao fim de duas horas caiu desmaiado e nunca mais tentou imitar o seu amigo naquele gênero de penitência. Isso pareceria quase incrível naquela tenra idade, se quem escreve não tivesse sido testemunha ocular<sup>253</sup>. Ouvia com muito agrado falar do modo edificante como Domingos Sávio se aproximava dos sacramentos da Confissão e da Comunhão, e empenhava-se com todas as forças em imitá-lo.

Quando veio para esta casa, estar na igreja era para ele uma dificuldade quase insuportável; alguns meses depois, sentia grande consolação nas funções religiosas, quaisquer que elas fossem.

– O que se faz na igreja, dizia ele, faz-se para o Senhor, e o que se faz para o Senhor nunca se perde.

Um dia, já se tinha dado sinal para as sagradas funções e um colega convidava-o a continuar o jogo até o fim.

– Sim, respondeu, continuo a jogar, se me deres a paga que o Senhor me dá.

Àquelas palavras, o colega calou-se e acompanhou-o a cumprir aquele dever religioso.

<sup>252</sup> Dom Bosco sugeria aos jovens o exame de consciência como instrumento indispensável para receber o sacramento com as devidas disposições: «A primeira delas consiste em fazer o exame de consciência, quer dizer, recordar as vossas ações para descobrir quais foram boas e quais foram pecaminosas. Começai por pedir ao Senhor que vos ilumine [...]. Examinai se falastes mal da religião; se blasfemastes, se invocastes o nome de Deus em vão; se participastes na santa Missa nos dias festivos e vos ocupastes em obras de piedade, ou então se vos ocupastes em trabalhos proibidos. Examinai se desobedecestes aos vossos pais, superiores ou professores, ou lhes destes alguma resposta insolente; se destes escândalo na Igreja ou fora, especialmente com conversas obscenas ou com maus conselhos; se roubastes alguma coisa em casa ou fora. Notai que se pode também roubar não ocupando o tempo naquilo que vos é mandado. Se dissetes, escutastes, fizestes, permitistes, ou mesmo só se pensastes alguma coisa contra a honestidade» (Bosco, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 93-94).

<sup>253</sup> *Por vezes, viram-no ... testemunha ocular*: ins. ed. 1866.





Outro companheiro disse-lhe uma vez:

– Não te sentes aborrecido nas cerimônias quando são tão longas?

– Pobre rapaz, és como eu antigamente, respondeu: não conheces as coisas úteis. Não sabes que a igreja é a casa do Senhor? Quanto mais estivermos em sua casa neste mundo, maior esperança temos de estar depois com Ele na igreja triunfante do paraíso. Mas, se com o uso se adquire direito nas coisas temporais, por que não se adquirirá nas espirituais? Por isso estando nós na casa material do Senhor neste mundo, adquirimos o direito de ir um dia com Ele para o céu. Depois da habitual ação de graças da confissão e da comunhão e depois das sagradas funções, parava junto do altar do Santíssimo Sacramento ou diante do altar de Nossa Senhora a fazer orações especiais<sup>254</sup>. Estava tão atento, recolhido e composto na sua pessoa que parecia insensível a qualquer coisa exterior. Por vezes os companheiros ao sair da igreja e ao passar ao pé dele gritavam-lhe; com frequência tropeçavam nos pés dele e pisavam-lhos. Mas ele, como se nada acontecesse, continuava serenamente a sua oração ou meditação.

Gostava muito de todos os atos de devoção. Uma medalha, uma pequena cruz, uma imagem eram para ele objetos de grande veneração. Em qualquer altura que soubesse que se estava a distribuir a sagrada comunhão, que se recitava alguma oração ou se cantava alguma loa, fosse na igreja ou fora da igreja, logo interrompia o recreio e ia tomar parte naquele cântico ou naquela prática de piedade.

Gostava muito de cantar e como tinha uma voz argentina e muito agradável aplicava-se também no estudo da música. Em pouco tempo adquiriu conhecimentos que lhe permitiram tomar parte em solenes funções públicas. Mas assegurava e deixou escrito que nunca os seus lábios profeririam uma única palavra que não pudesse servir para a maior glória de Deus.

– Infelizmente, dizia ele, no passado a minha língua não fez aquilo que devia fazer. Que ao menos no futuro possa remediar o passado!

Num folheto, entre os seus propósitos, encontrava-se este: «Ó meu Deus, que a minha língua se me cole ao céu da boca antes que proferir uma palavra desagradável aos vossos ouvidos».

No ano de 1858 tomava parte nas funções que na novena do santo Natal se realizavam num retiro desta capital. Uma noite os companheiros estavam a enaltecer o sucesso da sua atuação no cântico daquele dia. Ele, confuso, retirou-se do meio deles, cheio de tristeza. Tendo-se-lhe perguntado o motivo, começou a chorar, dizendo:

– Trabalhei em vão, porque senti complacência ao cantar e perdi metade do mérito. Agora estes elogios fazem-me perder a outra metade e para mim fica só o cansaço.

<sup>254</sup> Sobre as orações de ação de graças depois da confissão e da comunhão cf. BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 97-98, 101-103; sobre as especiais orações ao SS. Sacramento e a Nossa Senhora cf. *ibid.*, 103-105, 108-124.





## Capítulo VII

### Pontualidade nos seus deveres

O seu temperamento fogoso, a sua imaginação fervilhante, o seu coração cheio de emoções levavam-no naturalmente a ser vivo e à primeira vista dissipado. De resto, na devida altura sabia conter-se e autocontrolar-se. O recreio, como se diz, era a fundo. Todos os recantos do amplo pátio desta casa eram batidos pelos pés do nosso Magone<sup>255</sup>. Não havia jogo em que ele não fosse dos primeiros. Mas ao sinal do estudo, das aulas, do repouso, do refeitório, da oração, interrompia tudo e corria a cumprir os seus deveres. Era maravilhoso ver aquele que era a alma do recreio e punha tudo em movimento, como se fosse comandado por uma máquina, ser o primeiro nos lugares onde o dever o chamava.

Relativamente aos deveres escolares parece-me bem referir aqui uma parte da judiciosa declaração do seu professor padre João Francesca que o teve como aluno nas aulas de latinidade<sup>256</sup>.

«De muito bom grado, escreve ele, presto testemunho público das virtudes do meu caro aluno Miguel Magone. Esteve sob a minha responsabilidade todo o ano letivo de 1857 e parte de 1858-59. Que eu saiba, nada de extraordinário aconteceu no seu primeiro ano de latinidade. Sempre deu

<sup>255</sup> À distância de anos, Dom Bosco recordará com saudade os recreios do Oratório: «Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Tudo era vida, tudo era movimento, tudo era alegria. Uns corriam, outros saltavam, outros faziam saltar. Aqui se jogava rã, além de *barrarotta* e bola. Num lugar estava reunido um grupo de jovens suspenso dos lábios de um padre que narrava uma história. Noutra, um clérigo que no meio dos outros garotos jogava *burro voa* e *profissões*. Cantava-se, ria-se por todo o lado e, por toda a parte, clérigos e padres e à volta deles os garotos a palrar alegremente» (G. BOSCO, *Lettera ai giovani dell'Oratorio di Torino-Valdocco*, in P. BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, Roma, LAS, 1992, 373). O recreio era considerado um dos elementos educativos mais característicos do sistema preventivo: «Dê-se ampla liberdade de saltar, correr, conversar à vontade» (G. BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, *ibid.*, 251).

<sup>256</sup> *Giovanni Battista Francesca*: nascido em San Giorgio Canavese (3 out. 1838) de Giacomo e Domenica Masero, entrou para o Oratório em junho de 1852 (cf. ASC E720, *Censimento dal 1847 al 1869*, 1), recebeu a veste talar das mãos de Dom Bosco (4 out. 1855), foi o primeiro professor de latim nas aulas do Oratório (de 1855 em diante); entre os sócios fundadores da Sociedade Salesiana (18 dez. 1859), emitiu os primeiros votos em 14 de maio de 1862; ordenado sacerdote (14 jun. 1862), foi nomeado diretor espiritual da Sociedade Salesiana em 1865, em 1869 diretor da escola de Cherasco (Cuneo); entre 1878-1895 foi provincial do Piemonte e entre 1896-1902 provincial do Vêneto (cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. F, 1855; AAT 12.3.14: *Registrum ordinationum 1848-1871*; E. VALENTINI - A. RODINÒ, *Dizionario biografico dei salesiani*, Ufficio Stampa Salesiano, Torino 1969, 128-139; E. VALENTINI, *Giovanni Battista Francesca scrittore*, in «Salesianum» 38 (1976) (127-168).





bem conta do recado. Mediante a sua aplicação e diligência nas aulas fez num só ano duas classes de latinidade. Por isso, no fim desse mesmo ano, mereceu ser admitido à classe de terceira gramática latina. Basta isso para nos dar a conhecer que a sua inteligência era invulgar. Não me recordo de alguma vez o ter repreendido pela sua indisciplina. Estava sossegadíssimo nas aulas, apesar da sua grande vivacidade, de que dava magnífica prova no pátio durante o tempo de recreio. Sei até que, em estreita e amistosa relação com os melhores dos colegas, procurava imitar os seus exemplos. No início do segundo ano (1858-59) via-me rodeado de uma bela coroa de jovens alegres e todos unânimes no desejo de não perder nem um minuto de tempo, mas de aproveitar tudo para avançar nos estudos. Miguel Magone encontrava-se entre os primeiros destes. De resto fiquei muito agradavelmente surpreendido com a sua total mudança, quer no aspecto físico quer no moral, e com uma tão insólita gravidade associada a um ar que lhe dava um aspecto sério na frente e no olhar, sinal de que o seu coração se encontrava muito preocupado. Creio que esta mudança exterior derivava da resolução tomada de querer entregar-se todo à piedade, e podia verdadeiramente ser proposto como modelo de virtude. Parece-me estar ainda a ver-te, ó meu saudoso aluno, naquela atitude devota em que me escutavas como teu professor, sendo eu humilde discípulo das tuas virtudes! Parecia mesmo despojado do antigo Adão. Ao contemplá-lo assim atento aos seus deveres, assim longe da divagação, tão característica daquela idade, quem não lhe aplicaria o verso de Dante, *Sotto biondi capei canuta mente*<sup>257</sup>?

Recordo que uma vez, para pôr à prova a atenção e o aproveitamento do sempre querido discípulo, o convidei a escandir um dístico que pouco antes eu tinha ditado<sup>258</sup>. “Sou *pouco* capaz”, responde modestamente Miguel. “Ouçamos então o *pouco*”, acrescentei.

Mas quê? Fez aquilo tão bem que foi felicitado por mim e pelos companheiros encantados com prolongados aplausos. Dali em diante o *pouco* de Magone passava por provérbio nas aulas para indicar um jovem que se distinguia pelo estudo e pela atenção». Foi este o testemunho do seu professor.

<sup>257</sup> Deveria dizer: *Petrarca* (1304-1374); com efeito, é um verso do soneto 213 do *Canzoniere*: «Grazie ch’a pochi il ciel largo destina: l rara virtù, non già d’umana gente, l sotto biondi capei canuta mente, l e ‘n humil donna alta beltà divina» (F. PETRARCA, *Canzoniere*. Introduzione e note di P. CUDINI, Milano, Garzanti, 1974, 283).

<sup>258</sup> *Dístico*: conjunto de dois versos gregos ou latinos que são declamados segundo regras rítmicas precisas de sílabas longas e breves. Estava em uso nas escolas da época uma leitura métrica que produzia o efeito de uma cantilena.





No cumprimento dos seus outros deveres era em tudo exemplar. O superior da casa tinha dito muitas vezes que qualquer momento de tempo é um tesouro<sup>259</sup>. Por isso, ele repetia com frequência:

– Quem perde um momento de tempo, perde um tesouro.

Movido por este pensamento, não deixava escapar um instante sem fazer aquilo que as suas forças permitiam. Tenho aqui à minha frente as notas de aplicação e de comportamento de cada uma das semanas durante todo o tempo que passou entre nós. Nas primeiras semanas o comportamento foi medíocre, depois bom e por fim quase ótimo. Ao fim de três meses começou a ter ótimo e assim se manteve pelo tempo que viveu nesta casa.

Na Páscoa daquele ano (1858) fez os exercícios espirituais com grande edificação dos seus companheiros e com verdadeira consolação do seu coração. Deu cumprimento ao seu vivo desejo de fazer a confissão geral, escrevendo depois vários propósitos para praticar em toda a sua vida. Entre outros queria fazer voto de nunca perder um momento de tempo, coisa que não lhe foi permitida.

– Pelo menos, disse ele, seja-me concedido prometer ao Senhor obter sempre “ótimo” no meu comportamento.

– Seja como quiseses, respondeu-lhe o diretor, contanto que esta promessa não tenha força de voto.

Foi então que ele se serviu de um caderninho em que antecipadamente anotava todos os dias da semana: «Com a ajuda de Deus, dizia ele, e com a proteção de Maria Santíssima quero ter: domingo, “ótimo”; segunda, “ótimo”; terça, etc...».

Todas as manhãs, a primeira coisa que fazia era lançar o olhar sobre o pequeno caderninho e muitas vezes ao longo do dia lia e renovava a promessa de obter “ótimo” no seu comportamento. Se porventura, no seu entender, tivesse havido alguma falha, ainda que pequena, castigava-a com penitências voluntárias, tais como privar-se de algum tempo de recreio, abster-se de alguma coisa que fosse especialmente do seu gosto, alguma oração e semelhantes.

Este caderninho foi encontrado pelos companheiros depois da sua morte, que ficaram muito edificados com as santas diligências usadas pelo seu colega para progredir no caminho da virtude. Ele queria obter “ótimo” em tudo; por isso ao sinal de mudança de atividade, logo suspendia o

---

<sup>259</sup> Encontramos a mesma afirmação na vida de Besucco, onde se dá a sua explicação: «Em qualquer momento de tempo podemos adquirir algum conhecimento científico ou religioso, podemos praticar alguma virtude, fazer um ato de amor de Deus, coisas que diante do Senhor podem ser outros tantos tesouros, que nos servirão para o tempo e para a eternidade» (*Besucco*, c. XVIII).





recreio, interrompia qualquer conversa e muitas vezes truncava a palavra, pousava a caneta a meio da linha para ir prontamente para onde o dever o chamava. Por vezes dizia:

– É verdade que terminar o que tenho entre mãos é bom, mas o meu coração já não sente qualquer gosto nisso, antes fica angustiado. O meu coração sente o maior prazer no cumprimento dos meus deveres à medida que me são indicados pela voz dos superiores ou pelo som da sineta.

A exatidão nos seus deveres não lhe impedia de respeitar os sinais de cortesia aconselhados pelas boas maneiras e pela caridade. Por isso prontificava-se para escrever cartas a quem disso tivesse necessidade. Limpar roupa de outros, ajudar a levar água, fazer camas, varrer, servir à mesa, ceder os brinquedos a quem os desejasse, ensinar o catecismo a outros, ensinar a cantar, explicar dificuldades da aula, eram coisas a que ele se prestava com o maior gosto sempre que se oferecesse ocasião<sup>260</sup>.

---

<sup>260</sup> O serviço aos companheiros era um elemento fundamental do modelo educativo de Dom Bosco: engraxar os sapatos, escovar a roupa aos companheiros, prestar aos doentes os mais humildes serviços, varrer e fazer outros semelhantes trabalhos eram para ele um agradável passatempo (*Savio*, c. XVI).





## Capítulo VIII

### A sua devoção a Nossa Senhora

Há que dizê-lo, a devoção a Nossa Senhora é o sustentáculo de qualquer fiel cristão. Mas é-o de modo especial da juventude. Assim fala em seu nome o Espírito Santo: *Si quis est parvulus, veniat ad me*<sup>261</sup>. Magone conheceu esta importante verdade, que de modo providencial lhe foi comunicada. Um dia foi-lhe oferecida uma imagem da Virgem Maria no fundo da qual estava escrito: *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos*, isso é: Vinde, filhos, escutai-me e eu vos ensinarei o temor de Deus<sup>262</sup>. Ele começou a pensar seriamente neste convite e depois escreveu uma carta ao seu diretor em que dizia como a Virgem Maria lhe tinha feito ouvir a sua voz, o chamava a tornar-se bom e que Ela própria queria ensinar-lhe o modo de temer a Deus, de O amar e servir.

Começou, portanto, a fazer algumas flores espirituais que constantemente praticava em honra d'Aquela que passou a honrar sob o título de mãe celeste<sup>263</sup>, divina mestra, piedosa pastora. Eis, portanto, os principais traços da sua filial devoção que com fervor sempre crescente ia exercitando para com Maria. Todos os domingos fazia a santa comunhão pela alma do purgatório que na terra tivesse sido mais devota de Maria Santíssima.

Em honra de Maria, perdoava de bom grado qualquer ofensa. Frio, calor, desgostos, cansaço, sede, suor e outros incômodos das estações eram outras tantas flores espirituais que ele com alegria oferecia a Deus pela mão da sua piedosa mãe celeste.

Antes de começar a estudar, a escrever no estudo ou na aula, tirava de um livro uma imagem de Maria em cuja margem estava escrito este verso:

---

<sup>261</sup> *Pr* 9,4: «Quem é pequeno venha a mim». O versículo refere-se à Sabedoria divina; Dom Bosco, seguindo a tradição católica, coloca-o nos lábios de Maria: «Um grande sustentáculo para nós, meus filhinhos, é a devoção a Maria Santíssima. Escutai como Ela vos convida: *Si quis est parvulus, veniat ad me*. Quem é criança venha a mim. Ela assegura-vos que, se fordes seus devotos, além de vos cumular de bênçãos neste mundo, tereis o paraíso na outra vida» (BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 51).

<sup>262</sup> *Sl* 34,12.

<sup>263</sup> *Fioretti*: prática devota, livremente sugerida por Dom Bosco que tendia a orientar a devoção em função do crescimento no empenho virtuoso cotidiano: «Ele mesmo escreveu nove *fioretti*, ou seja, nove atos de virtude a praticar, tirando à sorte uma por dia» (*Sávio* c. VIII). Para compreender em que consistissem estes *fioretti* veja-se a lista inserida no pequeno volume sobre o modo de celebrar o mês de maio: «*Fioretti* a tirar à sorte e a praticar um em cada dia do mês» (G. BOSCO, *Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata ad uso del popolo*, Torino, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1858, 9-11, in OE X, 303-305).





*Virgo parens studiis semper adesto meis*, Virgem Mãe, assisti-me sempre nos meus estudos.

A Ela se recomendava sempre no princípio de todas as suas ocupações escolares.

– Eu, costumava dizer, se encontro dificuldades nos meus estudos, recorro à minha divina mestra e Ela explica-me tudo.

Um dia um dos seus amigos alegrava-se com ele pelo bom êxito do seu tema da aula.

– Não deves alegrar-te comigo, respondeu, mas com Maria que me ajudou, e me colocou na mente muitas coisas que por mim não saberia.

Para ter sempre presente algum objeto que lhe recordasse o patrocínio de Maria nas suas ocupações ordinárias, escrevia onde quer que pudesse: *Sedes sapientiae, ora pro me*: Ó Maria, sede da sabedoria, rogai por mim. Por isso, em todos os seus livros, na capa dos cadernos, na carteira, nos bancos, na cadeira, e em qualquer lugar em que com a pena ou com o giz pudesse escrever, se lia: *Sedes sapientiae, ora pro me*.

No mês de maio daquele ano de 1858, propôs-se fazer tudo o que pudesse para honrar Maria. Naquele mês a mortificação dos olhos, da língua e dos outros sentidos foi cumprida. Queria também privar-se de uma parte do recreio, jejuar, passar algum tempo da noite em oração, mais isso foi-lhe proibido por não ser compatível com a sua idade.

Em fins do referido mês apresentou-se ao seu diretor e disse-lhe:

– Se for do seu agrado, quero fazer um gesto bonito em honra da grande mãe de Deus. Eu sei que São Luís Gonzaga agradou muito a Maria porque desde pequeno Lhe consagrou a virtude da castidade<sup>264</sup>. Queria também eu oferecer este presente e por isso desejo fazer voto de ser padre e de observar castidade perpétua.

O diretor respondeu que ainda não tinha idade de fazer votos daquela importância.

---

<sup>264</sup> Aqui faz-se referência a uma passagem dos *Seis Domingos* em honra de São Luís Gonzaga (*São Luís modelo na virtude da pureza*) que Miguel Magone podia ler no *Jovem Instruído*: «Tinha apenas dez anos quando, após ter descoberto o grande valor desta virtude, a ofereceu com voto à rainha das virgens Maria Santíssima, a quem muito agradou tal voto, que São Luís nunca sentiu tentação contra esta virtude, e teve a glória de levar para a outra vida sem mancha a estola da inocência batismal» (Bosco, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 60). Passagem análoga se encontra in Bosco, *Il mese di maggio*, 153-154 (in OE X, 447-448): «São Luís pode servir de modelo a todos os que desejam conservar a virtude de que falamos [...]. Na idade de apenas dez anos, fez voto de perpétua castidade colocando-se inteiramente sob a poderosa proteção de Maria, suplicando-Lhe que o ajudasse a conservar tal virtude até a morte».





– Contudo, interrompeu ele, sinto grande vontade de me entregar todo a Maria e, se me consagrar a Ela, certamente Ela me ajudará a manter a promessa.

– Faz assim, acrescentou o diretor, em vez de um voto, limita-te a fazer uma simples promessa de abraçar o estado eclesiástico, desde que no fim dos estudos de latinidade apareçam sinais claros de ser chamado ao mesmo. Em vez do voto de castidade, faz apenas uma promessa ao Senhor de, no futuro, ter o maior cuidado para nunca fazer nada, nem dizer palavra, nem sequer em brincadeira, que mesmo ao de leve seja contrária àquela virtude.

Todos os dias invoca Maria com alguma oração especial para que te ajude a manter esta promessa.

Ficou contente com aquela proposta e muito feliz prometeu empenhar-se sempre em tudo o que pudesse para a pôr em prática.





## Capítulo IX

### A sua solicitude e as suas práticas para conservar a virtude da pureza

Além das sobreditas práticas tinha também recebido algumas lembranças, a que dava a máxima importância e costumava chamar-lhes pais, guardas e defensores da virtude da pureza. Temos aquelas lembranças na resposta que ele deu a uma carta escrita por um companheiro seu em fins do referido mês de Maria<sup>265</sup>. Aquele escrevia a Miguel a pedir-lhe que lhe dissesse como costumava fazer para conservar a pureza, rainha das virtudes.

Aquele companheiro entregou-me a carta de que destaco quanto segue: «Para te dar uma resposta completa, são palavras de Magone, queria poder falar-te de viva voz e dizer-te muitas coisas que não parece conveniente escrever. Aqui exporei apenas os principais avisos dados pelo meu diretor, graças aos quais me assegura a conservação da mais preciosa das virtudes. Um dia deu-me um bilhetinho e disse-me: “Lê e pratica”. Abri-o e era deste teor: *Cinco lembranças que São Filipe Neri dava aos jovens para conservar a virtude da pureza*: Fuga das más companhias. Não alimentar delicadamente o corpo. Fuga do ócio. Oração frequente. Frequência dos sacramentos, especialmente da confissão. O que está abreviado ele me expôs outras vezes de forma mais desenvolvida e digo-te como o escutei da sua boca. Disse-me portanto:

1.º Coloca-te com filial confiança sob a proteção de Maria, confia e espera nela. Nunca se ouviu dizer que alguém tivesse recorrido a Maria com confiança e não tenha sido atendido. Ela será a tua defesa nos assaltos do demônio à tua alma.

2.º Quando te dás conta de ser tentado, começa logo a fazer alguma coisa<sup>266</sup>. Ócio e castidade não podem viver juntos. Por isso evitando o ócio vencerás também as tentações contra esta virtude.

<sup>265</sup> No «Dia vinte e seis» do *Mês de maio*, Magone podia ter lido a meditação sobre A *virtude da pureza* (cf. BOSCO, *Il mese di maggio*, 150-153, in OE X, 444-447).

<sup>266</sup> As sugestões que se seguem são em parte tiradas da instrução sobre o *Modo de se comportar nas tentações*, inserida no *Jovem Instruído*: «Muitíssimo ajudará a preservar-vos das tentações o fato de vos manterdes longe das ocasiões, das conversas escandalosas, dos espetáculos públicos, onde não há nada de bom, e onde na maior parte dos casos se aprende alguma coisa de mal. Procurai estar sempre ocupados e, quando não souberdes o que fazer, enfeitai altarzinhos, arrumai imagens ou molduras ou, pelo menos, ide passar algum tempo num divertimento honesto, com licença dos vossos pais, bem entendido. Quando sois tentados, não fiquéis à espera que o demônio tome posse do vosso coração, mas fazei logo alguma coisa para vos livrar dele, quer trabalhando, quer rezando. E se a tentação continua, fazei o





3.º Beija com frequência a medalha, ou então o crucifixo, faz o sinal da santa cruz com fé viva, dizendo: Jesus, José e Maria, ajudai-me a salvar a minha alma. Estes são os três nomes mais terríveis e que mais assustam o demônio.

4.º E, se o perigo continua, recorre a Maria com a oração que nos é proposta pela santa Igreja, isso é: *Santa Maria, mãe de Deus, rogai por mim pecador.*

5.º Além de não alimentar delicadamente o corpo, além da guarda dos sentidos, especialmente dos olhos, acautela-te também de toda a sorte de más leituras. Mais ainda, se porventura coisas indiferentes forem um perigo para ti, deixa imediatamente essa leitura; ao invés, lê de bom grado bons livros e entre eles dá preferência aos que falam das glórias de Maria e do Santíssimo Sacramento.

6.º Foge dos maus companheiros; pelo contrário, escolhe bons companheiros, isso é, aqueles que pelo seu bom comportamento ouves elogiar por parte dos teus superiores. Com esses fala de bom grado, joga com eles no recreio, mas procura imitá-los no falar, no cumprimento dos deveres e especialmente nas práticas de piedade.

7.º Confissão e comunhão com a maior frequência que o teu confessor entender; e, se as tuas ocupações permitirem, vai com frequência visitar o Santíssimo.

Eram estes os sete conselhos que Magone na sua carta designa os sete guardas de Maria destinados a fazer guarda à santa virtude da pureza. É a fim de ter para cada dia um estímulo particular para a piedade, praticava especialmente um deles em cada dia da semana, acrescentando alguma coisa em honra de Maria. Assim, o 1.º conselho estava associado à consideração da primeira alegria que Maria goza no céu<sup>267</sup>, e este era para o domingo. O 2.º estava associado à segunda alegria e era para a segunda-feira, e assim por diante. Terminada a semana desta maneira, fazia a mesma alternância em honra das Sete Dores de Maria<sup>268</sup>, de modo que o conselho indicado

---

sinal da santa cruz, beijai algum objeto benzido, dizendo: Luís santo, fazei com que eu não ofenda o meu Deus» (Bosco, *Il giovane provveduto*, ed. 1851, 26-27).

<sup>267</sup> «Alegrai-vos, ó Esposa do Espírito Santo, pela felicidade que agora gozais no paraíso, porque pela vossa pureza e virgindade sois exaltada acima de todos os Anjos e sublimada acima de todos os Santos» (*ibid.*, 122).

<sup>268</sup> Cf. *Corona di Maria Addolorata* (*ibid.*, 114-119), prática de piedade que consiste na meditação «das grandes dores que Maria Santíssima sofreu na vida e na morte do seu amado Filho» (*ibid.*, 114). As *Sete Dores de Maria* correspondem a outros tantos episódios narrados no Evangelho: 1. A profecia de Simeão: «este Filho será uma espada que trespassará a tua alma»; 2. A fuga para o Egito: «pela perseguição de Herodes, que impiamente procurava dar a morte ao seu amado Filho»; 3. Jesus perdido no Templo: «e durante três dias andou aflita à sua procura»; 4. Encontro com Jesus «que levava às costas uma pesada cruz para o Calvário»; 5. Crucifixão de Jesus: «quando viu o seu Filho pregado no duro madeiro da cruz, a deitar sangue de todo o seu sacratíssimo corpo»; 6. Jesus é retirado da





com o número 1.º praticava-o ao domingo em honra da 1.ª dor de Maria, e assim em relação aos outros.

Talvez alguém dirá que tais práticas de piedade são demasiado triviais. Mas faço notar que assim como o esplendor da virtude de que falamos pode obscurecer-se e perder-se a qualquer pequeno sopro de tentação, assim qualquer pequeno recurso que contribua para a conservar, deve ser tido em grande apreço. Por isso aconselharei insistentemente a ter o cuidado de que sejam propostas coisas fáceis, que não assustem nem cansem o fiel cristão, sobretudo a juventude. O jejum, as orações muito prolongadas e outras austeridades rigorosas na maior parte dos casos omitem-se ou praticam-se com tédio e desleixo. Atenhamo-nos às coisas fáceis, mas façam-se com perseverança. Este foi o sendeiro que conduziu o nosso Miguel a um maravilhoso grau de perfeição.

---

cruz: «morto assim sem piedade, é colocado nos seus santíssimos braços»; 7. Jesus é sepultado (*ibid.* 115-117).





## Capítulo X

### **Belos traços de caridade para com o próximo**

Ao espírito de viva fé, de fervor, de devoção para com a Virgem Maria, Magone unia a mais industriosa caridade para com os seus companheiros. Sabia que o exercício desta virtude é o meio mais eficaz para aumentar em nós o amor de Deus. Praticava esta máxima com desenvoltura em cada pequena ocasião. No recreio tomava parte com tal entusiasmo que já não sabia se estava no céu ou na terra. Mas se lhe acontecia ver um companheiro com vontade de jogar, logo lhe fazia tomar parte nos seus jogos, feliz por continuar de outra maneira o seu recreio. Muitas vezes vi-o deixar de jogar as bolinhas, ou *bocce*, para as dar a outro. Outras vezes descia das andas para deixar subir um colega, que ele de boa vontade assistia e ensinava até que o divertimento fosse mais agradável e ao mesmo tempo sem perigo.

Via um companheiro aflito? Aproximava-se dele, tomava-o pela mão, acariciava-o, contava-lhe milhentas historietas. Se conseguia descobrir a causa de tal aflição, procurava confortá-lo com algum bom conselho e, se fosse caso disso, fazia de seu mediador junto dos superiores ou de quem o pudesse confortar.

Quando podia explicar uma dificuldade a alguém, ajudar em alguma coisa, dar água, fazer a cama, ficava feliz da vida. No tempo do inverno um colega que sofria de frieiras não podia brincar nem fazer os seus trabalhos como desejava. Magone escrevia-lhe de bom grado o tema da aula e fazia a cópia dele na folha a entregar ao professor. Além disso ajudava-o a vestir-se, fazia-lhe a cama e por fim deu-lhe as suas próprias luvas para que melhor pudesse proteger-se do frio. Que mais podia fazer um rapaz daquela idade? De caráter fogoso como era, não raro se deixava arrebatado em involuntários ímpetos de cólera, mas bastava dizer-lhe:

– Magone, que estás fazendo? É esta a vingança do cristão?

Isso bastava para o acalmar, para o humilhar tanto, que ele mesmo ia pedir desculpa ao companheiro suplicando que lhe perdoasse e não se escandalizasse com o seu mau arrebatamento.

Mas, se nos primeiros meses que passou no Oratório, com frequência era necessário corrigi-lo nos acessos de cólera, com a sua boa vontade em breve conseguiu vencer-se a si mesmo e tornar-se pacificador dos seus próprios companheiros. Por isso, surgindo rixas de qualquer gênero e embora ele fosse de pequena estatura, depressa se colocava no meio dos litigantes e com palavras e mesmo com a força procurava acalmá-los.

– Nós somos racionais, costumava dizer, por isso em nós deve comandar a razão e não a força.





Outra vez acrescentava:

– Se o Senhor usasse a força cada vez que é ofendido, muitos de nós seríamos exterminados naquele instante. Portanto, se Deus onipotente que é ofendido usa de misericórdia ao perdoar quem O ofende com o pecado, por que motivo nós, miseráveis vermes da terra, não usaremos a razão suportando um desgosto e até um insulto sem nos vingarmos logo?

Dizia ainda a outros:

– Todos nós somos filhos de Deus e por isso todos somos irmãos. Quem se vingá contra o próximo deixa de ser filho de Deus e pela sua cólera torna-se irmão de Satanás.

Dava catequese de bom grado, prestava-se com muito gosto para servir os doentes e pedia com insistência para passar também as noites junto deles, quando fosse necessário. Um companheiro movido pelos cuidados que em várias ocasiões lhe tinha prodigalizado, disse-lhe:

– Que poderei fazer por ti, caro Magone, para te agradecer tantos incômodos que tiveste por minha causa?

– Nada mais, respondeu, do que oferecer uma vez a tua doença ao Senhor em penitência dos meus pecados.

Outro companheiro bastante dissipado tinha muitas vezes desgostado os superiores. Este foi recomendado de modo particular a Magone, para que buscasse maneira de o conduzir aos bons sentimentos. Miguel aplica-se ao trabalho. Começa por tornar-se seu amigo, junta-se a ele nos recreios, dá-lhe presentes, escreve-lhe avisos em forma de bilhetinhos e assim consegue estabelecer com ele uma relação íntima, sem contudo lhe falar de religião.

Aproveitando a ocasião da festa de São Miguel, um dia Magone falou-lhe assim:

– Daqui a três dias ocorre a festa de São Miguel e tu deverás oferecer-me um belo presente.

– Claro que ofereço: mas tenho pena que me tenhas falado nisso porque queria fazer-te uma surpresa.

– Quis falar-te disso porque gostaria que tal presente fosse também do meu agrado.

– Pois, pois: diz lá, estou pronto a fazer o que puder para te agradar.

– Estás pronto?

– Sim.

– Se fosse um pouco custoso, fá-lo-ias igualmente?

– Prometo que o farei mesmo.

– Queria que no dia de São Miguel me desses como presente uma boa confissão e, se estiveres preparado, uma boa comunhão.





Atendendo às promessas feitas e repetidas, o companheiro não ousou opor-se àquele amigável projeto. Rendeu-se e os três dias que antecederam aquela festa foram empregues em especiais práticas de piedade. Magone empenhou-se de todas as formas a preparar o amigo para aquela festinha espiritual e, no dia marcado, ambos se abeiraram a receber os santos sacramentos com grande satisfação dos superiores e com bom exemplo para os companheiros.

Magone passou todo aquele dia em santa alegria com o seu amigo e ao chegar a noite, disse-lhe:

– Fizemos uma bela festa, estou muito feliz, e deste-me um grande prazer. Agora diz-me: Também te sentes feliz com o que hoje fizemos?

– Sim, estou muitíssimo feliz e sobretudo porque me preparei bem. Agradeço-te pelo convite que me fizeste e agora, se tens algum bom conselho a dar-me, recebê-lo-ei com toda a gratidão.

– Claro que tenho ainda um bom conselho a dar-te, porque o que fizemos é apenas metade da festa e eu queria que me desses a outra metade do presente. Desde há algum tempo, meu caro amigo, o teu comportamento não é como devia ser. O teu modo de viver não agrada aos teus superiores, entristece os teus pais, engana-te a ti mesmo, priva-te da paz do coração e depois... um dia deverás prestar contas a Deus do tempo perdido. Portanto doravante foge do ócio, alegra-te o mais que puderes, desde que não descures os teus deveres<sup>269</sup>.

O companheiro, já meio vencido, aceitou inteiramente. Tornou-se amigo fiel de Magone, começou a imitá-lo no cumprimento exato dos deveres e, presentemente, pela sua diligência e moralidade, enche de consolação todos os que com ele se relacionam.

Quis apresentar este fato de maneira muito circunstanciada, quer porque ele torna cada vez mais luminosa a caridade de Magone, quer porque se pretende transcrever na sua integridade tal como me foi exposto pelo companheiro que nele tomou parte.

---

<sup>269</sup> *Alegra-te ... não descures os teus deveres*: «Fica a saber que nós aqui fazemos consistir a santidade em estar muito alegres. Procuraremos apenas evitar o pecado, como um grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração, procuraremos cumprir exatamente os nossos deveres e frequentar as práticas de piedade» (*Savio*, c. XVIII).





## Capítulo XI

### Fatos e ditos argutos de Magone

Tudo quanto até aqui dissemos são coisas fáceis e simples que qualquer pessoa pode facilmente imitar. Agora passo a apresentar alguns fatos e ditos argutos que são mais para admirar pela sua amenidade e agrado do que para imitar. Servem, todavia, para realçar cada vez mais a bondade de coração e a coragem religiosa do nosso juvenzinho. Eis alguns entre muitos de que eu mesmo fui testemunha.

Estava um dia a conversar com os seus companheiros, quando alguns entraram em conversas que um jovem cristão e bem-educado deve evitar. Magone ouviu algumas palavras, meteu os dedos na boca e deu um assobio tão forte que a todos rebentava o cérebro.

– Que fazes, disse um deles, és doido?

Magone nada diz e dá outra assobiadela maior que a primeira.

– Onde está a boa educação, replicou o outro, é assim que se faz?

Então Magone respondeu:

– Se vós fazeis figura de parvos falando mal, porque não posso fazê-lo para impedir as vossas conversas? Se vós não respeitais as regras da boa educação com conversas impróprias de um cristão, porque não poderei eu violar as mesmas regras para as impedir?

Aquelas palavras, assegura um daqueles companheiros, foram para nós uma vigorosa pregação. Olhamos uns para os outros e ninguém mais se atreveu a prosseguir naquelas conversas, que eram murmurações. Dali em diante, sempre que Magone estava em nossa companhia, todos mediam bem as palavras que lhes saíam da boca com medo de ouvir uma daquelas horríveis assobiadelas que rebentavam o cérebro.

Acompanhando um dia o seu superior pela cidade de Turim chegou à *Piazza Castello*<sup>270</sup>, onde ouviu um garoto a blasfemar contra o nome de Deus. Àquelas palavras pareceu passar-se dos carretos e, não pensando no lugar nem no perigo, com dois saltos voa sobre o blasfemo e dá-lhe duas sonoras bofetadas dizendo:

---

<sup>270</sup> *Piazza Castello*: uma das principais praças de Turim; projetada em 1584 por Ascanio Vitozzi, é quase totalmente rodeada de pórticos. Com ela fazem fachada a igreja de São Lourenço, o Palácio Real, a Biblioteca, a Armaria Real, o Palácio do Governo (atualmente sede da Prefeitura), o Arquivo do Estado, o Teatro Real e, no centro, a antiga residência dos Savoia-Acaja (Palácio Madama), uma *casa-forte* construída sobre a antiga Porta Decumana, mascarada em 1721 por uma suntuosa fachada barroca de Filippo Juvarra, cf. CASALIS, *Dizionario*, vol. XXI (1851), 412-414; G. ROMANO (cur.), *Palazzo Madama a Torino. Da castello medioevale a museo della città*, Torino, Fondazione CRT, 2006.





– É esta a maneira de tratar o santo nome do Senhor?

Mas o garoto que era mais alto do que ele, sem ligar ao mau exemplo, irritado com a vaia dos companheiros pelo insulto público e pelo sangue que em abundância lhe corria do nariz, atira-se enraivecido sobre Magone e pontapés, murros e bofetadas não davam tempo nem a um nem a outro de respirar. Afortunadamente correu o superior e colocando-se como mediador entre as partes beligerantes, conseguiu, não sem dificuldade restabelecer a paz com satisfação recíproca. Quando Miguel se tornou senhor de si mesmo apercebeu-se da imprudência cometida ao corrigir de tal modo aquele irrefletido. Arrependeu-se do acesso de cólera e assegurou que no futuro teria mais cuidado, limitando-se a simples avisos amigáveis.

Outra vez alguns jovens discorriam sobre a eternidade das penas do inferno e um deles em tom de brincadeira disse:

– Procuraremos não ir para lá mas, se formos, paciência.

Miguel fingiu não ter entendido e entretanto afastou-se daquele grupo, buscou um fósforo e, logo que o encontrou, correu para o referido grupo. Tendo-o acendido, com destreza colocou-o na mão que o dito companheiro tinha atrás das costas. À primeira queimadela, disse logo:

– Que fazes, és doido?

– Não sou doido, respondeu, mas quero somente pôr à prova a tua heroica paciência; por isso se te sentes com paciência para suportar as penas do inferno por toda a eternidade, não deves ligar à chamazinha de um fósforo que é coisa de um momento.

Todos se puseram a rir, mas o companheiro que se queimou disse em alta voz:

– Muito mal se está no inferno.

Certa manhã, outros companheiros queriam levá-lo consigo a confessar-se para ter um confessor desconhecido e apresentavam-lhe mil pretextos.

– Não, respondia-lhes, eu não quero ir a nenhum lugar sem autorização dos meus superiores. Por outro lado eu não sou um bandido. Os banditos têm sempre medo de ser apanhados pelos guardas. Por isso vão sempre em busca de lugares e de pessoas desconhecidas por medo de ser descobertos. Não, eu tenho o meu confessor, a quem confesso os pecados leves e os graves sem receio algum. A preocupação de ir confessar-se a outro lado demonstra ou que vós não amais o vosso confessor ou que tendes coisas graves a confessar. Seja como for, fazeis mal afastando-vos de casa sem licença. Se tendes alguma razão para mudar de confessor, aconselho que vades, como eu também iria ter com algum daqueles que todos os sábados e dias festivos vêm atender de confissão os jovens do Oratório.





Em todo o tempo que estive conosco, só uma vez foi a casa em tempo de férias. Depois, também a conselho meu, nunca mais quis ir, embora a sua mãe e os seus familiares, por quem nutria grande afeto, o aguardassem. Várias vezes lhe foi perguntada a razão disso e ele sempre se esquivava rindo. Finalmente revelou o segredo a um seu confidente.

– Fui uma vez, disse, passar alguns dias de férias a casa, mas no futuro, se não for obrigado, não voltarei a ir.

– Por quê? – perguntou-lhe o companheiro.

– Porque em casa há os perigos de antes. Os lugares, os divertimentos, os companheiros arrastam-me a viver como outrora e eu não quero que seja assim.

– É preciso ir com boa vontade e pôr em prática os conselhos que os nossos superiores nos dão antes de partir.

– A boa vontade é uma nuvem que desaparece pouco a pouco quando vivo longe do Oratório; os conselhos servem por alguns dias, mas depois os companheiros fazem-me esquecer-los.

– Portanto, na tua opinião, ninguém mais deveria ir a casa passar férias nem ver os seus próprios familiares?

– No meu entender, que vá a casa quem se sente capaz de vencer os perigos; eu não sou forte bastante. O que julgo certo é que, se os companheiros pudessem ver-se por dentro, descobrir-se-ia que muitos vão para casa com asas de anjos e regressam com dois chifres na cabeça como outros tantos diabinhos.

Magone era de vez em quando visitado por um antigo companheiro que ele desejava conquistar para a virtude. Entre os pretextos, este um dia argumentou que conhecia um tal que desde há muito tempo não frequentava coisas de religião.

– Paciência, dizia ele, está gordo, vigoroso e bem tratado.

Miguel tomou o amigo pela mão, levou-o junto de um carreteiro que descarregava materiais de construção no pátio e começou a falar-lhe assim:

– Vês aquele homem? Também ele é forte, gordo e grande e nunca se confessou, nem creio que alguma vez tenha ido à igreja: gostarias também de tornar-te semelhante a este sem alma nem razão e que só tem de trabalhar para o seu dono e um dia servir para adubar os campos depois da morte?

O companheiro ficou incomodado e a partir daí nunca mais apresentou os seus pretextos para se eximir da prática dos seus deveres religiosos.

Omito muitos episódios semelhantes. Bastam estes para dar a conhecer cada vez melhor a bondade do seu coração e a grande aversão que ele tinha ao mal, deixando-se por vezes levar a excessos de zelo para impedir a ofensa de Deus.





## Capítulo XII

### Férias de Castelnuovo d’Asti | Virtudes praticadas naquela ocasião

Dado que Miguel ia de má vontade passar férias à casa materna, para que ele descansasse um pouco do esforço do ano letivo decidi enviá-lo para Morialdo, localidade de Castelnuovo d’Asti, onde por várias vezes vão passar algum tempo no campo os jovens desta casa, especialmente aqueles que não têm lugar nem familiares para onde ir durante as férias de outono<sup>271</sup>. Atendendo ao seu bom comportamento, a título de prêmio, decidi antecipar-lhe o passeio e juntamente com um pequeno grupo levá-lo como companheiro de viagem. Durante o caminho tive tempo de conversar longamente com o bom garoto e descobrir nele um alto grau de virtude muito superior à minha expectativa. Deixo de parte as belas e edificantes conversas que teve comigo naquela ocasião e limito-me apenas a expor alguns fatos que ajudam a conhecer outras virtudes da sua alma, especialmente a gratidão.

Pelo caminho fomos surpreendidos pela chuva e chegamos a Chieri completamente encharcados<sup>272</sup>. Apresentamo-nos ao cavaleiro Marco Gonella<sup>273</sup>, que com bondade costuma acolher os nossos jovens todas as vezes que ali passamos à ida e ao regressar de Castelnuovo d’Asti.

<sup>271</sup> Durante aquelas férias, no primeiro domingo de outubro, celebrou-se solenemente a festa de Nossa Senhora do Rosário; o evento é recordado por um grande jornal católico de Turim: «Festa do Santo Rosário. No dia 3 do corrente, uns sessenta jovens do Oratório de São Francisco de Sales, conduzidos pelo seu ótimo diretor, Dom Bosco, foram a Castelnuovo d’Asti celebrar a festa do Santo Rosário no lugar chamado os Becchi. A solenidade foi sobremaneira edificante ao ver aquela devota juventude abeirar-se da sagrada mesa juntamente com muitas outras pessoas vindas das redondezas. A música da missa solene e da bênção do SS. Sacramento, executada pelos próprios jovens, não foi menos devota do que esplêndida» (*L’Armonia*, 8 ottobre 1858, 4). Sobre os passeios dados durante as férias nos Becchi cf. G.B. FRANCESIA, *Don Bosco e le sue passeggiate autunnali nel Monferrato*, Torino, Libreria Salesiana S. Giovanni Evangelista, 1897; L. DEAMBROGIO, *Le passeggiate autunnali di D. Bosco per i colli monferrini*, Castelnuovo Don Bosco (AT), Istituto Salesiano “Bernardi Semeria”, 1975.

<sup>272</sup> *Chieri*: cidade fabril situada a 16 km a leste de Turim, na margem sul das colinas do Pó. Em 1858 a cidade contava 15.033 habitantes (cf. *Calendario generale del Regno pel 1859 compilato d’ordine del Re per cura del Ministero dell’Interno...* Anno XXXVI, Torino, Stamperia degli Artisti Tipografi, 1858).

<sup>273</sup> *Marco Gonella*: (1822-1886), banqueiro e benfeitor do Oratório, ajudou Dom Bosco de diversos modos: por exemplo, em 1851, deu uma vultuosa contribuição para a construção da igreja de São Francisco de Sales e em 1857 foi diretor da comissão de uma lotaria organizada por Dom Bosco em benefício da sua obra (cf. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, 98, 102, 418).





Forneceu-nos tudo o que era necessário para a roupa e preparou-nos uma refeição que, se por um lado era de gente rica, por outro encontrou um apetite à altura dos acontecimentos.

Após algumas horas de descanso, retomamos o caminho. Percorrido um trecho de estrada, Magone ficou para trás da comitiva e um dos companheiros pensando que fosse por cansaço aproximava-se dele, quando se apercebeu que sussurrava baixinho.

– Estás cansado, disse-lhe, caro Magone, não é verdade? As tuas pernas acusam o esforço desta viagem?

– Nem pensar! Nada cansado! Iria nem que fosse até Milão.

– O que dizias quando estavas a falar baixinho?

– Estava a rezar o terço em honra de Nossa Senhora por aquele senhor que nos recebeu tão bem; não posso agradecer-lhe de outra maneira e por isso rezo ao Senhor e a Maria Santíssima para que abençoem aquela casa e lhe concedam cem vezes mais do que nos deram a nós.

É bom aqui notar de passagem como ele mostrava tal sentimento de gratidão por qualquer pequeno favor. Era muito grato para com os seus benfeitores. Se não receasse aborrecer o leitor, gostaria de transcrever algumas das muitas cartas e dos muitos bilhetes que me escreveu para manifestar o seu reconhecimento por ter sido acolhido nesta casa. Direi apenas que tinha por máxima fazer todos os dias uma visita a Jesus sacramentado e que de manhã rezava três Pai Nossos, Ave Marias e Glórias por aqueles que de alguma forma lhe tinham feito bem.

Não raras vezes, apertava-me afetuosamente a mão e olhando para mim com os olhos rasos de lágrimas, dizia:

– Não sei como exprimir o meu reconhecimento pela grande caridade que usou para comigo ao aceitar-me no Oratório. Tentarei agradecer-lhe com o bom comportamento e pedindo todos os dias ao Senhor que o abençoe, a si e aos seus trabalhos<sup>274</sup>.

Falava de bom grado dos professores e daqueles que o tinham enviado para aqui ou que de algum modo o ajudavam, mas falava sempre deles com respeito, nunca se envergonhando de manifestar a sua pobreza, por um lado, e o seu reconhecimento, por outro.

– Sinto pena, ouviu-se-lhe dizer muitas vezes, de não ter meios para expressar, como queria, a minha gratidão, mas reconheço o bem que me fazem, não esquecerei os meus benfeitores e, enquanto viver, pedirei sempre ao Senhor que a todos recompense abundantemente.

---

<sup>274</sup> *Direi apenas que ... e as vossas canseiras*: ins. ed. <sup>2</sup>1866.





Estes sentimentos de gratidão mostrou-os também quando o pároco de Castelnuovo d’Asti convidou os nossos jovens para uma alegre refeição em sua casa<sup>275</sup>. Naquele dia à noite, disse-me:

– Se achar bem, amanhã faço a comunhão pelo pároco que hoje tanto nos alegrou.

Tal desejo não só lhe foi permitido mas, a seu exemplo, recomendou-se aos outros que fizessem a mesma coisa, tal como costumamos fazer em semelhantes ocasiões em relação aos benfeitores da nossa casa.

Foi também enquanto estava em Morialdo que notei um belo ato de virtude que me parece digno de ser referido. Um dia os nossos garotos tinham ido divertir-se na mata próxima. Uns andavam à procura de cogumelos, outros de castanhas, de nozes, e outros juntavam folhas e coisas semelhantes, o que para eles constituía o mais agradável passatempo. Estavam todos envolvidos nessas atividades, quando Magone se afasta dos companheiros e sorratamente vai a casa. Um colega vê-o e, receando que tivesse alguma indisposição, segue-o. Miguel, pensando não ser visto por ninguém, entra em casa, não procura ninguém nem diz palavra, mas vai diretamente para a igreja<sup>276</sup>. Quem vai atrás dele encontra-o sozinho, de joelhos, diante do altar do Santíssimo a rezar profundamente recolhido.

Questionado depois pelos seus colegas sobre o motivo daquela partida inesperada para ir visitar o Santíssimo Sacramento, respondia com simplicidade:

– Tenho muito medo de recair na ofensa de Deus, e por isso vou suplicar a Jesus no Santíssimo Sacramento que me dê ajuda e força para perseverar na sua santa graça.

Outro curioso episódio sucedeu naqueles mesmos dias. Uma noite, quando os garotos já estavam deitados, ouço um deles a chorar. Devagarinho, ponho-me à janela e vejo Magone num canto da eira a olhar para a lua e a suspirar em lágrimas.

<sup>275</sup> Era Antonio Pietro Michele Cinzano: nascido em Pecetto Torinese (16 nov.1804) de Giovanni e Maria Corte; recebeu a veste clerical em 1820, laureou-se em teologia e foi ordenado sacerdote em 31 de março de 1828; pároco de Castelnuovo de 1834 até a morte (6 mar. 1870). Todos os anos acolhia os garotos de Dom Bosco durante as férias, na segunda-feira depois da festa do Rosário e oferecia-lhes polenta e conduto (cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. C, 1820; AAT 12.3.9: *Registrum ordinationum 1826-1830*; DEAMBROGIO, *Le passeggiate autunnali di D. Bosco*, 112-113; 121-123).

<sup>276</sup> No rés-do-chão da casa de Giuseppe Bosco, irmão do santo, há uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, inaugurada em 8 de outubro de 1848. «Até 1869, o Santo ali celebrava a festa de Nossa Senhora do Rosário, solenizando-a com a presença da banda musical e do seu coro de garotos de Valdocco. O local é o primeiro centro de culto mariano querido por Dom Bosco e testemunha privilegiada dos inícios da Congregação Salesiana: com efeito, aqui, em 3 de outubro de 1852, Miguel Rua e Giuseppe Rocchetti receberam o hábito clerical» (GIRAUDO - BIANCARDI, *Qui è vissuto don Bosco*, 30-31).





– Que tens, Magone, sentes-te mal? – perguntei-lhe.

Ele que julgava estar só e não ser visto por ninguém, ficou perturbado, e não sabia que responder; mas como eu repeti a pergunta, respondeu com estas precisas palavras:

– Choro ao olhar para a lua que de há tantos séculos aparece com regularidade a iluminar a escuridão da noite, sem nunca desobedecer às ordens do Criador, enquanto que eu tão novo, eu que sou racional, que devia ser fidelíssimo às leis do meu Deus, desobedeci-Lhe tantas vezes e ofendi-O de mil maneiras.

Dito isso, começou de novo a chorar. Confortei-o com algumas palavras e ele, refazendo-se da comoção, foi de novo deitar-se.

É certamente de admirar que um juvenzinho de apenas catorze anos tivesse já sentimentos tão elevados e tal raciocínio, mas é mesmo assim e poderia apresentar muitíssimos outros fatos para dar a conhecer o jovem Magone, capaz de reflexões muito superiores à sua idade, especialmente reconhecendo em tudo a mão do Senhor e o dever que todas as criaturas têm de obedecer ao Criador.





## Capítulo XIII

### A sua preparação para a morte

Após as férias de Castelnuovo d’Asti, Miguel viveu ainda três meses. Era de pequena estatura, mas são e robusto. De inteligência perspicaz e suficiente para percorrer com sucesso qualquer carreira que empreendesse. Gostava muito de estudar e tinha bons resultados. Quanto à piedade, tinha atingido tal nível que, na sua idade, eu não saberia o que acrescentar-lhe nem o que tirar-lhe para fazer dele um modelo para a juventude. De temperamento vivo, mas piedoso, bom e devoto, tinha grande apreço pelas pequenas práticas religiosas. Praticava-as com alegria, com desenvoltura e sem escrúpulos, de modo que pela piedade, estudo e afabilidade era amado e venerado por todos, ao passo que pela vivacidade e boa educação era o ídolo do recreio.

Gostaríamos certamente que aquele modelo de virtude permanecesse no mundo até a mais avançada velhice e, quer no estado sacerdotal, para o qual se mostrava inclinado, quer no estado laical, faria muito bem à pátria e à religião. Mas Deus tinha outros desígnios e queria colher esta flor do jardim da Igreja militante e levá-la para si, transplantando-a para a Igreja triunfante do paraíso. O próprio Miguel, sem saber que ela estava tão próxima, andava a preparar-se para a morte com um teor de vida cada vez mais perfeito.

Fez a novena da Imaculada Conceição com especial fervor. Escrito por si mesmo, temos aquilo que se propôs praticar naqueles dias e é do seguinte teor:

*Eu, Miguel Magone, quero fazer bem esta novena e prometo:*

1.º *Desapegar o meu coração de todas as coisas do mundo para o dar todo a Maria.*

2.º *Fazer a minha confissão geral para, à hora da morte, ter a consciência tranquila.*

3.º *Abster-me todos os dias do café da manhã em penitência dos meus pecados e recitar as sete alegrias de Maria a fim de merecer a sua assistência nas últimas horas da minha agonia.*

4.º *Com o conselho do confessor fazer todos os dias a santa comunhão.*

5.º *Narrar todos os dias um exemplo aos meus companheiros em honra de Maria.*

6.º *Colocarei este bilhete aos pés da imagem de Maria e com este ato quero consagrar-me todo a Ela, e no futuro quero ser todo seu até os últimos instantes da minha vida.*





As coisas acima indicadas foram-lhe concedidas, à exceção da confissão geral que tinha feito não muito tempo antes e, em vez de deixar o café da manhã, foi-lhe dito que recitasse todos os dias um *De profundis* em sufrágio das almas do purgatório<sup>277</sup>.

Causava certamente grande admiração o comportamento de Magone naqueles nove dias da novena de Maria Imaculada. Mostrava uma alegria extraordinária, mas sempre ocupado a narrar exemplos morais a uns, a convidar outros a narrá-los, a mobilizar todos os companheiros que podia para ir rezar diante do Santíssimo ou diante da estátua de Maria. Foi nesta novena que se privou, ora de alguma fruta, de amêndoas e de comestíveis, ora de livrinhos, de imagens piedosas, de medalhas, de pequenas cruzes e de outros objetos que lhe tinham dado, para os oferecer a alguns companheiros um pouco dissipados. Fazia isso para os premiar pelo bom comportamento naquela novena ou para os comprometer a tomar parte nas obras de piedade que ele lhes propunha<sup>278</sup>.

Com igual fervor e recolhimento celebrou a novena e a festa do santo Natal.

– Quero, dizia no início daquela novena, quero empenhar-me de todos os modos em fazer bem esta novena e espero que Deus use de misericórdia para comigo, e que Jesus Menino virá também nascer no meu coração com a abundância das suas graças.

Ao chegar a noite do último dia do ano, o superior da casa recomendava a todos os seus jovens que agradecessem a Deus pelos benefícios recebidos no decurso do ano que estava para terminar. Animava cada um deles a tomar um santo compromisso de passar o novo ano na graça do Senhor, porque, acrescentava, talvez para algum de nós seja o último ano de vida<sup>279</sup>. Ao dizer isso, tinha a mão sobre a cabeça daquele que estava mais próximo, e o mais próximo era Magone.

<sup>277</sup> *De profundis*: início do salmo 129 na versão da Vulgata, usado na liturgia dos falecidos.

<sup>278</sup> *Causava certamente ... lhes propunha*: ins. ed. <sup>2</sup>1866.

<sup>279</sup> O clérigo Giovanni Bonetti (1838-1891) anotou aquela boa-noite na sua crônica de 31 de dezembro de 1858: Dom Bosco tinha deixado aos ouvintes algumas lembranças: «Aos clérigos exemplaridade, recordando-se sempre que são *lumen Christi*. Aos estudantes, frequência tanto quanto possível da SS. Eucaristia. Aos artesãos [...] frequência dos santos sacramentos nos dias festivos. A todos em geral, boas confissões: abrir de par em par o coração ao confessor, dado que, se o demônio consegue induzir alguém a calar na confissão, esse fica num estado mais infeliz. Portanto em todas as vossas confissões, juntamente com o arrependimento, tende um propósito firme. Mas uma coisa de que podemos dispor, sumamente eficaz, é o recurso a Maria Santíssima. Rezai e familiarizai-vos com aquela bela palavra que o anjo lhe disse: *Ave Maria*» (ASC A004061, G. BONETTI, *Cronaca 1858...*, 35). Os apontamentos de Bonetti são reelaborados por G.B. Lemoyne in MB 6, 114-116, com o acréscimo de quanto Dom Bosco escreve aqui na vida de Magone.





– Compreendi, disse ele cheio de estupefação, sou eu que tenho de fazer as malas para a eternidade, pois manter-me-ei preparado.

Estas palavras foram acolhidas com riso, mas os companheiros recordaram-se delas e o próprio Magone ia repetindo com frequência aquele afortunado incidente<sup>280</sup>. Não obstante este pensamento, a sua alegria e a sua jovialidade não sofreram a mínima alteração, pelo que continuou a cumprir com a máxima exemplaridade os deveres do seu estado.

De resto, aproximando-se cada vez mais o último dia da sua vida, Deus quis dar-lhe sinal mais claro disso. No domingo de 16 de janeiro, os jovens da Companhia do Santíssimo Sacramento<sup>281</sup>, de que Magone fazia parte, reuniram-se como de costume em todos os dias festivos<sup>(282)</sup>. Depois das orações habituais e da habitual leitura, feitas as recomendações que naquele momento pareciam mais adequadas, um dos companheiros pega na bolsa das flores espirituais ou então dos bilhetinhos nos quais estava escrita uma máxima a praticar ao longo da semana. Dá uma volta com ela e cada rapaz tira um à sorte. Magone tira o seu e nele vê escritas estas notáveis palavras: *No juízo estarei só com Deus*. Lê-o e maravilhado comunica-o aos companheiros dizendo:

<sup>280</sup> Na 1.<sup>a</sup> ed. estava escrito: incidente *fortuito*.

<sup>281</sup> Fundada em Valdocco em fins de 1857 pelo clérigo Giuseppe Bongioanni (1836-1868) para promover a devoção à Eucaristia e para o serviço do altar (cf. VALENTINI - RODINÒ, *Dizionario biografico dei salesiani*, 47-48; STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità*, II, 350-351; MB 5, 759-761). Veja-se o perfil biográfico de Giuseppe Bongioanni in *Savio*, c. XVII.

<sup>282</sup> «Eis os principais artigos do regulamento desta Companhia: 1. A finalidade principal desta Companhia consiste em promover a adoração à sagrada Eucaristia, e reparar Jesus Cristo dos ultrages que neste augustíssimo sacramento recebe dos infiéis, dos hereges e dos maus cristãos. 2. Para este fim os sócios procurarão distribuir as suas comunhões de modo que todos os dias haja algumas. Cada sócio, com autorização do confessor, procurará comungar nos dias festivos e uma vez ao longo da semana. 3. Disponibilizar-se-á com especial prontidão para todas as cerimônias que visam o culto da Eucaristia, tais como ajudar à Missa, assistir à bênção do Santíssimo, acompanhar o Viático quando é levado aos enfermos, visitar o Santíssimo Sacramento oculto no santo Tabernáculo, mas especialmente quando está exposto nas Quarenta Horas. 4. Cada qual procure aprender a ajudar bem à santa Missa fazendo com exatidão todas as cerimônias, e pronunciando devota e distintamente as palavras. 5. Haverá uma conferência espiritual por semana em que cada um terá o cuidado de participar e de convidar outros a vir também com pontualidade. 6. Nas conferências tratar-se-ão assuntos que digam respeito ao culto do Santíssimo Sacramento como, por exemplo, animar a comungar com o máximo recolhimento, instruir e acompanhar os que fazem a sua primeira comunhão, ajudar a fazer a preparação e a ação de graças àquelas que tivessem necessidade, difundir livros, imagens, folhetos para este fim. 7. Depois da conferência dar-se-á uma flor espiritual para pôr em prática ao longo da semana» (nota ins. na 1.<sup>a</sup> ed. 1861).





– Creio que este é o aviso enviado pelo Senhor para me dizer que esteja preparado.

Depois foi ter com o superior e mostrou-lhe a referida flor espiritual com muita ansiedade, repetindo que a considerava um chamamento do Senhor a citá-lo a comparecer diante d’Ele. O superior exortou-o a viver sereno e a manter-se preparado não em virtude do bilhete, mas em virtude das repetidas recomendações que Jesus Cristo a todos faz no santo Evangelho para que estejamos preparados em todos os momentos da vida<sup>283</sup>.

– Portanto, replicou Magone, pode dizer-me quanto tempo de vida me resta ainda?

– Viveremos até que Deus nos conserve em vida.

– Mas eu viverei ainda todo este ano? – disse agitado e um tanto comovido.

– Tem calma, não te alarmes. A nossa vida está nas mãos do Senhor que é um bom pai e Ele sabe até quando no-la deve conservar. De resto, saber o tempo da morte não é necessário para ir para o paraíso, mas sim preparar-se com boas obras.

Então muito triste:

– Se ele não me quer dizer é sinal de que estou próximo.

– Não creio, acrescentou o diretor, que estejas tão próximo, mas mesmo que assim fosse, terias medo de ir fazer uma visita a Nossa Senhora no céu?

– É verdade, é verdade.

Retomada assim a jovialidade habitual, foi para o recreio.

Segunda, terça e quarta-feira de manhã esteve sempre alegre, não sentiu qualquer alteração de saúde e cumpriu com regularidade todos os seus deveres.

Só depois do almoço de quarta-feira vi que estava na varanda a observar os outros a divertir-se, sem que fosse tomar parte, coisa insólita e indício claro de que ele não se encontrava em estado normal de saúde.

---

<sup>283</sup> Cf. *Mc* 13,33-37.





## Capítulo XIV

### A sua doença e circunstâncias que a acompanham

Na tarde de quarta-feira (19 de janeiro de 1859), perguntei-lhe o que tinha e ele respondeu que não tinha nada. Sentia-se um tanto incomodado com as lombrigas, que era a sua doença habitual. Por isso deu-se-lhe uma bebida para esse efeito, depois foi deitar-se e passou a noite tranquila. Na manhã seguinte levantou-se à hora do costume com os seus companheiros, tomou parte nos exercícios de piedade e juntamente com alguns outros fez a comunhão pelos agonizantes, tal como costumava na quinta-feira de cada semana. Indo depois tomar parte no recreio já não conseguiu porque se sentia muito cansado e as lombrigas tornavam-lhe um tanto penosa a respiração. Foram-lhe dados alguns remédios para semelhantes incômodos, recebeu a visita do médico que não descobriu qualquer sinal de doença e ordenou a continuação dos mesmos remédios. A sua mãe, encontrando-se então em Turim, veio também vê-lo, e ela própria afirmou que o seu filho sofria daquela doença desde pequeno e que os remédios tomados eram os únicos já outras vezes por ela usados<sup>284</sup>.

Na sexta-feira de manhã queria levantar-se com desejo de fazer a santa comunhão, tal como costumava em honra da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo para obter a graça de uma boa morte, mas não pôde porque o mal se agravou. Como tinha evacuado muitas lombrigas, foi ordenada a continuação do mesmo tratamento com mais algum remédio específico para aliviar a respiração. Até então, nenhum sintoma de doença perigosa. O perigo começou a manifestar-se às duas da tarde quando fui vê-lo e me apercebi de que à dificuldade de respirar se tinha juntado a tosse e que a expetoração tinha sangue. Tendo-se-lhe perguntado como se sentia, respondeu que só sentia opressão no estômago causada pelas lombrigas. Mas dei-me conta que a doença tinha mudado de aspecto e tinha-se tornado bastante séria.

<sup>284</sup> A mãe de Miguel era Giovanna Maria Stella, viúva Magone, costureira de profissão; algum tempo depois da morte do filho irá viver no Oratório; escreve Angelo Amadei: «Em 1872, e precisamente em 20 de janeiro, deixava de viver no Oratório Giovanna Maria Magone, de quem Dom Rua, no seu caderno dos “Falecidos”, escrevia este elogio: – Feliz por ter sido mãe do ótimo rapaz que era Miguel Magone, por ocasião da morte deste entregou-se de todo o coração ao Senhor. Foi-lhe concedido vir terminar os seus dias na casa em que o seu filho se tinha santificado e, reconhecida por tal favor, trabalhava arduamente e de manhã participava sempre na primeira missa que se celebrava no Oratório. Trabalhava de boa vontade e temia o pecado como a peste. Após sete dias de doença, morreu com todos os confortos da religião, plenamente resignada e invocando Jesus, Maria, José e o seu Miguel, a quem pedia que a recebesse consigo no paraíso» (MB 10, 299).





Por isso, para não se ficar na incerteza e para não haver engano na escolha dos remédios, mandou-se logo chamar o médico. Naquele momento, a mãe, guiada pelo espírito cristão, disse-lhe:

– Miguel, enquanto se espera pelo médico não acharias bem confessar-te?

– Sim, querida mãe, de bom grado. Ainda ontem de manhã me confessei e fiz também a sagrada comunhão, todavia, vendo que a doença se torna grave, desejo confessar-me.

Preparou-se por alguns minutos e fez a sua confissão. Depois, com ar sereno na minha presença e de sua mãe, disse a rir:

– Quem sabe se esta minha confissão será um exercício da boa morte ou se não será realmente para a minha morte?

– Que te parece? – repliquei, – desejas ficar curado ou ir para o paraíso?

– O Senhor sabe o que é melhor para mim; só desejo fazer o que for do seu agrado.

– Se o Senhor te desse a escolher entre ficar curado ou ir para o céu, que escolhias?

– Quem seria tão louco que não escolhesse o paraíso?

– Então desejas ir para o paraíso?

– Se o desejo! Desejo de todo o coração e é o que desde há algum tempo peço continuamente a Deus.

– Quando desejarias ir para lá?

– Ia neste instante, desde que seja do agrado do Senhor.

– Bem, digamos todos juntos: Em tudo, quer na vida quer na morte, faça-se a santa e adorável vontade do Senhor.

Naquele momento chegou o médico que encontrou a doença inteiramente mudada de aspecto.

– Estamos mal, disse, deu-se um fatal derrame de sangue no estômago e não há remédio para ele.

Fez-se tudo quanto a arte pode sugerir em semelhantes ocasiões. Sangrias, bolhas<sup>285</sup>, aspirações, tudo se tentou para retirar o sangue que furiosamente tendia a sufocar-lhe a respiração. Tudo foi inútil.

Às nove daquela noite (21 de janeiro de 1859) ele mesmo disse que desejava fazer uma vez mais a sagrada comunhão antes de morrer.

– Tanto mais, dizia ele, que esta manhã não a pude fazer.

---

<sup>285</sup> Os vesicantes são substâncias irritantes «que agem localmente sobre tecidos cutâneos e mucosos, provocando um aumento da circulação nas zonas necessitadas por vasodilatação localizada» (*Dizionario della medicina*, Milano, Fratelli Fabbri editori, 1981, vol. VI, 2735).





Estava impaciente por receber aquele Jesus que desde há muito tempo recebia com frequência exemplar.

Ao começar a cerimônia sagrada, disse-me na presença de outros:

– Recomende-me à oração dos companheiros, rezem para que Jesus sacramentado seja verdadeiramente o meu viático, o meu companheiro para a eternidade.

Depois de receber a santa hóstia, começou a fazer a respectiva ação de graças ajudado por um assistente.

Passado um quarto de hora, deixou de repetir as orações que se lhe iam sugerindo e, não proferindo mais qualquer palavra, pensávamos que tivesse sido surpreendido por um repentino esgotamento de forças. Mas daí a poucos minutos, com ar alegre e quase em forma de brincadeira, fez sinal de ser escutado e disse:

– No bilhete de domingo havia um erro. Lá estava escrito: *No júízo estarei só com Deus*, e não é verdade, não estarei só, lá estará também a Virgem Maria que me assistirá. Agora nada tenho a temer: vamos pois quando Deus quiser. A Virgem Santíssima quer Ela mesma acompanhar-me ao júízo.





## Capítulo XV

### Os seus últimos momentos e a sua preciosa morte

Eram dez da noite e o mal tornava-se cada vez mais ameaçador. Por isso, com medo de o perder talvez naquela mesma noite, tínhamos combinado que o padre Zattini<sup>286</sup>, um clérigo e um jovem enfermeiro passassem metade da noite; depois o padre Alasonatti<sup>(287)</sup>, administrador da casa, com outro clérigo e com outro enfermeiro prestassem regular assistência pelo resto da noite até de dia. Da minha parte, não reconhecendo qualquer perigo próximo, disse ao enfermo:

- Magone, tenta descansar um pouco; eu vou alguns momentos para o meu quarto e depois volto.
- Não, respondeu imediatamente, não me abandone.
- Só vou rezar parte do breviário e já volto para junto de ti.
- Volte o mais depressa possível.

---

<sup>286</sup> *Agostino Zattini*: sacerdote de Brescia, professor de filosofia e orador, perseguido político na sua terra, tinha sido acolhido por Dom Bosco no Oratório em fins de 1857. Dele escreve Lemoyne: «Dos seus lábios nunca escapou no Oratório uma palavra de política e de bom grado aceitou dar aulas para ensinar a ler e a escrever aos toscos garotos externos. Era modelo de humildade e de piedade» (MB 4, 421). Dom Bosco tinha-lhe confiado as aulas elementares diurnas do Oratório: «E ele, embora professor de filosofia, com admirável paciência e humildade sujeitou-se por cerca de dois anos ao pesado encargo de ensinar o alfabeto e alguns elementos de gramática italiana a uma numerosa turma malcriada e por vezes provocadora. Ignorando ele o dialeto piemontês, sucediam-se os equívocos» (MB 6, 159). No ano 1858-59 tinha também o encargo da conferência semanal aos estudantes do Oratório, «e por vezes à quarta-feira e ao domingo de manhã depois da segunda missa, explicava o salmo e todas as outras orações e respostas dos ajudantes ao santo sacrifício, a fim de que se entendesse bem aquilo que se dizia» (MB 6, 209).

<sup>287</sup> «Este virtuoso sacerdote, depois de uma vida consumada do modo mais exemplar no sagrado ministério e em obras várias de caridade e após longa doença, morria em Lanzo no dia 8 de outubro de 1865. Está-se agora a compilar uma biografia das suas ações que esperamos vir a ser do agrado dos seus amigos e de quantos tiverem o gosto de a ler» (nota ins. ed. 1866). *Vittorio Michele Alasonatti*, nascido em Avigliana (15 nov. 1812) de Giovanni e Teresa, recebeu a veste talar em 21 de outubro de 1826; ordenado sacerdote (9 jun. 1835), foi por vários anos professor comunal e capelão de Avigliana; em 14 de agosto de 1854, seguindo o convite de Dom Bosco que queria aumentar o acolhimento de garotos internos em Valdocco, deixou tudo e deu entrada no Oratório na qualidade de prefeito; na sessão de fundação da Sociedade Salesiana (18 dez. 1859) foi eleito prefeito geral da Congregação; depois da morte do padre Domenico Ruffino, em julho de 1865, enviado a Lanzo, trancado pelas canseiras, morreu a 7 de outubro de 1865 (cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. A, 1826; AAT 12.3.11: *Registrum ordinationum 1834-1835*; G. B. FRANCESIA, D. *Vittorio Alasonatti, primo prefetto della Pia Società Salesiana. Cenni biografici*, S. Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana, 1893).





Ao partir, dei ordem que, ao mínimo sinal de agravamento, me chamassem logo, pois amava ternamente aquele aluno e desejava estar ao pé dele em caso de morte. Mal tinha chegado ao quarto, ouço dizer que voltasse depressa para junto do enfermo porque parecia aproximar-se a agonia.

Era mesmo assim, o mal avançava terrivelmente e foi-lhe dada a Santa Unção pelo padre Agostinho Zattini. O enfermo estava plenamente consciente.

Respondia às várias partes dos ritos e das cerimônias relativas à administração deste augusto sacramento. Antes, a cada unção queria acrescentar alguma jaculatória<sup>288</sup>. Recordo que na unção da boca disse:

– Ó meu Deus, se me tivésseis feito secar a língua na primeira vez que a usei para vos ofender, que sorte eu teria, quantas ofensas a menos! Meu Deus, perdoai-me todos os pecados que cometi com a boca, deles me arrependo de todo o coração.

Na unção das mãos acrescentou:

– Quantos murros dei aos meus companheiros com estas mãos! Meu Deus, perdoai-me estes pecados e ajudai os meus companheiros a ser melhores do que eu.

Terminada a cerimônia dos Santos Óleos, perguntei-lhe se desejava que chamasse a sua mãe, que tinha ido descansar um pouco num quarto próximo, também ela convencida de que o mal não fosse tão grave.

– Não, respondeu, é melhor não a chamar, pobre da minha mãe! Ela ama-me tanto que, se me visse morrer, sofreria demasiado, o que poderia causar-me grande aflição. Pobre da minha mãe, que o Senhor a abençoe! Quando estiver no paraíso, rezarei muito a Deus por ela.

Foi convidado a ficar um pouco tranquilo e a preparar-se para receber a bênção papal com a indulgência plenária. Durante a sua vida dava grande importância a todas as práticas religiosas a que estavam anexas as santas indulgências e empenhava-se o mais que podia para delas se beneficiar. Por isso acolheu com verdadeira satisfação a oferta da bênção papal. Tomou parte em todas as orações correspondentes e quis ele mesmo rezar o *Confiteor*. Mas as suas palavras eram pronunciadas com tanta unção, com sentimentos de tão viva fé, que todos nos comovemos até as lágrimas.

<sup>288</sup> O sacramento da *Extrema Unção* (atualmente chamado Unção dos Enfermos) consiste em fazer com óleo dos enfermos uma cruz nas pálpebras, nos ouvidos, no nariz, na boca, nas mãos e nos pés, acompanhando o gesto com a oração: «*Per istam sanctam unctionem, et suam piissimam misericordiam, indulgeat tibi Dominus quidquid per visum [auditum / odoratum / gustum et locutionem / tactum / gressum] deliquisti. Amen*» (cf. *Rituale Romanum*, editio princeps 1614. Edizione anastatica, introduzione e appendice a cura di M. SODI e J. J. FLORES ARCAS; presentazione di A. M. TRIACCA, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2004, 59-63).





Depois parecia querer dormitar um pouco e deixou-se por alguns instantes em paz: mas logo acordou, o que enchia de estupefação quem o via. O pulso indicava que ele estava no fim da vida, mas o ar sereno, a jovialidade, o riso, a consciência lúcida pareciam de uma pessoa de perfeita saúde. Não que ele não se sentisse mal, dado que a dificuldade de respirar provocada pela rotura de um órgão ocasiona um sufoco, um sofrimento geral em todas as faculdades morais e corporais. Mas o nosso Miguel tinha muitas vezes pedido a Deus que lhe fizesse cumprir todo o seu purgatório nesta vida, a fim de ir logo depois da morte para o céu. Era este pensamento que o levava a sofrer tudo com alegria; mesmo aquele mal que, por via ordinária, causaria sufocos e angústias, nele era causa de alegria e de satisfação.

Portanto, por especial graça de nosso Senhor Jesus Cristo, não só parecia insensível ao mal, mas parecia sentir grande consolação nos próprios sofrimentos. Nem era preciso sugerir-lhe sentimentos religiosos, visto que ele mesmo, de vez em quando, dizia comoventes jaculatórias. Eram as dez e quarenta e cinco quando me chamou pelo nome e me disse:

– Chegou o momento, ajude-me.

– Tem calma, respondi-lhe, não te deixarei enquanto não estiveres com o Senhor no paraíso. Mas, já que me dizes que estás para partir deste mundo, não queres pelo menos dizer o último adeus à tua mãe?

– Não, respondeu, não quero causar-lhe tanta dor.

– Não me deixas ao menos nenhum recado para ela?

– Sim, diga à minha mãe que me perdoe todos os desgostos que lhe dei na minha vida. Estou arrependido. Diga-lhe que a amo, que tenha coragem para perseverar no bem, que morro de bom grado: que parto deste mundo com Jesus e com Maria e que a espero no paraíso.

Estas palavras provocaram o pranto em todos os circunstantes. Apesar de tudo, retomando coragem e para ocupar em bons pensamentos aqueles últimos momentos, de vez em quando ia-lhe fazendo algumas perguntas.

– Que queres que eu diga aos teus companheiros?

– Que procurem fazer sempre boas confissões.

– O que é que neste momento te dá maior consolação de tudo quanto fizeste na tua vida?

O que mais me consola neste momento é aquele pouco que fiz em honra de Maria. Sim, esta é a maior consolação. Ó Maria, Maria, quão felizes são os vossos devotos na hora da morte!

Mas, continuou, há uma coisa que me incomoda:

– Quando a minha alma se separar do corpo e estiver para entrar no paraíso, que hei de dizer? A quem me hei de dirigir?

– Se Maria quer Ela mesma acompanhar-te ao juízo, entrega-Lhe todo o cuidado de ti mesmo. Mas, antes de te deixar partir para o paraíso, queria encarregar-te de um recado.





– Diga lá que eu farei tudo o que puder para lhe obedecer.

– Quando chegares ao paraíso e vires Maria Santíssima, dá-lhe humildes e respeitosos cumprimentos meus e de todas as pessoas que se encontram nesta casa. Pede-lhe que se digne dar-nos a sua santa bênção, acolher-nos sob a sua poderosa proteção e ajudar-nos de modo a que nenhum dos que estão nesta casa ou que a Divina Providência nos enviar se venha a perder.

– De bom grado levarei este recado; e outras coisas?

– Por agora nada mais, descansa um pouco.

Parecia de fato querer pegar no sono. Mas, apesar de manter a calma habitual e a fala, o pulso anunciava a sua morte iminente. Por isso começou-se a ler o *Proficiscere*<sup>289</sup>; a meia leitura, como se despertasse de um sono profundo, com a habitual serenidade de rosto e com o sorriso nos lábios, disse-me:

– Daqui a poucos momentos darei o seu recado e procurarei dá-lo com exatidão; diga aos meus companheiros que os espero a todos no paraíso.

Depois apertou o crucifixo com as mãos, beijou-o três vezes e em seguida proferiu estas últimas palavras:

– Jesus, José e Maria nas vossas mãos entrego a minha alma.

Depois, movendo os lábios como se quisesse sorrir, placidamente expirou.

Aquela alma bem-aventurada abandonava este mundo para voar, como piamente esperamos, para o seio de Deus, às onze horas da noite, no dia 21 de janeiro de 1859, na idade de apenas catorze anos. Não entrou em agonia de espécie alguma; nem sequer mostrou agitação, pena, sufocação ou outra dor que naturalmente se sente na terrível separação da alma do corpo. Não saberia que nome dar à morte de Magone, a não ser chamar-lhe um sono de alegria que leva a alma das penas desta vida à eternidade feliz.

Os presentes choravam, mais de comoção do que de pena, porque custava perder um amigo, mas todos invejavam a sua sorte. O padre Zattini, dando largas à comoção, que o coração já não podia conter, proferiu estas graves palavras:

– Ó morte, tu não és um flagelo para as almas inocentes; para essas tu és a maior benfeitora que lhes abre a porta para o gozo dos bens que nunca mais se perderão. Oh por que não posso estar eu no teu lugar, querido Miguel? Neste momento a tua alma é já conduzida pela Virgem Maria a deliciar-se na imensa glória do céu. Caro Magone, vive feliz para sempre, roga por nós, que te prestaremos tributo de amizade elevando fervorosas preces ao Senhor, nosso Deus, pelo eterno repouso da tua alma.

---

<sup>289</sup> Início da *Commendatio animae*, a oração recitada pelo sacerdote no momento da “passagem da alma” deste mundo para a eternidade, para a confiar à misericórdia de Deus; fazia parte do *Ordo commendationis animae* (cf. *Rituale Romanum*. Editio princeps, 86-108).





## Capítulo XVI

### **As suas exéquias | Últimas lembranças | Conclusão**

Quando se fez dia, a boa progenitora de Miguel queria deslocar-se ao quarto do filho para ter notícias dele, mas qual não foi a sua dor ao saber que já tinha morrido! Aquela mulher cristã permaneceu um momento imóvel sem proferir palavra nem dar um suspiro e depois irrompeu nestes termos:

– Deus grande, Vós sois o senhor de todas as coisas... Querido Miguel, morreste... chorarei sempre em ti a perda de um filho, mas dou graças a Deus que te concedeu morrer neste lugar com tal assistência, ter uma morte tão preciosa aos olhos do Senhor<sup>290</sup>. Repousa com Deus em paz, roga pela tua mãe, que tanto te amou nesta vida mortal e que te ama ainda mais agora que te crê com os justos no céu. Enquanto viver neste mundo, não deixarei nunca de rezar pelo bem da tua alma e espero ir um dia juntar-me a ti na pátria dos bem-aventurados.

Ditas estas palavras, irrompeu em copioso pranto e depois encaminhou-se para a igreja em busca de conforto na oração.

A perda deste companheiro foi também muito dolorosa para os jovens da casa e para todos quantos tiveram ocasião de o conhecer.

Miguel era muito conhecido pelas suas qualidades morais e físicas, e era muito estimado e venerado pelas raras virtudes que adornavam a sua alma.

Pode dizer-se que o dia seguinte ao daquela morte os companheiros passaram-no em exercícios de piedade pelo eterno repouso da alma do amigo. Só encontraram conforto na reza do terço, do ofício dos falecidos, a confessar-se e a comungar. Todos choravam nele um amigo, mas todos sentiam uma grande consolação dizendo:

– Neste momento Magone já está com Domingos Sávio no céu.

A sensação experimentada pelos seus colegas e pelo seu mesmo professor Francesia é expressa com as seguintes palavras: «No dia seguinte à morte de Magone dirigi-me à sala de aula. Era sábado e tinha de se dar um trabalho para nota. Mas o lugar vazio de Magone anunciava-me que tinha perdido um aluno e que talvez o céu tivesse mais um cidadão. Sentia-me profundamente comovido; os garotos estavam consternados e, no silêncio geral, só foi possível pronunciar esta palavra: Morreu, e toda a turma irrompeu em copiosíssimo pranto. Todos o amavam; e quem não havia de amar um rapaz adornado de tantas e tão belas virtudes? A grande reputação de piedade que ele tinha granjeado entre os companheiros deu-se a conhecer depois da sua morte. As suas folhas eram disputadas uma por

<sup>290</sup> Cf. *Sl* 116,15.





uma; e um digníssimo colega<sup>291</sup> meu julgou-se muito afortunado por ter um caderninho do pequeno Miguel, e de nele colar o nome que se cortou de uma folha de exame do ano anterior. Eu mesmo, movido pelas suas virtudes praticadas em vida com tanta perfeição, não hesitei com plena confiança em invocá-lo nas minhas necessidades: e, por amor à verdade, devo de confessar que a prova nunca me falhou. Para ti, meu anjo, o meu mais sentido reconhecimento e digna-te interceder pelo teu mestre junto do trono de Jesus. Faz com que se acenda no meu coração uma centelha da grande humildade que tu tinhas. Miguel, meu caro, roga também por todos os teus companheiros que foram muitos e bons, a fim de que todos possamos abraçar-nos de novo no paraíso». Até aqui o seu mestre.

Para dar um sinal externo do grande afeto que todos tinham para com o amigo falecido, fez-se um funeral solene dentro do que era compatível com a nossa humilde condição.

Com velas acesas, com cânticos fúnebres, com música instrumental e vocal acompanharam os seus restos mortais até a sepultura, onde rezaram pelo seu eterno descanso e lhe deram o último adeus na doce esperança de um dia ser seus companheiros numa vida melhor que a presente.

Um mês depois foi-lhe feita uma comemoração fúnebre; o padre Zattini, célebre orador, expôs em patético e brilhante discurso o elogio do jovem Miguel. Pena é que a brevidade deste opúsculo não permita inseri-lo por inteiro; quero todavia apresentar os seus últimos períodos que servirão também de conclusão aos presentes traços biográficos.

Depois de ter exposto em forma oratória as principais virtudes de que a alma do falecido era adornada, convidava os pesarosos e comovidos companheiros a não esquecer-lo, antes a recordar-se dele com frequência e a segui-lo nos belos exemplos que nos deixou na sua vida mortal. Por fim concluiu assim:

«Estes exemplos em vida e estas palavras na morte nos oferecia o amigo comum Miguel Magone de Carmagnola. Agora ele já não está, a morte deixou vazio o seu lugar aqui na igreja, onde ele vinha rezar com tanto gosto e com uma paz tão profunda. Ele já não está e com o seu súbito desaparecimento prova-nos que todos os astros se apagam cá em baixo, todos os

<sup>291</sup> Na 1.<sup>a</sup> ed. (1861) era indicado o nome do colega: «D. Turchi»; *Giovanni Rocco Turchi*, nascido em Castelnuovo d'Asti (22 mar. 1838) de Domenico e Giuseppina Scanavino, recebido em Valdocco em 1851 como estudante ginásial, recebeu a veste clerical das mãos de Dom Bosco (4 nov. 1854) e foi ordenado sacerdote em maio de 1861. Era um dos clérigos hospedados em Valdocco na sequência do sequestro do seminário diocesano por parte do governo piemontês. Laureado em letras, colaborou até a ordenação como professor na escola ginásial do Oratório, depois lecionou em várias instituições privadas e públicas; terminou a sua carreira como diretor do Instituto dos Cegos de Turim, onde morreu em 11 de janeiro de 1909.





tesouros desaparecem e todas as almas são chamadas. Há trinta dias entregamos à terra os seus saudosos restos mortais. Se eu pudesse, em benefício do povo de Deus, arrancaria junto da tua tumba uma mão cheia de erva e lançando-a para trás das costas, murmuraria em tom triste como o filho de Judá: Estes florirão como a erva dos campos<sup>292</sup>; dos teus ossos ressurgirão outros queridos juvenzinhos que despertem entre nós a tua memória, renovem os teus exemplos e multipliquem as tuas virtudes.

Adeus, portanto, pela última vez, ó meigo, ó querido, ó fiel companheiro, ó bom e valoroso Miguel! Adeus! Tu eras a risonha esperança da tua santa mãe, que sobre ti chorou lágrimas de piedade, mais do que da carne e do sangue... Tu eras a bela esperança daquele pai adotivo que te acolhia em nome do Deus providente, que te chamava a este acolhedor e bendito lar em que tão bem e tão depressa aprendeste o amor de Deus e o caminho da virtude... Tu, amigo dos companheiros, respeitador dos superiores, dócil aos mestres, bondoso para com todos! Tu crescias para o sacerdócio... e porventura nele serias exemplo e mestre da sabedoria celeste!... Tu deixaste no nosso coração um vazio... uma ferida...! Mas tu foste arrancado, ou antes, a morte arrancou-te do nosso coração, do nosso afeto... ah então tínhamos nós necessidade das lições da morte? Sim, nós os fervorosos, os menos solícitos, os descuidados, tínhamos necessidade; necessidade o negligente, o sonolento, o preguiçoso, o fraco, o tívio, o frio. Por amor de Deus, nós te suplicamos, mostra-nos que estás agora no lugar da alegria, na terra bendita dos vivos; faz-nos sentir que te encontras agora junto da nascente, antes, no mar da graça e que a tua linda voz unida à dos coros celestes é potente, é agradável aos ouvidos de Deus! Obtém-nos de Deus zelo, amor e caridade... obtém-nos que vivamos bons, castos, piedosos, virtuosos... que morramos alegres, serenos, calmos, confiantes nas divinas misericórdias. Obtém-nos que a morte não nos toque com os seus tormentos, como te respeitava a ti mesmo. *Non tangat nos tormentum mortis!*<sup>293</sup> Roga por nós com os angélicos juvenzinhos também desta casa que te precederam no seio de Deus, Camilo Gávio, Gabriel Fascio, Luís Rua, Domingos Sávio, João Massaglia, e pede com eles sobretudo pelo tão amado chefe desta casa. Recordar-te-emos sempre nas nossas preces, nunca te esqueceremos, até que nos seja concedido chegar junto de ti nas estrelas. Oh bendito seja Deus que te formou, te alimentou, te manteve e te tirou a vida. Bendito seja Aquele que tira a vida e bendito seja Aquele que a dá!»<sup>294</sup>.

<sup>292</sup> Cf. *Sl* 72,16.

<sup>293</sup> Cf. *Sab.* 3,1.

<sup>294</sup> O texto original conserva-se em ASC A2320101: *In morte di Michele Magone di Carmagnola*, ms. Zattini (a passagem citada encontra-se nas pp. 12-13).





**João Bosco**

**O pastorinho dos Alpes ou**

**a vida do jovem**

**Francisco Besucco de Argentera**





## Nota de introdução ao texto

Esta edição da vida de Francisco Besucco atém-se ao texto da última edição de Dom Bosco, a segunda (*Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera pel sacerdote Giovanni Bosco*, edizione seconda, Torino, Tipografia e Libreria Salesiana, <sup>2</sup>1878, 164 p.), confrontada com a primeira edição (*Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera pel sacerdote Bosco Giovanni*, Torino, Tip. dell'Oratório. di S. Franc. di Sales, 1864, 192 p.) e com a edição comentada por Alberto Caviglia (*Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*, vol. VI: *La vita di Besucco Francesco*, Torino, Società Editrice Internazionale, 1965, pp. 21-101).

Publicamos também o *Appendice sopra il benedetto crocifisso* (introduzida na ed. 1864, pp. 182-190, e retomada sem nenhuma alteração significativa na ed. <sup>2</sup>1878, pp. 154-161) por se referir aos acontecimentos narrados.

Em nota são assinaladas as inserções e as variantes textuais mais significativas entre a primeira e a segunda edição. Quando nos pareceu útil, inserimos nas notas outras informações de caráter documental e histórico.

Quando no texto se encontra um número de reenvio para nota de rodapé dentro de parênteses redondos <sup>(n)</sup> significa que tal nota estava já no texto original ou foi acrescentada na segunda edição.

Na numeração dos capítulos conservamos a numeração romana como nas edições originais.





## Prólogo

Caríssimos jovens,

Enquanto andava a escrever a vida de um vosso colega, a morte inesperada do jovem Francisco Besucco fez-me suspender aquele trabalho para me ocupar dele próprio. Foi para satisfazer os insistentes pedidos dos seus conterrâneos, dos seus amigos, e para secundar os vossos muitos pedidos que decidi lançar mãos à obra de recolher as notícias mais interessantes deste saudoso colega vosso e de vo-las apresentar num livrinho, na convicção de vos prestar um serviço útil e agradável.

Algun de vós poderá perguntar a que fontes fui buscar as notícias, para vos certificar que as coisas expostas aconteceram realmente.

Responderei em poucas palavras. Para o tempo em que o jovem Besucco viveu na sua terra, ative-me aos depoimentos que recebi do seu pároco<sup>295</sup>, do seu professor<sup>296</sup>, e dos seus familiares e amigos. Pode dizer-se que não fiz mais do que ordenar e transcrever as memórias que para este fim me foram enviadas. Para o tempo em que viveu entre nós procurei recolher cuidadosamente<sup>297</sup> aquilo que aconteceu na presença de mil testemunhas oculares: tudo escrito e assinado por testemunhas dignas de crédito.

---

<sup>295</sup> As notícias biográficas dos primeiros 14 capítulos são tiradas do documentado memorial do pároco (ASC A2280701: *Vita del pio giovanetto Besucco Francesco*, ms. F. Pepino, con annotazioni aut. di don Bosco, s.d. [gen. 1864], 22 pp.); escreveu o pároco ao enviar o documento: «Só esta manhã consegui acabar de escrever o que pude recolher sobre a vida do meu caríssimo afilhado, a quem dei o meu nome no batismo. Não sei o que vai pensar destes traços; mas, a dizer a verdade, isso era trabalho superior às minhas forças e, se não tivesse recebido uma grande ajuda, teria sido obrigado a recusar o honroso encargo. Desde o dia em que recebi a notícia da morte do nosso Francisco, pareceu-me senti-lo sempre ao pé de mim. Tinha insônias durante a maior parte da noite, acompanhadas de uma tranquilidade insólita, e parecia-me ouvir Francisco a convencer-me a escrever estas e outras notícias referentes a ele, das quais me recordava depois de uma séria meditação: via-o na igreja a ajudar à missa, a fazer a *Via Crucis*, a dar catequese, a rezar o terço, etc. E com esta minha cooperação, que desejo seja contínua para emenda da minha vida e para poder fazer em tudo e sempre a santa vontade de Deus, para o que já muito me tinha recomendado às fervorosas orações de Francisco ainda em vida, espero ter secundado o piedoso desejo de V. Rev.<sup>a</sup>, que honro como o meu principal benfeitor pelo que fez pelo Francisco que lhe ficará eternamente grato. Sim, tenho a inteira convicção de que V. Rev.<sup>a</sup> poderá alcançar de Jesus e de Maria, por intercessão de Francisco, todas as graças espirituais que deseja, e por isso ousou suplicar-lhe que peça para mim as referidas graças» (ASC A1010909: lett. F. Pepino - G. Bosco, 1 feb. 1864, f1r.-1v.).

<sup>296</sup> Cf. ASC A1010914: *Relazione del maestro di scuola*, ms. di A. Valorso, s.d. [gen.-feb. 1864].

<sup>297</sup> *procurei ...cuidadosamente*: corr. ed. 1864 «não pude fazer mais do que recolher».





É verdade que há fatos que<sup>298</sup> causam estupefação a quem lê, mas esta é precisamente a razão pela qual escrevo com particular presteza, dado que, se fossem apenas coisas de pouca importância, nem valia a pena publicá-las. Quando depois observardes este juvenzinho a mostrar nas suas intervenções um grau de ciência normalmente superior a esta idade, deveis notar que a grande diligência de Besucco para aprender, a feliz memória para fixar o que ouvia e lia e o modo especial como Deus o favoreceu com as suas luzes, contribuíram poderosamente para o enriquecer de conhecimentos certamente superiores à sua idade.

Uma coisa vos peço<sup>299</sup> que noteis a meu respeito. Talvez demasiada complacência em apresentar os depoimentos daquilo que se passou entre mim e ele. É verdade e por isso conto com a vossa benévola compreensão: procurai ver em mim um pai a falar de um filho ternamente amado; um pai que dá largas aos sentimentos paternos ao falar aos seus amados filhos. A eles abre todo o seu coração para os satisfazer e também para os instruir na prática das virtudes, de que Besucco se tornou modelo. Lede, portanto, ó caríssimos jovens, e se ao ler vos sentirdes movidos a evitar algum vício ou a praticar alguma virtude, dai glória a Deus por tal fato, único Dador de bens verdadeiros.

A todos nós o Senhor abençoe e conserve na sua santa graça aqui na terra, a fim de podermos chegar a louvá-l'O eternamente no céu.

---

<sup>298</sup> *fatos que*: corr. ed. 1864 «coisas que certamente».

<sup>299</sup> *vos peço*: corr. ed. 1864 «depois deveis».





## Capítulo I

### Terra | País | Primeira educação de Besucco

Se porventura te acontecesse, amigo leitor, ir a Cuneo na abóbada das altas cordilheiras dos Alpes, depois de longo, íngreme e cansativo caminho chegarias ao alto cume das mesmas, onde numa espécie de planalto se te apresenta à vista uma das mais amenas e pitorescas paisagens. À noite vê-se a crista mais alta dos Alpes, que é o Monte da Madalena<sup>300</sup>, assim chamado pela tradição daqueles populares, que acreditam que esta santa veio de Marselha habitar nestas quase inabitáveis montanhas.

O cume desta montanha forma um vasto planalto em que se situa um lago bastante extenso do qual nasce o rio Stura<sup>301</sup>. À tarde o teu olhar perde-se num longo, largo e profundo vale chamado Valle delle basse Alpi<sup>302</sup>, que já pertence ao território francês. De manhã o teu olhar delicia-se com uma infinidade de montes cada vez mais baixos, que como em anfiteatro semicircular vão descendo até Cuneo e Saluzzo<sup>303</sup>. De dia e precisamente a oitenta metros da fronteira da França<sup>304</sup>, mas sempre no mesmo plano, situa-

<sup>300</sup> *Colle della Maddalena*, em francês *Col de Larche*: situado a 1.996 m acima do nível do mar, separa os Alpes Marítimos dos Alpes Cozie e marca a fronteira entre Itália (*Valle Stura*) e França (*Val d'Ubaye*). Foi um lugar de passagem desde a antiguidade; por ali passava a via Emília (80 a.C.), de que restam alguns vestígios. O *colle* não é «a crista mais alta dos Alpes»: dos seus lados, em direção à Itália, eleva-se à direita uma cadeia que culmina no monte Enchastraye (*Tête de l'Enchastraye*, 2.955 m) e à esquerda o *monte della Signora* (2.776 m) e o Vanclava (2.874 m).

<sup>301</sup> *Stura*: rio que nasce na vertente italiana do *Colle della Maddalena* e dá o nome ao profundo vale que percorre (*Valle Stura*); após 111 km conflui no rio Tanaro; é chamado *Stura di Demonte*, do nome do centro populacional mais importante do vale.

<sup>302</sup> É o *Vallon de Larche*, na vertente francesa, ramificação da Vallée de l'Ubaye, no departamento dos Alpes-de-Haute-Provence (que até 1970 era chamado departamento dos *Basses-Alpes*).

<sup>303</sup> *Cuneo*: sede episcopal, capital de circunscrição e de província, situada a 544 metros acima do nível do mar, na confluência do rio Stura e da torrente Gesso; no recenseamento de 1862 tinha 23.012 habitantes; a 92 km de Turim. *Saluzzo*: sede episcopal, já capital do marquesado homônimo, a 287 metros de altitude; em 1862 tinha 16.208 habitantes; dista 33 km de Cuneo (cf. *Dizionario dei comuni del regno d'Italia*, 64 e 157; STEFANI, *Dizionario generale*, 405 e 1052).

<sup>304</sup> A distância entre Argentera e a fronteira francesa (no *Colle della Maddalena*) é de cerca de 6 km. Dom Bosco interpreta erroneamente informações sumárias fornecidas pelo pároco: «Argentera está situada no cume dos Alpes de modo que da vila à fronteira da Itália haverá 80 metros de subida [= de desnível] e 5 km de distância, ao fim dos quais se desce pelo vale Baixos Alpes para França, cuja primeira povoação se chama Meyronnes, atravessando o *Colle della Maddalena* que divide a Itália da França. No *colle* próximo do lago chamado também da Madalena existe uma capelinha que eu mandei construir no ano de 1850, debaixo da qual sai uma nascente quase perene, cuja água por isso se chama a





-se a aldeia alpestre de Argentera<sup>305</sup>, terra do pastorinho Francisco Besucco, cuja vida quero escrever.

Nasceu numa humilde casa desta localidade de pobres, mas honestos e religiosos pais no dia 1 de março de 1850. Seu pai chamava-se Mateus e sua mãe Rosa<sup>306</sup>. Dada a sua condição pobre, dirigiram-se ao pároco, que tem o título de arcipreste, para que o batizasse e fosse seu padrinho. Naquela altura encontrava-se já à frente da paróquia de Argentera o zeloso e atual arcipreste, padre Francisco Pepin, que de bom grado se prestou ao piedoso ofício<sup>307</sup>. Foi madrinha a mãe do mesmo arcipreste, Ana<sup>308</sup>, senhora de vida exemplar e que nunca se recusava a obras de caridade. Por vontade expressa dos pais foi-lhe dado no batismo o nome do padrinho, isso é, Francisco, ao qual o arcipreste quis acrescentar o do santo do dia do seu nascimento, santo Albino. Logo que o nosso jovenzinho chegou à idade de poder ser admitido à sagrada comunhão, a partir daquele dia, 1.º de março, nunca deixava de se aproximar dos santos sacramentos e, por quanto lhe era possível, passava todo o dia em obras de piedade cristã.

---

lágrima da Madalena, pela constante tradição desta gente do povo que acredita que Sta. Maria Madalena penitente tenha vindo de Marselha refugiar-se durante algum tempo no mesmo *colle* que tem o seu nome» (ASC A1010912: lett. F. Pepino - G. Bosco, 6 giu. 1864).

<sup>305</sup> *Argentera*: (1.684 m) nome de uma localidade da comuna homônima da província de Cuneo, de que dista 62 km. O seu nome deriva das minas de prata que ali se encontravam na antiguidade. O território da comuna estende-se por 76 km<sup>2</sup> e é constituído pelas localidades de Argentera, Grangie, Bersezio e Ferriere; é cultivado de hortas e prados próximo das casas, coberto de bosques de cuníferas nas vertentes que formam o vale, de pastagens aos pés das rochas e dos altos cumes, entre os quais o *Oserot* (2.860m), o *Enchestraye* (2.995m) e a “*Rocca dei Tre Vescovi*” (2.867m). A igreja paroquial da localidade de Argentera, construída em 1580, é dedicada aos santos Pedro e Paulo. Por uma carta do pároco, sabemos que em 1860 a população da paróquia era de 299 pessoas, «muito pobres de bens materiais [...]». No inverno os homens e os jovens emigram procurando noutra lado o trabalho que naquela estação do ano falta na localidade e, graças a esta sua solicitude pelo trabalho, já não existe nenhum pedinte» (AST, *Gran Cancellaria*, m. 447/1, n. 207: lett. F. Pepino - Ministro di Grazia e Giustizia, 14 ago. 1860).

<sup>306</sup> A mãe, Rosa Robert, era originária de Marboinet de Larche, localidade na vertente francesa, a 12,5 km de Argentera. Francisco era o último de sete filhos: três garotos (Giovanni Giuseppe, Matteo e Francesco) e quatro meninas (Anna, Valentina, Maria e Filomena). A irmã Filomena morreu em 1849 «na idade de oito anos, deixando em grande tristeza aquela família» (ASC A2280701: *Vita del pio giovanetto Besucco Francesco*, ms. F. Pepino, s.d. [gen. 1864], f1r).

<sup>307</sup> *Francesco Pepino* (1817-1899) foi pároco de Argentera de 1848 a 1876, quando se retirou para Limone Piemonte (Cuneo) como capelão da igreja anexa ao antigo Convento dos Capuchinhos (cf. A. MARTINI, *Argentera: Francesco Besucco e Benedetto crocifisso*, Borgo S. Dalmazzo, Tipolitografia Martini, 2008, 51; *Sanctae cuneensis ecclesiae calendarium liturgicum... anno universalis jubilaei 1900*, Cunei, ex Typographia Subalpina, 1900, 63).

<sup>308</sup> Anna Biagia Grosso († 1853), de Entraque (Cuneo), viúva de Giovanni Pepino.





Sabendo a sua mãe como era importante começar a tempo a dar boa educação aos filhos não se poupava a cuidados para insinuar sólidos princípios de piedade no tenro coração do querido filhinho. Os nomes de Jesus e de Maria foram as primeiras palavras que ela procurou ensinar-lhe. Não raro fixando-o nos olhos e pensando na vida futura de Francisco, toda a tremer pelos graves perigos a que os jovencinhos costumam estar sujeitos, exclamava comovida:

– Caro Francisquinho, amo-te muito, mas muito mais do que o corpo amo a tua alma. Preferia ver-te morto a ver-te ofender a Deus! Oh, pudesse eu ser confortada por ti ao ver-te sempre na graça de Deus!

Estas e semelhantes expressões eram o condimento cotidiano que animava o espírito deste menino que, contra todas as expectativas crescia robusto em idade e ao mesmo tempo em graça diante de todos. Criado com estes sentimentos não é preciso dizer quanta consolação Francisco dava a toda a família. Tanto os pais de Francisco como os seus irmãos se alegram de poder atestar como o seu irmãozinho se deliciava, apenas começou a falar, a dizer com frequência os nomes de Jesus e de Maria, que foram os primeiros nomes bem pronunciados por aquela língua inocente. Desde a mais tenra idade mostrou grande gosto em aprender orações e canticozinhos espirituais, que se comprazia a cantarolar em companhia da sua família. Era mesmo um encanto ver com que alegria em todas as festas, antes das Vésperas, se juntava aos outros fiéis a cantar as loas a Maria e a Jesus. Parecia então no auge da sua felicidade. O amor à oração pareceu ter nascido com ele. Desde a idade de apenas três anos, segundo afirmam os pais, os irmãos e as irmãs, nunca foi preciso convidá-lo a rezar e era ele próprio que convidava os outros. De manhã e à noite, à hora habitual ajoelhava-se e rezava sozinho as breves orações que já tinha aprendido e não se levantava enquanto não aprendesse alguma mais.





## Capítulo II

### **Morte da madrinha | Amor às coisas da igreja | Amor à oração**

O pequeno Besucco estava muito afeiçoado à sua madrinha. Quer pelos pequenos presentes que ela lhe dava, quer pelas especiais mostras de afeto para com ele, considerava-a como sua segunda mãe. Andava ele apenas nos quatro anos de idade, quando Ana Pepino caiu gravemente doente. O seu afeiçoado afilhado pedia muitas vezes para a visitar, rezava por ela e fazia-lhe mil e uma carícias. Parece que com bastante antecedência teve sinais extraordinários da morte dela, que expirava a 9 de maio de 1853.

Não obstante a sua tenra idade, a partir daquele dia começou a rezar de manhã e à noite um Pai-Nosso pela falecida madrinha, costume que manteve sempre. Ele próprio o assegurou muitas vezes dizendo:

– Recordo e rezo todos os dias pela minha madrinha, embora eu tenha muita esperança de que ela já se encontre na glória do paraíso.

Precisamente em reconhecimento pela piedade que Francisco mostrava para com a sua querida madrinha, o arcepreste teve predileção por ele e não o perdeu de vista na medida do possível.

Caso Francisco visse alguém da sua família a rezar, logo se punha em atitude devota, levantando os olhos e as mãozinhas inocentes para o céu como que a pressagiar as grandes graças que o Deus misericordioso sobre ele derramaria.

De manhã, contra o costume dos garotos, não queria comer nada sem antes ter rezado as suas orações. Tendo sido levado à igreja desde a idade de três anos, nunca se deu o caso de perturbar as pessoas que estavam à sua volta, antes, ao ver a devoção delas, procurava imitá-las. De modo que muitas vezes, ao vê-lo com aquelas surpreendentes disposições, diziam:

– Parece incrível tanta compostura numa criança daquela idade.

De bom grado se prestava para toda a espécie de serviços na igreja, de forma que parecia ter nascido para agradar a todos, mesmo que isso lhe custasse grande incômodo. De fato, muitas vezes acontecia no inverno que, devido à grande quantidade de neve, não havia quem soubesse ajudar à missa. Apenas o intrépido Francisco, enfrentando com coragem todos os perigos, se punha a caminho no meio da neve e chegava sozinho à igreja. À primeira vista, podia pensar-se tratar de um animal a caminhar, ou melhor, a revolver-se na neve, cuja altura era muito superior à de Francisco. Mateus Valorso, testemunha ocular, atesta que, por meados de janeiro de 1863, chamado pelo pároco para lhe ajudar à missa, no momento de acender as velas do altar, com grande surpresa sua, viu entrar na igreja alguém que muito a custo parecia ter aparência humana. Mas qual não foi a sua surpresa quando descobriu naquele corajoso o nosso garoto que, contente com o sucesso dos seus esforços, exclamou:

– Finalmente consegui.





Ajudou de fato à missa, no fim da qual disse ao pároco:

– Esta vale por duas, assisti a ela com dupla atenção e estou muito feliz por isso. Continuarei a vir a todo o custo. E quem não gostaria de um rapaz assim?

Com estas disposições, crescia o menino em idade e em graça diante de Deus e dos homens<sup>1</sup>. Na idade de cinco anos, sabia já perfeitamente as orações da manhã e da noite, que todos os dias rezava com a família, costume que manteve enquanto morou na casa paterna<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo que se mostrava desejoso de rezar, mostrava-se também cuidadoso a aprender orações ou jaculatórias. Bastava que Francisco ouvisse alguém a rezar uma oração que ele ainda não soubesse para que já não descansasse sem a aprender. Depois, todo contente, como se tivesse descoberto um tesouro, ensinava-a aos de sua casa, e ficava muito feliz ao ver que a sua nova oração entrava no costume da família ou era rezada pelos seus companheiros. As duas seguintes eram por assim dizer as suas Matinas e as suas Completas.

Logo que acordava, fazia o sinal da santa cruz, saltava da cama rezando alto ou mesmo cantando a seguinte oração:

– Alma minha, levanta-te, olha para o céu e ama Jesus, ama quem te ama, deixa o mundo que te engana, pensa que tens de morrer, que o teu corpo há-de apodrecer e, para seres atendido, diz a Maria três vezes a Ave-Maria<sup>3</sup>.

E como nos primeiros anos não podia compreender o significado desta oração, importunava, ora o pai, ora a mãe, ora outra pessoa para que lha explicassem. Quando chegava a compreendê-la, dizia:

– Agora rezo-a com maior devoção.

Com o tempo, esta oração tornou-se a regra do seu comportamento.

À noite, ao ir à cama, tal como de manhã, rezava com muito fervor a seguinte oração:

– A deitar-me vou, não sei se me levantarei, quatro coisas pedirei: confissão, comunhão, santa unção, bênção papal. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Comprazia-se de modo particular em compreender coisas de religião, exemplos de virtude por outros praticados, que ele logo procurava imitar. Se por vezes andava um pouco triste e queria alegrar-se, bastava falar-lhe de coisas espirituais ou do benefício que podia tirar de frequentar a escola.

<sup>1</sup> Cf. *Lc* 2,52.

<sup>2</sup> «A casa de Besucco situa-se no centro da vila da parte do poente e dista da igreja paroquial não mais de 30 metros» (ASC A1010912: lett. F. Pepino - G. Bosco, 6 giu. 1864).

<sup>3</sup> Tradução italiana de uma fórmula de oração em dialeto occitano, ritmada e com rima (semelhante às reportadas mais adiante nos cap. VII e XXIV), pertencente a um patrimônio popular muito antigo, atualmente quase extinto, que tinha função cultural e instrutivo-sapiential. Argentera e o vale de Stura di Demonte pertencem àquela área dialetal occitana, juntamente com outros vales do Piemonte sudocidental (Vermentagna, Gesso, Grana, Varaita, Po, Chisone e alta Val Susa), cf. *I dialetti italiani, vol. 2: Storia, struttura, uso*, a cura di M. CORTELLAZZO e N. DE BLASI, Torino, UTET, 2002, 152.





## Capítulo III

### **A sua obediência | Um bom aviso | Trabalha no campo**

A sua obediência às ordens dos pais, diz o pároco, era tão pronta que muitas vezes se antecipava aos seus desejos de maneira que nunca encontraram resistência da sua parte nem reconheceram a menor indolência em executar as suas ordens. As suas irmãs afirmam também não raro ter acontecido que, por inadvertência, ou porque ocupadas noutros trabalhos, tendo elas diferido um pouco a execução das ordens dos pais, foram sempre censuradas disso pelo seu irmãozinho. Assumindo em tais circunstâncias uma atitude suplicante, exclamava:

– Então, há já meia hora que a mãe vos deu aquela ordem e vós estais à espera para a cumprir? Não é bom dar motivo de desgosto a quem tanto nos ama.

Era todo doçura e amor para com os irmãos e as irmãs, nunca se ofendendo, mesmo que eles o censurassem. Gostava de passar o tempo a divertir-se com eles, por pensar que deles só podia receber bem. Confiava-lhes todos os seus pensamentos e até lhes pedia que o corrigissem dos seus defeitos.

– Tenho pena, diz o pároco, de não poder descrever a boa harmonia que reinava nesta família formada então por oito pessoas, que podiam dizer-se exemplares em toda a sua conduta, quer pelo recolhimento em casa, quer pela sua frequência e devoção nas celebrações religiosas.

Há cinco anos, tendo partido para o serviço militar o seu irmão mais velho, João, o nosso Francisco não se cansava de lhe dar conselhos para que se mantivesse bom como era em casa.

– Procura, concluía ele, ser verdadeiro devoto de Maria Santíssima. Ela certamente te ajudará. Da minha parte não deixarei de rezar por ti. Daqui a pouco escrevemos-te cartas.

Tudo isso dizia quando tinha apenas nove anos de idade. Depois, dirigindo-se aos pais que naquele filho perdiam os braços mais fortes para os trabalhos do campo, «vós chorais, dizia-lhes, mas Deus consolar-nos-á de outra maneira, dando-nos saúde e ajudando-nos na nossa labuta. Quanto a mim, tudo farei para vos ajudar». Que grande trabalhador do campo! Mas foi mesmo assim. Com grande surpresa de todos, fazia muito bem as tarefas que lhe eram indicadas, querendo mesmo fazer muitas outras que os pais julgavam incompatíveis com as suas forças. No meio dos trabalhos do campo, mantinha sempre inalterada a sua jovialidade, não obstante o inevitável cansaço provocado pela sua forma ardorosa de trabalhar. Se alguma vez o pai em brincadeira lhe dizia:

– Francisco, pareces muito cansado do trabalho.

Ele respondia rindo:

– Ah! parece-me que estes trabalhos não são para mim. O meu padrinho diz-me sempre que estude; quem sabe se ele não me ajudará.

Não passava um dia sem falar em casa do seu desejo de estudar. Ia à escola durante o inverno, mas nunca se dispensava dos serviços domésticos, como infelizmente fazem os garotos para se dedicarem ao divertimento nas horas livres do estudo. O teor da sua vida enquanto frequentou a escola de Argentera foi o seguinte:





## Capítulo IV

### Episódios e comportamento na escola

Embora os pais de Francisco tivessem grande necessidade do seu trabalho, todavia, convencidos de que a instrução escolar é um meio muito eficaz para aprender a religião, enviaram-no por algum tempo à escola<sup>4</sup>. Eis, por isso, como foi o seu comportamento na escola. Levantava-se de manhã cedo rezando a oração indicada: *Alma minha, levanta-te*, etc., parando com bastante frequência a meditar no seu significado. Depois de se ter levantado, sozinho ou com a família rezava as suas longas orações, depois estudava até a hora da escola. Depois das aulas tinha o cuidado de voltar logo para casa, a fim de realizar alguns trabalhos de família. A tanta diligência correspondia o aproveitamento obtido na escola e, embora não mostrasse grande inteligência, compensava, todavia, com a sua diligência nos deveres e com a rigorosa ocupação do tempo para fazer os trabalhos e estudar as lições, o que lhe permitiu fazer grandes progressos.

O professor tinha em geral proibido os seus alunos de frequentar os estábulos [lugares de reunião para contar histórias e conviver] na estação invernal. Nisso Besucco foi alvo da admiração de todos. Não só evitou escrupulosamente esses ambientes, mas com o seu exemplo levou muitos colegas a imitá-lo com grande benefício do estudo e da moralidade e com grande satisfação do professor, Antônio Valorso, dos pais e dos alunos<sup>5</sup>.

Raramente saía de casa depois do almoço para se divertir e quase se tinha esquecido disso alguns meses antes de vir para o Oratório.

Dando largas por alguns instantes ao seu temperamento alegre, retomava o estudo até que tocasse para as aulas, onde, segundo o testemunho do seu citado professor, prestou sempre toda a diligência e atenção ao que se ensinava<sup>6</sup>, e inalterável respeito. Procurava ajudar o professor a ensinar a ler as

<sup>4</sup> *Scuola*: era uma escola rural única, onde um só professor ensinava ao mesmo tempo alunos de duas ou três classes reunidos na mesma sala; prevista por lei para promover a instrução elementar nas aldeias mais remotas e pobres. A lei Casati, sobre o reordenamento do ensino público (13 nov. 1859, *Atti del Governo*, N. 3725), confiava a instrução elementar aos municípios locais e dividia-a em dois graus: «o curso inferior e o curso superior que se cumprem em dois anos cada um, cada qual deles dividido em duas classes distintas» (*ibid.*, art. 316). As escolas elementares superiores eram obrigatórias apenas nas comunas que tivessem «mais de quatro mil habitantes de população aglomerada, não contando as aldeias e os povoados» (*ibid.*, art. 321). Na comuna de Argentera juntavam-se na mesma sala alunos das classes elementares inferiores e alguns das superiores.

<sup>5</sup> «O professor primário Valorso Antonio é burguês e casado» (ASC A1010912: lett. F. Pepino - G. Bosco, 6 giu. 1864).

<sup>6</sup> A instrução do grau inferior, como a lei estabelecia, compreendia: «o ensino religioso, a leitura, a escrita, a aritmética elementar, a língua italiana, noções elementares sobre





crianças principiantes, e fazia-o com desenvoltura e com edificação<sup>7</sup>. Em todo o tempo em que frequentou a escola comunal foi sempre visto pelos colegas como exemplo de morigeração e de diligência. Tinham tanta consideração por Francisco que até evitavam de deixar fugir palavras menos convenientes na sua presença. Estavam certos que as desaprovava e lhes fazia severas advertências, como não poucas vezes aconteceu. Se algum mais novo do que ele lhe pedia ajuda nos estudos fora da escola, prestava-se de boa vontade, animando-o a pedir-lhe mais vezes. Mas ao mesmo tempo nunca deixava de lhe alimentar o espírito com bons conselhos e de o animar à devoção.

Do depoimento feito pelo zeloso professor recolho ainda alguns fatos que literalmente transcrevo<sup>8</sup>. Todas as vezes que surgissem rixas entre os seus colegas, lançava-se logo no meio deles para os acalmar.

– Amigos como somos, dizia-lhes, não convém bater-nos, e muito menos por estas ninharias sem importância: temos de nos querer e saber perdoar-nos uns aos outros como Deus manda.

Estas e outras semelhantes palavras bastavam normalmente para restabelecer a paz entre os colegas em litígio. Se via que com as suas palavras não conseguia acalmá-los, deixava-os logo.

Quando ouvia o sinal para as aulas ou para sagradas funções, convidava os companheiros a interromper os divertimentos. Enquanto um dia jogava *bocce* ouviu o toque da sineta a chamá-los para a catequese. Francisco disse logo:

– Companheiros, vamos para a catequese, terminaremos o jogo depois da função paroquial.

Dito isso, desapareceu à vista deles. Terminada a cerimônia, voltou para junto dos companheiros, aos quais com bondade censurou pela perda desta prática de piedade e instrução; entretanto, para os tornar mais seus amigos comprou-lhes cerejas. A estes sinais de generosidade e de cortesia,

---

o sistema métrico»; e de grau superior previa, «além do desenvolvimento das matérias do grau inferior: as regras da composição, a caligrafia, a conservação dos livros, a geografia elementar, a exposição dos fatos importantes da história nacional, os conhecimentos de ciências físicas e naturais aplicáveis principalmente ao uso corrente da vida. Às matérias acima mencionadas serão acrescentados, nas escolas masculinas superiores, os primeiros elementos da geometria e o desenho linear; nas escolas femininas os trabalhos domésticos» (*Atti del Governo 1859*, N. 3725, art. 315).

<sup>7</sup> A valorização dos alunos mais treinados na instrução dos companheiros era comum nas pluriclases do Piemonte antigo, segundo modalidades que se aproximavam do método do *mútuo ensino* lancasteriano.

<sup>8</sup> Cf. ASC A1010914: *Relazione del maestro di scuola Antonio Valorso*, s.d. [feb. 1864].





aqueles companheiros prometeram que de futuro nunca mais transcurariam as coisas de religião por causa dos divertimentos.

Se casualmente ouvisse alguém a proferir palavras indecentes, mostrava logo cara de desagrado; depois afastava-se do prevaricador ou dava-lhe uma séria repreensão. Muitas vezes se ouviu dizer:

– Caros companheiros, não digais tais palavras! Com elas ofendeis a Deus e dais escândalo aos outros.

Atestam também os mesmos companheiros que Francisco os convidava com muita frequência a fazer alguma visita ao SS. Sacramento e a Maria Santíssima e que se mostrava muito pronto sempre que podia comprazer os mesmos no que se referia aos deveres da escola.

Outras vezes ouvindo tocar as Trindades:

– Vamos lá, amigos, dizia, rezemos o *Angelus* e depois continuaremos o nosso divertimento.

O mesmo convite repetia-o aos companheiros nos dias festivos para os levar a participar na missa.

Na minha qualidade de professor comunal d'Argentera devo, para maior glória de Deus, declarar que o juvenzinho Besucco, nos cinco anos que frequentou a minha escola<sup>9</sup>, nunca foi superado por ninguém na pontualidade em chegar à escola. Se porventura visse companheiros negligentes, sabia avisá-los tão bem que quase por querer ou sem querer se tornavam mais diligentes. Nas aulas a sua atitude não podia ser melhor, tanto em fazer silêncio como na atenção constante ao que se ensinava. Prestava-se também com muito gosto para ensinar os menores a ler e fazia-o com tanta elegância e com tanto carinho que gostavam muito dele e o respeitavam. Até aqui o professor.

---

<sup>9</sup> Nas aldeias alpinas, a maior parte das crianças só ia às aulas no inverno; para completar o programa escolar empregavam-se, por isso, mais anos.





## Capítulo V

### Vida de família | Pensamento noturno

Ao chegar da escola corria logo a abraçar os seus pais, mostrando-se pronto às suas ordens até a hora da refeição. Na mesa frugal nunca encontrava motivo de queixa nem pela qualidade nem pela quantidade dos alimentos. Nas suas ações nunca mostrava resistência e quando em casa via outros descontentes, dizia-lhes:

– Quando fordes vós a mandar, fareis como quiserdes, mas por agora devemos respeitar a vontade dos nossos queridos pais. Somos pobres e não podemos viver a passar por ricos. A mim não me importa nada de ver os meus companheiros bem vestidos, e eu sem poder ter boas roupas. A mais bela roupa que podemos desejar é a graça de Deus.

Tinha o maior respeito pelos seus pais; amava-os com o mais terno amor filial, obedecia-lhes cegamente, e nunca deixava de enaltecer quanto eles faziam por ele. Por isso amavam-no tanto que lhes rendia demasiado o tempo em que não o tinham na sua companhia. Se porventura os irmãos ou as irmãs em brincadeira ou por qualquer motivo lhe diziam:

– Tu, Francisco, tens muitos motivos para estar contente porque és o benjamim de todos.

– Sim, é verdade, respondia, mas procurarei ser sempre bom e merecer o amor deles e o vosso.

Isso era tão verdade, que, quando recebia algum pequeno presente ou ganhava alguma moeda por serviços prestados, ao chegar a casa entregava o dinheiro aos pais ou partilhava-o com os irmãos e com as irmãs, dizendo:

– Vede como vos amo!

À noite, passando o serão no seu próprio estábulo, de que rarissimamente saía, para não andar com outros companheiros, empregava o tempo a divertir-se com as pessoas da família, estudava as lições ou fazia qualquer outro dever escolar. Depois, a certa hora, convidava toda a gente a rezar o terço e as outras orações, prolongando-as pelo vivo desejo de estar com Deus rezando muitos Pai-Nossos. Nunca se esquecia de recomendar orações especiais para obter de Deus saúde para o seu pai e para os seus irmãos que no inverno moravam fora da localidade a fim de ganhar com o trabalho das suas mãos o sustento da família.

– Quem sabe, dizia frequentemente a chorar, quanto frio terá de suportar por nós o nosso pai! Que cansado ele estará e nós aqui a comer o fruto do seu trabalho! Ah! pelo menos rezemos por ele.

Todos os dias falava do seu pai ausente e, por assim dizer, acompanhava-o por toda a parte, com o pensamento, nas suas viagens.





Também costumava, nos serões, aplicar-se à leitura de livros piedosos, que ele pedia ao padrinho e ao professor, que de bom grado lhos proporcionavam. Muitas vezes ao dia ou ao longo do serão, vendo o estábulo cheio de gente, dizia-lhes:

– Oh! escutai o belo exemplo que encontrei neste livro.

E lia-o em voz alta e sonora que parecia um pregador.

E se lhe caía nas mãos a vida de algum piedoso juvenzinho, oh! então este era o seu livro querido, que se tornava o assunto das suas conversas e da sua imitação.

– Se eu pudesse tornar-me tão bom como este, sim que seria feliz, não é verdade, minha querida mãe?

– Há dois anos, diz o pároco, leu a vida de São Luís Gonzaga e desde então se tornou seu imitador, sobretudo a ocultar as boas ações que fazia.

Mas, alguns meses depois, tendo-lhe sido oferecida a vida de Domingos Sávio e de Miguel Magone<sup>10</sup>, especialmente lendo a vida deste último dizia com alegria:

– Encontrei o verdadeiro retrato das minhas cogitações; se ao menos Deus me concedesse poder emendar-me dos meus defeitos, e imitar a boa conduta e a santa morte do “*meu caro Magone*”, assim lhe chamava.

– E aqui nasceu nele, continua o pároco, uma extraordinária curiosidade para que lhe explicassem a maneira como devia imitar aquele juvenzinho, e perguntou-me se não seria possível que ele entrasse no mesmo estabelecimento em que lhe parecia que muito aproveitaria na virtude. É este o fruto principal que o nosso Francisco recolheu da leitura dos bons livros. Deus queira que todos os meus pequenos paroquianos se dediquem a estas boas leituras. Seria motivo de grande consolação para os seus pais.

Tal como de manhã Francisco convidava a sua alma inocente a elevar-se ao céu, assim à noite lhe recordava as trevas do sepulcro com algum pensamento piedoso e devoto. Muitas vezes interrogado sobre o que fazia deitado em cima da cama, respondia:

– Imagino-me no sepulcro, e então o primeiro pensamento que me vem à mente é este: Que será de ti, se caíres no sepulcro do inferno? Assustado com este pensamento, começo logo a rezar de todo o coração a Jesus, Maria, São José e ao meu Anjo da Guarda, e continuo a rezar até que adormeço. Oh! quantos bons propósitos faço então, à noite, na cama, por medo de me condenar. Se acordo de noite, continuo a rezar e tenho pena se o sono de novo me surpreende.

---

<sup>10</sup> O pároco de Argentera era assinante das *Letture Cattoliche*.





## Capítulo VI

### Besucco e o seu pároco | Ditos | Prática da confissão

Embora Francisco tenha sido desde criança predileto do Senhor, devemos todavia dizer que a diligência dos pais, a sua boa índole, o cuidado atento que dele teve o seu próprio pároco ajudaram poderosamente para o bom resultado da sua educação moral. Criança ainda, era já levado pelos pais à igreja; seguravam-lhe as mãos, ajudavam-lhe a fazer bem o sinal da cruz, indicavam-lhe o modo e o lugar onde devia ajoelhar-se e acompanhavam-no com o máximo carinho. Logo que foi capaz, levavam-no eles mesmos a confessar-se. E, movido pelo exemplo, pelos conselhos, pelo encorajamento dos pais, cedo se afeiçoou a este sacramento de modo que, bem longe de sentir o habitual receio ou uma espécie de repugnância, que os garotos costumam manifestar ao apresentar-se a uma pessoa respeitável, ele sentia, ao invés, toda a satisfação. Mas o sucesso deste jovenzinho deve-se em grande parte ao seu pároco padre Francisco Pepino. Este exemplar sacerdote dedicava com zelo as suas forças e os seus bens ao serviço dos seus paroquianos. Convencido de que não haverá bons paroquianos, se a juventude não for bem educada, a nada se poupava daquilo que pudesse redundar em benefício das crianças. Dava-lhes catequese em qualquer estação ou tempo do ano; ensinava-lhes a maneira e as cerimônias para ajudar à santa missa; também dava aulas e não raro ia à procura delas em casa, no trabalho e mesmo nos lugares das pastagens. Quando descobria alguma criança com aptidão para os estudos, para a piedade, prestava-lhe especialíssima atenção. Por isso, mal se apercebeu das bênçãos que o Senhor derramava com abundância sobre o nosso querido Besucco, não o perdeu mais de vista e quis dar-lhe ele próprio as primeiras noções de catecismo e a seu tempo prepará-lo para a<sup>11</sup> primeira confissão. Com modos afetuosos e próprios de um terno pai, conquistou o seu coração de maneira que o jovenzinho se sentia muito feliz cada vez que podia conversar com o seu querido padrinho ou ouvir dele alguma palavra de conforto ou de piedade.

Escolheu-o como seu confessor habitual e continuou a confessar-se a ele em todo o tempo que viveu em Argentera. O pároco aconselhou-o a mudar de vez em quando de confessor e proporcionou-lhe mesmo ocasião para isso, mas ele pedia-lhe que o confessasse ele mesmo.

<sup>11</sup> *Prepará-lo para*: corr. ed. 1864 «preparou-o para fazer a sua».





– Consigo, dizia, querido padrinho, tenho toda a confiança. O senhor conhece o meu coração. Manifesto-lhe sempre todos os meus segredos. Eu amo-o muito porque o senhor muito ama a minha alma<sup>12</sup>.

Eu creio que a maior sorte de um juvenzinho consiste na escolha de um confessor estável, a quem abra o seu coração, confessor que cuide da sua alma e que com o carinho e com a caridade o encoraje à frequência deste sacramento.

O nosso Francisco dependia do pároco não só nos assuntos de confissão, mas também em tudo aquilo que contribuísse para o seu bem espiritual e temporal. Um simples conselho, ou mesmo só um desejo manifestado pelo seu padrinho era para ele uma ordem que, com alegria, pressurosamente executava. É por isso sumamente agradável e edificante a maneira como ele mantinha a frequência deste sacramento. Com alguns dias de antecedência falava da confissão seguinte, insistindo com os irmãos e com as irmãs para que daquela vez aproveitassem. A eles recorria, sobretudo nos primeiros anos, para que lhe ensinasse a confessar-se bem, perguntava-lhes como faziam para conhecer as faltas cometidas e recordar-se dos pecados em tão longo espaço de tempo, que era de cerca de um mês. Muito se admirava que depois da confissão se voltasse a ofender a Deus, a quem se tinha prometido fidelidade.

– Como Deus é bom, dizia, ao perdoar os nossos pecados, não obstante a nossa infidelidade em cumprir os propósitos feitos; mas como é grande também a ingratidão que continuamente mostramos em relação a tantos benefícios que nos faz! Ai! devíamos tremer só de pensar nas nossas infidelidades. Eu por mim estou disposto a fazer e a sofrer tudo antes que voltar a ofendê-l’O.

Na noite anterior à confissão perguntava ao seu pai se na manhã seguinte não tinha nenhum trabalho urgente a fazer. Averiguada a razão, dizia-lhe que tinha gosto em que fosse confessar-se. Ao que o bom pai anuíva sempre e Francisco passava quase toda a noite a rezar ou examinar-se para melhor se preparar, se bem que a sua vida fosse uma contínua preparação. E de manhã, sem falar com ninguém, dirigia-se à igreja onde, com o máximo recolhimento, se preparava para a grande ação. De resto deixava sempre confessar primeiro as pessoas que pensava que tivessem pouco tempo para estar na igreja.

---

<sup>12</sup> Atesta o pároco: «Se posso pronunciar-me quanto às confissões de Francisco, tendo-se sempre confessado a mim desde a primeira à última confissão que fez em Argentera e, embora convidado, nunca quis ir a outro confessor porque, dizia-me, eles não conhecem os meus defeitos. Digo, portanto, que, pelas suas confissões e pelo perfeito conhecimento que eu tinha da sua conduta, posso afirmar nunca ter encontrado nele culpa grave, e além disso parece-me poder também atestar que não foi culpado de falta venial deliberada» (ASC A1010909: lett. F. Pepino - G. Bosco, 1 feb. 1864, f1v.).





– Esta sua condescendência para com os outros, especialmente no rigor do inverno, obrigou-me muitas vezes, diz o pároco, a chamá-lo eu próprio ao confessionário ao vê-lo todo inteiriçado de frio.

Uma vez foi questionado acerca da sua longa espera antes de se confessar.

– Eu posso esperar, respondia, porque os meus pais não me chamam à atenção pelo tempo passado na igreja; mas talvez os outros pudessem aborrecer-se ou receber qualquer repreensão em casa, sobretudo as senhoras que têm crianças.

Os irmãos e as irmãs às vezes, em brincadeira, diziam-lhe:

– Vais muitas vezes confessar-te para fugir ao trabalho.

– Quando vós fordes confessar-vos, respondia ele, de bom grado ficarei no vosso lugar em tudo o que puder. Oh! Sim, ide muitas vezes, que eu fico bem contente!

E aqui como mestre espiritual não raras vezes lhes dizia:

– A preguiça que às vezes se sente, a indecisão em confessar-se, adia-la de um dia para o outro são outras tantas tentações do demônio. Sabendo ele quão poderoso e eficaz remédio é a confissão frequente para nos corrigirmos dos nossos defeitos, faz tudo para nos afastar dela. Oh! Quando se trata de fazer o bem temos sempre medo do mundo; no fim de contas não é o mundo que nos vai julgar depois da morte: é Deus que nos julga e só a Ele e a mais ninguém deveremos prestar contas das nossas obras, e não ao mundo: só de Deus deveremos esperar eterna recompensa<sup>13</sup>.

– Quando estou confessado, dizia outras vezes aos familiares, sinto tanta alegria que desejava até morrer logo para me libertar do perigo de ofender de novo a Deus.

No dia em que se abeirava dos santos sacramentos privava-se quase sempre de qualquer divertimento. Interrogado pelo pároco sobre o motivo pelo qual fazia isso, respondia:

– Hoje não devo contentar o meu corpo, porque o meu Jesus fez gozar tantas e tão doces consolações à minha alma. O que me faz sofrer é não ser capaz de agradecer ao meu Jesus sacramentado pelos benefícios contínuos que me faz.

Entretanto passava aquele dia em santo recolhimento e quanto possível na igreja.

De fontes seguras consta-me que o bom Francisco para melhor se preparar para receber dignamente os santos sacramentos costumava dizer:

– Esta confissão pode ser a última da minha vida e quero fazê-la como se realmente fosse a última.

<sup>13</sup> Cf. 2 Cor 5,10.





## Capítulo VII

### **A santa missa | O seu fervor | Apascenta o rebanho nas montanhas**

Não é despropositado notar como os pais do Francisco lhe davam plena liberdade de ir todos os dias à santa missa; mesmo parecendo por vezes duvidoso se devia ir ou não por receio de descuidar algum dever, eles mesmos o mandavam ir. Muito contente por isso, costumava dizer aos pais:

– Oh! estai certos que o tempo empregue na santa missa será abundantemente compensado no dia, porque Deus é bom remunerador e eu trabalharei com muito mais gosto.

Se porventura alguma manhã lhe acontecia não poder participar na missa, costumava recitar em compensação esta popular oração, muito difundida naquela terra, que ele tinha aprendido aos quatro anos de idade. «A missa toca, S. Marcos a entoar, os anjos a cantam e Jesus menino deita a água e o vinho. Fazei-me, ó Jesus, participar na missa desta manhã».

O pai de Francisco costumava, em brincadeira, perguntar-lhe como passaria aquele dia sem missa, e ele respondia-lhe com a máxima simplicidade:

– Deus ajudar-me-á igualmente, porque disse a minha oração e depois rezarei um pouco mais esta noite.

Acreditava muito facilmente no que os outros diziam, de modo que por brincadeira os seus companheiros lhe pregavam grandes petas. Mas quando se dava conta de ter sido enganado ficava todo contente. Nunca se viu dar sinais de vanglória pela estima em que era tido pelos pais, pelos conhecidos e pelo pároco.

– Bom para mim, dizia por vezes, que não me conhecem, de outra forma não me queriam tão bem.

A sua atividade nos estudos, que o tornava superior aos seus companheiros, bem longe de o levar a desprezá-los, fazia-lhe usar toda a indulgência possível na récita das lições. Se alguma vez era repreendido de alguma criancice, fosse ou não culpado, todo arrependido respondia:

– Não voltarei a fazê-la e hei de portar-me melhor. Vós repreendeis-me, mas sei que tendes pena de mim.

E então corria a abraçar e a acariciar os seus pais a maior parte das vezes com as lágrimas nos olhos. Estes nunca tiveram ocasião de castigar este seu filho. No verão ocupava-se juntamente com a família nos trabalhos do campo, em que gostava de aliviar um pouco os irmãos e as irmãs, na medida em que as suas forças permitiam.





No tempo de descanso, não querendo ficar ocioso, começava a conversar sobre religião, ou apresentava ao pai qualquer dúvida ou ponto obscuro em matéria espiritual.

Ao ir e vir do campo gostava de ocupar o tempo a rezar. Com muita frequência me aconteceu, a mim e a outros, diz o pároco, encontrá-lo pelo caminho tão absorto na oração que nem sequer se apercebia de que estávamos perto dele. Se fora de casa se encontrava em qualquer perigo ou ocasião de escândalo pelas imprecações ou blasfêmias ouvidas ou pelas más conversas que não podia deixar de ouvir, logo fazia o sinal da santa cruz ou então dizia: «bendito seja Deus, bendito o seu santo nome». Se conseguia, começava ele próprio outras conversas. Avisado por vezes pelos pais para não seguir as ideias de alguns maus companheiros, respondia-lhes:

– Preferia que me secasse a língua na boca antes que me servir dela para desagradar ao meu Deus.

Quando ia com as ovelhas para o pasto<sup>14</sup> levava sempre consigo algum livro piedoso ou científico que procurava ler na presença de outros companheiros quando eles gostavam de ouvir. Caso contrário, lia sozinho ou rezava seguindo à letra a ordem do Salvador, de rezar sem interrupção<sup>15</sup>.

O pai de Francisco para sustentar a família tomou a seu cargo a guarda do rebanho comunal<sup>16</sup>, ofício de que encarregava, de vez em quando também o filho, especialmente nos dias festivos, a fim de que os outros irmãos pudessem pelo menos ir à missa paroquial. Francisco, sempre obediente, aceitava de bom grado aquele encargo dizendo:

---

<sup>14</sup> No vale Stura existe uma variedade de ovelha autóctone, a *pecora Sambucana* (ou *Demontina*), de tamanho médio-grande (peso 70-75 kg e 78 cm de altura na cernelha). «A sua grande agilidade permite-lhe percorrer íngremes canais, escarpados declives, atravessar paredes rochosas seguindo inteligentemente *les draios*, as veredas cavadas na rocha para chegar aos cumes e pastar os últimos tufos de erva especialmente saborosa». Nos meses inverniais as ovelhas são mantidas nos estábulos, aguardando a tosquia e o nascimento dos cordeiros; da primavera aos fins do outono são mantidas nas montanhas alpestres de alta quota, cf. J. ERRANTE, *Le razze ovine autoctone a rischio del Piemonte*. Scheda informativa, Reggio Emilia, Associazione RARE, 2006, 3-4; *Mai gridare al lupo, la convivenza possibile*, Supplemento a «Piemonte parchi» 13 (1998) 3, 24.

<sup>15</sup> Cf. *Lc* 18,1.

<sup>16</sup> «Era de fato costumeiro, naqueles tempos, confiar as ovelhas e as cabras das várias famílias a um ou mais encarregados de as conduzir às pastagens comunais, prevalentemente nas zonas mais elevadas e incômodas. Eram numerosas também as famílias que só podiam dispor de poucas ovelhas [...]; de comum acordo, era portanto confiado o encargo a alguma família de confiança que, mediante pequena remuneração, de manhã procedia à recolha dos vários rebanhos para, à noite, os conduzir de novo, depois do pasto, aos respectivos redís» (A. MARTINI, *Vita del giovane Francesco Besucco, pastorello di Argentera, allievo di don Bosco*, Cuneo, Tipografia Subalpina 1977, 34).





– Se hoje não puder ir à missa, procurarei santificar o dia de outra forma. Tu, porém, dizia ao irmão, recorda-te de mim na igreja.

Ao chegar a hora da missa, costumava conduzir o rebanho para lugar seguro e depois fazendo uma cruz sobre algum objeto, ajoelhava diante dela para ali fazer oração ou leitura. Por vezes ia esconder-se numa cova na montanha onde se prostrava diante de alguma imagem sagrada que sempre conservava num livro de piedade, rezava as mesmas orações como se estivesse realmente nas funções da igreja: depois fazia a Via-Sacra.

À noite, cantava sozinho as vésperas, rezava o terço e era para ele uma grande festa quando encontrava companheiros que lhe ajudavam a louvar a Deus. Nestas atitudes, foi pelos mesmos companheiros muitas vezes surpreendido em oração e meditação tão fervorosa, que o seu semblante parecia o de um anjo. Se lhe sucedia encontrar companheiros compreensivos, pedia-lhes que deitassem um olho às suas ovelhas dizendo ter alguma coisa a fazer e assim se afastava por um certo tempo. Mas sabendo os companheiros do seu hábito, na maior parte das vezes disponibilizavam-se de boa vontade.

Mais tarde recordava ele com muito gosto as pastagens do Roburent e do Drec<sup>17</sup>, que são as montanhas nas quais Francisco costumava conduzir o rebanho à pastagem.

– Quando me encontrava, costumava ele dizer, na solidão do Roburent<sup>18</sup> experimentava também ali as minhas delícias. Lançava os olhos por aquelas profundas escarpas, que arrastavam o meu olhar numa espécie de voragem; e isso recordava-me os escuros abismos e as eternas escuridões do inferno. Alguma ave da parte baixa dos vales voava por vezes até por cima da minha cabeça; e isso fazia-me vir à mente que da terra devemos elevar os nossos afetos do coração ao alto para Deus. Contemplando o sol a despontar sobre a manhã, dizia no meu coração: “Eis a nossa vinda ao mundo”. O pôr do sol anunciava-me a brevidade e o fim da vida que vem sem darmos conta. Quando me punha a contemplar os altos cumes da Madalena e de outras montanhas cobertas de neve, vinha-me à mente

<sup>17</sup> Dom Bosco escreve: «do Roburento e do Dreco», italianizando as informações fornecidas pelo arcepreste de Argentera («Roburent e Drec eram os nomes da montanha onde o nosso inocente Francisquinho conduzia os animais ao pasto», ASC A1010912: lett. F. Pepino - G. Bosco, 6 giu. 1864).

<sup>18</sup> *Roburent*: as pastagens comunais encontravam-se a nordeste de Argentera, no grande vale de Rio Roburent, afluente do Stura que brota de uma nascente situada a 2.178 m de altitude, num esplendoroso cenário caracterizado por três pequenos lagos alpinos situados por baixo do *Colle Roburent* (2.496 m), ficando sobranceiro o imponente castelo rochoso do monte Oronaye (3.100 m). *Drec*: outra pastagem comunal no lado sul das vertentes do monte Roburent (o nome deriva do termo dialetal *drech* ou *dreit*, que indica a vertente soa-lheira da montanha, “direito” ao sol).





a inocência da vida que nos eleva até Deus e nos merece as suas graças, as suas bênçãos, o grande prêmio do paraíso. Depois destas e de outras considerações voltava-me para o seio de alguma montanha e punha-me a cantar loas a Nossa Senhora. Aquele era para mim um dos mais gratos momentos, pelo fato de eu cantar e o eco da montanha repetir a minha voz e eu sentia-me feliz como se os anjos do paraíso me ajudassem a cantar as glórias da grande Mãe de Deus.

Eram estes os sentimentos que enchiam o coração do piedoso pastorinho, quando conduzia as ovelhas às montanhas donde não podia deslocar-se a tomar parte nas sagradas funções da igreja.

Mas à noite, logo que chegava a casa, descansava um pouco e corria logo para a igreja para compensar (são palavras suas) a falta de devoção daquele dia. Oh quanta desculpa terá pedido naquelas visitas a Jesus sacramentado!

Nunca deixava de fazer o sinal da santa cruz e de recitar alguma oração quando passava diante de alguma igreja e muito mais se ali se encontrava o SS. Sacramento.

Se guardava apenas o rebanho dos pais, como na primavera e no outono, então de acordo com os pais conduzia as suas ovelhas para casa ou confiava-as a outros companheiros para ir às celebrações paroquiais da manhã e da tarde. Oh porque é que nem todos imitamos tão santo empenho do nosso Francisco para não faltar aos deveres de religião nem aos afazeres de casa?! Infelizmente se verifica que muitos se dispensam por motivos fúteis de frequentar as funções paroquiais nos dias festivos. O exemplo do bom juvenzinho dá mais força às recomendações dos sacerdotes que pregam e inculcam a santificação dos dias festivos.





## Capítulo VIII

### **Conversas | Porte na igreja | Visitas ao SS. Sacramento**

Nas conversas e nos recreios com os companheiros, era mais jovial do que os outros. Escolhia de ordinário os divertimentos que aumentam a resistência física, costumando dizer aos companheiros e aos pais:

– Treino-me a tempo para quando for para o serviço militar e serei certamente um bom atirador<sup>19</sup>.

Fugia das discussões e, para as evitar, tolerava por vezes insultos e maus tratos. Com frequência, para não entrar em contendas, deixava a companhia barulhenta e regressava apressado a casa. Tal prudência usou sempre para evitar qualquer conversa que pudesse redundar em descrédito de alguém, aproveitando ao invés as frequentes ocasiões de louvar as virtudes dos outros. Se o corrigiam de alguma das suas criancices, nunca se ofendia nem respondia torto, mas, baixando a cabeça, mostrava o seu arrependimento; costumava dizer:

– «Esta correção é sinal do amor que me têm». Se durante o recreio ouvia tocar para as aulas, para a missa, para as sagradas funções, ou a voz dos pais a chamá-lo para casa, não se demorava, dizendo:

– Estes chamamentos são outras tantas vozes de Deus que requerem de mim pronta obediência.

Desde pequeno, como acima se disse, começou Francisco a mostrar extraordinário respeito e veneração pela santa casa de Deus. Mal chegava à porta da mesma, a sua face assumia um aspecto sério adequado ao lugar santo. Desejando ser o primeiro a chegar à sacristia para ajudar à missa, aconteceu-lhe por vezes correr na igreja sem pensar, mas bastava um olhar do pároco ou de outra pessoa para lhe fazer compreender a sua atitude precipitada: por causa disso impunha-se logo alguma penitência, fazendo uma visita ao SS. Sacramento, ou ficando por tempo razoável sozinho a rezar na igreja em posição incômoda, ou de braços em forma de cruz, ou de mãos debaixo dos joelhos.

– Quanto desafio, diz o pároco, me ocorreu ver na sacristia entre Francisco e outros juvenzinhos para ver qual ia ajudar à missa! Não raro, sucedia que eu mesmo para pôr à prova a sua virtude e para evitar a aparência de

---

<sup>19</sup> O corpo dos atiradores, fundado em 1836 por Alessandro La Marmora como especialidade da arma de infantaria, era constituído por homens cuidadosamente selecionados por agilidade e resistência física, treinados no tiro e destinados a intervenções rápidas de distúrbio.





parcialidade, por ser meu afilhado, preferia outros a ele, embora tivessem chegado ao mesmo tempo à igreja. Ficava, é verdade, bastante confuso e mesmo a chorar mas, bem longe de se mostrar ofendido, via-o com igual devoção na santa missa. “Pois bem, hei de compensar-me desta mortificação, dizia aos companheiros, amanhã serei o primeiro a chegar”, e era-o quase sempre. Estes foram talvez os únicos atritos com os seus companheiros. De então em diante, animados pelo exemplo de Francisco, muitos continuam a mostrar pelo serviço da santa missa aquele zelo que ele lhes infundiu.

De ordinário conservava as mãos postas e de olhos fixos na sagrada custódia, ou no sacerdote celebrante, ou então lendo algum livro piedoso. Era comovente vê-lo mesmo que fosse apenas a servir as galhetas. Os seus lábios estavam em contínuo movimento de oração enquanto as suas mãos serviam ao altar. Via-se de olhos baixos, de semblante recolhido, de passo grave a exercer o seu ofício de ministro, como se fosse já um clérigo perfeitamente formado nas cerimônias da igreja. Não contente por prestar a Jesus sacramentado toda a honra de que era capaz, Francisco procurava também com as suas boas maneiras fazer com que os seus companheiros O honrassem. Por isso em todas as festas ia à sacristia pedir livros de devoção preparados de propósito para ele próprio dar aos seus companheiros, a fim de que participassem com devoção na santa missa e não se distraíssem durante as vésperas.

– Mas, meu caro, por que choras tanto? – perguntou-lhe não raras vezes o pároco.

– Tenho motivo para isso, respondia, porque alguns não querem aceitar o livro e eu sei que o não têm e vejo-os a olhar para um lado e para o outro sem rezar.

Só se consolava quando lhe pediam os livros. Prestava-se de bom grado para todos os serviços da igreja. Preparava as brasas para a bênção, a água e o vinho para a santa missa e antes disso tinha o surpreendente encargo de cuidar que nada faltasse para o decoro das funções. Em suma, podia dizer-se transplantado para a casa do Senhor.

Era seu costume não só participar todos os dias nas funções paroquiais, bem como fazer todos os dias a visita ao Santíssimo Sacramento. Ia também prostrar-se diante do altar consagrado a Maria Santíssima aí permanecendo não raro longas horas. Não só o pároco, mas também muitos dos seus companheiros, atestando tê-lo visto nestas visitas em atitude tão devota que parecia extático. Rezava todos os dias a oração *Ó Senhora minha...* etc.<sup>20</sup>, com uma Ave-Maria e a invocação *Sancta Maria Auxilium chris-*

<sup>20</sup> *Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria*: tradução da oração latina *Memorare*, erroneamente atribuída a São Bernardo, usada por São Francisco de Sales e popularizada por Claude Bernard (1588-1641): «Lembrai-Vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu





*tianorum, ora pro nobis*<sup>21</sup>. Ensinava esta oração aos seus companheiros para que todos a aprendessem e a rezassem com frequência. Nas festas, então, e frequentemente também nos dias feriais, além da habitual visita, gostava de rezar as orações da noite na igreja, bem como todas as suas outras orações prediletas que por esquecimento ou por impotência tivesse descuidado durante aquela semana, com admiração de quantos viam tanta virtude num juvenzinho de tão tenra idade.

---

dizer que algum daqueles que tenha recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência, e reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado eu, pois, de igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de Vós me valho e, gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro aos Vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo. Amen». cf. J. DEDIEU, *Bernard (Claude)*, in *Dictionnaire d'histoire et de géographie ecclésiastique*, Paris, Letouzey et Ané, 1935, vol. 8, 771-772.

<sup>21</sup> No manuscrito do padre Pepino lê-se: «*Sancta Maria refugium peccatorum, ora pro nobis*» (ASC A2280701, p. 11). Quando Besucco entrou no Oratório, Dom Bosco tinha dado início às escavações para a construção do santuário da Auxiliadora; assim ele preferiu colocar nos lábios do rapaz a invocação que tencionava divulgar através dos fascículos das *Lecture Cattolice*.





## Capítulo IX

### O crucifixo bendito | O terço | A presença de Deus

Aqui parece vir a propósito recordar como Francisco era muito devoto do crucifixo miraculoso que desde tempos imemoriais se venera na Confraria dos Penitentes de Argentera, de Sambuco, Pietraporzio, Pontebernardo e Bersezio. A este crucifixo ocorre ao longo de todo o ano grande número de pessoas para obter a fertilidade dos campos por ocasião de secas ou de chuvas demasiado prolongadas<sup>(22)</sup>. É raríssimo o caso em que vindo em procissão a pedir favores, não tenham sido atendidos. Não conseguia ainda o piedoso rapaz pronunciar distintamente as duas palavras: «Bendito Cristo» (nome que se dá ao crucifixo miraculoso), e já pedia aos pais um Pai-Nosso ao *bep Crist*. Nasceu com ele esta devoção. Além das frequentes visitas, rezou o terço na mesma confraria por três anos (1861-62-63) nas noites de verão. Para atender a este piedoso desejo do terço e para ouvir a santa missa todos os dias, por vezes esquecia-se do almoço ou da ceia, dizendo querer pensar primeiro na alma do que no corpo. Esta sua mortificação para atender aos atos de piedade havia-se tornado tão habitual, que os próprios pais tinham muito cuidado para não lhe dar ocasião. Terminado o terço, Francisco não saía com os outros da igreja, mas continuava lá por bastante tempo a fim de satisfazer o seu ardente desejo de honrar a Deus do seu modo especial favorito, como muitas vezes o atestou o seu pároco, assegurando também que sempre sentia estar realmente na presença de Deus.

O pensamento da presença de Deus tornou-se-lhe tão familiar nos últimos anos da sua vida que podia dizer-se em contínua união com Ele. Agora que Francisco já não está entre nós, escreve o pároco, parece-nos todavia vê-lo no seu lugar junto dos sagrados altares, ouvi-lo a dirigir as orações públicas, tão habituados estávamos a vê-lo por ocasião de qualquer exercício de piedade cristã. No ano de 1860, convidado a ajudar na *Opera pia della devozione a Maria Santissima* no mês de maio, prestou-se para isso cheio de boa vontade. Todas as noites do mês rezava publicamente o terço, além das habituais e especiais orações que a sua voz clara rezava e que os fiéis acompanhavam. Havia grande frequência de pessoas e todas admiravam a extraordinária devoção que brilhava no nosso Francisco. Se o pároco precisava de ajuda no desempenho das suas funções ou para animar algum doente à confissão ou prepará-lo para receber o viático, recomendava tudo às orações de Francisco e estava seguro do bom resultado. Aconteceu de fato um caso particular de um indivíduo, conhecido de todos como descuidado nas coisas da alma, que na sua última doença não queria reconciliar-se com Deus. Mas com grande surpresa bem depressa acedeu, depois de o pároco o ter recomendado às orações de Francisco.

<sup>22</sup> «Veja no fim do livro, em forma de *Apêndice*, a história do crucifixo bendito»: nota ins. ed. <sup>2</sup>1878.





## Capítulo X

### **Dá catequese | O jovem Valorso**

Faltando o catequista habitual das crianças nos dias festivos, Francisco substituiu-o por quatro anos. Tanto empenho e tanta solicitude mostrava nesta tarefa, que as próprias crianças o desejavam, manifestando grande respeito por ele. Por isso já desde há três anos era escolhido pelo pároco para dar catequese num numeroso grupo na Quaresma. Apesar de o seu grupo estar contente, bem longe de ir divertir-se com os seus companheiros, convidava-os a acompanhá-lo a ouvir a explicação que se dava do catecismo ao grupo dos mais crescidos. Nesta instrução e em todas as prédicas ficava literalmente suspenso dos lábios do sacerdote. Não raro aconteceu que no fim da prédica chamava o pároco à parte para lhe perguntar de que maneira poderia ele cumprir as prédicas ouvidas.

Ao chegar a casa tinha o costume de contar aos pais e a toda a família aquilo que tinha ouvido na igreja. Todos ficavam encantados ao ver um juvenzinho de tão tenra idade recordando-se de tantas coisas.

Nesta como em todas as outras suas práticas religiosas acompanhava outro seu companheiro e primo de Argentera falecido em 1861 de nome Estêvão Valorso. Este era tão amante das práticas de piedade, que a sua perda foi sentida em toda a localidade. Reuni então, diz o pároco, vários juvenzinhos e perguntei se havia algum que se sentisse com coragem de substituir na diligência e na prática dos exercícios de piedade na igreja o saudoso e piedoso juvenzinho. Olharam por instantes uns para os outros e logo os olhares de todos se voltaram para Francisco. De rosto ruborizado de pudor, mas de ânimo resoluto, avança em direção a mim dizendo:

– Aqui estou, pronto a substituir o meu primo nas práticas de piedade que me forem indicadas. Naquilo que puder, prometo e quero não só imitar a diligência nos serviços da igreja prestados pelo meu falecido primo, mas se Deus me conceder essa graça, espero superá-lo. Uso as suas vestes, que me foram oferecidas, e espero vestir-me também de todas as suas virtudes.

Francisco começou a sua piedosa carreira convidando os seus companheiros a fazer uma novena de orações no altar de Maria Santíssima pela alma do referido Valorso, assistindo diariamente à santa missa. Quem então diria que depressa outra novena se faria neste mesmo altar em sufrágio da sua alma, dele que teve a ideia de a lançar? Fiz menção deste fato para dar a conhecer a grande disponibilidade do nosso Francisco em tudo aquilo que pudesse redundar em honra de Deus e em vantagem das almas dos falecidos.





## Capítulo XI

### A Santa Infância | A Via Crucis | Fuga dos maus companheiros

No ano de 1857 inscreveu-se na *Pia Opera della Santa Infanzia*<sup>23</sup>. Sentia-se muito feliz por se ter inscrito, mas um espinho lhe feria o coração por não dispor do dinheiro que cada um devia mensalmente pagar<sup>24</sup>. O pároco apercebeu-se disso e depressa o libertou de qualquer preocupação a esse respeito, oferecendo-lhe o que era necessário para tal fim, o que fazia com muito gosto para assim premiar o seu louvável comportamento. Gostava de ler os anais da associação e sentia-se muito feliz por ver a piedosa solicitude e as iniciativas de tantos garotos em apoiar tal obra. Não raro Francisco chorava com pena de não poder levar aos pobres meninos infiéis aquele socorro que desejava. Ora para compensar a escassez dos seus meios materiais para o bem desta obra oferecia a Deus fervorosas orações e procurava que outros nela se inscrevessem, narrando especialmente aos companheiros os exemplos de muitos meninos que tinham sido salvos.

No ano de 1858, vencendo todo o respeito humano acrescentou às suas devoções a de fazer em todas as festas a *Via Crucis* depois da missa paroquial. Manteve esse costume até que partiu para o Oratório. Mas a admirável devoção com que realizava esta prática religiosa tornou-o não raras vezes objeto de desprezo para alguns companheiros. Viram na devoção de Francisco uma amarga censura à sua conduta pouco cristã e por isso apelidando-o de impostor, de beato, sujeitaram-no a uma espécie de perseguição a fim de o desanimar no exercício das suas belas práticas de piedade. Mas animado pelos pais e confortado pelo confessor não ligou a nenhum e desprezando os boatos, os escárnios dos maus evitava até se encontrar com eles, e continuou sempre com intrepidez a fazer a *Via Crucis* com grande edificação e proveito dos numerosos fiéis que nela participavam. Desde aquele tempo costumava dizer com frequência às irmãs que ele não ligava a nenhum boato do mundo e que também elas não se deixassem intimidar em fazer o bem. Respondendo a elas que alguns lhe davam o título de fradinho, beato, etc., dizia:

– E sabeis por que sou assim ridicularizado pelo mundo? Porque me decidi a já não pertencer ao mundo. Nós estamos no mundo para agradar e servir uni-

<sup>23</sup> *Obra da Santa Infância*: fundada em 1843 por mons. Charles de Forbin-Janson (1785-1844), bispo de Nancy e Toul para envolver também as crianças na sensibilidade missionária («As crianças ajudam as crianças»), teve grande difusão nas paróquias e nas instituições religiosas do Piemonte, cf. A. BRESSOULES, *Forbin-Janson (Charles de)*, in *Dictionnaire d'histoire et de géographie ecclésiastique*, Paris, Letouzey et Ané, 1971, vol. 17, 1001-1004.

<sup>24</sup> *Soldo*: assim era designada no Piemonte a moeda de 5 cêntimos. Naqueles tempos o pagamento diário de um pedreiro era de 30 soldos (1,50 liras).





camente a Deus e não para servir e agradar ao mundo. Procuremos então ganhar só o paraíso. Este é precisamente o fim pelo qual Deus nos coloca no mundo.

Com estes santos pensamentos na mente e nos lábios, quando ouvia alguém a desaprovar o bem que fazia, virando-lhe as costas em resposta retirava-se para casa dos pais; pondo assim em prática o que todas as manhãs dizia ao levantar-se: *Deixa o mundo que te engana*. Por isso não amava o mundo maligno, porque Francisco estava separado do mundo.

Nas conversas familiares em que o seu pároco gostava de se entreter com ele, muitas vezes lhe perguntava se ainda demoraria muito o dia por ele tão desejado em que pudesse também se abeirar da sagrada comunhão. Talvez em breve, respondia o pároco, se estudares bem o catecismo, e se me deres sempre boas provas do progresso que fazes na virtude. Tardaram poucos meses que o jovemzinho casto qual outro José<sup>25</sup> em prêmio da sua virtude merecesse ser admitido às núpcias do Cordeiro imaculado<sup>26</sup>, sem olhar tanto à tenra idade de oito anos e seis meses.

Encontrando-se de guarda às ovelhas com outros dois garotos pouco mais novos do que ele nuns campos próximos da localidade, na primavera de 1858, estes fizeram alguns atos imodestos na presença do nosso Francisco. Ofendido com aquele indigno procedimento repreendeu-os asperamente dizendo:

– Se não quereis fazer-vos bem com o bom exemplo, pelo menos não deis escândalo. Faríeis isso na presença do nosso pároco ou dos nossos pais? Se não tendes coragem de o fazer diante dos homens, como ousareis fazê-lo na presença de Deus?

Mas quando viu que as suas palavras eram inúteis, muito indignado afastou-se da má companhia. Mas quê? Um daqueles celerados vendo-o a fugir correu atrás dele para o induzir ao mal. O pobre Francisco, vendo-se perseguido, parou e enfrentou o sedutor a pontapé, a murro e à bofetada. Nem assim conseguindo libertar-se do perigo, serviu-se de um meio mais para admirar do que para imitar. Chegou junto de um montão de pedras e pôs-se a gritar:

– Ou te afastas ou te parto a cabeça.

Dito isso, como que furioso, começou com todas as suas forças a atirar pedras contra o inimigo da sua alma. O companheiro, depois de ter recebido alguns ferimentos na face, nas costas e na cabeça, fugiu. Então Francisco, assustado com o perigo, mas contente pela vitória alcançada, dirigiu-se apressadamente para casa a fim de se pôr a salvo e de agradecer a Deus que o tinha livrado do perigo.

Quem narra este fato, diz o pároco, assistiu a ele do princípio ao fim de um lugar que ficava apenas a 50 metros de distância e foi mesmo presenciado para ver até que ponto chegava a virtude de Francisco.

<sup>25</sup> Cf. Gn 39,7-20.

<sup>26</sup> Cf. Ap 19,9.





## Capítulo XII

### **A primeira comunhão | Frequência deste sacramento**

No dia seguinte, interrogado pelo pároco acerca do caso narrado, respondeu todo comovido:

– «A graça de Deus livrou-me daquela má ocasião e não andarei mais com semelhantes companheiros». Como prêmio da coragem demonstrada naquele perigoso encontro, o pároco assegurou-lhe que o admitiria o mais depressa possível a fazer a sagrada comunhão. Muito contente com aquela promessa, começou desde aquele dia a preparar-se, quer mediante a fuga de qualquer pequeno defeito que descobrisse, quer mediante a prática daquelas virtudes que eram compatíveis com o seu estado. Na sua simplicidade pedia muitas vezes ao pároco e aos pais que o ajudassem nessa tarefa e dizia:

– Quando me aproximar da sagrada comunhão, imaginarei que recebo Jesus sacramentado das mãos de Maria Santíssima a quem agora sinto mais vontade de me recomendar.

Recomendou-se, com grande urgência, à vigilância de um companheiro muito dado à devoção, a fim de que vigiasse sobre ele atentamente para que não cometesse nenhuma irreverência. A sua preparação não podia certamente ser melhor, visto que dos depoimentos dos pais, do professor e do próprio pároco consta que o nosso Francisco em todo o tempo que viveu em família nunca cometeu coisa alguma que possa considerar-se falta venial deliberada. A bela estola da inocência foi a primeira e a mais importante preparação que ele levou na sua primeira comunhão.

Depois de comungar parecia extático: a sua face mudou de cor, no seu rosto transparecia a plenitude da alegria do seu coração e os atos de amor para com Jesus no sacramento feitos em tal ocasião foram proporcionais à diligência com que se preparou para O receber.

Desde então se abeirava todos os meses do sacramento da Penitência e recebia a comunhão quando o confessor autorizava. Nos últimos anos ele próprio orientou os mais novos ajudando-os a preparar-se e a fazer a ação de graças. Depois da comunhão, com o máximo recolhimento, participava na santa missa, e naquela manhã nem lhe pediram para ajudar a fim de poder estar mais recolhido. Durante a missa, todo absorto a contemplar, como ele dizia, a infinita condescendência de Jesus, nem o habitual livro de devoção lia, mas empregava aquele precioso tempo, de cabeça entre as mãos, em contínuos atos de amor a Deus.

Antes de sair da igreja, foi com os outros companheiros ao altar de Maria Santíssima para agradecer a assistência que dela tinham recebido e para rezar com voz clara e emocionada *Ó Senhora minha* e diversas





outras orações. Foi neste fogo que o nosso Francisco tanto se inflamou de amor de Deus que nada mais desejava neste mundo do que fazer a santa vontade divina.

– Fico fora de mim, dizia, ao considerar como no dia da comunhão sinto tão forte desejo de rezar. Parece-me falar pessoalmente com o meu próprio Jesus.

E bem podia dizer-Lhe: *Falai, Senhor, que o vosso servo escuta*<sup>27</sup>.

O seu coração estava vazio das coisas do mundo e Deus enchia-o das suas graças. O dia da primeira comunhão passara-o unicamente em casa e na igreja, para onde convidava também outros amigos a ir à noite a fim de terminar bem aquela solene jornada.

Nos últimos anos era animado a abeirar-se da sagrada comunhão todos os domingos e, ocorrendo alguma solenidade, também no decurso da semana, mas não ousava aproximar-se sem antes se ter confessado. Era tão grande a sua humildade, que nunca se julgava suficientemente purificado: por outro lado, ao aceno do confessor punha de parte toda a perplexidade e em tudo lhe professava obediência cega e igual docilidade.

---

<sup>27</sup> 1 Sam 3,9.





## Capítulo XIII

### **Mortificações | Penitências | Guarda dos sentidos | Aproveitamento escolar**

Estas suas raras virtudes eram defendidas, por assim dizer, com um contínuo espírito de mortificação. Desde pequeno costumava jejuar rigorosamente uma boa parte da Quaresma. Às pessoas da família que consideravam excessivos para a sua tenra idade aqueles jejuns, costumava responder:

– Para o céu não se vai sem mortificação; por isso, velhos e novos, se querem ir para o céu, têm de ir pela via da mortificação. Esta mortificação também é necessária aos juvenzinhos, quer para pedir perdão a Deus pelos muitos desgostos que Lhe dão com os seus frequentes defeitos, quer para se treinar para aquela vida mortificada que é necessária a todos para se salvar. Com frequência me dizeis que tenho muitos defeitos: por isso quero também jejuar.

Estas e outras sábias observações fazia Francisco, como abundantemente testemunham os seus pais, irmãos e irmãs.

Guiado pelo mesmo espírito de mortificação, sabia guardar os seus olhos dos olhares perigosos e os ouvidos das conversas inconvenientes a qualquer cristão, a língua das palavras inconsideradas. Se alguma vez por inadvertência lhe escapavam palavras menos exatas, por si mesmo se impunha alguma penitência, castigando a sua língua a marcar no pavimento muitas cruzes<sup>28</sup>. Não raras vezes, disso foram testemunhas oculares os seus pais, que o descobriam naquele exercício voluntário de mortificação. Um dia estes perguntaram-lhe se aquela penitência lhe era imposta pelo confessor.

– Não, ingenuamente respondia, mas vendo a minha língua demasiado solta para expressões inconvenientes, quero arrastá-la voluntariamente na

---

<sup>28</sup> Resto de exercícios penitenciais antigos. Santo Afonso sugeria «arrastar a língua» pelo pavimento da igreja no fim das missões populares, como rito coletivo de penitência reservado só aos homens: «Torna-se muito útil para aqueles que têm o mau hábito de dizer blasfêmias e palavras desonestas». Os pregadores davam exemplo, acompanhando o gesto com exortações: «Levanta os olhos, meu irmão, contempla a imagem deste homem suspenso desta cruz, depois de ter sido flagelado, coroado de espinhos e todo chagado da cabeça aos pés [...]. Pois bem, esta noite podeis compensar [...], primeiro chorando os desgostos que destes a este bom Deus que morreu por vós; e depois castigando e arrastando um pouco pelo chão essa língua que pôs tanto fel na boca de Jesus Cristo» (ALFONSO MARIA DE' LIGUORI, *Selva di materie predicabili ed istruttive*, in *Opere di S. Alfonso Maria de' Liguori*, vol. III: *Opere ascetiche*, Torino, Giacinto Marietti 1880, p. 197). O rito no século XIX tinha caído em desuso, sendo desaconselhado pelos moralistas; mas havia ainda professores que na escola impunham aos garotos que fizessem uma cruz com a língua no pavimento em penitência pelas palavras torpes, blasfêmias ou respostas impertinentes.





lama, para que ela não me arraste a mim para o fogo eterno. Faço também esta penitência para que Deus me conceda a graça de ir para aquele lugar para o qual o meu padrinho disse enviar-me para poder estudar.

Como se todas estas santas iniciativas não bastassem para o livrar da terrível corrupção que se nota nas conversas, o piedoso juvenzinho, nos últimos anos da sua vida em família, raramente se juntava aos companheiros, procurando entreter-se só com aqueles com os quais tinha a certeza de não correr qualquer perigo para a sua alma.

Crescia cada vez mais nele o desejo de vir para o Oratório de São Francisco de Sales<sup>29</sup>, mas havia uma dificuldade. Para ser admitido como estudante nesta Casa é necessário que os garotos tenham feito pelo menos o curso da escola elementar exigido para entrar na primeira classe ginásial<sup>30</sup>. Mas as escolas da aldeia davam só até a primeira e alguma matéria da segunda elementar. Como ultrapassar então esta dificuldade? Ultrapassaram-na o bom comportamento de Besucco e a caridade do seu pároco. Este não hesitou em acrescentar às suas tarefas paroquiais também o peso das aulas diárias para Besucco e para outros juvenzinhos que davam boas esperanças. O bom do Francisco exultou perante o convite do amado padrinho e com a autorização dos pais começou a frequentar aquelas aulas com mais entusiasmo e com mais diligência, a fim de corresponder ao favor que lhe era feito. Com que aproveitamento o fez, comprovou-o depois o fato de ter sido admitido à primeira classe ginásial<sup>31</sup>. Quantas vezes, de lágrimas nos olhos, prorrompia nestas expressões de agradecimento ao seu pároco:

<sup>29</sup> «A palavra *Oratório* toma-se em vários sentidos. Se se considera como reunião festiva, entende-se um lugar destinado a recrear com divertimentos agradáveis os garotos, depois de terem cumprido os seus deveres religiosos. Deste gênero são, em Turim, o Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco, de São José em São Salvario, de São Luís perto da alameda dos plátanos, do Santo Anjo da Guarda em Vanchiglia, de São Martinho próximo dos moinhos municipais. Também se chamam oratórios feriais as aulas diurnas e noturnas que nos ditos lugares se dão ao longo da semana para aqueles garotos que, por falta de meios, ou por falta de material, não podem frequentar as aulas da cidade. Tomando depois a palavra Oratório em sentido mais amplo, entende-se a casa de Valdocco em Turim conhecida sob o nome de *São Francisco de Sales*. Os garotos podem ser recebidos nesta casa como artesãos ou como estudantes. Os artesãos devem ter cumprido 12 anos e não ultrapassar os dezoito, ser órfãos de pai e de mãe, totalmente pobres e abandonados. Os estudantes, por sua vez, não podem ser admitidos se não tiverem feito com sucesso pelo menos a 3ª elementar e se não forem de modo excepcional recomendáveis por inteligência e por moralidade. Para os artesãos a instrução moral e científica, a admissão às aulas e aos divertimentos, a aceitação são gratuitas. Também se aceitam gratuitamente os estudantes para o curso ginásial, contanto que, como se disse, sejam de modo excepcional recomendáveis por moralidade e por aptidão para os estudos e façam constar que não podem pagar, nem na totalidade nem em parte, a pensão regular que seria de 24 francos mensais» (nota ins. ed. 1864).

<sup>30</sup> *ginásial*: corr. ed. 1864 «de latínidade».

<sup>31</sup> *ginásial*: corr. ed. 1864 «latina».





– Como poderei corresponder a tanta caridade que recebi!

Tinha por isso assumido o compromisso de todos os dias, antes das aulas, ir impreterivelmente diante do altar de Maria Santíssima, e ali, prostrado com a confiança de um filho, recomendava-se à Sede da Sabedoria a si próprio e a quem lhe dava aulas.

– Que colóquios tinha então o nosso Francisco, diz o seu pároco, não sei; o certo é que muitas vezes ao sair da igreja foi visto com os olhos banhados de lágrimas, sinal evidente da comoção sentida. Convidado a explicar o motivo daquela situação, respondia: “Venho agora de rezar a Maria Santíssima por si, caro padrinho, para que receba de Deus aquela recompensa que não sou capaz de lhe dar”.

Em todo o tempo em que frequentou as minhas aulas, afirma o mesmo, nem uma única vez me deu motivo para o repreender pela sua negligência, porque fazia tudo o que podia para corresponder aos cuidados de quem o instruía.





## Capítulo XIV

### **Desejo e deliberação de ir para o Oratório de São Francisco de Sales**

Nesta altura o pároco escreveu-me a recomendar um seu paroquiano de conduta exemplar, pobre de bens de fortuna, mas muito rico de virtude. Este juvenzinho, dizia ele, há vários anos que me enche de satisfação e me ajuda nas coisas paroquiais. Ajudar à missa, tomar parte nas funções da igreja, dar catequese aos menores, rezar com grande fervor, frequentar de modo exemplar os santos sacramentos é, em resumo, o que faz constantemente. Privo-me dele de bom grado, porque espero fazer dele um ministro do Senhor.

No desejo de cooperar para a educação de tão querido juvenzinho aceitei-o de bom grado nesta casa. Também me tinha sido recomendado pelo senhor Eyzautier, lugar-tenente da guarda real<sup>32</sup>, que o tinha recomendado como um modelo pelo estudo e pela conduta moral.

– A esta notícia já não pôde responder-me o inocente juvenzinho, diz o pároco, a não ser com as lágrimas que exprimiam toda a sua alegria e a sua gratidão.

Mas aqui surgiu mais uma grave dificuldade para a execução do desígnio previsto, refiro-me à pobreza dos pais, que se debatiam entre as boas qualidades do seu filho e a sua falta de recursos materiais. Neste penoso estado de incerteza, o pároco animou-o a fazer frequentes visitas a Jesus Sacramentado e a Maria Santíssima pedindo instantemente qual era a vontade de Deus a seu respeito.

– Mas pede, disse ele, que te mostrem a tua vocação de modo claro para não falhar em assunto de tanta importância.

Deus atendeu as suas inocentes orações. Uma manhã, depois de ter recebido a sagrada comunhão, vindo depois da missa à aula habitual, pareceu mais contente do que de costume.

– Pois bem, disse-lhe o pároco, que boas novas me trazes esta manhã, Francisco? Tiveste alguma resposta aos teus pedidos?

– Sim, desta vez tive e foi deste modo. Depois da comunhão fiz as mais sinceras promessas de querer servir a Deus para sempre e de todo o

---

<sup>32</sup> *Giovanni Stefano Eyzautier*, natural de Bersezio, localidade da comuna de Argentera, amigo do padre Pepino, medalha de prata pelo valor militar, era lugar-tenente (guarda de 1.ª classe) da Companhia das Guardas de Corpo de Sua Majestade (cf. *Annuario ufficiale dell'Esercito italiano 1864*, pubblicato per cura del Ministero della Guerra, Torino, Fodratti e Vercellino, 1863, 24-25).





meu coração, que já Lhe ofereci outras vezes. Supliquei também a Maria Santíssima para que me ajudasse nesta necessidade. Depois me pareceu mesmo ouvir estas palavras que me fizeram sentir uma felicidade imensa: *Tem coragem, Francisco, que o teu desejo será satisfeito.*

Era tão grande a sua convicção de ter ouvido esta resposta, que a confirmou muitas vezes mesmo na presença de toda a família e sem qualquer alteração. Dali em diante costumava dizer:

– Estou certo de ir para onde o senhor, caro padrinho, entende enviar-me, porque esta é a vontade de Deus.

E se de vez em quando os familiares punham em dúvida o seu consenso:

– Por amor de Deus, exclamava, por caridade não impeçais o meu destino, de outra maneira serei um jovem<sup>33</sup> desgraçado.

Por isso recomendava-se, ora à mãe, ao irmão e às irmãs, ora ao pároco e a outras pessoas, para que com a sua intervenção procurassem obter a autorização do pai, que de resto interiormente desejava satisfazer as justas aspirações do filho. Neste seu modo de proceder via-se bem clara a vontade do Senhor que chamava Francisco para a sua vinha<sup>34</sup>.

Por fins do mês de maio de 1863 por manifesta disposição da Divina Providência, tendo desaparecido toda a espécie de dificuldades, ficou decidido pelos pais enviar Francisco para o Oratório. Ele, desde aquela altura, manifestando aos pais o seu contentamento, dizia:

– Sou filho da sorte: oh quão feliz eu sou agora: ficai certos que eu quero reconfortar-vos com a minha conduta.

– Redobrando de fervor na piedade e no estudo, escreve o pároco, fez tanto progresso nos meses de junho e julho como faria no período de um ano.

Apercebendo-se disso ele próprio, dizia:

– O senhor arcepreste diz-me que está contente comigo, mesmo que agora eu não saiba explicar como em tão pouco tempo posso aprender a minha lição e este é sinal evidente de que faço nisso a vontade de Deus.

– Mas que recompensa me darás tu depois, acrescentava o arcepreste, por tudo quanto faço por ti? Ficas a saber que eu quero ser pago abundantemente.

– Sim, certamente, prometo rezar muitas vezes a Deus e a Maria Santíssima para que concedam todas as graças que deseja; tenha a certeza de que nunca me esquecerei de si, nem daqueles que daqui a pouco também serão meus pais. A gratidão era uma das características deste rapaz fantástico.

<sup>33</sup> *jovem*: corr. ed. 1864 «filho».

<sup>34</sup> Cf. *Mt* 20,1-16.





Estávamos no último dia de julho, véspera da partida do nosso querido Francisco para o Oratório. De manhã aproximou-se pela última vez em Argentera dos santos sacramentos.

– Com as lágrimas nos olhos vi-o pela última vez, diz o pároco, a reparar no confessional e nos altares, quem sabe com que pressentimento. Insólita alegria naquele rosto brilhou depois da comunhão. O fervor e o longo tempo de ação de graças compensaram por certo abundantemente as muitas comunhões que ainda julgava fazer nesta igreja. Todo aquele dia foi festivo para o nosso Francisco e não sou capaz, devido à emoção, de descrever a cena cheia de ternura que se verificou no meu gabinete. Aqui, na presença de seu pai, o meu querido afilhado, de joelhos, desfazia-se em atos de agradecimento pelos benefícios por ele ampliados, assegurando-me a sua eterna gratidão e obediência a todos os conselhos dados.

Em casa então já nem parecia deste mundo e a cada momento ia exclamando:

– Sou afortunado, sou feliz. Oh, quanto tenho que agradecer a Deus por me haver beneficiado tanto.

Despediu-se também de todos os seus parentes que ficaram estupefatos por ver o seu sobrinho e primo sentir no seu coração tanto contentamento.

– Mas depois, diziam-lhe, vais ficar aborrecido e triste por estar longe da tua família e, quem sabe, talvez vás sofrer com o clima demasiado quente de Turim no verão.

– Não, não tenham pena de mim; quanto aos pais, irmãos e irmãs, desde que tenham boas notícias minhas estarão contentes e eu tentarei confortá-los com as minhas cartas. Não tenho medo de sofrer e de estar triste, porque tenho a certeza de encontrar naquele lugar tudo o que me poderá fazer feliz. Imaginem como deve ser grande a minha alegria quando tiver a certeza de ficar no Oratório, se o simples desejo e a esperança de para lá ir me fazem já ficar fora de mim mesmo de consolação. Só vos peço que rezeis por mim para que eu possa fazer sempre a vontade de Deus.

Encontrando-me naquele dia na rua todo comovido, disse-me:

– Tenho muita pena de o deixar, mas reconfortá-lo-ei com boas notícias da minha parte.

Devido ao contentamento, não consegui fechar o olho naquela noite, que passou em contínua oração e união com Deus.





## Capítulo XV

### Episódios e viagem para Turim

De manhã cedo, despediu-se da sua querida mãe, dos irmãos e das irmãs que choravam, enquanto só ele, de ar sereno e tranquilo, embora comovido, animava a todos à perfeita resignação à vontade de Deus. Só então irrompeu em largo pranto, ao recomendar-se às suas orações para ser constante em corresponder à voz de Deus que o chamava para Si. O padrinho despediu-se dele com estas últimas palavras:

– Oh sim, vai, querido Francisco, aquele Deus que agora de maneira maravilhosa te tira dos nossos olhares terrenos, fá-lo para te chamar ao Oratório, em que poderá santificar a tua alma, imitando as virtudes que já conduziram ao paraíso os ditosos jovens Domingos Sávio e Miguel Magone, em cuja vida e morte preciosa bebeste nos últimos meses da tua morada entre nós aquele ardente desejo, que te conduziu ao providencial Oratório de São Francisco de Sales<sup>35</sup>.

Com um pequeno enxoval, o pai acompanhou Francisco a Turim e partiram no dia 1 de agosto de 1863. À medida que se afastavam de Argentera, o bom progenitor ia perguntando ao filho se não tinha pena de deixar a sua terra, a família e principalmente a mãe. Francisco respondeu sempre dizendo:

– Estou convencido de fazer a vontade de Deus indo para Turim e, quanto mais me afastar de casa, mais aumenta o meu contentamento.

Terminadas aquelas respostas momentâneas, continuava a rezar e, assegurou o pai, que a viagem de Argentera a Turim foi para Francisco quase uma contínua oração.

No dia 2 de agosto chegaram a Cuneo por volta das 4 horas da manhã<sup>36</sup>. Passando diante do palácio episcopal, Francisco perguntou:

– De quem é esta bela casa?<sup>37</sup>

<sup>35</sup> O pároco entregou-lhe um atestado de bom comportamento para os superiores do Oratório, acompanhado de uma carta para Dom Bosco: «Confio à caridosa direção de V. S. Rev.ma o meu recomendado paroquiano Francisco Besucco, aceite nesse providencial Instituto com a carta de 29 de maio último assinada pelo padre Miguel Rua, e espero que o dito jovem, bem longe de retroceder no reto caminho empreendido, redobre antes a sua diligência na piedade e nos estudos. Esta minha esperança baseia-se na conduta até agora verdadeiramente digna de encômio do sobredito jovem, do qual espero receber boas notícias por parte de quem se consagrou inteiramente à glória de Deus e ao bem-estar dos jovens» (ASC A1010906: lett. F. Pepino - G. Bosco, 1 ago. 1863).

<sup>36</sup> 2 de agosto de 1863 era domingo.

<sup>37</sup> *Bela casa*: Palácio Bruno di Tornaforte, construído entre 1749 e 1751; no período napoleônico tinha sido sede da *Préfecture du Département de la Stura* (1808-1814); com a





– É do bispo, respondi.

Francisco fez então sinal ao pai de querer parar um momento. Depois de o filho parar, o pai deu ainda alguns passos em frente. Tendo-se voltado para trás, viu-o de joelhos junto da porta do bispo.

– Que estás fazendo? – disse-lhe.

– Rezo a Deus pelo senhor bispo, para que também ele ajude a que eu seja aceito no Oratório de Turim e que, a seu tempo, se digne contar-me entre os seus clérigos e assim ser útil para mim e para os outros.

Uma vez em Turim, o pai fazia-lhe notar as belezas desta capital<sup>38</sup>. O próprio pai, depois de ter observado as vias simétricas, as praças quadradas e espaçosas, os pórticos altos e majestosos, as galerias magnificamente decoradas de objetos vários, preciosos e estrangeiros, depois de ter admirado a altura e a elegância dos edifícios, julgava encontrar-se no outro mundo.

– Que dizes a isso, Francisco, perguntava ele extasiado, não te parece mesmo estar no paraíso?

Ao que Francisco, sorrindo, respondeu:

– Tudo isso pouco me importa, porque nada alegrará o meu coração, enquanto não for recebido naquele bendito Oratório, a que fui enviado.

Finalmente, entrou no lugar tão desejado e, cheio de alegria, exclamou:

– Por fim cheguei.

Depois fez uma breve oração para agradecer a Deus e a Nossa Senhora pela boa viagem que tinha feito e pelos desejos atendidos.

O pai, ao despedir-se dele, estava comovido até as lágrimas, mas Francisco confortou-o dizendo:

– Não se aflija por minha causa; o Senhor não deixará de nos ajudar: rezarei todos os dias pela nossa família.

Cada vez mais comovido, o pai disse-lhe ainda:

– Precisas de alguma coisa?

– Sim, querido pai, agradeça ao meu padrinho pelo cuidado que teve comigo: diga-lhe que nunca esquecerei o que fez por mim e, com a aplicação no estudo e com o meu bom comportamento, procederei de modo a agradar-lhe. Diga aos de casa que sou plenamente feliz e que encontrei o meu paraíso.

---

criação da diocese de Cuneo (1817) tornou-se sede episcopal. Bispo de Cuneo desde 1844 era o carmelita Clemente Manzini (1803-1865).

<sup>38</sup> Viajaram de comboio na linha Cuneo-Turim (em funcionamento desde 5 de agosto de 1855); partiram da estação de Cuneo, que se encontrava ainda na *Basse di San Sebastiano*, e chegaram à estação de Turim *Porta Nuova* (cf. L. BALLATORE, *Storia delle ferrovie in Piemonte*, Torino, Il Punto-Piemonte in Bancarella 2002, 41).





## Capítulo XVI

### Teor de vida no Oratório | Primeiro divertimento

Tudo o que até aqui escrevi sobre Besucco constitui, por assim dizer, a primeira parte da sua vida; e nisso ative-me às notícias que recebi de quem o conheceu e conviveu com ele na sua terra. O que agora vou dizer a respeito do novo gênero de vida no Oratório constituirá a segunda parte. Mas aqui narrarei só o que ouvi, o que vi com os meus próprios olhos ou me foi referido por centenas de garotos que foram seus companheiros durante todo o tempo em que viveu entre nós. Servi-me também de modo particular de um longo e minucioso relatório feito pelo padre Ruffino, professor e diretor das escolas desta casa<sup>39</sup>, que teve oportunidade de conhecer e de recolher os muitos rasgos de virtude praticados pelo nosso Besucco.

Desde há muito tempo, portanto, que Francisco desejava ardentemente vir para este Oratório, mas, quando na realidade aqui chegou, ficou estupefato. Mais de setecentos garotos tornavam-se num momento seus amigos e companheiros no recreio, à mesa, no dormitório, na igreja, na aula e no estudo. Parecia-lhe impossível que tantos garotos pudessem viver juntos na mesma casa sem pôr tudo em desordem. A todos queria fazer perguntas, queria saber a razão de tudo, a explicação das coisas. Qualquer aviso dado pelos superiores, qualquer inscrição nas paredes eram para ele objeto de leitura, de meditação e de profunda reflexão.

Tinha já passado alguns dias no Oratório<sup>40</sup>, e eu ainda não o tinha visto nem sabia dele senão aquilo que o arcepreste Pepino, por carta, me tinha comunicado. Um dia, estava eu no recreio no meio dos garotos desta casa, quando vi um deles vestido à moda da serra, pouco encorpado, de aspecto tosco, de rosto sardento<sup>41</sup>. Estava de olhos esbugalhados a observar os seus companheiros a divertir-se. Como o seu olhar se encontrou com o meu, esboçou um respeitoso sorriso encaminhando-se para mim.

- Quem és tu? – perguntei sorrindo.
- Sou Francisco Besucco de Argentera.
- Que idade tens?

<sup>39</sup> Cf. ASC A1010915: *Relazione intorno a Besucco Francesco*, ms. Ruffino, s.d. Domenico Ruffino, natural de Giaveno (17 set. 1840), filho de Michele e Giorgia Usseglio-Garin, recebeu a veste talar em 27 de outubro de 1857; ordenado sacerdote em 30 de maio de 1863, no outono foi nomeado diretor espiritual do Oratório, no lugar do padre Miguel Rua (transferido para Mirabello Monferrato, primeiro colégio salesiano fora de Turim); em outubro de 1864 enviado como diretor do novo colégio de Lanzo Torinese, morrerá pouco depois, em 16 de julho de 1865 (cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. R. 1856; AAT 12.3.14: *Registrum ordinationum 1848-1871*; E. CERIA, *Profili dei capitolari salesiani morti dall'anno 1865 al 1950, con sintesi storica della Società Salesiana e cenni storici delle Regole*, Colle D. Bosco (Asti), Libreria Dottrina Cristiana, 1951, 69-73).

<sup>40</sup> *Tinha ... no Oratório*: corr. ed. 1864 «Estávamos nos princípios de agosto de 1863».

<sup>41</sup> Dom Bosco escreve: *lettichioso* [em vez de *lentiginoso*].





- Daqui a pouco, catorze anos.
- Vieste para estudar ou para aprender uma profissão?
- Desejo muito, muito, estudar.
- Em que classe andas?
- Fiz a escola primária na minha terra.
- Com que intenção querias continuar os estudos e não aprender um ofício?
- Ah! A minha vida, o meu grande desejo é mesmo poder abraçar o estado eclesiástico.
- E quem te deu esse conselho?
- Sempre tive isso no coração e sempre pedi ao Senhor que me ajudasse a realizar esta minha vontade.
- Já pediste conselho a alguém?
- Sim, já falei muitas vezes disso com o meu padrinho; sim, com o meu padrinho... Ao dizer isso, comoveu-se tanto, que as lágrimas começaram a aflo-  
rar-lhe nos olhos.
- Quem é o teu padrinho?
- O meu padrinho é o meu pároco, o arcepreste de Argentera, que gosta muito de mim. Ensinou-me o catecismo, deu-me aulas, vestiu-me e sustentou-me. É muito bom, ajudou-me tanto e, depois de me ter dado aulas durante quase dois anos, recomendou-me a si, a fim de que me recebesse no Oratório. Como é bom o meu padrinho! Como me quer bem!
- Dito isso, começou de novo a chorar. Esta sensibilidade pelos benefícios recebidos, este afeto ao seu benfeitor fez-me conceber uma boa ideia da índole e da bondade de coração do jovenzinho. Então, recordei-me também das belas recomendações que dele me tinham feito o seu pároco e o lugar-tenente Eyzautier, e disse comigo:
- Este rapaz, se for acompanhado, terá excelente sucesso na sua educação moral. Com efeito a experiência mostra que a gratidão nas crianças é geralmente presságio de um feliz futuro; ao contrário, os que esquecem com facilidade os benefícios recebidos e as solitudes que lhes foram prodigalizadas permanecem insensíveis aos avisos, aos conselhos, à religião, e são por isso de educação difícil, de êxito incerto.
- Disse, portanto, a Francisco:
- Sinto-me muito feliz por teres tão grande afeto ao teu padrinho, mas não quero que te aflijas. Ama-o no Senhor, reza por ele e, se queres mesmo agradecer-lhe, procura ter uma conduta tal, que eu possa enviar-lhe sempre boas notícias, ou então que ele fique satisfeito com o teu aproveitamento e com a tua conduta em Turim. Entretanto, vai brincar com os teus companheiros.
- Limpando as lágrimas, despediu-se de mim com afetuoso sorriso e foi tomar parte nos jogos com os seus companheiros.





## Capítulo XVII

### Alegria

Na sua humildade, Francisco julgava todos os seus companheiros mais virtuosos do que ele e parecia-lhe ser uma nulidade em comparação com o comportamento dos outros. Por isso, poucos dias depois, veio de novo ao meu encontro com aspecto perturbado.

– Que tens, disse-lhe eu, meu caro Besucco?

– Encontro-me aqui no meio de tantos companheiros todos bons e eu queria ser bom como eles, mas não sei como fazer e tenho necessidade que o senhor me ajude.

– Ajudar-te-ei por todos os meios que me forem possíveis. Se queres ser bom, pratica apenas três coisas e tudo correrá bem.

– Quais são essas três coisas?

– Ei-las: Alegria, Estudo, Piedade. É este o grande programa e, se o praticares, poderás viver feliz e fazer muito bem à tua alma.

– Alegria... Alegria... Eu até sou alegre demais. Se basta estar alegre para me tornar bom, vou divertir-me de manhã à noite. Faço bem?

– Não de manhã à noite, mas somente nas horas em que o recreio é permitido.

Tomou a sugestão em sentido demasiado literal; e, na convicção de agradar verdadeiramente a Deus divertindo-se, mostrava-se sempre impaciente pelo recreio para o aproveitar. Mas qual o quê? Não tendo prática de certos jogos, acontecia-lhe com frequência chocar com os outros ou cair aqui ou ali. Queria caminhar com as pernas de pau e logo caía; queria subir às paralelas e dava um trambolhão. Jogava *bocce*, ou acertava nas pernas dos outros, ou punha em desordem todo o divertimento. Por isso podia dizer-se que os trambolhões e as quedas eram a conclusão normal dos seus jogos. Um dia, aproximou-se de mim mancando e preocupado.

– Que tens, Besucco? – perguntei.

– Estou bem machucado, respondeu-me.

– Que te aconteceu?

– Tenho pouca prática nos jogos da casa e caio, batendo ora com a cabeça, ora com os braços, ora com as pernas. Ontem, ao correr, choquei com um companheiro e ambos ficamos com o nariz a sangrar.

– Pobre rapaz! Tem mais cuidado e modera-te um pouco mais.

– Mas o senhor diz-me que o recreio agrada a Deus e eu queria aprender a jogar bem todos os jogos que os meus companheiros fazem.





– Nada disso, meu caro; os jogos e os divertimentos devem aprender-se pouco a pouco, à medida que se for capaz, de forma que possam servir de divertimento e não de perigo físico.

Com estas palavras, compreendeu que o recreio deve ser moderado e destinado a elevar o espírito, de outra forma é nocivo à própria saúde corporal. Por isso continuou a tomar parte de bom grado no recreio, mas com grande cuidado; antes, quando o tempo livre era um pouco longo, costumava interrompê-lo e entreter-se com algum companheiro mais estudioso, para se informar das regras e da disciplina da casa, pedir explicações de alguma dificuldade da aula e também para ir fazer algum exercício de piedade cristã. Além disso, aprendeu um segredo para fazer bem a si mesmo e aos seus colegas nos próprios recreios, dando bons conselhos ou avisando com bons modos aqueles que fosse preciso, tal como já costumava fazer na sua terra, mas numa esfera bastante mais restrita. Besucco, acompanhando assim o seu recreio com ditos morais ou científicos, em breve se tornou um modelo no estudo e na piedade.





## Capítulo XVIII

### Estudo e diligência

Um dia, no meu escritório, Besucco leu um cartaz com estas palavras: *Cada momento de tempo é um tesouro*<sup>42</sup>.

Não compreendo, perguntou-me com ansiedade, o que significam estas palavras. Como podemos em cada momento de tempo ganhar um tesouro?

É mesmo assim. Em cada momento de tempo podemos adquirir algum conhecimento científico ou religioso, praticar alguma virtude, fazer um ato de amor de Deus, coisas que diante do Senhor são outros tantos tesouros, que nos beneficiarão no tempo e na eternidade.

Não proferiu mais palavra, mas escreveu num pedacinho de papel aquela máxima e depois acrescentou:

– Compreendi.

Compreendeu como é precioso o tempo e recordando o que lhe tinha recomendado o seu arcepreste, disse:

– O meu padrinho também já me tinha dito que o tempo é muito precioso e que devemos utilizá-lo bem desde a juventude.

Dali em diante aplicava-se com maior intensidade nos seus deveres.

Posso dizer para glória de Deus que, em todo o tempo que passou nesta casa, nunca foi preciso avisá-lo nem animá-lo ao cumprimento dos seus deveres.

É costume, nesta casa, todos os sábados, dar e ler as notas de comportamento que cada jovem tem, durante a semana, no estudo e nas aulas. As notas de Besucco foram sempre iguais, isso é, *ótimas*<sup>43</sup>. Ao sinal para o estudo, encaminhava-se imediatamente para lá, sem se deter mais um instante. Era bonito vê-lo sempre recolhido, a estudar, a escrever com a atitude de quem faz coisa do seu maior<sup>44</sup> gosto. Nunca, por nenhum motivo, saía do seu lugar e, mesmo que o tempo de estudo fosse longo, ninguém lhe via tirar o olhar dos seus livros ou dos cadernos.

<sup>42</sup> Cf. *Magone*, c. VII.

<sup>43</sup> Na realidade, ao princípio Francisco teve alguma dificuldade em habituar-se ao ambiente de Valdocco, tão diferente das suas montanhas. Lemos numa carta do pároco ao rapaz: «Escrevi aos teus superiores para saber notícias seguras do teu comportamento, dos estudos e se tencionavam manter-te no Oratório. No sábado passado, isso é, em 26 de setembro último, recebi a resposta deles, pela qual fiquei a saber que o teu comportamento foi bom, os estudos somente medianos e que nestes dois meses foste um pouco distraído, mas que tinhas sido aceito nesse Oratório, em que prosseguirás os teus estudos» (ASC A1010907: lett. F. Pepino - F. Besucco, 3 ott. 1863).

<sup>44</sup> *seu maior*: corr. ed. 1864 «seu grande».





Um dos seus grandes receios era que, contra a sua vontade, lhe acontecesse transgredir as regras; por isso, especialmente nos primeiros dias, perguntava com frequência se se podia fazer isso ou aquilo. Perguntou, por exemplo, uma vez com santa simplicidade se no estudo se podia escrever, receando que ali não se pudesse fazer outra coisa senão estudar. Outra vez, se no tempo de estudo era permitido pôr os livros em ordem.

À rigorosa ocupação do tempo, uniu a invocação da ajuda do Senhor. Por vezes, durante o estudo, os companheiros viam-lhe fazer o sinal da cruz, levantar os olhos para o céu e rezar. Tendo-se perguntado a razão, respondia:

– Com frequência, sinto dificuldade em aprender e por isso recomendo-me ao Senhor para que me dê a sua ajuda.

Tinha lido na vida de Miguel Magone que antes de começar o estudo dizia sempre: *Maria, sedes sapientiae, ora pro me*. Ó Maria, sede da sabedoria, rogai por mim<sup>45</sup>. Ele quis fazer o mesmo. Escreveu estas palavras nos livros, nos cadernos e em várias listas de papel, de que se servia como marcadores. Escreveu também<sup>46</sup> bilhetes aos seus companheiros mas, ou no princípio da folha ou num pedacinho de papel à parte, colocava sempre a preciosa saudação à sua mãe celeste, tal como costumava chamar-lhe. Num bilhete endereçado a um companheiro, leio quanto segue:

*Perguntaste-me como é que eu consegui aguentar-me na segunda gramática, ao passo que o meu curso regular devia ser apenas a primeira<sup>47</sup>. Respondo-te sinceramente que esta é uma especial bênção do Senhor, que me dá saúde e força. De resto, servi-me de três segredos que encontrei e pratiquei com grande vantagem minha e que são:*

- 1.º *Nunca perder migalha<sup>48</sup> de tempo nas aulas ou no estudo.*
- 2.º *Nos dias feriados e noutros em que haja recreio prolongado, depois de meia hora, vou estudar, ou então falo de*

<sup>45</sup> Cf. *Magone*, c. VIII.

<sup>46</sup> *também*: corr. ed. 1864 «por vezes».

<sup>47</sup> *Gramática*: usa-se aqui a terminologia antiga. Depois da reforma Casati (1859), as que antes se chamavam escolas de latinidade ou de gramática passaram a chamar-se escolas ginásiais. Besucco, tendo chegado a Valdocco, em princípios de agosto, seguiu os cursos preparatórios no fim dos quais foi admitido à segunda ginásial. Por uma carta ao padrinho, sabemos que tinha escolhido um companheiro «melhor do que eu nos estudos e virtuoso»; com a sua ajuda tinha conseguido melhorar e, no fim de outubro, «ambos passaram para a segunda com mais outros dois ou três; por isso, de vinte e cinco que éramos na primeira, agora na segunda somos apenas cinco» (ASC A1010903: lett. F. Besucco - F. Pepino, 23 nov. 1863).

<sup>48</sup> Dom Bosco escreve: *bricciolo* [em vez de *briciolo*].





*assuntos das aulas com alguns companheiros mais adiantados do que eu nos estudos.*

*3.º Todas as manhãs, antes de sair da igreja, rezo um Pai Nosso e uma Ave-Maria a São José. Este foi para mim o meio eficaz que me fez avançar na ciência e, desde que comecei a rezar este Pai-Nosso, tive sempre maior facilidade, quer em aprender as lições, quer em superar as dificuldades que frequentemente encontro nas matérias escolares.*

*Experimenta também fazer o mesmo, concluía a carta, e sentiu-te-ás certamente contente.*

Não deve, portanto, ser motivo de surpresa se, com tanta diligência, fez tão rápido progresso nas aulas.

Quando chegou a nossa casa, quase se perdia a esperança de poder aguentar na primeira ginásial mas, passados apenas dois meses, obtinha notas bastante satisfatórias na sua classe. Nas aulas, pendia imóvel dos lábios do professor, que nunca precisou de o avisar por desatenção.

O que eu disse acerca da diligência de Besucco em matéria de estudo, deve dizer-se também em relação a todos os outros deveres, mesmo os mais pequenos: era exemplar em tudo. Tinha sido encarregado de varrer o dormitório<sup>49</sup>. Era admirado pela exatidão com que desempenhava este encargo, sem dar a mínima mostra de sentir o seu peso.

Quando, por motivo de doença, deixou de poder levantar-se da cama, pediu desculpa ao assistente por não poder cumprir o seu dever habitual e agradeceu carinhosamente a um companheiro que o substituiu naquele humilde serviço.

Besucco veio para o Oratório com uma finalidade preestabelecida. Por isso no seu comportamento tinha sempre em mira o ponto para o qual tendia, ou seja, dedicar-se todo a Deus no estado eclesiástico. Com este objetivo procurava progredir na ciência e na virtude. Conversava um dia com um companheiro acerca dos seus próprios estudos e da finalidade pela qual cada um tinha vindo para esta casa. Besucco exprimiu o seu próprio pensamento e depois concluiu:

– Em suma, o meu objetivo é ser padre; com a ajuda do Senhor farei todo o esforço para poder consegui-lo.

---

<sup>49</sup> o dormitório: corr. ed. 1864 «na camarata».





## Capítulo XIX

### A confissão

Diga-se o que se quiser acerca dos vários sistemas de educação, mas eu não encontro nenhuma base segura a não ser na frequência da confissão e da comunhão; e creio não exagerar afirmando que, omitidos estes dois elementos, a moralidade fica banida<sup>50</sup>. Besucco, como dissemos, foi preparado e encaminhado a tempo para a frequência de ambos estes sacramentos. Quando chegou aqui ao Oratório, cresceu na boa vontade e no fervor em praticá-los.

No princípio da novena da Natividade de Maria Santíssima, apresentou-se ao seu diretor dizendo:

– Quero fazer bem esta novena e entre outras coisas desejo fazer a minha confissão geral.

O diretor, tendo entendido os motivos que o levavam a isso, respondeu que não via qualquer necessidade de fazer semelhante confissão e acrescentou:

– Podes estar tranquilo, tanto mais que já a fizeste outras vezes ao teu arcipreste.

– Sim, replicou, já a fiz por altura da minha primeira comunhão e também quando houve exercícios espirituais na minha terra, mas como quero colocar a minha alma nas suas mãos, desejo assim abrir-lhe toda a minha consciência, para que melhor me conheça e possa com mais segurança dar-me os conselhos que melhor ajudem a salvar a minha alma.

O diretor consentiu: louvou-o pela escolha que queria fazer de um confessor estável; exortou-o a querer bem ao confessor, rezar por ele e manifestar-lhe sempre tudo aquilo que inquietasse a sua consciência. Depois ajudou-o a fazer a desejada confissão geral. Cumpriu aquele ato com os mais comovescentes sinais de dor do passado e de propósitos para o futuro, se bem que, como se pode pensar, conste da sua vida nunca ter cometido ação que se possa chamar pecado mortal. Feita a escolha do confessor, não mudou mais por todo o tempo que o Senhor o conservou entre nós. Tinha plena confiança nele, consultava-o mesmo fora da confissão, rezava por ele e sentia-se muito feliz sempre que dele podia receber algum bom conselho para a sua regra de vida.

Uma vez escreveu uma carta a um amigo seu que lhe tinha manifestado o desejo de vir também para este Oratório. Nela recomendava-lhe rezar ao Senhor por esta graça e depois sugeriu algumas práticas de piedade, como

<sup>50</sup> Cf. *Savio*, c. XIV; *Magone*, c. V.





a Via-Sacra; mas sobretudo exortou-o a confessar-se todos os oito dias e a comungar mais vezes na semana.

Enquanto louvo grandemente Besucco por este fato, recomendo do fundo do coração a todos, mas de modo especial à juventude que faça a tempo a escolha de um confessor estável e nunca o mude, a não ser em caso de necessidade. Evite-se o defeito de alguns, que mudam de confessor quase cada vez que vão confessar-se; ou então, devendo confessar coisas mais graves, vão a outro, voltando depois ao anterior. Fazendo assim, não cometem pecado algum, mas nunca terão um guia seguro que conheça a fundo o estado da sua consciência. A esses aconteceria o mesmo que a um doente que em cada consulta quisesse um novo médico. Este médico dificilmente poderia conhecer o mal do doente e por isso não poderia receitar os remédios convenientes.

Se porventura este opúsculo for lido por pessoas que a Divina Providência destinou à educação da juventude, recomendar-lhes-ei calorosamente três coisas no Senhor. Primeira, inculcar com zelo a confissão frequente, como sustentáculo da instável idade juvenil, procurando todos os meios que possam facilitar a assiduidade a este sacramento. Segunda, insistam na grande vantagem da escolha de um confessor estável a não mudar sem necessidade, mas haja abundância de confessores, a fim de que cada um possa escolher aquele que achar mais adaptado ao bem da sua própria alma. Notem sempre, por outro lado, que quem muda de confessor não faz mal nenhum e que é melhor mudar mil vezes do que calar algum pecado na confissão.

Nunca deixem de recordar muitas vezes o grande segredo da confissão. Digam explicitamente que o confessor é obrigado por um segredo natural, eclesiástico, divino e civil pelo qual não pode por nenhum motivo, à custa de qualquer mal, mesmo a morte, manifestar a outras coisas ouvidas em confissão ou servir-se delas para si; que nem sequer pode pensar naquilo que ouve neste sacramento; que o confessor não se admira de nada, nem diminui a amizade mesmo que ouça coisas graves em confissão, ao contrário aumenta a estima pelo penitente. Tal como o médico, quando descobre toda a gravidade do mal do doente, fica satisfeito porque pode aplicar-lhe o conveniente remédio; assim faz o confessor que é o médico da nossa alma e em nome de Deus, com a absolvição, cura todas as chagas da alma. Estou convencido de que, se isso for recomendado e bem explicado, se obterão grandes resultados morais entre os garotos e se conhecerá com os fatos quão maravilhoso elemento de moralidade tem a religião católica no sacramento da Penitência.





## Capítulo XX

### A sagrada comunhão

O segundo sustentáculo da juventude é a sagrada comunhão. Felizes daqueles garotos que começam a tempo a aproximar-se com frequência e com as devidas disposições deste sacramento. Besucco fora animado pelos pais e pelo pároco e instruído sobre o modo de comungar com frequência e com fruto. Enquanto estava ainda na sua terra, costumava já comungar todas as semanas; depois, em todos os dias festivos e ainda algumas vezes ao longo da semana. Já no Oratório, continuou por algum tempo a comungar com a mesma frequência, depois também várias vezes na semana e, em algumas novenas, mesmo todos os dias.

Se bem que a sua alma cândida e o seu exemplaríssimo comportamento o tornassem digno da comunhão frequente, todavia a ele parecia-lhe não ser digno. As apreensões aumentaram desde que uma pessoa que veio para esta casa disse a Besucco que era melhor comungar mais raramente para fazer uma preparação mais longa e com maior fervor.

Um dia apresentou-se a um seu superior e expôs-lhe todas as suas inquietações. Este tentou acalmá-lo, dizendo:

– Não dás tu com grande frequência o pão material ao corpo?

– Sim, claro.

– Se com tanta frequência damos o pão material ao corpo que apenas tem de viver algum tempo neste mundo, por que não deveremos dar com frequência, mesmo todos os dias, o pão espiritual à alma, que é a sagrada comunhão? (*Santo Agostinho*).

– Mas parece-me que não sou suficientemente bom para comungar todos os dias.

– Precisamente, para seres melhor, é bom receber com frequência a sagrada comunhão. Jesus não convidou os santos a nutrir-se do seu corpo, mas os fracos, os cansados, isso é, aqueles que detestam o pecado, mas que, pela sua fragilidade, estão em grande perigo de recair. Vinde a Mim, diz Ele, vós que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei<sup>51</sup>.

– Parece-me que, se se comungasse mais raramente, far-se-ia a comunhão com mais devoção.

– Não saberia dizer; o que é certo é que a experiência ensina a fazer bem as coisas, e quem faz uma coisa com frequência aprende a fazê-la bem: assim quem vai com frequência à comunhão aprende a fazê-la bem.

– Mas quem come menos vezes come com mais apetite.

<sup>51</sup> Mt 11,28.





– Quem come muito raramente e passa vários dias sem alimento, ou cai de fraqueza ou morre de fome, ou então quando começa a comer de novo corre o perigo de ter uma perigosa indigestão.

– Se assim é, no futuro procurarei fazer a sagrada comunhão com muita frequência, porque sei de fato que é um meio poderoso para me santificar.

– Vai com a frequência que o teu confessor te indicar.

– Ele diz-me que vá sempre que a minha consciência estiver tranquila.

– Bem, então segue esse conselho. Entretanto quero fazer-te notar que nosso Senhor Jesus Cristo nos convida a comer o seu corpo e a beber o seu sangue sempre que nos encontremos em necessidade espiritual, e nós vivemos em contínua necessidade neste mundo. E chegou mesmo a dizer: Se não comerdes o meu corpo e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós<sup>52</sup>. Por isso, no tempo dos apóstolos, os cristãos perseveravam na oração e na fração do pão eucarístico<sup>53</sup>. Nos primeiros séculos, todos os que participavam na santa missa faziam a sagrada comunhão. E quem participava na missa todos os dias, comungava também todos os dias. Por fim, a Igreja Católica, no Concílio de Trento, recomenda aos cristãos que assistam quando lhes for possível ao santo sacrifício da missa e, entre outras, tem estas belas expressões:

*O sacrossanto Concílio deseja sumamente que em todas as missas em que os fiéis participam façam a comunhão não só espiritual, mas também sacramentalmente, para que neles seja mais abundante o fruto que provém deste augustíssimo sacrifício» (Sess. 22, c. 6<sup>54</sup>).*

<sup>52</sup> Jo 6,53.

<sup>53</sup> At 2,42.

<sup>54</sup> «*Optaret quidem sacrosancta Synodus ut in singulis missis fideles adstantes non solum spirituali affectu sed sacramentali etiam Eucharistiae perceptione communicarent quo ad eos sanctissimi huius sacrificii fructus uberius proveniret*» (Concilium Tridentinum: diariorum, actorum, epistularum, tractatum nova collectio, edidit Societas Goerresiana, t. VIII: Actorum pars quinta, Freiburg im Breisgau, Herder, 1964, 961).





## Capítulo XXI

### Adoração ao SS. Sacramento

Mostrava o seu grande amor ao SS. Sacramento não só com a comunhão frequente, mas em todas as ocasiões que se lhe apresentavam. Já se disse como na sua terra se prestava com a maior satisfação para acompanhar o viático. Quando ouvia o sinal do mesmo, pedia logo licença aos pais que de muito bom grado o satisfiziam; depois voava para a igreja, a fim de ajudar naquilo que fosse compatível com a sua idade. Tocar a campainha, levar a vela acesa, levar o guarda-chuva aberto, rezar o *Confiteor*, o *Miserere*, o *Te Deum*, constituíam as suas delícias. Na sua terra, também se ocupava de bom grado a ajudar os companheiros mais novos do que ele ou menos instruídos a preparar-se para comungar dignamente e a fazer depois a devida ação de graças.

Já no Oratório, manteve o seu fervor e, entre outras coisas, tomou o louvabilíssimo hábito de fazer diariamente uma breve visita ao SS. Sacramento. Via-se muitas vezes ao pé de um padre ou de um clérigo para juntar alguns garotos e levá-los à igreja a rezar diante de Jesus sacramentado. Era verdadeiramente edificante o zelo com que procurava levar consigo à igreja algum companheiro. Um dia convidou um deles dizendo:

– Anda comigo e vamos rezar um Pai-Nosso a Jesus sacramentado, que está sozinho no tabernáculo.

O companheiro, que estava todo envolvido no jogo, respondeu que não queria ir. Besucco foi mesmo sozinho. Mas o companheiro, arrependido de ter recusado o amável convite do virtuoso amigo, no dia seguinte aproximou-se dele e disse:

– Ontem convidaste-me a ir à igreja e eu não quis, hoje sou eu que te convido a acompanhar-me para fazer o que ontem não fiz.

Besucco respondeu a rir:

– Não te preocupes com o dia de ontem, eu fiz a tua parte e a minha: rezei três Pai-Nossos por mim e depois rezei por ti a Jesus sacramentado. No entanto, vou com muito gosto agora e em qualquer outra ocasião que tu desejes ter-me por companhia.

Aconteceu-me diversas vezes ter de ir à igreja depois da ceia por qualquer motivo, precisamente enquanto os garotos da casa se encontravam no mais alegre e animado recreio no pátio. Não levando luz na mão, tropecei em algo que me parecia um saco de trigo e quase ia caindo. Mas qual não foi a minha surpresa, quando me dei conta de ter tropeçado no fervoroso Besucco, que num esconderijo por detrás, mas próximo do altar, no meio da escuridão da noite, rezava ao amado Jesus que lhe desse a luz celeste





para conhecer a verdade, ser cada vez melhor e tornar-se santo! Também ajudava com muito gosto à santa missa. Preparar o altar, acender as velas, preparar as galhetas, ajudar o sacerdote a revestir-se eram coisas do seu maior agrado. Se porventura alguém desejasse ajudar, ficava satisfeito e participava com grande recolhimento. Os que o viram a assistir à santa missa ou à bênção do Santíssimo são unânimes em afirmar que era impossível vê-lo sem se sentir comovido e edificado pelo fervor que mostrava ao rezar e pela compostura da pessoa.

Gostava muito de ler livros e de cantar cânticos referentes ao SS. Sacramento. Entre as muitas jaculatórias, que rezava ao longo do dia, a mais frequente era esta: *Graças e louvores se deem a todo o momento ao santíssimo e diviníssimo sacramento.*

– Com esta bela jaculatória, dizia, ganho cem dias de indulgência cada vez que a digo; e, além disso, apenas a digo, logo me fogem todos os maus pensamentos que me passam pela mente<sup>55</sup>. Para mim, esta jaculatória é um martelo com que estou seguro de partir os chifres ao demônio, quando vem tentar-me.

---

<sup>55</sup> Dom Bosco sugeria que se rezasse esta jaculatória, sobretudo à elevação da hóstia durante a missa e no decorrer das visitas ao SS. Sacramento (cf. G. BOSCO, *Il giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri di cristiana pietà...*, nuova edizione accresciuta, Torino, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales, 1863, 111 e 138).





## Capítulo XXII

### **Espírito de oração**

É difícil fazer tomar gosto pela oração aos garotos. A sua idade volúvel faz-lhes parecer enfadonha e insuportável qualquer coisa que exija séria atenção da mente. E é uma grande felicidade para quem desde pequeno se familiariza com a oração e toma gosto por ela, para a qual está sempre aberta a nascente das divinas bênçãos.

Besucco era um destes. A assistência recebida dos pais desde a mais tenra idade, o cuidado que dele teve o seu professor e sobretudo o seu pároco produziram o desejado fruto no nosso juvenzinho. Ele não estava habituado a meditar, mas fazia muitas orações vocais. Proferia as palavras de forma clara e distinta e articulava-as de modo que parecia falar com o Senhor, com a Santíssima Virgem ou com algum santo, a quem dirigia as suas orações. De manhã, mal era dado sinal de levantar, vestia-se prontamente, arrumava tudo e descia logo para a igreja ou ajoelhava-se junto da cama para rezar até que a campainha desse sinal. Na igreja, além da sua exemplar pontualidade, tomava lugar junto dos companheiros e nos lugares onde de forma alguma fosse distraído, e tinha muita pena de ver alguém a falar ou numa atitude dissipada. Um dia, quando saiu, foi logo em busca de um colega que tinha cometido tal falta. Ao encontrá-lo, recordou-lhe o que tinha feito; depois de lhe fazer notar como se tinha portado mal, convidou-o a estar no lugar sagrado com mais recolhimento.

Nutria especial afeto para com Maria Santíssima. Na novena da sua natalidade mostrava um fervor particular para com Ela. O diretor costumava dar todas as noites alguma flor espiritual para praticar em honra de Maria. Besucco não só lhe dava grande importância, mas empenhava-se para que também outros a praticassem. Para não se esquecer, escrevia-as num caderno.

– Deste modo, dizia ele, no fim do ano terei uma bela coleção de presentes para oferecer a Maria.

Ao longo do dia, ia-as repetindo e recordando aos seus companheiros. Quis saber o lugar exato onde Domingos Sávio se ajoelhava a rezar diante do altar de Nossa Senhora. Ali, recolhia-se a rezar com grande consolação do seu coração.

– Oh! Se eu pudesse, dizia, estar de manhã à noite a rezar naquele lugar, com que gosto o faria! Com efeito parece-me ter o mesmo Domingos Sávio a rezar comigo e parece-me que ele responde às minhas orações e que o seu fervor se comunica ao meu coração.

Normalmente, era o último a sair da igreja, porque costumava parar sempre algum tempo diante da estátua de Maria Santíssima. Por esse





motivo, com frequência lhe acontecia perder o café da manhã, com grande espanto daqueles que viam um rapaz de catorze anos são e robusto trocar o alimento corporal pelo alimento espiritual da oração.

Não raras vezes, especialmente nos dias não letivos, combinava com alguns companheiros ir à igreja para rezar as sete alegrias e as sete dores de Maria, bem como a ladainha ou a coroa espiritual a Jesus sacramentado.

Mas o prazer de ler, em nome de todos, aquelas orações nunca queria cedê-lo a outros. À sexta-feira, se lhe fosse possível, fazia ou ao menos lia a Via-Sacra, que era a sua prática de piedade predileta. A Via-Sacra, costumava dizer, é para mim uma centelha de fogo, que me anima a rezar, me impele a suportar tudo por amor de Deus.

Amava tanto a oração e tinha-se habituado tanto a ela, que, mal estivesse sozinho ou desocupado algum momento, logo começava a rezar alguma oração.

No próprio tempo de recreio, não raro se punha a rezar e como que levado por movimentos involuntários por vezes transformava os nomes dos jogos em jaculatórias. Um dia, vendo o seu superior, correu ao encontro dele para o cumprimentar pelo nome e disse-lhe: «*Ó Santa Maria*». Outra vez, querendo chamar um companheiro com quem brincava, disse em voz alta: «*Ó pater noster*». Isso, enquanto por um lado era ocasião de riso entre os companheiros, por outro mostrava como o seu coração se deleitava na oração e como era capaz de recolher o seu espírito para o elevar ao Senhor. Isso, segundo os mestres de espírito, indica um grau de elevada perfeição que raramente se observa mesmo nas pessoas de virtude consumada.

À noite, depois das orações em comum, ia para o dormitório e, ajoelhando-se na mala, ficava um quarto de hora ou até meia hora a rezar. Mas, avisado de que aquilo incomodava os companheiros que já estavam deitados, abreviou o tempo e procurava deitar-se quando os outros também o faziam. Todavia, mal se deitava, juntava as mãos diante do peito e rezava até adormecer. Se lhe acontecia acordar de noite, começava logo a rezar pelas almas do purgatório e sentia pena de ter de interromper a oração devido ao sono.

– Tenho muita pena, dizia a um amigo, por não conseguir aguentar algum tempo na cama sem adormecer. Sou mesmo miserável. Quanto bem faria às almas do purgatório se conseguisse rezar como desejo!

Em suma, se examinarmos o espírito de oração deste rapaz, podemos dizer que ele cumpriu à letra o preceito do Salvador, que mandou rezar sem interrupção<sup>56</sup>, pelo que passava os dias e as noites em contínua oração.

<sup>56</sup> Cf. *Lc* 18,1.





## Capítulo XXIII

### As suas penitências

Falar de penitência aos garotos é, geralmente, assustá-los. Mas quando o amor de Deus toma posse de um coração, nada no mundo, nenhum padecimento o aflige, antes cada pena da vida torna-se uma consolação. Dos corações ternos nasce já o nobre pensamento de que se sofre por um grande objetivo e que aos padecimentos da vida está reservada uma gloriosa recompensa na eternidade bem-aventurada.

Já todos puderam ver como era grande o desejo de sofrer de Besucco, tal como demonstrou desde a infância. Aqui no Oratório redobrou o seu ardor.

Apresentou-se um dia ao seu superior e disse-lhe estas palavras:

– Estou muito angustiado, o Senhor diz no Evangelho que não se pode ir para o paraíso senão com a inocência ou com a penitência. Com a inocência, eu já não posso ir porque a perdi; portanto, tenho de ir com a penitência.

O superior respondeu que considerasse como penitência a diligência no estudo, a atenção nas aulas, a obediência aos superiores, suportar os incômodos da vida como o calor, o frio, o vento, a fome, a sede.

– Mas, replicou ele, isso sofre-se por necessidade.

– Precisamente o que se sofre por necessidade, se o sofreres por amor de Deus tornar-se-á penitência, agradará ao Senhor e será meritório para a tua alma<sup>57</sup>.

Então ficou tranquilo, mas pedia sempre para jejuar, deixar todo ou parte do café da manhã, colocar debaixo da roupa ou na cama objetos que lhe provocassem dor, coisas que lhe foram sempre negadas. Na vigília de Todos-os-Santos, pediu por especial favor poder jejuar a pão e água, jejum que lhe foi mudado apenas pela abstinência do café da manhã. Isso deu-lhe grande prazer, porque, dizia,

– Assim poderei pelo menos em alguma coisa imitar os santos do paraíso que, percorrendo o caminho do sofrimento, conseguiram salvar as suas almas.

Não é necessário falar da guarda dos sentidos externos e especialmente dos olhos. Quem o acompanhou por muito tempo na compostura da pessoa, na atitude com os companheiros, na modéstia em casa e fora de casa, não hesita em afirmar que se pode propor como modelo perfeito de mortificação e de exemplo à juventude.

Sendo proibido de fazer penitência corporal, consegui fazê-la de outro gênero, isso é, prestar os serviços mais humildes na casa. Dar recados aos

<sup>57</sup> Cf. *Savio*, c. XV: «Oferecer a Deus o que terias de sofrer por necessidade, torna-se virtude e mérito para a tua alma».





companheiros, levar-lhes água, limpar os sapatos, servir à mesa quando lhe era permitido, varrer o refeitório, o dormitório, despejar o lixo, transportar embrulhos, baús, desde que fosse capaz, eram coisas que ele fazia com alegria e a maior satisfação<sup>58</sup>. Exemplos dignos de serem imitados por certos garotos que, por se encontrarem fora de casa, por vezes têm vergonha de dar um recado ou de prestar serviço em coisas compatíveis com o seu estado. Antes, há por vezes garotos que até têm vergonha de ser acompanhados pelos pais, devido à maneira pobre de vestir destes. Como se o encontrar-se fora de casa mudasse a sua condição, fazendo esquecer os deveres de piedade, de respeito e de obediência para com os pais e de caridade para com todos.

Mas estas pequenas mortificações só satisfizeram Besucco por algum tempo. Desejava mortificar-se mais. Algumas vezes se queixou dizendo que em sua casa fazia maiores penitências e que a sua saúde nunca se tinha resentido disso. O superior respondia sempre que a verdadeira penitência não consiste em fazer o que nos agrada, mas em fazer o que agrada ao Senhor e que serve para promover a sua glória.

– Sê obediente, acrescentava o superior, e diligente nos teus deveres, usa de muita bondade e caridade para com os companheiros, suporta os seus defeitos, dá-lhes bons avisos e conselhos e farás coisa que ao Senhor agradará mais do que qualquer outro sacrifício<sup>59</sup>.

Tomando literalmente à letra o que se lhe tinha dito de suportar com paciência o frio das estações, deixou avançar a estação invernal sem vestir roupa adequada. Um dia vi-o de face muito pálida e, perguntando-lhe se estava mal de saúde, respondeu:

– Não, estou ótimo.

Entretanto, tomando-o pela mão, dei-me conta que tinha apenas um casaco de verão, quando já estávamos na novena do santo Natal.

– Não tens roupa de inverno? – perguntei-lhe.

– Claro que tenho, mas no quarto.

– Por que não a vestes?

– Eh... pelo motivo que já sabe: suportar o frio no inverno por amor do Senhor.

– Vai imediatamente vesti-la, para te proteger bem do frio e, se te faltar alguma coisa, diz, que se resolve sem mais.

Apesar desta recomendação, não se conseguiu impedir um abuso de que talvez tenha resultado a doença que o levou à morte, como adiante se dirá.

<sup>58</sup> Cf. *ibid.*, c. XVI: «Engraxar os sapatos, escovar a roupa dos companheiros, prestar aos doentes os mais humildes serviços, varrer e fazer outros semelhantes trabalhos era para ele um agradável passatempo».

<sup>59</sup> Cf. *1 Sam* 15,22; *Mt* 9,13; *Jo* 8,29.





## Capítulo XXIV

### Fatos e ditos populares

Há vários ditos e fatos sem relação direta com o que até agora se expôs e que por isso são relatados separadamente. Começo pelas conversas. Era bastante reservado no falar, mas era jovial e espirituoso. Narrava com gosto as suas peripécias de pastorinho, quando conduzia as ovelhas e as cabras ao pasto. Falava das moitas, das hortaliças, das cavidades, das cavernas, dos precipícios da montanha do Roburent e do Drec como de outras tantas maravilhas do mundo.

Tinha também alguns provérbios que para ele eram verdades indiscutíveis. Quando queria incitar alguém a não se afeiçoar às coisas do mundo e a pensar cada vez mais nas celestes, costumava dizer: *Chi guarda a terra – Come la capra – È ben difficile – Che il ciel se gli apra*. [Quem para a terra olha, como a cabra, é bem difícil que o céu se lhe abra].

Um dia um companheiro entrou em questões de religião e disse muitas asneiras. O nosso Besucco, por ser mais novo e pouco instruído, calou-se, mas ficou bastante inquieto e desgostoso. Depois se encheu de coragem e, de rosto alegre, disse:

– Escutai, começou por dizer a todos os presentes: há tempos li no dicionário a explicação da palavra *profissão* e, entre outras coisas, notei esta frase: *Chi fa l'altrui mestiere – Fa la zuppa nel paniere*. [Quem mete o nariz onde não é chamado, esparrama água por todo o lado]. O meu pai afirmava o mesmo com outras palavras dizendo: *Chi fa quel che non sa, guasta quel che fa*. [Quem faz o que não sabe, estraga o que faz]. Todos compreenderam o significado das expressões, o indiscreto orador calou-se e os outros admiraram a sagacidade e a prudência do nosso juvenzinho.

Acatava sempre de bom grado as ordens dos superiores, nunca se queixava do horário da casa, da maneira como a mesa estava posta, das ordens nas aulas e semelhantes. Tudo era do seu gosto. Tendo-se-lhe perguntado como era possível que ele estivesse sempre contente com tudo, respondeu:

– Sou de carne e osso como os outros, mas desejo fazer tudo para a glória de Deus, e o que não me agrada será certamente do agrado de Deus: por isso tenho sempre igual motivo para estar contente.

Aconteceu um dia que alguns companheiros recém-chegados à casa não conseguiam habituar-se ao novo gênero de vida. Ele animava-os, dizendo:

– Se formos para a tropa, poderemos fazer um horário ao nosso gosto? Poderemos deitar-nos ou levantar-nos quando quisermos ou ir passear quando nos apetecer?

– Claro que não, responderam eles, mas alguma liberdade...

– Nós somos certamente livres, se fizermos a vontade de Deus, e só nos tornamos de fato escravos quando caímos no pecado, porque nos tornamos então escravos do nosso maior inimigo que é o demônio.





– Mas em minha casa comia e dormia melhor, dizia um.

– Admitindo a verdade do que afirmas, isso é, que em tua casa comias melhor e dormias mais, dir-te-ei que alimentavas contigo dois grandes inimigos, que são o ócio e a gula. Quero também te dizer que não nascemos para dormir nem para comer como as cabras e as ovelhas, mas devemos trabalhar para a glória de Deus e fugir do ócio que é o pai de todos os vícios. De resto, não ouviste o que disse o nosso superior?

– Já não me recordo.

– Ontem, entre outras coisas, o superior disse que acolhe com gosto os jovens, mas não quer que ninguém esteja contrariado. Quem não estiver contente, concluía, que o diga e procurarei satisfazê-lo; quem não quiser estar nesta casa, é plenamente livre mas, se aqui ficar, não espalhe o descontentamento, fique de boa vontade<sup>60</sup>.

– Eu ia para outro lugar, mas é preciso pagar e os meus pais não podem.

– Mais motivo tens para estar contente: se não pagas, devias mostrar-te mais satisfeito do que qualquer outro: porque *a caval donato non si guarda in bocca*. [A cavalo dado não se olha os dentes]. Portanto, queridos companheiros, convençamo-nos disso, estamos numa casa de beneficência, uns pagam pouco e outros não pagam nada, e onde poderemos ter a mesma coisa por este preço?

– É verdade o que dizes, mas se pudéssemos ter boa mesa...

– Já que morres por ter boa mesa, indico-te uma maneira de a ter: ficas numa pensão com os superiores.

– Mas eu não tenho dinheiro para pagar pensão.

– Portanto, tem calma e contenta-te com o que nos dão para comer; tanto mais que todos os outros nossos companheiros se mostram contentes. E, se quereis, caros amigos, que vos fale com sinceridade, direi que, jovens robustos como nós somos, não devemos olhar à delicadeza da vida; como cristãos devemos também fazer penitência, se queremos ir para o paraíso, devemos mortificar a gula neste mundo. Acreditai, este é para nós um meio fácilimo de merecer a bênção do Senhor e ganhar mérito para o céu.

Com estes e outros modos semelhantes de falar, ao mesmo tempo que confortava os seus companheiros, tornava-se também seu modelo nas regras de civilidade e de caridade cristã.

Ao falar, costumava escrever nos cadernos e nos livros provérbios ou sentenças que ouvisse<sup>61</sup>.

Nas cartas, então, era bastante eloquente e parece-me oportuno inserir aqui algumas delas, cujo original me foi amavelmente entregue por aqueles a quem tinham sido endereçadas.

<sup>60</sup> *fique de boa vontade*: ins. ed. <sup>2</sup>1878.

<sup>61</sup> *que ouvisse*: ins. ed. <sup>2</sup>1878.





## Capítulo XXV

### As suas cartas

Estas cartas são sinal evidente da bondade de coração e ao mesmo tempo da piedade sincera de Besucco<sup>62</sup>. É bastante raro, mesmo em pessoas idosas, escrever cartas sem respeito humano e condimentadas de pensamentos religiosos e morais, como na verdade deviam fazer todos os cristãos; mas é raríssimo que isso aconteça entre garotos. Eu desejava que todos vós, jovens amadíssimos, evitásseis aquele gênero de cartas que nada têm de sagrado, de forma que poderiam enviar-se aos próprios pagãos. Não devia ser assim; sirvamo-nos também deste meio maravilhoso para comunicar os nossos pensamentos, os nossos projetos, a quem está longe de nós; mas saibamos sempre distinguir a correspondência, quando é com cristãos ou com pagãos; e nunca se esqueça de algum pensamento moral. Por este motivo insiro algumas cartas de Besucco que, por simplicidade e ternura de sentimentos, ser-vos-ão agradáveis<sup>63</sup>.

A primeira delas é dirigida ao seu padrinho, arcepreste de Argentera, com data de 27 de setembro de 1863. Nela dá-lhe conta da felicidade que goza no Oratório e agradece-lhe por tê-lo enviado para lá.

A carta é do seguinte teor:

*Caríssimo senhor padrinho*<sup>64</sup>,

*Informo que há quatro dias que os meus companheiros foram a casa passar uns vinte dias de férias. Gosto muito que as passem alegremente, mas eu desfruto muito mais do que eles porque, ficando aqui, tenho tempo de lhe escrever esta carta que espero seja também do seu agrado. Digo-lhe antes de tudo que não consigo encontrar palavras para lhe agradecer os benefícios que me fez. Além dos favores que me prodigalizou, especialmente me dando aulas em sua casa, ensinou-me também tantas coisas belas, espirituais e temporais, que muito me ajudam. Mas o maior dos favores foi ter-me enviado para esta casa onde já nada me falta, nem para a alma nem para o corpo. Agradeço cada vez mais ao Senhor, por me ter con-*

<sup>62</sup> «Com a preocupação de enviar a V. S. Rev.ma as notícias que me pediu sobre a vida do piedoso juvenzinho Besucco Francesco Albino, esqueci-me de lhe juntar as cinco cartas que o mesmo escreveu durante o tempo em que se encontrava nesse Oratório, as quais, na minha opinião, ajudarão o biógrafo ao *nosce Franciscum*. Na última carta falta a assinatura de Francisco, omitida ou por esquecimento, ou talvez por já se encontrar mal de saúde» (ASC A1010910: lett. F. Pepino - G. Bosco, 5 feb. 1864).

<sup>63</sup> *ser-vos-ão agradáveis*: corr. ed. 1864.

<sup>64</sup> A versão original, um tanto descuidada, foi sistematizada por Dom Bosco (cf. o original in ASC A1010902: lett. F. Besucco - F. Pepino, 27 set. 1863).





*cedido tão assinalado favor de preferência a tantos outros jovens. Peça-Lhe do fundo do coração por mim para que me conceda a graça de corresponder a tantos sinais de celeste bondade. Agora sou plenamente feliz neste lugar, nada mais tenho a desejar, todos os meus anseios foram satisfeitos. Agradeço-lhe, bem como aos demais benfeitores por todos os objetos que enviaram. Na semana passada esperava ter a consolação de o ver aqui em Turim, para que pudesse falar do meu comportamento com os meus superiores: paciência, o Senhor quer adiar-me esta consolação.*

*Pela sua carta, tive conhecimento de que os de minha casa choravam ao ouvir ler a minha carta. Diga-lhes que têm motivo para se alegrar e não para chorar porque eu sou plenamente feliz. Agradeço-lhe pelas preciosas advertências que me faz e garanto-lhe que, até agora, tenho feito tudo o que tenho podido para as pôr em prática. Agradeça em meu nome à minha irmã pela comunhão que fez expressamente por mim. Creio que isso me ajudou muito nos meus estudos. Pois parece-me quase impossível como em tão pouco tempo consegui passar para a segunda ginásial. Peço-lhe que dê cumprimentos aos meus familiares e lhes diga que rezem por mim, mas que não se preocupem, porque gozo de boa saúde, não me falta nada, numa palavra, sou feliz. Desculpe por não ter escrito há mais tempo; ultimamente andava ocupado a preparar-me para os exames, que me saíram melhor do que esperava. Desejo ardentemente lhe manifestar a minha gratidão; mas, não podendo de outro modo, procurarei compensar pedindo ao Senhor que lhe conceda saúde e dias felizes.*

*Dê-me a sua santa bênção e considere-me sempre  
Seu afeiçoadíssimo afilhado*

Francisco Besucco.

O pai de Francisco, amolador de profissão, passa a época sazonal a trabalhar no campo e a tratar dos animais em Argentera, mas no outono parte e desloca-se de terra em terra a fim de ganhar o pão para si e para a família exercendo a sua profissão. Francisco, em 26 de outubro, escreveu-lhe uma carta em que, mostrando o seu contentamento por se encontrar em Turim, exprime os seus ternos sentimentos filiais do seguinte modo:

*Meu querido pai<sup>65</sup>,*

*Aproxima-se o tempo em que o senhor, meu querido pai, tem de partir e andar de terra em terra a ganhar o que é necessário para a família. Não posso acompanhá-lo nas suas viagens como gostaria,*

<sup>65</sup> A carta original não se conserva.





*mas estarei sempre consigo em pensamento e em oração. Asseguro-lhe que todos os dias peço ao Senhor que lhe dê saúde e a sua santa graça.*

*O meu padrinho esteve aqui no Oratório e isso encheu-me de satisfação. Entre outras coisas, disse-me que o pai tem medo que eu passe fome; fique tranquilo porque tenho pão em grande abundância; se pusesse de parte o pão que sobra da minha necessidade, ao fim de cada semana poder-se-ia fazer uma grande açorda, como nós dizemos. Baste-lhe saber que comemos quatro vezes ao dia e sempre até que nos apetece; ao almoço há sopa e um prato de comida, e à noite sopa. Antes, dava-se vinho todos os dias, mas, desde que encareceu tanto, dá-se só nos dias festivos. Portanto, não se preocupe comigo: nada mais tenho a desejar, tudo o que desejava me foi concedido.*

*Comunico-lhe duas coisas com prazer, e são que os meus superiores se mostram muito contentes comigo e eu ainda o estou mais com eles. A outra coisa é a visita do arcebispo de Sassari. Veio fazer uma visita ao Diretor; visitou a casa, conversou muito com os jovens, e eu tive o prazer de lhe beijar a mão e de receber a sua santa bênção.*

*Querido pai, dê saudações a todos os da nossa família e especialmente à minha querida mãe. Dê notícias minhas ao meu padrinho e agradeça-lhe sempre por quanto fez por mim. Faça uma boa campanha e, se tiver morada fixa em alguma localidade, faça-me saber e brevemente lhe enviarei notícias minhas. Reze também por mim, que de todo o coração serei sempre*

*Seu afeioadíssimo filho*

Francisco.

Desde que tivera a visita do seu padrinho, desejava ardentemente receber uma carta dele. Satisfaz inteiramente tal desejo com uma carta em que o zeloso arcipreste lhe dava vários conselhos para seu bem espiritual e temporal. Francisco responde exprimindo o seu contentamento; agradece-lhe e promete pôr em prática os seus conselhos.

A carta de 23 de novembro de 1863, é do seguinte teor:

*Caríssimo senhor padrinho<sup>66</sup>,*

*No dia 14 deste mês recebi a sua carta. Pode imaginar a grande alegria que senti. Passei em grande festa todo esse dia. Li e reli várias vezes a sua carta e quanto mais a leio, maior é a vontade que sinto de estudar e de ser melhor. Agora compreendo como é grande o benefício*

<sup>66</sup> Cf. o documento original in ASC A1010903: lett. F. Besucco - F. Pepino, 23 nov. 1863.





*que me fez ao enviar-me para este Oratório. Não posso dar largas ao reconhecimento do meu coração, a não ser indo à igreja a rezar pelos meus benfeitores e especialmente por si; e, para não perder tempo de estudo, vou rezar durante o recreio<sup>67</sup>. Tenho de demorar pouco, porque, se bem que eu sinta maior satisfação no estudo e na oração do que no divertimento, todavia tenho de tomar parte no recreio com os outros, porque assim foi mandado pelos superiores, como coisa útil e necessária para o estudo e para a saúde.*

*Agora já começaram as aulas todas e, de manhã à noite, entre aulas, estudo, aula de canto, de música, práticas religiosas e recreio, já não me resta um momento de tempo para pensar na minha existência.*

*Sinto grande alegria em receber a visita do lugar-tenente Eyzautier; há dias trouxe-me um fraque tão bonito que se o senhor me visse vestido julgar-me-ia um cavalheiro.*

*O senhor recomendou-me que procurasse um bom companheiro e logo o encontrei. É melhor do que eu nos estudos e bastante virtuoso. Mal nos conhecemos, fizemos grande amizade. Entre nós só se fala de estudo e de piedade. Ele também gosta do recreio mas, depois de saltarmos um pouco, começamos logo a passear e a conversar de assuntos das aulas. O Senhor ajuda-me de forma sensível; na lista de classificações vou avançando sempre: de noventa da minha turma, ainda tenho cerca de quinze antes de mim.*

*Fico muito satisfeito por saber que os meus companheiros se recordam de mim; diga-lhes que gosto muito deles e que sejam diligentes no estudo e na piedade. Agradeço-lhe pela bela carta que me escreveu, e tentarei pôr em prática os conselhos nela contidos. Desejo ardentemente ser bom, porque sei que Deus tem preparado um grande prêmio para mim e para aqueles que O amam e servem nesta vida<sup>68</sup>.*

*Desculpe se demorei a escrever e se não pus em prática os conselhos que me deu, meu querido benfeitor. Peço-lhe que dê cumprimentos meus a todos os de minha casa e, não podendo enviar cumprimentos ao meu pai, faço-o com o coração pedindo a Deus por ele. Que em tudo se faça a vontade de Deus e não a minha<sup>69</sup>, enquanto me professo nos corações amabilíssimos de Jesus e de Maria*

*De V. Senhoria Ilustr.<sup>ma</sup>*

*Muito grato afilhado*

*Francisco Besucco.*

<sup>67</sup> recreio: corr. ed. 1864 «divertimento».

<sup>68</sup> Cf. 2 Tim 4,8.

<sup>69</sup> Cf. Mt 26,39.





Na carta enviada ao seu arcepreste, e com a mesma data, Francisco incluía também outra endereçada a um seu amigo e virtuoso primo de nome Antônio Beltrandi, de Argentera.

A ordem, a maneira de se exprimir, os pensamentos, parecem dignos de ser também publicados como modelo de cartas que podem escrever-se reciprocamente dois bons jovenzinhos. Eis o seu teor:

*Caríssimo companheiro Antônio<sup>70</sup>,*

*Que bela notícia me deu o meu padrinho a teu respeito! Ele escreve-me que tu deves também ir estudar como eu. Dir-te-ei que este é um ótimo pensamento e terás muita sorte se conseguires realizá-lo. E dado que o nosso beneficente arcepreste se disponibiliza para te dar aulas, procura compensá-lo com a diligência no cumprimento dos teus deveres. Empenha-te no estudo, mas ao lado do estudo coloca a oração e a devoção: este é o único meio de ter sucesso neste empreendimento e de ser feliz. Já me sinto feliz ao pensar que no próximo ano serás meu companheiro nesta casa.*

*As recomendações da minha parte poderiam resumir-se a uma só: obediência e submissão aos teus pais e ao senhor arcepreste. Mas recomendo-te também o bom exemplo para com os teus companheiros.*

*Quero pedir-te um favor e é que neste inverno faças a Via-Sacra depois das sagradas funções como eu fazia, quando estava na terra. Procura promover esta prática de piedade e serás abençoado pelo Senhor. O tempo é precioso, procura ocupá-lo bem; se tiveres alguma hora livre, reúne alguns garotos e faz-lhes repetir a lição da doutrina cristã que se ensinou no domingo anterior. É este um meio efficacíssimo para merecer a bênção do Senhor. Quando o meu padrinho me escrever, diz-lhe que me dê notícias tuas e assim estarei cada vez mais seguro da tua boa vontade. Presentemente me encontro muito ocupado. Ó meu caro, que pena sinto ao pensar no tempo que gastei em vão e que poderia ter empregado no estudo e em outras obras boas.*

*Creio que não leves a mal esta minha carta e, se alguma coisa te desagradar, peço desculpa. Faz tudo o que puderes a fim de que no próximo ano possamos ser companheiros aqui em Turim, se tal for da vontade do Senhor.*

*Adeus, querido Antônio, reza por mim.*

*Teu afeiçoadíssimo amigo*

Francisco Besucco.

<sup>70</sup> Cf. o documento original in ASC A1010904: lett. F. Besucco - A. Beltrandi, 23 nov. 1863.





## Capítulo XXVI

### Última carta | Pensamentos à mãe

Das cartas até aqui apresentadas, sobressai a grande piedade que Francisco alimentava no coração: cada dito seu, cada escrito é um conjunto de sentimentos de ternura e de santos pensamentos. Parecia, no entanto, que, à medida que se aproximava do fim da sua vida, se tornava cada vez mais inflamado de amor de Deus. Antes, por certas expressões, parece que ele tinha pressentimento disso. O seu próprio padrinho quando recebeu esta última carta exclamou:

– O meu afilhado quer deixar-me; Deus o quer consigo.

Transcrevo-a aqui na íntegra como verdadeiro modelo de quem quer augurar cristãmente um bom ano novo. Tem a data de 28 de dezembro de 1863.

*Caríssimo senhor padrinho*<sup>71</sup>,

*Qualquer jovem bem-educado cometeria certamente um ato de ingratidão altamente lamentável, se nestes dias não escrevesse aos seus pais e benfeitores augurando-lhes felicidades e bênçãos. Mas que sentimentos não deverei eu manifestar-lhe, meu querido e insigne benfeitor? Desde o dia em que nasci, começou a fazer-me bem e a ter cuidado com a minha alma. Os primeiros conhecimentos da ciência, da piedade, do temor de Deus, a si os devo. Se tenho um curso da escola, se pude evitar tantos perigos da alma, tudo é obra dos seus conselhos, dos seus cuidados e solitudes.*

*Como poderei então agradecer devidamente? Não podendo de outra forma, tentarei ao menos dar-lhe sinais da minha constante gratidão conservando sempre impressa na mente a recordação dos benefícios recebidos e, nestes poucos dias, empenhar-me-ei com todas as minhas forças em augurar-lhe copiosas bênçãos do céu com bom fim do presente ano e bom princípio do novo ano.*

*Como diz o velho provérbio, começar bem é meio caminho andado, também eu desejaria começar bem este ano, começá-lo na vontade do Senhor e continuá-lo segundo a sua santa vontade.*

*Por agora, os meus estudos vão bem, o comportamento no estudo, no dormitório e nas práticas de piedade foi sempre ótimo. Recebi notícias do meu pai e do meu irmão que estão com boa saúde. Dê esta notícia aos de minha casa que certamente ficarão contentes. Diga-lhes que não se preocupem comigo, que eu estou bem e nada me falta.*

<sup>71</sup> Cf. o documento original in ASC A1010905: lett. F. Besucco F. Pepino, 28 dic. 1863.





*Peço-lhe também que dê cumprimentos ao meu bom professor senhor Antônio Valorso e lhe diga que peço perdão das desobediências e dos desgostos que tantas vezes lhe dei, quando era seu aluno.*

*Finalmente, renovo a certeza de que não passarei dia sem pedir a Deus que lhe dê saúde e longa vida. Querido senhor padrinho, perdoe-me também todos os incômodos que lhe dei e continue a ajudar-me com os seus conselhos. Só desejo ser bom e corrigir-me dos meus muitos defeitos. Seja sempre feita a vontade de Deus e não a minha<sup>72</sup>.*

*Com grande respeito e afeição me professo*

*Seu muito grato afilhado*

Francisco Besucco.

Na carta endereçada ao seu padrinho ia também um bilhete para a sua mãe, que é o último dos seus escritos e pode considerar-se como o seu testamento, ou seja, as últimas palavras escritas aos seus pais.

*Amadíssima mãe<sup>73</sup>,*

*Estamos no fim do ano e Deus ajudou-nos a passá-lo bem. Antes, posso dizer que este ano foi para mim uma série contínua de favores celestes. Enquanto vos auguro boa conclusão para estes poucos dias que nos restam, peço ao Senhor que se digne conceder-vos um bom início do novo ano, continuado e repleto de toda a espécie de bens materiais e temporais. Maria Santíssima vos obtenha de seu Divino Filho longa vida e dias felizes.*

*Hoje recebi uma carta de meu pai, pela qual tenho conhecimento de que tanto ele como o meu irmão gozam de boa saúde, o que muito me alegra. Aqui lhe envio a lista de alguns objetos que ainda me são necessários.*

*Minha querida mãe, dei-lhe tantos desgostos quando estava em casa e continuo a dar-lhos ainda agora, mas procurarei compensá-la com o meu bom comportamento e com as minhas orações. Peço-lhe que faça com que a minha irmã Maria possa estudar, porque com a ciência pode instruir-se melhor na religião.*

*Adeus, querida mãe, adeus, ofereçamos ao Senhor as nossas ações e os nossos corações e peçamos-Lhe de modo particular a salvação das nossas almas. Seja sempre feita a vontade do Senhor.*

*Augure da minha parte tudo de bom a todos os de nossa casa, reze por mim, que de coração sou seu*

*Afeíoadíssimo filho*

Francisco.

<sup>72</sup> Cf. Mt 26,39.

<sup>73</sup> A carta original não se conserva.





Destas últimas cartas resulta claro que o coração de Francisco já não parecia deste mundo, mas de quem caminha com os pés na terra e tem já a sua alma em Deus, de quem queria continuamente falar e escrever.

Com o fervor nas práticas de piedade crescia também o desejo ardente de se afastar do mundo.

– Se pudesse, dizia uma vez, queria separar a alma do corpo para melhor saborear o que significa amar a Deus. Se não fosse proibido, dizia também, queria pôr de parte qualquer alimento para gozar por muito tempo do grande prazer que se sente em sofrer pelo Senhor. Que grande consolação sentiram os mártires ao morrer pela fé!

Em suma, nas palavras e nas ações, mostrava quanto já dizia São Paulo: «Tenho o desejo de partir e estar com Cristo»<sup>74</sup>. Deus via o grande amor para com Ele que reinava naquele pequeno coração e, para que a malícia do mundo não mudasse a sua vontade, quis chamá-lo a Si<sup>75</sup>, e permitiu que um excessivo amor às penitências de certa maneira desse ocasião para tal.

---

<sup>74</sup> Cf. *Fil* 1,23.

<sup>75</sup> Cf. *Sab* 4,10-11.





## Capítulo XXVII

### Penitência inoportuna e princípio da doença

Lera na vida de Domingos Sávio como um ano este deixara imprudentemente avançar a estação do frio sem pôr roupa bastante na cama. Besucco quis imitá-lo e, pensando que a ordem de usar mais roupa se referisse apenas à roupa de vestir, entendeu que podia mortificar-se na roupa da cama. Sem dizer nada, foi buscar os cobertores de lã com os outros companheiros mas, em vez de os pôr na cama, dobrava-os e punha-os debaixo da cabeceira. As coisas continuaram até princípios de janeiro, quando um dia ficou de tal modo inteiriçado que não conseguiu levantar-se com os outros. Tendo sido comunicado aos superiores que Besucco ficara de cama devido a incômodos de saúde, o enfermeiro da casa foi visitá-lo para ver o que precisava. Quando este chegou junto dele, perguntou-lhe o que tinha.

– Nada, nada, respondeu ele.

– Se não tens nada, por que estás de cama?

– Assim, assim... um pouco incomodado.

Entretanto o enfermeiro aproxima-se para o tapar bem com os cobertores e apercebe-se de que apenas tem o pequeno cobertor de verão na cama.

– E os teus cobertores, Besucco, onde estão?

– Estão aqui debaixo da cabeceira.

– Por que fizeste isso?

– Oh nada... quando Jesus estava na cruz não estava mais bem coberto do que eu.

Viu-se logo que o mal de Besucco não era leve, pelo que foi imediatamente levado para a enfermaria.

Imediatamente se mandou vir o médico que a princípio entendeu que a doença não era grave, julgando tratar-se apenas de um simples resfriado<sup>76</sup>.

<sup>76</sup> A notícia da doença foi imediatamente comunicada à família; o pároco respondeu: «A triste notícia da grave doença do jovem Francisco Besucco causou-me profunda dor, bem como às suas irmãs (uma vez que o pai e o irmão estão ausentes), as quais, para evitar por agora tão grande desgosto à boa mãe, logo me entregaram a sua estimada carta precisamente no momento em que eu estava a ler a do meu amigo sr. Eyzautier que, sendo do dia 4, dava já notícias das grandes melhoras do nosso querido doente. Lidas as duas cartas, tentei confortar as sempre boas e piedosas irmãs de Francisco, fazendo-lhes notar que ele se encontrava debaixo de cuidados de saúde entre pessoas mais amorosas e caridosas do que elas mesmas poderiam ser e que, por outro lado, se Deus na sua santa misericórdia o chamava a Si, era para fazer dele cidadão do céu. Que fizeram então aquelas três irmãs? Correram imediatamente ao altar de Maria Santíssima e ali deram largas ao seu afeto para com o irmão,





Mas no dia seguinte deu-se conta que, em vez de curar, ameaçava uma congestão catarral no estômago e que por isso a doença se tornava perigosa. Foram, por isso, usados os remédios normais dos purgantes, dos remédios para vomitar, algumas sangrias e bebidas de várias espécies, mas sem qualquer resultado favorável.

Interrogado um dia sobre o motivo pelo qual tinha cometido aquela imprudência, ou seja, não tinha posto mais roupa na cama, respondeu:

– Sinto pena que isso tenha desagradado aos meus superiores, mas espero que o Senhor aceite esta pequena penitência em desconto dos meus pecados.

– Mas e as consequências da tua imprudência?

– As consequências, deixo-as todas nas mãos do Senhor; não ligo a nada do que possa acontecer a este meu corpo, contanto que tudo sirva para a maior glória de Deus e para o bem da minha alma.

---

recomendando-o à nossa Mãe comum, como exatamente lhes tinha ordenado Francisco na última carta que me escreveu em 29 de dezembro passado, na qual se comprazia a informar-me das contínuas demonstrações de amor que recebia dos seus superiores» (ASC A1010908: lett. F. Pepino - V. Alasonatti, 9 gen. 1864).





## Capítulo XXVIII

### Resignação na doença | Ditos edificantes

A doença durou apenas oito dias que para ele foram outros tantos exercícios e para os companheiros exemplos de paciência e de resignação cristã. O mal dificultava-lhe a respiração e causava-lhe forte dor de cabeça contínua; foi submetido a muitas e dolorosas operações cirúrgicas; foram-lhe administrados vários remédios energéticos. Mas todas estas prescrições, todas estas curas não conseguiram aliviar-lhe o mal e serviram apenas para fazer brilhar a sua admirável paciência. Nunca deu qualquer sinal de ressentimento ou de queixa. Às vezes diziam-lhe:

– Este remédio é desagradável, não é verdade?

Ele respondia logo:

– Se fosse uma bebida doce, a minha boca gostaria mais, mas é justo que ela faça alguma penitência pelas gulodices passadas.

Outra vez diziam-lhe:

– Besucco, tens muitas dores, não é verdade?

– É verdade que tenho algumas dores, mas que é isso em comparação com o que deveria sofrer pelos meus pecados? Devo de resto dizer-vos que estou tão contente, que nunca imaginei que se sentisse tanto gosto em sofrer pelo Senhor.

A quem lhe prestasse algum serviço, agradecia de todo o coração, dizendo logo:

– O Senhor lhe pague por tudo o que faz por mim.

Não sabendo como exprimir a sua gratidão ao enfermeiro, disse-lhe muitas vezes estas palavras:

– O Senhor lhe pague na minha vez e, se for para o paraíso, pedir-lhe-ei de todo o coração por si, para que o ajude e abençoe.

Um dia o enfermeiro perguntou-lhe se não tinha medo de morrer.

– Querido enfermeiro, respondeu, se o Senhor me quiser conSigo no paraíso, terei todo o gosto em obedecer à sua chamada, mas receio bastante não estar preparado. Apesar disso, ponho toda a minha esperança na sua infinita misericórdia e, recomendando-me do fundo do coração a Maria Santíssima, a São Luís Gonzaga, a Domingos Sávio, com a sua proteção espero ter uma boa morte<sup>77</sup>.

<sup>77</sup> Cf. o testemunho do enfermeiro Francesco Mamardi: «Apercebendo-se o jovem Besucco de que as suas forças diminuía e aumentava o mal que lhe provocava febre alta e fortes dores de cabeça e que o seu estômago muito piorava devido à grande dificuldade de respirar, disse-me: “Caro enfermeiro, se o Senhor me quiser com Ele no paraíso, ficarei





Estávamos apenas no quarto dia da doença, quando o médico começou a temer pela vida de Francisco. E eu, para começar a abordar aquele momento, disse-lhe:

Meu caro Besucco, gostarias de ir para o paraíso?

– Imagine se não gostaria de ir para o paraíso! Mas é preciso merecê-lo.

– Supõe que te davam a escolher entre curar-se ou ir para o paraíso: que escolhias?

– São duas coisas diferentes, viver para o Senhor ou morrer para ir para o Senhor<sup>78</sup>. Gosto da primeira, mas muito mais da segunda. Mas quem me garante o paraíso depois de ter cometido tantos pecados?

– Ao fazer-te esta proposta, suponho que estejas seguro de ir para o paraíso, porque, tratando-se de ir para outro lugar, não quero que tu deixes por agora.

– Mas como poderei então merecer o paraíso?

– Merecerás o paraíso pelos méritos da paixão e da morte de nosso Senhor Jesus Cristo.

– Portanto, irei para o paraíso?

– Claro que sim e certamente, bem entendido, quando tal for do agrado do Senhor.

Então lançou um olhar pelos que estavam presentes e depois, esfregando as mãos com alegria, disse:

– O contrato está feito: o paraíso e mais nada, para o paraíso e não para outro lugar. Não me falem de mais nada, só do paraíso.

– Sinto-me feliz, disse-lhe então, por mostrares tão grande desejo de ir para o paraíso, mas quero que estejas pronto a fazer a santa vontade do Senhor...

Ele interrompeu as minhas palavras dizendo:

– Sim, sim, a santa vontade de Deus seja feita em tudo, no céu e na terra.

---

felicíssimo por obedecer à chamada, mas receio muito não estar preparado... todavia pensando na sua infinita misericórdia e recomendando-me sinceramente a Maria Santíssima, a São Luís Gonzaga e a Domingos Sávio, com a proteção deles, espero ter uma boa morte”. Tomava de bom grado os medicamentos prescritos e posso sinceramente afirmar que sempre que eu lhe prestava algum serviço necessário, como dar de beber, arranjar a roupa da cama, a almofada ou coisas semelhantes, fazia-me inclinar com o rosto próximo do seu e, beijando-me afetuosamente, dizia: “Ó enfermeiro: agradeço-lhe tudo o que faz por mim; que o Senhor o recompense por tudo”. E eu acrescentava: “Caro Besucco, gostarias mais de ficar curado ou de ir para o paraíso?”. Ele respondeu-me: “Neste caso, seja feita a santa vontade de Deus”» (ASC A1010913: lett. F. Mamardi - G. Bosco, s.d. [gen. 1864], f1v-2r).

<sup>78</sup> Cf. *Fil* 1,22-23.





No quinto dia da doença, ele próprio pediu para receber os santos sacramentos. Queria fazer a confissão geral, o que lhe foi negado, por não ter qualquer necessidade dela, tanto mais que a tinha feito alguns meses antes. Todavia preparou-se para aquela última confissão com um fervor todo singular e mostrava-se muito comovido. Depois da confissão, ficou muito alegre e dizia a quem estava junto dele:

– No passado, prometi mil vezes não voltar a ofender o Senhor; mas não mantive a palavra. Hoje renovei esta promessa e espero ser fiel até a morte.

Naquela noite perguntou-se-lhe se tinha algum pedido a fazer a alguém.

– Oh sim, dizia-me, diga a todos que rezem por mim para que o meu purgatório seja breve.

– Que queres que eu diga aos teus companheiros da tua parte?

– Diga-lhes que fujam do escândalo, que procurem fazer sempre boas confissões.

– E aos clérigos?

– Diga aos clérigos que deem bom exemplo aos jovens, e que se empenhem em dar-lhes sempre bons avisos e bons conselhos, quando for o caso disso.

– E aos teus superiores?

– Diga aos meus superiores que agradeço a todos pela bondade que tiveram para comigo; que continuem a trabalhar para conquistar muitas almas; e, quando eu estiver no paraíso, pedirei por eles ao Senhor.

– E a mim que me dizes?

A estas palavras, mostrou-se comovido e, lançando um olhar fixo, replicou:

– A si peço que me ajude a salvar a alma. Desde há muito tempo, peço ao Senhor que me deixe morrer nas suas mãos, peço-lhe que realize a obra de caridade e me assista até nos últimos momentos da minha vida.

Assegurei-lhe que não o abandonaria, quer curasse, quer estivesse doente e, com muito mais razão, se estivesse em perigo de morte. Depois tomou um ar muito alegre e não ligou a mais nada, a não ser preparar-se para receber o santo viático.





## Capítulo XXIX

### **Recebe o viático | Outros ditos edificantes | Uma mágoa sua**

Estávamos no sexto dia da sua doença (oito de janeiro), quando ele mesmo pediu para fazer a sagrada comunhão.

– Com muito gosto iria fazê-la com os meus companheiros na igreja, dizia, pois há oito dias que já não recebo o meu querido Jesus.

Enquanto se preparava para O receber, perguntou a quem o assistia o que significa viático.

– Viático, respondeu alguém, significa provisão e companheiro de viagem.

– Oh que bela provisão a minha tendo comigo o pão dos anjos na viagem que estou para empreender!

– Não só terás este pão celeste, acrescentou alguém, mas terás o mesmo Jesus por ajuda e por companheiro na grande viagem, que te preparas para fazer para a eternidade.

– Se Jesus é meu amigo e companheiro, nada tenho a temer; antes, tudo tenho a esperar da sua grande misericórdia. Jesus, José e Maria, dou-vos o meu coração e a minha alma.

Depois fez a sua preparação e foi necessário que alguém o ajudasse, porque tinha as suas habituais orações que ele rezava por ordem uma após outra. Recebeu a sagrada hóstia com tais sinais de piedade, que são mais fáceis de imaginar do que de descrever.

Depois da comunhão, ficou a rezar em ação de graças. Tendo-se-lhe perguntado se precisava de alguma coisa, só respondia:

– Rezemos.

Após uma considerável ação de graças, chamou os presentes e recomendou-lhes que só lhe falassem do paraíso.

Nesta altura recebeu a visita do ecônomo da casa, o que lhe deu grande satisfação<sup>79</sup>.

<sup>79</sup> Era o padre *Angelo Savio*, nascido em Castelnuovo d’Asti (20 nov. 1835) de Carlo e Maria Amedeo; recebeu a veste clerical das mãos de Dom Bosco (9 dez. 1854) e foi um dos fundadores da Sociedade Salesiana, eleito ecônomo geral na reunião de fundação (18 dez. 1859); ordenado sacerdote (2 jun. 1860), trabalhou no Oratório até 1875, pois acompanhou a construção de várias obras salesianas (Alassio, Vallecrosia, Marselha) e da igreja do Sacro Cuore em Roma; em 1885 acompanhou monsenhor Cagliari para a Patagônia; colaborou em Santa Cruz com Dom Giuseppe Beauvoir; visitou as tribos indígenas da Patagônia central e meridional; acompanhou Dom Domenico Milanesio nas viagens missionárias entre Rio Negro e Rio Colorado, até a Cordilheira; fundou a casa de Concepción no Chile e outras





- Ó padre Sávio, pôs-se a dizer rindo, desta vez vou para o paraíso.
- Tem coragem e coloquemos nas mãos do Senhor a vida e a morte; esperamos ir para o paraíso, mas quando Deus quiser.
- Para o paraíso, padre Sávio, perdoe os desgostos que lhe dei; reze por mim e, quando estiver no paraíso, pedirei também ao Senhor por si.
- Algum tempo depois, vendo-o tranquilo, perguntei-lhe se tinha algum recado a deixar-me para o seu arcepreste. A esta palavra mostrou-se perturbado.
- O meu arcepreste, respondeu, ajudou-me muito, fez o que pôde para me salvar, diga-lhe que nunca esqueci os seus conselhos. Não voltarei a ter a consolação de o ver neste mundo, mas espero ir para o paraíso e pedir a Maria Santíssima que o ajude a conservar bons todos os meus companheiros e que assim eu possa vê-lo com todos os seus paroquianos no paraíso.

Ao dizer isso, a comoção embargou-lhe as palavras.

Depois de descansar um pouco, perguntei-lhe se não desejava ver os seus familiares.

– Não posso voltar a vê-los, respondia, porque estão muito longe, são pobres e não têm dinheiro para a viagem. Além disso, o meu pai está longe de casa a trabalhar na sua profissão<sup>80</sup>. Diga-lhes que morro resignado, alegre e feliz. Rezem também por mim, espero ir para o paraíso e de lá os espero a todos... À minha mãe..., e interrompeu o que ia dizer.

Cerca de uma hora depois, disse-lhe:

- Tens talvez algum recado para a tua mãe?
- Diga à minha mãe que a sua oração foi atendida por Deus: Ela disse-me muitas vezes: Querido Francisquinho, desejo que vivas muito tempo neste mundo, mas prefiro mil vezes que morras a ver-te inimigo de Deus pelo pecado. Espero que os meus pecados tenham sido perdoados, espero ser amigo de Deus e poder ser feliz com Ele para sempre. Ó meu Deus, abençoa a minha mãe, dai-lhe coragem para aceitar com resignação a notícia da minha morte, dai-me a graça de a ver com toda a família no paraíso a tomar parte na vossa glória.

---

obras no Peru e no Paraguai, chegando ao Mato Grosso (Brasil); morreu em 17 de janeiro de 1893 durante uma viagem de exploração no Equador, vítima de uma pneumonia, numa cabana nas faldas do Cimborazo (cf. AAT, 12.12.3: *Registrum clericorum 1808-1847*, rubr. S. 1854; AAT 12.3.14: *Registrum ordinationum 1848-1871*; CERIA, *Profili dei capitolari salesiani*, 89-97).

<sup>80</sup> O pai e o irmão Mateus, durante o inverno, percorriam a costa ligure por motivos de trabalho; por esse motivo, só muito tarde o pároco pôde informá-los da morte de Francisco: «Até o presente, ainda não consegui receber notícias do pai de Francisco, e irmão, que se encontravam nos arredores de Porto Maurizio na qualidade de amoladores. Logo que eu receba as notícias que me enviar acerca do seu filho, apressar-me-ei a transmitir-lhas» (ASC A1010909: lett. F. Pepino - G. Bosco, 1 feb. 1864, f1v.).





Queria continuar a falar, mas obriguei-o a calar-se para descansar um pouco. Na noite do dia oito, agravando-se cada vez mais o seu mal, decidiu-se administrar-lhe a Santa Unção. Tendo-se-lhe perguntado se desejava receber este sacramento:

– Sim, respondeu, desejo de todo o coração.

– Porventura não tens nada que te pese na consciência?

– Ah! Sim, tenho uma coisa que me pesa muito e me remorde bastante na consciência!

– O que é? Desejas dizê-la em confissão ou de outra maneira?

– Tenho uma coisa em que sempre pensei na minha vida, mas não imaginei que me desse tanta pena na hora da morte.

– O que é então que te dá tanta pena e tanta mágoa?

– Sinto o mais amargo desgosto porque na minha vida não amei o Senhor tanto como Ele merece.

– Fica tranquilo a tal respeito, porque neste mundo nunca poderemos amar o Senhor como Ele merece. Aqui é necessário fazer o que pudermos; mas o lugar onde O amaremos como devemos é a outra vida, é o paraíso. Lá vê-l’O-emos como Ele é em si mesmo<sup>81</sup>, lá conheceremos e saborearemos a sua bondade, a sua glória, o seu amor. Feliz de ti que em breve terás esta inefável ventura! Agora prepara-te para receber a Santa Unção que é o sacramento que apaga os vestígios dos pecados e nos dá também a saúde corporal, se for bom para a saúde da alma.

– Para a saúde do corpo, replicou, não se fale mais nisso; quanto aos pecados peço perdão deles e espero que sejam inteiramente perdoados; antes, confio que poderei obter também a remissão da pena que pelos mesmos devia suportar no purgatório.

---

<sup>81</sup> Cf. 1 Jo 3,2.





## Capítulo XXX

### **Recebe a Santa Unção | As suas jaculatórias nesta ocasião**

Tendo-se preparado tudo para o último sacramento que o homem recebe nesta vida mortal, quis ele mesmo rezar o *Confiteor* com as outras orações que acompanham este sacramento, dizendo ele próprio uma jaculatória especial na unção de cada sentido<sup>82</sup>.

Administrou-lhe o padre Alasonatti, ecônomo da casa. Quando da unção dos olhos, o piedoso enfermo disse:

– Ó meu Deus, perdoai-me todos os olhares pecaminosos e tudo aquilo que li e não devia ter lido.

Na unção dos ouvidos:

– Ó meu Deus, perdoai-me tudo aquilo que ouvi com estes ouvidos e que era contrário à vossa santa lei. Fazei com que, ao fechar-se para sempre neste mundo, se abram para ouvir a voz que me chamará a gozar da vossa glória.

Na unção do nariz:

– Perdoai, ó Senhor, todas as satisfações que dei ao olfato.

Na boca:

– Ó meu Deus, perdoai-me a gula e todas as palavras que de qualquer modo Vos tenham desagradado. Fazei que a minha língua possa cantar quanto antes os vossos louvores para sempre.

Nesta altura, o ecônomo comoveu-se profundamente e exclamou:

– Que belos pensamentos, que maravilha num rapaz de tão tenra idade!

Continuando depois a administração do sacramento, ao ungir as mãos dizia:

– Por esta Santa Unção e pela sua piíssima misericórdia o Senhor te perdoe qualquer falta que tenhas cometido com o tato.

O enfermo continuou:

– Senhor Jesus, com o véu da vossa misericórdia e pelos méritos das chagas das vossas mãos cobri e apagai todos os pecados que cometi por obras em todo o decurso da minha vida.

Nos pés:

– Perdoai, ó Senhor, os pecados que cometi com estes pés, quer quando fui onde não devia ter ido, quer não indo onde me chamavam os meus deveres. A vossa misericórdia me perdoe todos os pecados que cometi por pensamentos, palavras, atos e omissões.

<sup>82</sup> Cf. *Rituale Romanum*, editio princeps, 59-63.





Várias vezes lhe foi dito que bastava dizer aquelas jaculatórias com o coração e que o Senhor não pede tão grande esforço como ele tinha de fazer rezando em alta voz: então se calava um instante, mas depois continuava no mesmo tom de voz de antes. Por fim, estava tão cansado e o pulso era tão fraco, que pensávamos que estava para dar o último suspiro. Pouco depois refez-se um tudo-nada e, na presença de muitas pessoas, dirigiu estas palavras ao superior:

– Pedi muito a Nossa Senhora a graça de morrer num dia a Ela dedicado e espero ser atendido. Que mais poderei pedir ao Senhor?

Para secundar o piedoso pedido foi-lhe respondido:

– Pede ainda ao Senhor que te faça passar todo o purgatório neste mundo, de forma que ao morrer a tua alma suba logo ao céu.

– Oh! sim, acrescentou logo, peço do fundo do coração, dê-me a sua bênção; espero que o Senhor me faça sofrer neste mundo, para que passe aqui todo o meu purgatório e assim a minha alma, ao separar-se do corpo, possa voar logo para o céu.

Parece mesmo que o Senhor o atendeu, dado que teve ligeiras melhoras e a sua vida se prolongou ainda por cerca de vinte e quatro horas.





## Capítulo XXXI

### **Um fato maravilhoso | Duas visitas | Sua preciosa morte**

Nove de janeiro, sábado, foi o último dia do nosso querido Besucco. Esteve todo o dia perfeitamente consciente. Queria rezar continuamente, mas foi proibido por ser demasiado cansativo.

– Oh! Ao menos, disse, reze alguém perto de mim e assim eu repetirei no coração o que ele disser por palavras.

Para satisfazer este seu ardente desejo era necessário que alguém rezasse orações ou pelo menos jaculatórias junto do seu leito. Entre outros que o visitaram nesse dia encontrava-se um seu companheiro um tanto dissipado.

– Besucco, disse ele, como estás?

– Querido amigo, respondeu, estou no fim da minha vida, reza por mim nestes últimos momentos. Mas pensa que um dia será a tua vez. Oh como te sentirás feliz, se fizeres boas obras! Mas, se não mudares de vida, ah quanta mágoa sentirás na hora da morte!

Aquele companheiro pôs-se a chorar e, desde aquele momento, começou a pensar com mais seriedade nos assuntos da alma e hoje em dia ainda tem boa conduta.

Às dez da noite recebeu a visita do senhor Eyzautier, Tenente das guardas de Sua Majestade, acompanhado da sua esposa. Tinha-se empenhado em que ele viesse para o Oratório, e tinha-o ajudado muito. Besucco mostrou-se muito contente e deu vivos sinais de agradecimento. Aquele valoroso militar, ao ver a alegria que transparecia naquele rosto e os sinais de devoção que ele manifestava e a assistência que tinha, sentiu-se profundamente comovido e disse estas palavras:

– Morrer deste modo é um verdadeiro prazer e queria também eu poder encontrar-me em tal estado. Depois, falando com o enfermo, disse-lhe:

– Querido Francisquinho, quando estiveres no paraíso, reza também por mim e pela minha esposa.

Cada vez mais comovido, não conseguiu falar mais e, despedindo-se do enfermo pela última vez, ausentou-se.

Cerca das dez e meia parecia não poder ter mais do que poucos minutos de vida, quando mexeu as mãos tentando levantá-las. Peguei-lhe nas mãos e juntei-lhas para que de novo as apoiasse no leito. Ele tirou-as e levantou-as de novo com ar risonho, tendo os olhos fixos como quem contempla algum objeto da máxima consolação. Pensando que talvez quisesse o crucifixo, coloquei-lho nas mãos; mas pegou nele, beijou-o, e pô-lo de novo sobre o leito, levantando





logo de novo com ímpeto de alegria as mãos<sup>83</sup>. Naquele instante, a sua face parecia mais vigorosa e corada do que no seu estado de saúde normal. Parecia resplandecer-lhe no rosto uma beleza, um tal resplendor que ofuscou todas as outras lâmpadas da enfermaria. A sua face irradiava uma luz tão viva, que o sol ao meio-dia seria como escuras trevas<sup>84</sup>. Todos os presentes, que eram em número de dez, ficaram não só assustados mas estupefatos, atônitos e em profundo silêncio tinham os olhares fixos na face de Besucco, que irradiava um clarão semelhante ao da luz elétrica e que os obrigava a baixar o olhar<sup>85</sup>. Mas todos ficaram ainda mais admirados quando o enfermo, levantando um pouco a cabeça e estendendo as mãos o mais que podia como quem aperta a mão a uma pessoa amada, começou com voz alegre e sonora a cantar assim: *Louvai a Maria | Ó línguas fiéis || Ressoe nos céus | A vossa harmonia*<sup>86</sup>.

Depois fazia esforços para levantar mais para cima a sua pessoa que de fato se ia elevando, enquanto, estendendo<sup>87</sup> as mãos postas, começou de novo a cantar assim: *O Gesù d'amor acceso | Non vi avessi mai offeso || O mio caro e buon Gesù | Non vi voglio offender più*<sup>88</sup> [Ó Jesus de amor aceso | Não te houvesse nunca ofendido | Ó meu querido e bom Jesus | Não te quero ofender mais]. Sem interromper entoou a loa: *Perdon, caro Gesù | Pietà, mio Dio || Prima di peccar più | Morir vogl'io*<sup>89</sup>. [Perdão, caro Jesus | Tende piedade, meu Deus | Antes que pecar mais | Morrer quero].

Nós continuávamos em silêncio e os nossos olhares estavam fixos no enfermo que parecia um anjo com os anjos do paraíso. Para interromper a estupefação, o Diretor disse:

<sup>83</sup> Cf. o testemunho do enfermeiro: «Muitas vezes admirei Besucco durante a sua breve doença e especialmente nos últimos dois dias, a levantar os olhos fixos ao céu e, levantando o braço direito, apontar o céu com o indicador!... o paraíso!... Assim expirou Besucco» (ASC A1010913: lett. F. Mamardi - G. Bosco, s.d. [gen. 1864], f2r).

<sup>84</sup> *que ofuscou ... escuras trevas*: corr. ed. 1864 «que parecia escura a própria luz da lâmpada».

<sup>85</sup> *não só... o olhar*: corr. ed. 1864 «estupefatos».

<sup>86</sup> Primeira estrofe de uma loa intitulada *Affetti a Maria* (por alguns erroneamente atribuída a santo Afonso por causa do título) inserida no *Giovane provveduto*, que se tornou muito popular nas casas salesianas (cf. BOSCO, *Il giovane*, ed. 1863, 405-406).

<sup>87</sup> *que de fato... estendendo*: ins. ed. 21878.

<sup>88</sup> A cançoneta, inserida no *Giovane Provveduto* como conclusão da *Coroa do Sagrado Coração de Jesus*, depois a *Oração ao sacratíssimo Coração de Maria*, concluía com estes versículos: «Imaculado Coração de Maria | fazei que eu salve a minha alma. || Sagrado Coração do meu Jesus | fazei que eu Vos ame cada vez mais» (cf. BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 1863, 142); com ligeiras variantes é ainda hoje usada em alguns lugares como ato de contrição no fim da confissão sacramental.

<sup>89</sup> Estrofe inicial de uma loa intitulada *Atto di sincero proponimento* (cf. BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 1863, 409).





– Eu creio que neste momento o nosso Besucco recebe uma graça extraordinária do Senhor ou da sua Mãe celeste, de quem foi tão devoto em vida. Talvez Ela venha convidar a sua alma para a conduzir consigo para o céu.

O padre Alasonatti, administrador, teve que exclamar:

– Ninguém se assuste. Este jovem está em comunicação com Deus<sup>90</sup>.

Besucco continuou o seu canto, mas as suas palavras eram truncadas e cortadas, como de quem responde a amorosas interrogações. Eu consegui apenas recolher estas:

– Rei do céu... Tão bel... Sou pobre pecador... A Vós dou o meu cora... Dai-me o vosso amor... Meu querido e bom Senhor.

Depois se deixou cair normalmente no leito. Cessou a luz maravilhosa, o seu rosto tornou-se como antes; reapareceram as outras luzes e o enfermo já não dava sinal de vida<sup>91</sup>. Mas, apercebendo-se de que já não se rezava, nem lhe sugeriam jaculatórias, logo se virou para mim, dizendo:

– Ajude-me, rezemos. Jesus, José e Maria, assisti-me nesta minha agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz convosco a alma minha<sup>92</sup>.

Eu recomendava-lhe que se calasse mas ele, sem fazer caso, continuou:

– Jesus na minha mente, Jesus na minha boca, Jesus no meu coração; Jesus e Maria, a Vós entrego a alma minha.

Eram as onze quando ele quis falar, mas já não podendo, disse apenas estas palavras:

– O crucifixo.

Com elas pedia a bênção do crucifixo com a indulgência plenária *in articulo mortis*, que muitas vezes tinha pedido e que eu prometi.

Dada aquela última bênção, o ecônomo começou a ler o *Proficiscere*, enquanto os outros rezavam de joelhos<sup>93</sup>. Às onze e um quarto, Besucco, fixando-me com o olhar, tentou esboçar um sorriso em forma de despedida, depois levantou os olhos ao céu indicando que partia. Poucos instantes depois, a sua alma deixava o corpo e voava gloriosa, como fundamentalmente esperamos, a gozar da glória celeste em companhia daqueles que com a inocência da vida serviram a Deus neste mundo, e agora são bem-aventurados com Ele e O bendizem eternamente.

<sup>90</sup> O padre Alasonatti, ... com Deus: corr. ed. 1864 «Estávamos ainda atônitos pela maravilha, quando Besucco...»

<sup>91</sup> Cessou a luz ... de vida : ins. ed. 21878.

<sup>92</sup> Ressoa uma oração sugerida por Dom Bosco para terminar o dia: «Apenas deitado, direis: Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e alma minha. Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz a alma minha» (BOSCO, *Il giovane provveduto*, ed. 1863, 101-102); é inserida também na ação de graças depois da comunhão (cf. *ibid.*, 135).

<sup>93</sup> Cf. *Magone*, c. XV; *Rituale Romanum*, editio princeps, 86-108.





## Capítulo XXXII

### Sufrágios e funeral

Não se pode exprimir a dor e a mágoa sentida em toda a casa pela perda de tão querido amigo. Fizeram-se naquele momento muitas orações junto do seu próprio leito. Ao nascer do dia, a notícia espalhou-se entre os seus companheiros que, para buscar algum conforto na dor e prestar homenagem ao amigo falecido, se reuniram na igreja a fim de rezar em sufrágio<sup>94</sup> da sua alma, se porventura ainda tivesse necessidade. Muitos fizeram a sagrada comunhão com esta mesma finalidade. Terço, ofício, orações em comum e em privado, comunhões, missa, em suma, todas as práticas de piedade que, naquele dia festivo, se realizaram na nossa igreja foram dirigidas a Deus pelo eterno repouso da alma do bom Francisco. Naquele dia deu-se outra coisa singular. A sua fisionomia tornou-se tão atraente e o seu rosto tão corado, que não tinha qualquer aspecto de morte. Nem sequer quando andava bem de saúde, alguma vez se mostrou nele sinal daquela extraordinária beleza. Os próprios companheiros, bem longe de ter aquele medo que geralmente se tem dos mortos, ansiavam vê-lo e todos diziam que parecia mesmo um anjo do céu. É por este motivo que a fotografia tirada depois da morte apresenta feições muito mais simpáticas e graciosas do que tinha em vida. Os que viam objetos que de algum modo tivessem pertencido a Besucco andavam à porfia para os adquirir e ficar com eles como sinal da mais grata recordação. A voz mais comum que corria entre todos era que ele tinha voado para o céu.

– Já não tem necessidade das nossas orações, diziam alguns; neste momento goza já da glória do paraíso.

– Mais ainda, acrescentava outro, certamente se encontra já na presença de Deus a pedir por nós.

– Eu creio, concluía um terceiro, que Besucco possui já um trono de glória no céu, e que invoca as bênçãos divinas sobre os seus companheiros e amigos. No dia seguinte, onze de janeiro, foi-lhe cantada missa pelos seus companheiros, aqui na igreja do Oratório, e muitos deles fizeram a sagrada comunhão para maior glória de Deus e pelo eterno repouso da sua alma, se porventura ainda tivesse necessidade de algum sufrágio. Terminada a cerimônia fúnebre, foi acompanhado pelos pesarosos colegas à paróquia e depois ao cemitério.

O lugar que agora ocupa é o n.º 147, quadrado a poente<sup>95</sup>.

<sup>94</sup> em *sufrágio*: corr. ed. 1864 «para o repouso».

<sup>95</sup> Cf. ASC A1010916: *Atestado de sepultura*: «Cidade de Turim – Cemitério Geral: o falecido Francisco Besucco foi sepultado em 12 de janeiro de 1864, quadrado de poente, fila 34, campa 147. Pautassi capelão».





## Capítulo XXXIII

### Comoção em Argentera e veneração pelo jovem Besucco

As virtudes, que neste maravilhoso juvenzinho resplandeceram pelo espaço de 14 anos na localidade de Argentera, tornaram-se ainda mais luminosas quando ele partiu deste mundo e quando chegaram notícias da sua preciosa morte.

O padre Francesco Pepino enviou-me um comovente relatório de coisas que têm algo de sobrenatural. Guardá-lo-ei ciosamente para momento mais oportuno e limitar-me-ei a extrair dele alguns traços. «Quando se soube da notícia da grave doença de Besucco, escreve ele, fizeram-se orações públicas por ele, cantando-se a missa com a bênção do SS. Sacramento e oração *pro infirmo*. A notícia da sua morte, recebida na tarde do dia treze, correu logo de boca em boca e, em menos de uma hora, por toda a parte Francisco era proclamado modelo da juventude cristã<sup>96</sup>. Não se pode calcular a grande dor que se abateu sobre os pais e os benfeitores deste querido juvenzinho cuja conduta exemplar agradou sempre a todos e a ninguém ofendeu. A irmã mais nova de Francisco, chamada Maria, anunciou claramente a morte no dia dez de janeiro, assegurando que cerca da meia-noite do dia nove para dez, estando na cama com sua mãe, sentiu um forte rumor no quarto de cima onde costumava dormir Francisco. Ela ouviu claramente lançar um punhado de areia no pavimento e, com receio de que a mãe com tal ruído viesse a suspeitar da morte de Francisco, entreteve-a com conversas em voz alta que aquela filha não costumava ter. Várias outras pessoas, convencidas da sua santidade, não hesitaram em recomendar-se a ele para obter favores celestes e foram atendidas».

Não quero discutir sobre os fatos aqui apresentados: entendo fazer apenas o papel de historiador aceitando qualquer observação que o benévolo leitor possa fazer. Eis por isso mais algumas passagens do mencionado relatório: «No mês de fevereiro, um pequeno com cerca de dois anos encontrava-se em grave perigo de vida; julgando o caso desesperado, os pais recomendaram-no ao nosso Besucco, cujas virtudes ambos enalteciam. Prometeram além disso que, se o pequeno se curasse, iriam animá-lo à prática da *santa Via Crucis*, à imitação de Francisco. A criança curou-se ao fim de pouquíssimo tempo e agora goza de perfeita saúde.

Há dias, continua o pároco, recomendei eu mesmo à intercessão do querido juvenzinho um pai de família gravemente enfermo, recomendei-o

<sup>96</sup> *por toda a parte ... cristã*: corr. ed. 1864 «apresentado pela maior parte dos pais como modelo das suas respectivas famílias».





também ao mesmo tempo a Jesus Sacramentado, a cuja honra e glória se consagra o referido pai de família na qualidade de cantor. Omito o nome destas pessoas unicamente para as poupar a qualquer crítica indiscreta. O enfermo logo melhorou e, em poucos dias, apareceu perfeitamente curado.

A irmã mais velha de Francisco, de nome Ana, casada no mês de março, vendo-se acometida de grave incômodo que a não deixava descansar nem de dia nem de noite, num momento de maior apuro, exclamou: “Meu querido Francisquinho, ajuda-me nesta grave necessidade, obtém-me algum repouso”. Dito e feito. Daquela noite em diante, começou e continuou a descansar tranquilamente.

Animada a dita Ana pelo bom resultado da sua oração, recomendando-se de novo a Francisco que a socorresse num momento em que a sua vida corria grave perigo, foi atendida além de toda a sua expectativa.

Eu que recolho os fatos dos outros para maior glória de Deus, não devo deixar de notar que, habituado a recomendar-me às orações do meu afilhado quando ele ainda era vivo, com maior confiança a ele recorri depois da sua morte e desta minha confiança obtive em diversas circunstâncias felizes resultados».





## Capítulo XXXIV

### Conclusão

Aqui termino a vida de Francisco Besucco. Teria ainda várias coisas a referir acerca deste virtuoso juvenzinho; mas, como poderiam dar azo a críticas por parte de quem se recusa a reconhecer as maravilhas do Senhor nos seus servos, reservo-me o direito de as publicar em tempo oportuno, se a divina bondade me conceder graça e vida.

Entretanto, estimado leitor, antes de terminar este meu escrito, queria que juntos tirássemos uma conclusão que fosse útil para mim e para ti. É certo que, mais tarde ou mais cedo, a morte virá para nós ambos e talvez esteja mais próxima do que possamos imaginar. É igualmente certo que, se não praticarmos boas ações no decurso da nossa vida, não poderemos recolher os seus frutos na hora da morte nem esperar de Deus qualquer recompensa. Ora, dando-nos a Divina Providência algum tempo para nos prepararmos para aquele último momento, utilizemo-lo em boas obras e tendo a certeza de que a seu tempo colheremos o fruto merecido. Não faltará, é verdade, quem faça troça de nós, por nos mostrarmos a favor da religião. Não liguemos a quem assim fala. Engana-se e prejudica-se a si mesmo e a quem o escuta. Se quisermos ser sábios perante Deus, não devemos reear parecer loucos diante do mundo, porque Jesus Cristo nos assegura que a sabedoria do mundo é estultícia aos olhos de Deus<sup>97</sup>. Só a prática constante da religião pode tornar-nos felizes no tempo e na eternidade. Quem não trabalha no verão, não tem direito de descansar no inverno, e quem não pratica a virtude na vida, não pode esperar qualquer prêmio depois da morte.

Coragem, leitor cristão, coragem em realizar boas obras enquanto temos tempo; os sofrimentos são breves, e os prêmios que nos esperam duram eternamente<sup>98</sup>. Invocarei sobre ti as bênçãos divinas, e tu suplica também ao Senhor Deus que use de misericórdia para com a minha alma, a fim de que, depois de ter falado da virtude, do modo de a praticar e da grande recompensa que para ela Deus tem preparada na outra vida, não me aconteça a terrível desgraça de a transcurar com dano irreparável da minha salvação.

O Senhor nos ajude, a ti e a mim, a perseverar na observância dos seus preceitos nos dias da nossa vida, para podermos um dia gozar no céu do grande bem, do sumo bem, pelos séculos dos séculos. Assim seja.

<sup>97</sup> 1 Cor 3,19.

<sup>98</sup> Cf. 2 Cor 4,17.





## Apêndice sobre o crucifixo bendito<sup>99</sup>

O culto do crucifixo bendito, em Argentera, remonta a tempos imemoriais e a tradição apresenta-o como fonte inexaurível de graças.

De documentos autênticos, jurados e aprovados pela autoridade eclesiástica e civil, que o pároco de Argentera me transmitiu, pertencentes ao arquivo paroquial, extrai-se quanto segue. No ano de 1681, no dia 6 de janeiro, caindo uma avalanche de neve de uma montanha sobranceira à localidade de Argentera, foi atingida a capela da confraria dos *Disciplinantes* sob o título do nome de Jesus e dos santos Roque e Sebastião. A parede por detrás do altar ruiu e com ela grande parte do teto e, portanto, ficaram reduzidos a pedaços os bancos e os outros objetos que ali se encontravam. Só um objeto ficou intacto. Foi um crucifixo de madeira de cerca de um metro de altura, envolvido num véu. Parecia impossível não ter sido também reduzido a pedaços; por isso os habitantes de Argentera que testemunharam o acontecido julgaram que o Senhor, num ato de especial providência, o tivesse querido preservar.

Este fato foi prelúdio de outros bastante mais maravilhosos, que agora vou narrar a partir de documentos igualmente jurados e aprovados.

No ano de 1695, no primeiro dia de novembro, dedicado a Todos-os-Santos, os irmãos *Disciplinantes* foram como de costume à capela para rezar o ofício de Nossa Senhora. Estando alguns de joelhos e de olhos fixos nele, a dado momento viram-no banhar-se de suor de sangue e grossas gotas correr por toda a sagrada face. O mesmo efeito viram repetir-se por várias vezes em todo o oitavário dos santos. Aquele fato deu muito que falar na localidade e fora. Por isso o padre Sebastião Giovelli, vigário forâneo de Bersezio, deslocou-se a Argentera a fim de se certificar com os seus próprios olhos. Viu também ele o aspecto digno de compaixão que apresentava aquele crucifixo todo a gotejar suor como de quem muito padece. O sol, ao chegar a certo ponto do horizonte, enviava diretamente os seus raios sobre o crucifixo; não obstante isso, o suor continuava e o véu que o envolvia nunca se molhou. O vigário ordenou que

---

<sup>99</sup> Os dados contidos neste apêndice são fornecidos pelo pároco de Argentera, juntamente com outras notícias sobre Francisco Besucco: «Só hoje me é possível enviar a V. S. estimadíssima os esclarecimentos pedidos sobre o crucifixo bendito e sobre o nosso piedoso Francisco. Quarta-feira passada, tendo ido a Cuneo por assuntos urgentes, comuniquei ao nosso amadíssimo bispo os esclarecimentos até agora preparados, o qual se mostrou muito satisfeito com a projetada biografia [...]. Juntamente com as ditas informações, envio-lhe também a recolha de depoimentos feitos sob juramento a comprovar o suor de sangue observado neste crucifixo bendito, com pedido de me devolvê-la em tempo oportuno para a conservar nos arquivos paroquiais» (ASC A1010911: lett. F. Pepino - G. Bosco, 24 apr. 1864).





fosse limpo com um paninho e pouco depois viu o suor sair de novo das feridas como de outras tantas nascentes, especialmente da cabeça e do lado.

Por ordem de monsenhor Vibò, arcebispo de Turim, foram nomeadas algumas pessoas conhecidas pela sua probidade, ciência e prudência, a fim de fazerem guarda contínua ao crucifixo. De 9 a 14 de novembro o céu estava enevoadado e depois caiu muita chuva e neve, mas o crucifixo bendito manteve-se sempre enxuto sem qualquer indício de suor. No dia 16 ao meio-dia, já com o céu claro, de novo se renovou o suor, sobretudo no lado onde parecia a nascente principal.

Na intenção de proceder com a máxima cautela em assunto de tanta importância e de assegurar que não houvesse qualquer engano, o arcebispo de Turim ordenou que o crucifixo fosse retirado do seu lugar, fosse colocado num quarto bem fechado dentro de um cofre fechado à chave; não se permitisse a ninguém visitá-lo sem o vigário forâneo de Bersezio; e se deixasse de publicar o fato como miraculoso. De 28 de novembro de 1695, dia em que foi colocado no cofre, até 2 de junho de 1696, em que foi recolocado na capela, não apareceu mais gota de suor. No dia 7 de outubro do mesmo ano, festa de Nossa Senhora do Rosário, com a atmosfera sem humidade, viu-se de novo o suor reaparecer na cabeça à volta da coroa, na boca e depois nos braços e no peito junto das feridas, e isso continuou até ao dia 18 do mesmo mês. Repetiram-se os minuciosos exames; mas a comissão arquiépiscopal teve de concluir que aquilo só podia acontecer por milagre.

Depois deste público e extraordinário acontecimento, a veneração para com o crucifixo bendito entre os habitantes de Argentera e do vale superior de Stura foi cada vez mais constante e assinalada por diversos fatos igualmente prodigiosos.

Acrescentarei mais alguns escolhendo-os de um relatório autêntico que aquele pároco teve a gentileza de me enviar.

Na última invasão dos franceses na Itália, um general passando por Argentera entrou na confraria, deu a beber ao cavalo a água benta junto da porta, quando o seu criado disse com ousadia ao patrão:

– General, comete uma grave irreverência para com esta igreja, observe ali aquele crucifixo, que está de guarda à sua santa casa.

– Pouco me importa do crucifixo e da água benta, respondeu ao criado o soberbo general.

Dito isso, saiu da confraria e montou no seu cavalo para seguir o seu caminho. Mas qual o quê! Dados apenas cinquenta passos, ao chegar à última habitação da localidade, onde há um pequeno atalho, o cavalo ajoelhou-se e não





houve maneira de lhe fazer prosseguir o caminho. O general picou-o com as esporas, depois se apeou e mandou que dois soldados espancassem o cavalo violentamente, mas tudo em vão. Entretanto verificou-se grande afluência de gente, quer por curiosidade quer para tentar socorrer aquele infeliz. O criado, então, ao ver o seu patrão no cúmulo do desespero perante a multidão, disse:

– Aqui está, senhor general, o castigo pela irreverência mostrada na igreja para com o crucifixo; arrependa-se da culpa e peça perdão.

– Pois bem, acrescentou o general, se o cavalo se levantar, irei conduzi-lo à confraria, deixando-o do lado de fora, reentrarei na igreja a pedir perdão da minha culpa e acreditarei que aquele crucifixo é miraculoso.

Tomou então o cavalo pela rédea que sem dificuldade se levantou e sem resistência se deixou conduzir à porta da igreja, onde o general entrou e se prostrou perante a admiração dos circunstantes diante do crucifixo, que então estava colocado sobre uma alta trave no meio da igreja. Rezou, de coração pediu perdão pelas blasfêmias e pelas profanações feitas e ao sair deixou uma soma de dinheiro para fazer um nicho na parede a fim de lá se colocar o crucifixo, como se fez. Isso, escreve o pároco, foi-me narrado várias vezes por Estêvão Bertino que morreu em 1854, com 87 de idade, e por Mateus Valorso, falecido em 1857 aos 80 anos de idade.

Uma certa Joana Maria Bosso, mulher de Lunbat, sabendo que na manhã seguinte os franceses viriam a Argentera para saquear a localidade, com a preocupação de salvar o crucifixo bendito, transportou-o de noite da confraria para a sua casa. Convencida de que o compartimento em que tinha sido colocado o crucifixo seria poupado pelos saqueadores, para lá transportou todos os outros móveis da casa. De fato, na manhã seguinte, toda a localidade foi vandalizada e o único compartimento respeitado em Argentera foi aquele em que a dita senhora tinha escondido o santo crucifixo, que em tempo oportuno foi de novo colocado no seu lugar. Este fato, diz o relatório, foi muitas vezes narrado e atestado em depoimento por João Batta Valorso, presidente desta comuna no ano de 1848, falecido em 1852 aos 70 anos de idade.

Desde tempos imemoriais, as populações do Sambuco, Pietraporzio e Pontebnardo, quando eram atingidas por uma longa seca, com frequência faziam promessa de uma procissão e as três juntas iam em visita ao<sup>100</sup> crucifixo bendito e, sempre em procissão, bem raramente regressaram a suas casas de roupa enxuta. Mas, tão grande era e é diariamente a sua certeza de obter a desejada chuva, que quase todos levam guarda-chuva. A primeira vez, escreve o pároco, que vi esta procissão em 1849, em que participaram mais de mil pessoas, fiquei

<sup>100</sup> *com frequência fazem ... visita ao:* corr. ed. 1864 «fizeram com frequência voto de realizar processionalmente e as três em conjunto uma visita ao».





sobremaneira maravilhado de as ver todas de guarda-chuva para se resguardar da chuva num tempo tão claro e seco; mas a minha estupefação foi muito maior ao testemunhar a eficácia da sua devoção, visto que aqueles devotos não estavam ainda a meio da viagem, quando começava a cair uma chuva abundante. Isso, porém, não os impedia de continuar a salmodiar e a cantar louvores ao Senhor, aceitando de bom grado caminhar debaixo da suspirada chuva até o fim da procissão. Esta começa, na maior parte das vezes, com o céu claro, mas é bem raro que termine sem chuva. Este é um fato notório de que falam com muita frequência os habitantes deste vale, que nas suas necessidades pessoais recorrem ao crucifixo bendito.





# Anexos





## 1. Breve resumo da vida de Domingos Sávio

ASC A4920140, ms. Bonetti, s.d. [1858].

Para dizer a verdade, não poderia recordar todos os heroicos atos de virtude daquele piedosíssimo jovem, nem sequer para satisfazer V. Ex<sup>a</sup>. Desejando também eu que as virtudes por ele praticadas na sua vida sejam de todos conhecidas e por todos possam ser praticadas, narrarei aquilo que melhor conheço e que, em caso de necessidade, posso atestar.

Era observante exatíssimo das regras da casa; e, neste aspecto, sem dificuldade, lhe daria o primeiro lugar. No estudo posso dizer sinceramente que nunca o vi a conversar, nem na ociosidade, nem a perturbar minimamente os companheiros. Éramos vizinhos de lugar de forma que, se precisasse de alguma coisa da minha parte, podia dizer-me em voz baixa sem perturbar ninguém: mas mesmo quando por necessidade tinha de me pedir alguma coisa, passava-me um bilhete em que constava o que precisava de me dizer; pedindo ao mesmo tempo a resposta da mesma forma, tal era o receio de por sua causa perturbar.

Muito caridoso para com os companheiros, a quem, quando a ocasião lhe permitia, avisava e corrigia com tanta doçura e paciência que parecia um anjo enviado do céu. Tinha uma paciência admirável; se lhe fosse feita alguma ofensa, nunca se lamentava. Quando algum dos seus companheiros mais irreverentes lhe fazia uma ofensa ou lhe dizia uma palavra ofensiva, ele em contrapartida, de aspecto sorridente e com palavras edificantes, procurava acalmar o ânimo do seu ofensor.

Quando se tratasse de fazer alguma coisa que pudesse redundar em honra e glória de Deus e no bem espiritual dos companheiros, nunca era o último a dar o sinal de aprovação. Para tal falava de modo que parecia um doutorzinho; de forma que as suas palavras, as suas propostas, com grande utilidade dos companheiros e de todo o Oratório, eram sempre aprovadas pelo grupo inteiro.

Devotíssimo da SS. Virgem, todas as sextas-feiras procurava algum colega que o acompanhasse durante o recreio à igreja a rezar a coroa das 7 Dores de Nossa Senhora ou pelo menos as ladainhas de Nossa Senhora das Dores; para tal exercício também eu fui muitas vezes convidado.

Em suma, para terminar, confesso que, em dois anos que com ele convivi, nunca descobri na sua vida nada que fosse negativo. Tão grande foi e continua a ser a boa opinião que todos os seus companheiros tinham e têm dele, que, quando ele morreu, andavam ao desafio para ficar com alguma coisa que lhe tivesse pertencido para guardar como relíquia.

Tenho a certeza de que o que narrei, sendo pura verdade, será aceito e aprovado por Deus e pela SS. Virgem.

*João Bonetti*





## 2. Fatos e ditos de Domingos Sávio

ASC A4920139, ms. Bonetti, s.d. [1859].

1.º Uma manhã de inverno ia ele para a escola sozinho, tendo saído diligente um pouco antes dos outros. Eu e outro companheiro encontrávamos-nos um pouco atrás dele. Naquela manhã, o frio era muito intenso; e eu recordo que quase chorava com as dores. Por isso andávamos a passo rápido para chegar depressa à escola. Sávio, ao invés, estava muito tranquilo e tinha um passo tão calmo que parecia andar a passear. Quem o visse, facilmente pensaria que ele fazia de propósito para suportar aquele frio por amor de Jesus Menino, próximo de cujo Natal nos encontrávamos. Nós, entretanto, alcançamo-lo. Ao chegarmos ao seu lado, vendo que não esperávamos por ele, disse-nos: «esperem, que vamos juntos». Mas nós, incomodados com o frio, respondemos que não nos convinha porque ele queria ir devagar demais. Continuamos no nosso passo e chegamos ao destino declamando o rigor de tanto frio. Sávio chegou também, mas muito depois, e não notei que ele se lamentasse minimamente.

2.º Embora o que vou narrar acerca do angélico Domingos Sávio possa redundar em meu desfavor, vou todavia narrá-lo, quer para dar a conhecer cada vez melhor como era grande a santidade daquele ótimo jovem, quer também para que possa servir de exemplo a outros. Sendo eu, no ano de 1856-57, colega de Sávio, por ter mais idade fui eleito decurião, isso é, fui encarregado de fazer recitar a lição de manhã e de tarde a cerca de dez dos meus colegas. Entre estes encontrava-se também aquela bela alma de Domingos Sávio. Ele era o mais diligente em cumprir o seu dever. Depois de estudar muito bem a lição, logo que o estudo terminasse, com a máxima solicitude vinha recitar-ma. Mas, algumas vezes, não estando eu pronto a recebê-lo porque, pela sua diligência, antecipava o tempo destinado à récita das lições, ele, com a sua boa graça, com o seu gracioso sorriso nos lábios, tanto dizia e tanto fazia que eu, embora ocupado em coisas de que muito gostava, não conseguia resistir à doce insistência que ele me fazia e sentia-me na obrigação de escutar a sua lição. Mas, como vinha quase sempre ele só, muito antes dos outros, eu não tinha o cuidado de registrar logo a nota atribuída à sua lição, esperando fazê-lo muito mais tarde quando vinham os outros. Ora, seja porque eu me esquecesse da nota exata, seja porque eu fosse exigente, o fato é que as notas de Sávio na decúria não correspondiam à maneira como ele tinha sabido as lições. Um dia, em que estávamos só os dois, começou a falar delicadamente das lições e disse-me: «Pensava que tinha sabido sempre muito bem as minhas lições mas, tendo-me casualmente chegado às mãos a decúria, vi que as coisas são ao contrário». Dito isso, desviou a conversa para





outras coisas. Estas palavras, ditas por Sávio, o mais diligente e estudioso dos meus companheiros, fizeram-me entrar em mim mesmo. Examinei tudo e fiquei mesmo convencido de que Domingos tinha razão, e que eu não cumpria bem o meu dever porque, depois de ter pensado e repensado, concluí que ele nunca me tinha recitado uma lição que não merecesse uma nota ótima. Fiquei estupefato com tão grande moderação num aluno e decidi-me a cumprir bem o meu ofício no futuro. Mas ele, apesar de saber que aquelas lições tão mal qualificadas eram pouco honrosas para ele, nunca disse palavra nem a mim nem a ninguém para que lhe fosse feita justiça. E certamente nem comigo teria falado, se não receasse que algum dos seus companheiros, vindo a sabê-lo, pudesse ficar escandalizado com ele pensando que ele estudava pouco e não cumpria o seu dever. Quantos sarilhos e rixas houve e continua a haver entre os alunos por causa destas lições, sabe-o bem quem já foi ou é ainda estudante. Possa, de agora em diante, o exemplo de Domingos Sávio servir de modelo a todos os que desejam ser seus imitadores.

3.º Algum tempo antes da sua morte, recordo que, encontrando-me um belo dia com ele, encaminhei a conversa para o tema da sua péssima saúde. Como amigo, perguntei-lhe de que é que sofria. Ele, com pena, disse-me que entre outras coisas tinha dores de estômago, não podendo fazer bem a digestão dos alimentos. Mas então, se é assim, disse eu, porque tomas a mesma alimentação dos que têm boa saúde? Fala nisso ao nosso senhor Dom Bosco, que logo mandará dar-te alguma coisa que te faça bem. «Estou bem convencido, respondeu ele, de que o senhor Dom Bosco mandaria que me dessem outra coisa, mas para que se fazer assim especial? É preciso comer com os outros o que nos dão à mesa».

4.º Uma manhã, íamos à escola os dois juntos. No dia seguinte, havia teste de avaliação. Como é costume dos alunos, pusemo-nos a conversar sobre o teste, mostrando eu o desejo de que não fosse muito difícil. Depois de ter falado um pouco disso, Sávio disse-me: «Seja como for o nosso trabalho, peço-te que rezes um pai-nosso e uma ave-maria por mim a São Luís, para que me ajude a fazê-lo bem». Quantos são os alunos que se tenham em tão pouca conta que rezem ao Senhor para fazer bem os seus deveres?

5.º Embora ele fosse moderado no comer, demorava sempre bastante e era quase sempre o último a sair do refeitório. Mas fazia-o com uma nobre intenção. Quando todos saíam, passava de mesa em mesa a recolher as migalhas de pão que os outros tinham deixado cair e comia-as.

Seja tudo para glória de Deus e do seu servo Domingos Sávio.

*João Bonetti*





### 3. Carta do clérigo Ângelo Sávio

ASC A4920132: lett. A. Savio - G. Bosco, 13 dic. 1858.

Oratório, 3 de dezembro de '58

Revmo. Senhor,

Se ainda for a tempo, desejo também eu contribuir para honrar Domingos Sávio, apresentando alguns ditos e fatos cuja veracidade posso atestar.

Antes de ele vir para o Oratório, já eu o conhecia como um rapaz de virtude invulgar. Muitas vezes me tinha manifestado o grande desejo de pertencer ao número dos filhos do Oratório. Um dia, em que lhe perguntaram o motivo desse desejo, respondeu: desejo ser padre para mais facilmente poder salvar a minha alma e fazer bem a muitas pessoas. O seu desejo foi atendido e viu-se crescer na virtude de dia para dia de modo surpreendente.

Nas férias encontrava-me eu em casa não muito bem de saúde; ele vinha confortar-me com as suas belas maneiras e carinhosas palavras. Um dia, ao despedir-se de mim, disse-lhe: «Domingos, reza por mim!» E ele respondeu: «A minha oração tem pouco valor, porque eu não sou lá muito bom; diz a Nossa Senhora que me faça seu verdadeiro devoto e filho e depois obterei d'Ela o que desejas».

Por vezes, trazia consigo pela mão dois seus irmãozinhos, aos quais dizia palavras cheias de ternura e acrescentava: «Autênticos anjinhos, bem queridos do Senhor!» e coisas semelhantes. Os vizinhos que o ouviam ficavam encantados ao ver um rapaz tão bom e sensato. Eram estes os indícios certos da exímia virtude a que o vemos chegar.

Não vou falar de como ele e os seus colegas eram exemplares nos deveres, no amor ao SS. Sacramento e na filial devoção a Maria Santíssima; apenas faço menção do que acontecia raramente no Oratório. Tínhamos um pequeno altar que ele muitíssimo ajudou a erigir e a ornamentar. Nesse pequeno altar, diante da imagem de Nossa Senhora das Dores, várias vezes o vi sozinho, de mãos juntas, de olhos fixos na sagrada imagem, a rezar com tal fervor, que me parecia em êxtase na contemplação das coisas celestes. De um lugar onde eu não podia ser visto, observava-o por muito tempo sem o distrair, porque sentia no meu coração uma satisfação inexprimível.

Estou também firmemente convencido de que ele sabia que a sua morte estava próxima. Com efeito, na véspera da sua partida, já noite adiantada, fui visitá-lo e conversamos por algum tempo. As suas palavras eram mais suaves do que habitualmente e mostrou-me a sua mágoa de deixar o Oratório, porque dizia: «Não voltarei aqui». No dia seguinte veio dar-me o último abraço e disse-me: «As minhas coisas deixo-as aqui, não preciso delas, entrega-as a Dom Bosco ou a quem vier buscá-las». Estavam arrumadas como se nunca tivesse tocado nelas. Depois me deu um forte aperto





de mão e disse com emoção: «Reza por mim, talvez não voltemos a ver-nos nesta vida. Adeus». Partiu e não voltei a vê-lo, mas o pensamento das suas últimas palavras nunca mais me abandonou e, quando recebi a triste notícia da sua morte, exclamei: «Era um santo!».

Nesta convicção, várias vezes recorri a ele nas minhas necessidades. A este propósito, permita que lhe narre dois fatos cuja verdade posso atestar. Triste e melancólico, há uns meses, passava eu dias infelizes, dominado por mil pensamentos e imaginações pecaminosas. Busquei todos os caminhos para me libertar, mas em vão; já estava para me julgar abandonado por Deus. Não conseguia comer nem dormir. Tudo para mim era causa de nova tristeza; encontrava-me num estado que não sei se poderá haver mais deplorável. Uma noite, mais tentado do que de costume, passeava no quarto sem pensar em deitar-me. Lancei-me então, oprimido por uma força desconhecida, sobre o leito; mas depressa saltei como louco e me sentei à mesa. Abro sem saber por que a gaveta, e a mão encontra-se com um pequeno crucifixo; era uma recordação de Domingos Sávio que ciosamente guardava, apertado-o com ambas as mãos e lançando-me por terra de joelhos solto esta exclamação: «Meu amigo, tu vês a minha angústia. Se tens algum poder junto de Deus, por favor, obtém-me a graça de ser libertado desta antecâmara do inferno». No mesmo instante, os meus olhos rebentaram em copioso pranto e, ao fim de algum tempo, recitadas algumas orações, deitei-me e passei a mais tranquila das noites. De manhã senti-me impelido a ir confessar-me, o meu coração recuperou a paz que tinha perdido. Outras vezes mais, recorri também ao santo juvenzinho e senti os efeitos salutareis disso.

Um fato não muito diferente do acima mencionado sucedeu-me em meados do mês de outubro deste ano. É o seguinte: aconteceu-me uma desgraça e o meu natural modo de ser bizarro incitava-me a atos inconvenientes contra quem julgava ser o autor da mesma e durante um dia inteiro só comi alguma sopa. Pensava sempre na maneira de me vingar e não tinha descanso. Depois, recordando-me da graça que da outra vez tinha alcançado de Domingos Sávio, senti vergonha de mim mesmo e recorri novamente a ele. Pouco a pouco, a calma regressou e depois pude verificar que o prejuízo imaginado era de longe superior ao que efetivamente aconteceu. O fato é a acusação feita contra mim em Alexandria que já de outra vez lhe contei.

Se entender servir-se de quanto até agora lhe expus, sentir-me-ei feliz por assim poder agradecer ao meu benfeitor, ao meu saudoso amigo, que agora goza certamente a sorte dos bem-aventurados.

Entretanto, suplicando para si ao Senhor todas as bênçãos, tenho a honra de me subscrever com a maior estima e respeito

De Vossa Senhoria Ilustríssima e Reverendíssima

Gratíssimo filho em J.C.

*Ângelo Sávio, clérigo*





#### **4. Notas sobre a vida de Miguel Magone que aqui faleceu em 21 de janeiro de 1859**

ASC A1230107, ms. anônimo, s.d. [1859].

Não me competiria a mim escrever isso mas, não querendo que a memória de tão querido companheiro se apague, escrevi estes traços, quer para me servir de exemplo, quer para depois apresentar aos superiores, se porventura os pedirem.

Mal a campainha das aulas tocava, colocava os livros debaixo do braço e dirigia-se para a sala, porque ir depressa para a aula também era do agrado do professor. Uma vez na sala, já não conversava com ninguém. Em silêncio, ia para o seu lugar, e aquele tempo da entrada não o utilizava a tagarelar como a maior parte dos alunos faz, mas a repassar a lição ou alguma coisa já explicada, ou as dificuldades.

Feita a oração, toda a atenção se concentrava no professor. Não há nada passado na aula nem em outros lugares que se possa censurar ou fazer o mínimo reparo.

Era todo ouvidos para as explicações do professor e não perdia pitada. No trabalho de avaliação realizado todas as semanas, não levantava a cabeça nem conversava com os companheiros do lado como costuma acontecer.

Se encontrasse alguma dificuldade, anotava-a no seu pequeno caderno a fim de não se esquecer dela e gravá-la na memória.

A assiduidade que tinha às aulas era a mesma que tinha ao estudo. Quando eu passava os olhos pela sala, nunca lhe via levantar os olhos do livro, mas sempre concentrado no que tinha diante como se um íman o atraísse.

Ao contrário do que alguns fazem, nunca olhava para quem entrasse ou saísse da sala de estudo, a não ser que algum superior viesse dizer alguma coisa ou o assistente nos desse algum aviso. Chegava das aulas e, receando que lhe faltasse tempo de estudo, logo se aplicava ao trabalho dos versos latinos (matéria que demos precisamente um mês antes da sua morte) e não o largava enquanto não tivesse resolvido as dificuldades que os principiantes em tal estudo costumam com muita frequência encontrar. Se alguém lhe pedia um lápis, uma régua, uma caneta ou qualquer outra coisa, emprestava com um sorriso de cortesia e de bondade, mas sem se entreter a conversar. Todos deviam tomá-lo por modelo, mas principalmente aqueles que pensam que a juventude, como primavera da vida, é uma idade para se dar ao mundo, às festas, aos passatempos, e não a Deus, que eles julgam patrimônio da velhice, sem saber que terrível castigo pesa sobre a sua cabeça.

Também eu, antes que Deus me inspirasse esta santa resolução, andava a fantasiar e a fazer castelos no ar na minha mente, mas os terríveis exemplos que ele me coloca debaixo dos olhos fizeram-me desvanecer tudo isso.





Também eu, tendo sob os olhos este exemplo me devia servir dele, mas a soberba fazia-me dizer: és porventura menos do que este jovenzinho? Dou-me conta disso agora.

Aqui fica, amorosíssimo Pai, tudo o que posso dizer-lhe, à força de puxar pelo cérebro, sobre este meu companheiro falecido, cuja vida o senhor está a escrever. Confesso que são coisas que eu vi com os meus olhos e estou pronto a testemunhá-las.

Muito haveria ainda a dizer sobre a conduta, moral e religiosa deste jovem, mas não me compete a mim tão alto empreendimento.

## 5. Carta do pároco de Argentera a Francisco Besucco

ASC A1010907: lett. F. Pepino – F. Besucco, 3 ott. 1863.

Argentera, 3 de outubro de 1863.

Querido afilhado,

A tua carta recebida na passada segunda-feira, 28 de setembro, encheu-me de satisfação pelas boas notícias da tua saúde, dos estudos e do comportamento louvável. No mesmo dia, li-a em tua casa aos teus familiares, que ficaram muito reconfortados e me encarregaram de te recomendar que te apliques cada vez com maior diligência nos estudos, progredindo diariamente na virtude, obedecendo e agradando em tudo aos teus amorosíssimos Superiores que desempenham para ti o papel de amadíssimo pai. Sinto-me feliz por guardares memória dos benefícios que te fiz; mas recorda-te também da contínua recompensa que deles espero, contando com a tua oração fervorosa a Deus e a Maria Santíssima para que eu possa fazer sempre, em tudo e por tudo, a vontade de Deus e tornando-te cada vez mais digno dos afetuosos cuidados do senhor Dom Bosco e Dom Rua, que todos os dias recordo na celebração da santa Missa, sem me esquecer de continuar a rezar também por ti.

Entretanto quero informar-te que, não tendo até agora podido deslocar-me a Turim, escrevi aos teus Superiores para ter notícias seguras do teu comportamento, dos teus estudos e da sua intenção de te permitir continuar no Oratório. No sábado passado, 26 de setembro, recebi a resposta pela qual fiquei a saber que o teu comportamento foi bom, que o aproveitamento nos estudos foi apenas mediano e que nestes dois meses andaste um pouco aéreo, que foste admitido nesse Oratório, em que prosseguirás os teus estudos.

Ora aqui, antes de tudo, quero dar-te um conselho muito importante, e é este: não te ofendas com qualquer advertência ou correção que os teus superiores te façam, antes aceita-a com gosto porque desta forma mostram que te amam muito ao buscar sempre o teu maior bem. Dado este conselho, presta agora atenção ao que vou dizer-te. O teu comportamento foi bom, isso





é o grau positivo, há também o comparativo e o superlativo. Se no passado o teu comportamento foi bom, no futuro deves comportar-te ainda melhor para mereceres um grau comparativo de bondade, e isso faz-se com maior exatidão no cumprimento de todos os teus deveres. Dizes-me que o senhor Dom Bosco te chama *Besucco o bom*, e tu que respondes? Repara na resposta que deves dar ao menos com o coração: – Eu que ainda tenho tantos defeitos, que sou distraído, demasiado apegado ao jogo, mesmo assim sou chamado *bom*: oh! Este epíteto é-me atribuído unicamente para me dar a conhecer o meu dever de me comportar de modo a merecer este nome; por isso poderias de vez em quando responder ingenuamente ao senhor Dom Bosco:

– Agradeço-lhe esta advertência, prometo com a ajuda de Deus ser bom, e tornar-me ainda melhor; mas para isso peço-lhe que me avise ou mande avisar-me de todos os meus defeitos.

Em segundo lugar, soube que *nos estudos foste mediano*: esta classificação podia bastar nestes dois meses de experiência, porque no princípio de uma obra sempre se encontram dificuldades; mas espero que, com a tua maior diligência no estudo, dentro de poucos meses mereças ouvir dizer que no estudo foste bom, e progredindo assim, isso é, de bom a melhor, agradarás a Deus que por sua especial graça te fez entrar nesse Oratório, tornarás felizes os teus Superiores pelos cuidados amorosos que te prestam, serás de consolação para mim e para os teus familiares, e tu próprio sentirás uma grande satisfação.

Em terceiro lugar, soube que nestes dois meses de experiência andaste *um tanto aéreo*: isso não me surpreendeu, ao recordar que aqui estavas muitíssimo apegado, mesmo demasiado, aos divertimentos; e o fato de nestes dois meses teres sido apenas um tanto aéreo, dá-me a entender que já te emendaste um pouco e, se aproveitares esta minha longa carta, corrigir-te-ás inteiramente deste teu defeito. Quando se trata de satisfazer o corpo, não há que fazê-lo com demasiada avidez, antes é necessário moderar desde joventinho as inclinações naturais para que não levem à divagação. Com isso não entendo já te proibir o divertimento que, tomado com a devida moderação, te servirá de alívio para o espírito que depois mais facilmente poderá aplicar-se ao estudo. Alegro-me com o teu firme propósito de obedecer e respeitar sempre os teus superiores, e sobretudo o senhor Dom Bosco. Tendo-te ele aceitado na sua casa, é bom que, depois de receberes esta carta, vás agradecer-lhe afetuosamente pelo benefício que te fez, prometendo ser sempre reconhecido com o teu bom comportamento, com a aplicação no estudo, com uma piedade cada vez mais intensa e com o cumprimento de todos os teus deveres, pedindo-lhe também que te observe e te avise dos teus defeitos, se for necessário.





Era isso que eu queria dizer-te para tua orientação futura e para satisfazer o desejo dos teus pais, irmãos e irmãs, que ficaram muito contentes ao saber que estavas de bom grado nesse Oratório. Estão todos de ótima saúde e enviam-te afetuosos cumprimentos. Apresenta também os meus respeitosa cumprimentos ao senhor Eyzautier que espero voltar a ver neste outono, sem esquecer o senhor Dom Rua.

Para tua norma, quando se escreve a um Superior, de ordinário não se deve pedir resposta, que será dada quando o próprio Superior entender e por isso, se acontecer não receber logo resposta, não se deve escrever logo outra carta.

Aqui vai agora o meu endereço: Al Molto Reverendo Signor | Il Sig. Pepino D. Francesco Arciprete | in Cuneo per Argentera.

Finalmente, dir-te-ei que a tua carta escrita com sentimento satisfatório me deu uma bela prova do progresso que aí já fizeste: continua e sentir-te-ás feliz.

Te escrevi esta longa carta para te compensar da pena que sentiste ao ver os teus companheiros irem de férias e tu ficares no internato; isso é uma vantagem para ti porque, entretanto, continuarás a estudar; de resto tu fizeste notar, a propósito, que estavas ainda mais contente por continuar aí.

Termino esta carta recomendando-te uma vez mais a frequência dos Santos Sacramentos, uma filial e terna devoção a Maria Santíssima e, enviando cumprimentos também dos teus familiares e companheiros, me reafirmo

Teu afeiçoadíssimo padrinho

*Francisco Pepino, Arcipreste*

P.S. Ontem a neve cobria mais de metade destas montanhas e o frio começa a fazer-se sentir, mesmo aos surdos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> NT: Em italiano, “sentire” significa “ouvir” e “sentir”. Daí a ironia.





## 6. Testemunho do padre Domingos Ruffino

ASC A1010915, ms. Ruffino, s.d. [gen./feb. 1864].

Como os cometas no céu aparecem aqui e ali, visíveis a poucos, e por vezes invisíveis para a maioria, assim acontece com os eleitos. É ótimo por isso que o trabalho da divina graça, realizado em tais almas quase às ocultas, surta rápido efeito, tornando-se manifesto a todos. Um de tais cometas foi o jovem Besucco.

Foi breve a permanência do jovem Besucco neste Oratório e numa altura em que pouco pôde ser observado. Refletindo, porém, sobre o seu comportamento e recolhendo alguns fatos dos seus companheiros, verifico que era dominado por um forte empenho no cumprimento exato dos seus deveres escolares e religiosos; que era animado pelo espírito de oração, de penitência, de viva fé e de verdadeira gratidão. Desde os primeiros dias em que entrou nesta casa, concebi a seu respeito ótimas esperanças. De fato, no estudo via-o sempre recolhido, a estudar e a escrever diria quase com uma certa avidez. As suas notas eram sempre *optime*, tanto nas aulas como no estudo. Direi mais, receava sempre transgredir involuntariamente as regras, e por isso estava sempre a perguntar se se podia fazer isso ou aquilo.

Uma vez perguntou se no estudo se podia escrever, receando talvez que ali só fosse permitido decorar matérias; outra vez perguntou se podia consertar um livro que se tinha descosido. Algumas vezes fazia o sinal da cruz durante o tempo de estudo, levantava os olhos para o céu e rezava. Tendo-se-lhe perguntado por quê, respondeu: «Com frequência encontro dificuldade em aprender e por isso recorro ao Senhor para que me ajude». Nas aulas ficava imóvel, suspenso dos lábios do professor.

Juntamente com alguns outros, tinha começado o estudo do latim nas férias outonais. Para os incentivar tinha-se-lhes dito que, se tivessem mesmo boa vontade, na festa de Todos-os-Santos poderiam ser admitidos na 2.<sup>a</sup> classe ginásial. Foi então que Besucco se aplicou mais do que nunca. O tempo marcado para o estudo já não lhe bastava; por isso encurtava sempre uma parte ao recreio. Deu-se conta de um companheiro que mostrava a mesma boa vontade que ele e tornou-se seu amigo, fazendo um pacto de se ajudarem reciprocamente e ora recitavam a lição um ao outro, ora treinavam a tradução, ora se apontavam o exemplo dos que eram mais exatos nos seus deveres e se animavam a imitá-los: em suma, de todas as formas tentavam conseguir o que lhes tinha sido prometido. E conseguiram: de fato, ao começar o ano letivo, Besucco e Bologna foram dos poucos daquela turma que tiveram êxito e entraram na 2.<sup>a</sup> classe ginásial.

O empenho de Besucco não era menor na prática dos deveres religiosos; era tão exigente e apontava para tão alto que os tomava a peito a todos. Um





dia, conversando com um colega acerca dos seus próprios estudos e acerca do fim pelo qual tinham vindo para o Oratório, Besucco manifestou o seu pensamento e acrescentou: «Em suma, a minha intenção é ser padre, com a ajuda do Senhor; por isso quero fazer tudo para o conseguir e, em primeiro lugar, empenhar-me-ei de tal maneira que os meus superiores e os meus pais não tenham motivo de queixa a meu respeito». Era este seu objetivo que o impulsionava em tudo o que fazia.

Uma vez, disse que, se tivesse de escolher entre estar sempre na sua terra ou sempre no Oratório, mesmo à custa de não voltar a ver os seus pais, escolheria a segunda opção. Acrescentou depois: «Porque, embora tenha muita pena de estar longe dos meus queridos pais, daí não me viria outro mal, enquanto, ao invés, ficando na minha terra não poderia realizar a intenção de me fazer padre».

Numa novena de Nossa Senhora, o diretor tinha dado, como flor espiritual, que cada qual escolhesse um amigo que o avisasse em segredo. Besucco logo encontrou esse amigo num colega de turma, Lucas Tropini. A fim de lhe falar com mais liberdade, escreveu-lhe uma carta em que lhe pedia para que desempenhasse para com ele este bom ofício, que sentia vir a ser-lhe de grandíssima utilidade. Entretanto, para o convencer a aceitar de melhor boa vontade, prometia fazer a mesma coisa para com ele; e começava desde então a avisá-lo de algum defeito.

Depois, costumava escrever num caderno apropriado todas as flores espirituais que se davam e dizia: «Desta maneira, no fim do ano, terei uma bela coleção de bons avisos». Não contente com isso, durante o dia ia-as repetindo com frequência aos seus amigos, recordando-as àqueles que as tivessem esquecido. Em princípio, confessava-se duas vezes por semana, depois só uma vez por conselho do confessor e comungava com mais frequência. A mesma prática aconselhava aos outros. Tenho conhecimento de uma carta que escreveu a um colega seu que lhe tinha manifestado desejo de vir para este Oratório. Nela exortava-o a rezar ao Senhor por esta graça; para isso fizesse todos os dias a via-sacra, que se confessasse todos os oito dias e comungasse várias vezes na semana. A via-sacra que aconselhava a este amigo era um ato de devoção que ele muito apreciava: procurava fazê-la ele próprio com frequência e levar outros a fazê-la quando havia tempo.

Esse seu espírito de oração era notado por muitos e não podia ser de outra forma; dado que todas as noites, enquanto os seus companheiros se deitavam, ele ajoelhava no baú ou mesmo no chão e assim de mãos postas ficava a rezar por um bom lapso de tempo. Depois, ao deitar-se, nunca deixava de fazer ainda o sinal da santa cruz e de rezar alguma jaculatória. O mesmo fazia ao levantar-se. Notarei de passagem que o seu assistente de dormitório nunca teve de o chamar para que se levantasse da cama.





Enquanto os outros, ordinariamente, depois do toque da campainha esperavam ainda pela voz do assistente, quer por não ouvirem o primeiro, quer por tal ser o costume. Besucco, ao primeiro toque de campainha, levantava-se, punha diligentemente em ordem a cama e depois o tempo que lhe restava ia passá-lo na igreja. Depois do almoço e na hora da merenda, ia sempre fazer uma visita à igreja e muitas vezes ia ter com padres e com clérigos para que reunissem alguns jovens a fim de os levar à igreja a rezar: a visita a Jesus Sacramentado, as ladainhas de Nossa Senhora das Dores e do Sagrado Coração de Jesus. Queria ser sempre ele a ler alto para todos. Não era por isso de admirar que fosse sempre dos primeiros a chegar à igreja para as práticas em comum ou que fosse dos últimos a sair; mas será, todavia, motivo de grande estupefação saber que um jovem de 14 anos, como era Besucco, saudável e robusto, deixasse com frequência o café da manhã para ficar mais tempo na igreja. Disso fui não poucas vezes testemunha, causava grande admiração e tudo atribuía à grandíssima vontade de estar com o Senhor na intimidade da oração; mas agora devo também atribuí-lo a um grande espírito de penitência. Não se limitava a empregar o tempo a rezar, mas queria rezar bem e, por quanto possível, sem distrações. Dom Bosco sabe-o. Quando estava doente, queixou-se uma vez dizendo-me: «Pobre de mim! Há quinze dias que não rezo como deve ser».

Os fatos que se referem ao espírito de penitência de Besucco são bastante conhecidos de Dom Bosco, e por isso acrescentarei só uma coisa. Aconteceu por vezes ter sido desprezado por algum companheiro; mas nunca se ofendeu nem deu mostras do mínimo desgosto. A um que lhe dizia palavras de desprezo respondeu: «Ah! Jesus Cristo sofreu muito mais». Também me parece digna de especial referência a fé de Besucco. Era tão viva no seu coração, que a mostrava em todas as ações. Recordo apenas alguns fatos: inclinar a cabeça em sinal sensível de devoção todas as vezes que ouvia pronunciar os santíssimos nomes de Jesus e de Maria, mesmo quando no canto de Laudes se repetiam em todas as estrofes; fazer o sinal da santa cruz com calma e grande compenetração; o seu porte na igreja e durante as orações. Belo era vê-lo cantar! Com quanta expressão de coração o fazia! Nele tomava parte não só na igreja, mas também sempre que durante o recreio se cantava alguma loa, ele era sempre dos primeiros. Pena que não tivesse muito bom ouvido! Isso, porém, mostra melhor o seu amor ao canto destas loas.

Diz-me um seu amigo que um companheiro tinha estado um tanto distraído na igreja. Logo após a saída, Besucco procura aquele tal, recorda-lhe a sua má atitude, mostra-lhe a gravidade de tal falta na presença de Jesus Sacramentado e recomenda-lhe que no futuro seja mais piedoso.

Durante a sua doença, sentia-se muito feliz quando lhe recordavam o paraíso, Jesus Sacramentado e os padecimentos de Jesus Crucificado. Uma





vez disse-lhe que levantasse com frequência o pensamento a Jesus Sacramentado e ele respondeu-me: «Oh sim, já sei!». Outra vez, vendo que estava a sofrer muito, disse-lhe: «Tem coragem, que Jesus sofreu muito mais na cruz». Ele fez um gesto que mostrava a distância do paraíso e depois disse com a mesma expressão: «Sofreu mais do que eu... bem sei...». Consequência da sua fé, não menos que da sua grande tranquilidade de consciência, era a sua plena resignação durante a doença. Se é verdade que o espírito de verdadeira gratidão é um sinal de santidade, como diz um autor, sinto-me muito feliz por registar ainda alguns atos de Francisco relativos a esta virtude, porque servirão para melhor confirmar a ideia da vida verdadeiramente edificante deste querido juvenzinho. Um amigo emprestou-lhe um par de sapatos para poder sair de passeio. Ao devolver os sapatos ao amigo, Francisco não encontrava palavras suficientes para agradecer; e, não encontrando outra maneira de o compensar, deu-lhe uma lata de pomada, única coisa de que podia dispor, se bem que o outro desse mostras de nada querer por tão pequeno favor. Fora escolhido para encarregado de varrer o dormitório e nem é preciso dizer com que pontualidade cumpria este encargo sem se queixar. Nunca foi preciso avisá-lo, quando chegava a sua vez. No primeiro dia em que estive doente, chamou o assistente do dormitório e pediu-lhe que desculpasse por naquele dia não poder cumprir aquele seu dever. Um companheiro assumiu o encargo de varrer no seu lugar e ele agradeceu-lhe imensamente! Parecia que lhe tinha feito um dos maiores favores.

Durante a doença, agradecia sempre com particular afeto àqueles que iam visitá-lo ou que lhe ofereciam alguma coisa. Acerca disso, muito poderá dizer o enfermeiro.

Igualmente, se tinha ocasião de fazer algum favor a alguém, fazia-o com muito gosto: indicar o trabalho aos seus companheiros, ajudá-los a fazê-lo, etc. Houve um deles que, sem querer ou por leviandade, tinha manchado com o tinteiro os livros de outro. Ele, ao ver aquilo, pôs-se logo com toda a diligência possível a limpar como se tivesse sido culpado. Com igual delicadeza, apanhava do chão os livros dos companheiros quando estes os deixavam cair, dava-lhes muitas vezes a sua própria merenda, emprestava livros, papel e caneta, etc. a quem precisava.

Como é grande a bondade de Nosso Senhor, que com tanta frequência nos envia jovens de virtude exemplar, a fim de também nós aprendermos o caminho a seguir para chegar à salvação. Quando lemos na história as ações memoráveis e os fatos miraculosos dos grandes servos de Deus; quando se nos descrevem os seus jejuns rigorosos, as vigílias prolongadas, os cilícios, as austeridades dos célebres penitentes da Tebaida, ficamos muito admirados; mas com frequência não vamos além disso. Quando, ao invés, vemos juvenzinhos tais cuja vida edificante nada tem que não possamos imitar, sentimo-nos fortemente incentivados à virtude. Ocupados como eles no





cumprimento dos mesmos deveres, quem nos impede de os santificar como eles? Com os mesmos auxílios espirituais e também com os seus exemplos, que desculpa poderemos ter para não atingir o mesmo grau de santidade? Temos defeitos e eles também: tinham no seu coração o germe de todas as paixões que nós temos de combater.

Feliz de ti, querido Besucco, que deixaste a sujidade deste mundo antes de por ela ser contagiado; viraste as costas às amarguras cá de baixo antes de as ter experimentado. Oh! Invejo a tua bela sorte! *Ideo rapuit te Dominus ne malitia mutaret intellectum tuum aut ne fictio deciperet animam tuam.* Já gozas das delícias da pátria celeste, após tão breve exílio, já possuis a incorruptível coroa depois de tão pouco ter combatido. Por favor, volta o teu olhar sobre nós que tanto temos de prolongar a pena do exílio. Faz com que, depois de também nós termos combatido vitoriosamente, nos seja concedida a mesma glória que tu já gozas e gozarás eternamente.





## Índice dos nomes

- Accademia Albertina (Turim): 5n  
Agostinho, santo: xiii, 5, 303  
Alasonatti, Giovanni: 211  
Alasonatti, Teresa: 211  
Alasonatti, Vitor Miguel (Vittorio Michele): xii, 136, 211, 211n, 212n, 335n, 347, 353, 353n  
Alassio (Savona): 343n  
Albera, Paolo: xix  
Alberga-Valfré, Teresa: 98n  
Albino, santo: 230  
Alfonso de' Liguori, santo, autor: 165n, 275n  
Alighieri, Dante: 173  
Allais-Vaschetti, Caterina: 136n  
Allora, Alexandre (Alessandro Giuseppe): xxviii, 24, 24n, 26n, 27n  
Alpes (Alpi): 228, 228n, 229n  
Alpes-de-Haute-Provence (França): 228n  
Alpi Cozie: 228n  
Alpi Marittime: 228n  
Amadei, Angelo: 207n  
Amedeo-Savio, Maria: 343n  
Argentera (Cuneo): viii, xxx, xli, 223, 229, 229n, 230n, 235n, 238, 239, 242, 246n, 249, 249n, 257n, 263, 265, 278n, 281, 284, 289, 320, 322, 326, 357, 362, 362n, 363, 364, 365, 366, 379, 382  
Argentero, Giovanni: 7n  
Ariccio, Francesco Alberto: 148, 148n, 149  
Armaria Real (Turim): 191n  
Arquivo de Estado (Turim): 191n  
Artico, Filippo: 27n, 118n  
Artiglia, Tiago: xi, xvii  
Aubry, Joseph: viii  
Avigliana (Turim): 136n, 211n  
Ballatore, Luigi: 144n, 285  
Barbaroux, rua (via) (Turim): xiii, 38n  
Barbasio, lugar de Moncucco  
Torinese: 28n  
Bardella, lugar de Castelnuovo Don Bosco: 8n  
Baricco, Pietro: 38n, 41n  
Basse di San Sebastiano (Cuneo): 285n  
Basses-Alpes (França): 228n  
Bausone, lugar de Moriondo  
Torinese: 12n  
Beata coorte: xxvi  
Beauvoir, Giuseppe: 343n  
Becchi, lugar de Castelnuovo  
Don Bosco: xli, 195n  
Bellia, Tiago: x, xi  
Beltrandi, Antônio: 326, 327n  
Bendito (Benedetto) Crucifixo (Crocifisso): 224, 230n, 263, 263n, 362, 362n, 363, 364, 365, 366  
Bernard, Claude: 262n  
Bernardo, santo: 262n  
Bersezio, lugar de Argentera (Cuneo): 229n, 263, 278n, 363, 364  
Bertino, Estêvão: 365  
Besucco, Anna, irmã: 230n  
Besucco, Filomena, irmã: 230n  
Besucco, Francesco: 230n  
Besucco, Francisco (Francesco) Albino: v, viii, ix, xviii, xviii, xix, xxiii, xxiv, xxviii, xxviii, xxx, xxxi, xxxin, xxxiv, xxxv, xxxvi, xlii, xlvi, 174n, 225, 226n, 227, 228, 229, 230, 230n, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 246, 248, 249, 249n, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262n, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 276, 277, 279, 280, 281, 283, 283n, 284, 285, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 295n, 296n, 297, 298, 299, 300, 302, 305, 306, 308, 309, 312, 314, 316, 320, 322, 324, 326, 328, 329, 331, 332, 334, 335, 335n, 337, 338n, 339, 344, 350, 351, 352, 353, 353n, 354, 355, 356, 356n, 357, 358, 359, 360, 362n, 379, 380, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 390  
Besucco, Giovanni Giuseppe, irmão: 230n  
Besucco, Maria, irmã: 230n  
Besucco, Mateus (Matteo), irmão: 230n, 344n  
Besucco, Mateus, pai: 230  
Besucco, Valentina, irmã: xxxi, xxxin, 230n  
Biancardi, Giuseppe: 151n, 199n  
Biandrate, conde: 7n, 8n  
Biblioteca Real (Turim): 191n  
Blanch, Francisco: xiv  
Blanchi xxxin:







- Congregação Salesiana: xv, xvi, xvii, xviii, 85n, 199n, 212n  
Convitto ecclesiastico (Turim): 15n, 24n  
Cordilheira dos Andes: 343n  
Corpo de Deus, festa: 69  
Corte-Cinzano, Maria: 198n  
Cortellazzo, Manlio: 235n  
Criador Deus: 6, 125, 131, 200  
Crimeia (Ucrânia): xvi, xviii  
Cudini, Piero: 173  
Cugliero, Antonio: 28n  
Cugliero, Giuseppe Giovanni: xxviii, xxviii, 28, 28n, 30, 30n, 31, 32  
Cuneo (Itália): xxxin, 172n, 228, 229, 229n, 230n, 284, 284n, 285n, 362n, 382  
Deambrogio, Luigi: 195n, 198n  
Dedieu, Jean: 262n  
Della Chiesa, Agostino: 8n  
Demônio: 55, 58, 72, 112, 158, 160, 162, 162n, 163, 163, 182, 182n, 204n, 251, 307, 317  
Deus Pai: xxxin, xl, xli, xliin, xlv, xlviii, 5, 6, 7n, 8, 10, 14, 16, 19, 20, 23, 29, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 58, 71, 72, 76, 77, 81, 82, 83, 86n, 89, 90, 91, 92, 95, 97, 98n, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134n, 135n, 136, 137, 138, 152, 159, 160, 160n, 162, 162n, 163n, 164, 167n, 169, 170, 174n, 175, 177, 178, 179, 182, 182n, 185, 186, 189, 189n, 191, 194, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 209, 210, 213, 214, 216n, 217, 218, 221, 222, 226n, 227, 231, 233, 235, 238, 241, 242, 244, 245, 246, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258m 260, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 275n, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 283n, 284, 285, 291, 292, 294, 298, 301, 310, 312, 313, 313n, 317, 318, 326, 329, 330, 331, 332, 333, 335n, 336, 338n, 340, 343, 344, 345, 347, 353, 353n, 354, 355, 356, 359, 360, 361, 368, 369, 372, 375, 378, 379, 380, 381, 389  
Divina Providência: xliin, xliin, 4, 27, 119, 143, 165, 216, 280, 301, 360  
Drec, pasto: 257, 257n, 316  
Duina, Antonio: xxixn  
Durando, Celestino: xivn, xxixn, 88n  
Emília, rua (Itália): 228n  
Enchastraye, monte: 228n  
Entraque (Cuneo): 230n  
Equador: 343n  
Errante, Josephine: 255n  
Espírito Santo: 32, 80, 177, 183n, 236  
Eterno Pai: 66  
Eucaristia, sacramento: 67, 67n, 204n, 205n  
Europa: 7n  
Eyzautier, Giovanni Stefano: 278, 278n, 289, 325, 335n, 350, 382  
Fascio (Fassio), Gabriel (Gabriele): 4, 5n, 222  
Fassino, Gianpaolo: 99n  
Ferrero-Rua, Giovanna Maria: 5n  
Ferriere, lugar de Argentera (Cuneo): 229n  
Filipe Neri, santo: 181  
Florença: 44n  
Flores Arcas, Juan Javier: 213n  
Forbin-Janson (de), Charles: 267n  
França: 228n, 229, 229n  
Francesia, Giacomo: 172n  
Francesia, João (Giovanni) Battista: xi, xiii, xiv, xxiii, xxxii, 38n, 150n, 172, 172n, 212n, 219  
Francisco de Sales, santo: 34, 34n, 262n, 276n  
Fransoni, Luigi: x, 60n  
Gaiato, Giuseppe, avô de Domingos Sávio: 7n  
Gaiato-Savio, Brigida, mãe de Domingos: 7n  
Galleano, Matteo: xxxiin  
Gastaldi, Lorenzo: 51n, 66n  
Gastini, Carlos: x, xi  
Gávio, Carlo Giuseppe (Camilo): 4, 5n, 87, 88, 88n, 89, 90, 99, 222  
Gesso, torrente: 229n, 235n  
Gianoglio, Giovanni Battista, padrinho de Domingos Sávio: 9n  
Giaveno (Turim): 287n  
Giovelli, Sebastião: 363  
Giraudi, Fedele: xiiin, 13n, 34n, 150n, 151n, 155n  
Giraud, Aldo: v, viin, xn, 151n, 199n  
Gonella, Marco: 196, 196n  
Grangie, lugar de Argentera (Cuneo): 229n  
Grassi, Domenico: 27n, 118n





Grosso-Pepino, Anna Biagia, madrinha de Francisco Besucco: 230n, 233  
Guardinfanti, rua (Turim): 38n  
Hércules: 57  
Herodes: 184n  
História de Itália: xxv  
História Eclesiástica: xxv  
Imaculada Conceição de Maria: 36, 36n, 78, 81, 82, 84, 201, 202  
Imaculada Conceição, paróquia (Marmorito): 98n  
Inglaterra (Inghilterra) (Reino Unido): 50, 51n, 104, 105, 115  
Instituto dos Cegos (Turim): 219n  
Irmãos das Escolas Cristãs: 5n  
Istituto della Carità: 51n  
Itália: 44n, 51n, 57n, 228n, 229n, 364  
Jesus Cristo: xxixn, xlii, xliii, xliiin, 6, 17, 37, 41, 48, 49, 50, 52, 66, 67, 67n, 68, 71, 83, 87, 92, 118, 119, 123, 124, 125, 138, 143, 162, 164, 182, 184, 197, 199, 205n, 206, 208, 208n, 210, 214, 215, 217, 220, 226, 231, 235, 247, 252, 253, 258, 261, 271, 272, 275n, 279, 303, 304, 305, 306, 309, 326, 334, 339, 342, 348, 352, 352n, 353, 354, 354n, 358, 360, 362, 386, 387, 388, 389  
Jesus Menino: 203, 253, 370  
Job: 73  
José, filho de Jacob: 269  
José, santo: xlii, 123, 182, 208n, 217, 247, 276n, 297, 342, 354, 354n  
Jovem Instruído (Giovane provveduto): xvi, 62n, 67n, 85, 107n, 124, 124n, 157n, 159, 160n, 162n, 163n, 167n, 169n, 177n, 179n, 182n, 307n, 352, 353n, 354n  
Juarra, Filippo: 191n  
Keble, John: 51n  
Kempis (da), Tommaso: 95, 96, 97  
La Marmora, Alessandro: 259  
Lanzo Torinese (Turim): xviii, 211n, 212n, 287n  
Lemoyne, Giovanni Battista: 21n, 204n, 211n  
Leonardo da Porto Maurizio, santo: 97, 97n  
Lectures Cattolice, coleção: xiin, xvi, xviii, xx, 8n, 33, 79n, 97n, 141n, 142n, 144n, 246n, 262n

Limone Piemonte (Cuneo): 230n  
Luís Gonzaga, santo: 25, 126, 126n, 128, 179, 179n, 246, 338, 338n  
Lusso-Zucca, Maria Caterina: 12n  
Madonna della Neve, igreja (Marmorito): 99n  
Magone, Giovanni, pai: 145n  
Magone, Michele, padrinho de Miguel: 145n  
Magone, Miguel João (Michele Giovanni): v, vii, xvi, xvii, xviii, xix, xxiii, xxiv, xxv, xxvii, xxxii, xxxiv, xxxvi, xl, xlii, xliin, xliiin, xlv, xlvii, 140, 141, 142, 145, 145n, 146, 146n, 147, 148, 149, 150, 150n, 151n, 152, 154, 155, 156, 158, 159n, 160, 160n, 162, 166, 171, 172, 173, 174, 177, 179n, 181, 181n, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 204n, 205, 206, 207n, 208, 208n, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 246, 283, 296, 377  
Magris, Cláudio: xxvi, xxviii  
Mamardi, Francesco: xxxin, 338n, 351n  
Mantellino, Giacomo: 147n  
Manzini, Clemente: 284n  
Marboinet, lugar de Larche (França): xxxin, 230n  
Marcellino, Luigi: xxixn, 88n  
Marcos, santo: 253  
Maria Auxiliadora: 85n  
Maria Imaculada: 78  
Maria Madalena, santa: 229n  
Marmorito (Asti): 5n, 88, 92, 98n, 99n  
Marselha (França): 343n  
Martinho, santo: 9n  
Martini, Aurelio: 230n, 255n  
Masero-Francesia, Domenica: 172n  
Massaglia, João (Giovanni) Celestino Filippo: 4, 5n, 88, 88n, 92, 93, 94, 96, 96n, 98, 99, 222  
Massaglia, Pietro, pai de João: 5n  
Mato Grosso (Brasil) 343n  
Metropolitana, igreja (Turim) 7n  
Meyronnes (França): 229n  
Milanesio, Domenico: 343n  
Milão: 196  
Ministero della Guerra: 278n  
Ministro di Grazia e di Giustizia: 230n  
Mirabello Monferrato (Alexandria): xvi, xviii, 287n





- Moiso, Beppe: 99n  
Molineris, Michele: 7n, 12n, 27n, 28n  
Momo, Giuseppe: 88n  
Moncucco Torinese (Asti): 28n  
Mondonio (Asti): xxiii, 7n, 27, 27n, 28n, 32, 38, 51, 92, 96, 115, 118n, 125n  
Moreno, Luigi, bispo: 27n  
Morialdo, lugar de Castelnuovo Don Bosco: xxiii, xxix, 8n, 9, 9n, 12, 14, 25, 27, 28, 31, 195, 198  
Moriondo Torinese (Turim): 12n  
Motto, Francesco: xiin, 144n  
Mussa, Luigi: 125n  
Nancy (França): 267n  
Nevissano, lugar de Castelnuovo Don Bosco: 8n  
Newman, John Henry, beato: 51n  
Nossa Senhora do Rosário, festa: 31, 195n, 198n, 199n, 364  
Notta, Giovanni Battista: xiin  
Oblatos de Maria Virgem: xi  
Occhiena, Margherita, mãe de Dom Bosco: x  
Occhiena, Marianna: xxixn  
Ollagnier, Giusto: 39n  
Opera pia della devozione a Maria SS.: 264  
Oratorio de S. Francisco de Sales (Turim): 276n  
Oratorio de S. José (Turim): 276n  
Oratorio de S. Luís (Turim): 276n  
Oratorio de S. Martinho (Turim): 276n  
Oserot, monte (Cuneo): 229n  
Oxford (Reino Unido): 51n  
Palácio do Governo (Turim): 191n  
Palácio Madama (Turim): 191n  
Palácio Real (Turim): 191n  
Paraguai: 343n  
Parlamento Subalpino: 60n  
Passerano-Marmorito (Asti): 118n  
Pastorello (Il) delle Alpi: vn, viii, xviii, xxv, xxvii, xxx, xxxvi, 65n, 224  
Patagonia (Argentina): 343n  
Pautassi (Pautasso), Carlo: 356n  
Pecetto Torinese (Turim): 198n  
Pecora Sambucana (o Demontina): 255n  
Pepino, Ana: 232  
Pepino, Francesco: ix, xviiin, xxxin, 226n, 229n, 230n, 235n, 240n, 248, 249n, 257n, 262n, 278n, 283n, 288, 295n, 296n, 320n, 321n, 324n, 329n, 335n, 344n, 357, 362n, 379, 382  
Pepino, Giovanni: 230n  
Peri: 343n  
Perrenchio, Fausto: xiii  
Petrarca, Francesco: 173n  
Pettiva, Secondo: xiv  
Pia Opera della Santa Infanzia: 267, 267n  
Piano, Giovanni Battista: xxixn  
Picco, Francesco: 44n  
Picco, Mateus (Matteo): xiii, xiv, xxiii, xxxv, 38n, 44, 44n, 126, 127, 132, 132n  
Piemonte (Itália): ix, xviii, 8n, 84n, 98n, 144n, 145n, 146n, 147n, 172n, 211n, 219n, 235n, 240n, 255n, 267n, 285n  
Pietraporzio (Cuneo): 263, 366  
Pinardi, alpendre: xii  
Pinardi, casa: x, xii, 34n, 155n  
Pino Torinese (Turim): 28n  
Pio IX, papa, beato: xvii, 36n, 104, 107  
Podio, lugar de Pino Torinese: 28n  
Pontebernardo, lugar de Pietraporzio (Cuneo): 263, 366  
Porta Decumana (Turim): 191n  
Porta Nuova, estação ferroviária (Turim): 285n  
Porta Nuova, oratório: x  
Porto Maurizio (Imperia): 344n  
Préfecture du Département de la Stura: (Cuneo) 284n  
Prelezo, José Manuel: viin, xxvn, lii  
Quarenta Horas: 205n  
Quentin, Henri: xxxiii, xxxiiin  
Ramello, Giuseppe: xiv, 151n  
Ranello, lugar de Castelnuovo Don Bosco: 7n, 8n  
Rattazzi, Urbano: xvii  
Reano, José (Giuseppe): xxix, xxixn  
Reviglio, Félix (Felice): x  
Rio Colorado (Argentina): 343n  
Rio Negro (Argentina): 343n  
Riva di Chieri (Turim): 8, 8n, 30n  
Robert-Besucco, Rosa, mãe de Francisco: xxx, xxxi, xxxin, 230, 230n, 231, 236, 237, 246, 280, 283, 284, 324, 329, 331, 332, 335n, 344, 345, 357, 358  
Roburent, colle: 257, 257n, 316  
Rocca dei Tre Vescovi (Rocher des Trois Évêques), monte: 229n





Rocchietti, José (Giuseppe): xi, xvii, 88n, 199n  
 Rodinò, Amedeo: 172n, 204n  
 Roetto, Antonio: xxixn  
 Roma: xvi, xvii, 36, 44n, 104, 115, 343n  
 Romano, Giovanni: 191n  
 Roque, santo: 362  
 Rosmini, Antonio, beato: 51n  
 Rua, Giovanni: 5n  
 Rua, Luís (Luigi) Tommaso: 4, 5n, 222  
 Rua, Miguel (Michele), beato: xi, xvii, xviii, xxix, 5n, 14n, 15n, 55n, 76n, 88n, 118n, 124n, 125n, 135n, 199n, 207n, 283n, 287n, 379, 382  
 Ruffino, Domingos (Domenico): xxxin, 212n, 287, 287n, 383  
 Ruffino, Michele: 287n  
 Sacro Cuore, igreja (Roma): 343n  
 Sagrado Coração de Jesus: 67, 352n, 386  
 Saluzzo (Cuneo): 229, 229n  
 Sambuco (Cuneo): 263, 366  
 San Giorgio Canavese (Turim): 172n  
 Santa Bárbara, igreja (Turim): 41n  
 Santa Cruz (Argentina): 343n  
 Santíssimo Sacramento: 53, 67, 68, 84, 85n, 96, 100, 169, 169n, 183, 195n, 199, 204, 205n, 212, 242, 258, 259, 260, 261, 305, 307, 307n, 357, 374  
 Santo Agostinho, paróquia (Turim): 7n  
 Santo Agostinho, rua (Turim): xiii  
 Santos Pedro e Paulo, paróquia (Argentina): 229n, 230  
 Santos Pedro e Paulo, paróquia (Carmagnola): 148n  
 São Francisco de Sales, igreja (Turim): xi, xiii, 34n, 108n, 155n, 196n  
 São Lourenço, igreja (Turim): 191n  
 São Salvário, bairro (Turim): 276n  
 Sassari (Itália): 323  
 Savigliano (Cuneo): 144n  
 Savio, Angelo: xxixn, 343n, 373, 376  
 Savio, Ascânio: ix, x, xi  
 Savio, Carlo, irmão de Domingos: 7n, 9n  
 Savio, Carlo, pai de Ângelo: 343n  
 Savio, Carlos (Carlo) Baldassarre, pai: 7, 7n, 8, 13, 126n, 127n  
 Savio, Caterina, irmã: 7n  
 Savio, Domenico Carlo, irmão: 7n  
 Savio, Domenico, avô: 7n  
 Sávio, Domingos (Domenico)

Giuseppe, santo: v, vii, viin, ix, xii, xii, xiv, xvi, xviii, xix, xx, xxiii, xiv, xxv, xxvn, xxviii, xxix, xxx, xxxi, xxxiii, xxxiv, xxxv, xxxvi, xxxvin, xxxvii, xxxix, xlii, xliii, xlv, xlvii, 2, 4, 5, 6, 7n, 8, 9, 10, 11, 13, 13n, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 21n, 22, 23, 24, 25, 25n, 27, 27n, 28, 29, 30, 31, 31n, 32, 33, 34, 34n, 37, 38, 39, 39n, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51n, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 84n, 85n, 87, 88, 88n, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 126n, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 134n, 135, 136, 137, 141, 142, 168, 219, 222, 246, 283, 309, 334, 338, 338n, 368, 370, 371, 372, 373, 375  
 Savio, Giovanni, irmão: 7n  
 Savio, Guglielmo, irmão: 7n, 27n  
 Savio, Luigia, irmã: 7n  
 Savio, Luigia, madrinha de Domingos Sávio: 9n  
 Savio, Maria, irmã: 7n  
 Savio, Remondina, irmã: 7n  
 Savio, Teresa, irmã: 7n  
 Savoia-Acaja, família real: 8n, 27n, 191n  
 Scanavino-Turchi, Giuseppina: 219n  
 Sebastião (Sebastiano), santo: 285n, 362  
 Semeraro, Cosimo: viin  
 Settime d'Asti (Asti): 118n  
 Seyssel d'Aix, Claudio: 144n  
 Signora, monte: 228n  
 Simeão, santo: 184n  
 Sindoni, Angelo: xxviiin  
 Sinistrero, Vincenzo: 146n  
 Sodi, Manlio: 213n  
 Sommariva del Bosco (Cuneo): 144, 144n  
 Spoon River: xxvi  
 Stefani, Guglielmo: 8n, 229n  
 Stella, Paolina, madrinha de Miguel Magone: 145n  
 Stella, Pietro: xiin, xxvin, xxviiin, xxviiin, xxxiiin, 5n, 44n, 107n, 151n, 154n, 158n, 160n, 196n, 204n  
 Stella-Magone, Giovanna Maria, mãe de Miguel: 145n, 207n  
 Stura di Demonte, rio: 228, 229n, 257n  
 Tanaro, rio: 228n





- Teatro Real (Turim): 191n  
Terço (Rosário), oração: 81, 195n, 197, 198n, 219, 226, 245, 256, 263, 264, 355  
Terrone, Luigi: 60n  
Tête de l'Enchastraye: 228n  
Tortona (Alessandria): 5n, 88, 89  
Tosino-Gaiato, Teresa, avó de Domingos Sávio: 7n  
Tosti, Mario: xxviii  
Toul (França): 267n  
Triacca, Achille Maria: 213n  
Tuninetti, Giuseppe: 51n  
Turchi, Domenico: 219n  
Turchi, João (Giovanni) Rocco: xi, xiv, 150n, 219n  
Turim: ix, xv, xviii, xlviii, 5n, 7n, 8, 32, 33, 44n, 55, 60n, 88, 98n, 117, 135, 144, 144n, 148, 150, 191, 191n, 195n, 196n, 207, 219n, 229n, 276n, 282, 283, 284, 285, 285n, 287n, 290, 321, 323, 328, 356n, 363, 379  
Unção dos enfermos, sacramento: 102, 120, 212, 213, 213n, 236, 345, 346, 347, 348  
Universidade (Turim): 98n  
Usseglio-Garin, Giorgia: 287n  
Vacchetta, José: x, xi  
Vairo-Allora, Irene: 24n  
Val d'Ubaye (França): 228n  
Valdocco, bairro (Turim): ix, x, xiin, xiii, xvi, xix, xxiii, xxv, xxxin, xxxv, xlvii, 5n, 7n, 34n, 37, 38n, 51n, 85n, 88, 88n, 150n, 151n, 154n, 164n, 199n, 204n, 212n, 219n, 276n, 295n, 296n,  
Vale de Stura (Cuneo): 228n, 235n, 255n, 364  
Valentini, Eugenio: 172n, 204n  
Valfrè (Valfredo), Carlo: 98, 98n  
Valfré (Valfredo), Giovanni: 98n  
Vallauri, Francisco: 108, 108n  
Vallauri, Pietro: 108n  
Vallauri, Rosa: 108n  
Valle della basse Alpi: 228  
Vallecrosia (Imperia): 343n  
Vallon de Larche (França): 228n  
Valorso, Antônio: 226n, 240, 240n, 241n, 330  
Valorso, Estêvão: 265, 266  
Valorso, João Batista: 366  
Valorso, Mateus: 234, 365  
Virgem Maria: 6, 62, 63, 70, 79, 81, 83, 107, 114, 177, 178, 185, 210, 217, 262n, 308, 369





## Índice

Mestres e discípulos em ação.....	5
1. Importância .....	6
2. O contexto histórico das “Vidas”: um período fecundo para a obra de Dom Bosco.....	8
2.1. A busca de colaboradores de confiança .....	8
2.2. O desenvolvimento da casa anexa ao Oratório .....	10
2.3. O nascimento de uma Congregação de educadores .....	13
3. Para quem escreve Dom Bosco? .....	14
3.1. «Jovens caríssimos» .....	14
3.2. Educadores e pastores .....	15
4. A índole do trabalho de Dom Bosco .....	17
4.1. O gênero literário.....	17
4.2. O uso das fontes.....	19
4.3. O texto e as suas partes.....	23
5. Chaves de interpretação .....	25
5.1. Os percursos de leitura sugeridos pelo Autor .....	26
5.2. A observação de Dom Bosco em ação .....	30
6. Convite à leitura .....	32
Bibliografia .....	34
Critérios da Edição Portuguesa .....	35
Abreviaturas .....	36
<b>Vida do adolescente Domingos Sávio</b> aluno do Oratório de São Francisco de Sales.....	37
Nota de introdução ao texto .....	38
Prólogo .....	39
<b>Capítulo I</b> Pátria   Caráter deste jovem   Seus primeiros atos de virtude .....	41
<b>Capítulo II</b> Conduta moral em Morialdo   Rasgos de virtude   Frequência da escola daquele lugar .....	44
<b>Capítulo III</b> É admitido à Primeira Comunhão   Preparação   Recolhimento e recordações daquele dia .....	46
<b>Capítulo IV</b> Escola de Castelnuovo d’Asti   Episódio edificante   Sábria resposta a um mau conselho .....	48
<b>Capítulo V</b> O seu comportamento na escola de Castelnuovo d’Asti   Palavras do seu professor .....	51
<b>Capítulo VI</b> Escola de Mondônio   Salvo de uma grande calúnia .....	53
<b>Capítulo VII</b> Como travei conhecimento com Domingos   Pormenores curiosos desse encontro.....	55





<b>Capítulo VIII</b>	
Chegada ao Oratório de São Francisco de Sales	
As primeiras impressões sobre ele.....	57
<b>Capítulo IX</b>	
Estudo do latim   Curiosos incidentes   Comportamento na escola	
Impede uma rixa   Evita um perigo.....	60
<b>Capítulo X</b>	
A sua decisão de tornar-se santo .....	64
<b>Capítulo XI</b>	
O seu zelo pela salvação das almas.....	66
<b>Capítulo XII</b>	
Episódios e belas maneiras de conversar com os companheiros .....	70
<b>Capítulo XIII</b>	
O seu espírito de oração   Devoção à Mãe de Deus	
O mês de Maria .....	73
<b>Capítulo XIV</b>	
Frequência dos Sacramentos da Confissão e da Comunhão.....	76
<b>Capítulo XV</b>	
As suas penitências.....	79
<b>Capítulo XVI</b>	
Mortificações em todos os sentidos externos.....	81
<b>Capítulo XVII</b>	
A Companhia da Imaculada Conceição.....	84
<b>Capítulo XVIII</b>	
Relações de amizade   Relacionamento com o jovem Camilo Gávio.....	89
<b>Capítulo XIX</b>	
Domingos Sávio e João Massaglia.....	92
<b>Capítulo XX</b>	
Graças especiais e fatos particulares .....	97
<b>Capítulo XXI</b>	
Os seus pensamentos sobre a morte	
Preparação para morrer santamente.....	100
<b>Capítulo XXII</b>	
O seu cuidado pelos doentes   Despedida do Oratório	
As suas palavras nessa ocasião .....	102
<b>Capítulo XXIII</b>	
O adeus aos seus companheiros .....	104
<b>Capítulo XXIV</b>	
Avanço da doença   Última confissão   Recebe o Viático	
Fatos edificantes.....	106
<b>Capítulo XXV</b>	
Os últimos momentos e a sua preciosa morte.....	109
<b>Capítulo XXVI</b>	
Comunicação da sua morte   Palavras do professor	
Pe. Picco aos seus alunos .....	112





## Capítulo XXVII

Imitação das virtudes de Domingos | Muitos recomendam-se  
a ele para obter graças celestes e são ouvidos |

Uma recordação para todos .....116

## Perfil biográfico do adolescente Miguel Magone

aluno do Oratório de São Francisco de Sales .....119

Nota de introdução ao texto .....120

Prólogo .....121

## Capítulo I

Curioso encontro .....123

## Capítulo II

A sua vida anterior e a sua vinda para o Oratório  
de São Francisco de Sales .....126

## Capítulo III

Dificuldades e mudança moral .....129

## Capítulo IV

Faz a sua confissão e começa a frequentar os santos  
sacramentos .....132

## Capítulo V

Uma palavra à juventude.....134

## Capítulo VI

A sua exemplar solicitude pelas práticas de piedade .....137

## Capítulo VII

Pontualidade nos seus deveres .....139

## Capítulo VIII

A sua devoção a Nossa Senhora .....143

## Capítulo IX

A sua solicitude e as suas práticas para conservar  
a virtude da pureza.....146

## Capítulo X

Belos traços de caridade para com o próximo .....149

## Capítulo XI

Fatos e ditos argutos de Magone .....152

## Capítulo XII

Férias de Castelnuovo d’Asti |  
Virtudes praticadas naquela ocasião.....155

## Capítulo XIII

A sua preparação para a morte .....159

## Capítulo XIV

A sua doença e circunstâncias que a acompanham .....163

## Capítulo XV

Os seus últimos momentos e a sua preciosa morte .....166

## Capítulo XVI

As suas exéquias | Últimas lembranças | Conclusão .....170





O pastorinho dos Alpes ou a vida do jovem	
Francisco Besucco de Argentera .....	173
Nota de introdução ao texto .....	174
Prólogo .....	175
<b>Capítulo I</b>	
Terra   País   Primeira educação de Besucco.....	177
<b>Capítulo II</b>	
Morte da madrinha   Amor às coisas da igreja   Amor à oração .....	180
<b>Capítulo III</b>	
A sua obediência   Um bom aviso   Trabalha no campo .....	182
<b>Capítulo IV</b>	
Episódios e comportamento na escola .....	183
<b>Capítulo V</b>	
Vida de família   Pensamento noturno.....	186
<b>Capítulo VI</b>	
Besucco e o seu pároco   Ditos   Prática da confissão.....	188
<b>Capítulo VII</b>	
A santa missa   O seu fervor   Apascenta o rebanho nas montanhas .....	191
<b>Capítulo VIII</b>	
Conversas   Porte na igreja   Visitas ao SS. Sacramento .....	195
<b>Capítulo IX</b>	
O crucifixo bendito   O terço   A presença de Deus .....	198
<b>Capítulo X</b>	
Dá catequese   O jovem Valorso.....	199
<b>Capítulo XI</b>	
A Santa Infância   A Via Crucis   Fuga dos maus companheiros.....	200
<b>Capítulo XII</b>	
A primeira comunhão   Frequência deste sacramento .....	202
<b>Capítulo XIII</b>	
Mortificações   Penitências   Guarda dos sentidos   Aproveitamento escolar.....	204
<b>Capítulo XIV</b>	
Desejo e deliberação de ir para o Oratório de São Francisco de Sales .....	207
<b>Capítulo XV</b>	
Episódios e viagem para Turim .....	210
<b>Capítulo XVI</b>	
Teor de vida no Oratório   Primeiro divertimento .....	212
<b>Capítulo XVII</b>	
Alegria .....	214
<b>Capítulo XVIII</b>	
Estudo e diligência .....	216





<b>Capítulo XIX</b>	
A confissão.....	219
<b>Capítulo XX</b>	
A sagrada comunhão.....	221
<b>Capítulo XXI</b>	
Adoração ao SS. Sacramento.....	223
<b>Capítulo XXII</b>	
Espírito de oração .....	225
<b>Capítulo XXIII</b>	
As suas penitências.....	227
<b>Capítulo XXIV</b>	
Fatos e ditos populares.....	229
<b>Capítulo XXV</b>	
As suas cartas.....	231
<b>Capítulo XXVI</b>	
Última carta   Pensamentos à mãe .....	236
<b>Capítulo XXVII</b>	
Penitência inoportuna e princípio da doença .....	239
<b>Capítulo XXVIII</b>	
Resignação na doença   Ditos edificantes.....	241
<b>Capítulo XXIX</b>	
Recebe o viático   Outros ditos edificantes   Uma mágoa sua.....	244
<b>Capítulo XXX</b>	
Recebe a Santa Unção   As suas jaculatórias nesta ocasião .....	247
<b>Capítulo XXXI</b>	
Um fato maravilhoso   Duas visitas   Sua preciosa morte.....	249
<b>Capítulo XXXII</b>	
Sufrágios e funeral.....	252
<b>Capítulo XXXIII</b>	
Comoção em Argentera e veneração pelo jovem Besucco .....	253
<b>Capítulo XXXIV</b>	
Conclusão .....	255
Apêndice sobre o crucifixo bendito .....	256
1. Breve resumo da vida de Domingos Sávio .....	261
2. Fatos e ditos de Domingos Sávio .....	262
3. Carta do clérigo Ângelo Sávio .....	264
4. Notas sobre a vida de Miguel Magone que aqui faleceu a 21 de janeiro de 1859.....	266
5. Carta do pároco de Argentera a Francisco Besucco .....	267
6. Testemunho do padre Domingos Ruffino .....	270
Índice dos nomes.....	275





